

ANO V — N.º 40
AGOSTO DE 1943

Alterosa



Srta. Terezinha de Araujo,
da sociedade de Irajá.

(Foto ZATS)

NUMERO ESPECIAL DE ANIVERSARIO

ROSINA DE RIMINI,

O incomparável soprano brasileiro marcou com sua temporada na PAMPULHA um triunfo completo que até hoje arrasta ao Palacio da Represa centenas de admiradores de sua linda voz.

Na temporada de Rosina de Rimini, ainda atuam:

- IRA ARI, a rainha das piruetas e seu ballet, um magnifico conjunto coreografico que está apresentando soberbos bailados caracteristicos.
- LES ERC, dois acrobatas mestres da harmonia e da plastica.
- THE FREDDIES, increíveis atraidores americanos.
- PAMPULHA BALLET nos novos quadros: DADDY, LA CONGA e VITRINE DE BRINQUEDOS.
- MILIONARIOS DO RITMO, o quinteto famoso do Brasil.

BREVEMENTE: MAIS UMA GRANDE SENSAÇÃO NO PALACIO DA REPRESA



PAMPULHA

ALTEROSA

Publicação mensal da Sociedade Editora ALTEROSA Ltda.

Diretor e Gerente:

MIRANDA E CASTRO

*

Administração:

Rua dos Carijós, 517 — 1.º andar — Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 — End. Telegr.: ALTEROSA — BELO HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

*

VENDA AVULSA

Belo Horizonte	Cr\$2,00
No resto do país	Cr\$2,50
Número atrasado	Cr\$3,00

As edições especiais de Aniversário e Natal circulam respectivamente em Agosto e Dezembro, ao preço único de Cr\$3,00. Os números especiais de moda aparecem em Maio e Novembro, também ao preço de Cr\$3,00 em todo o país.

*

ASSINATURAS NA CAPITAL
(Sob registro)

Semestre (6 números)	Cr\$13,00
Ano (12 números)	Cr\$25,00
2 anos (24 números)	Cr\$45,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO E NO PAÍS

(Sob registro)

Semestre (6 números)	Cr\$15,00
1 ano (12 números)	Cr\$30,00
2 anos (24 números)	Cr\$55,00

*

SUCURSAL NO RIO

Diretor:

ULISSES DE CASTRO FILHO
Rua da Matriz, 108 — Ap. 15
Fone 26-1881

*

Inspetores:

A serviço desta Revista percorrem os municípios brasileiros o Cel. Raimundo Pereira Brasil, a Sra. M. N. Esteves e a Sra. Maria da Conceição Paiva.

SECRETARIO — Teóculo Pereira.

REDAÇÃO — Djalma Andrade e Clemente Luz.

FOTOGRAFIA — Antonio Freitas e Nivaldo Correia.

COLABORAÇÃO — Almír Neves, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Evagrio Rodrigues, Fernando Sabino, Geraldo Dutra de Moraes, Godofredo Rangel, João Dornas Filho, Jorge Azevedo, Luiz de Bessa, Mario Casassanta, Mario Matos, Narbal Mont'Alvão, Nilo Aparecida Pinto, Oscar Mendes, Olga Obry, Pedro Ribeiro da França, Rafael Tarnapolsky, Salomão de Vasconcelos, Vanda Murgel de Castro e Vanderlei Vilela.

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Gerais Limitada e Gravador Araujo.

DESENHOS — Antonio Rocha, Rodolfo e Osvaldo Navarro.

*

A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.

RESENHA DA MATERIA DESTE NÚMERO

contas

JOÃO FORMIGA — PROF. DE ALEMÃO — Alberto Renart	2
EXTRANHO CASO CONJUGAL — Jorge Azevedo	4
GEMEOS — Tradução de Vanda Murgel de Castro	12
FLORZINHA — Oranice Franco	26

LITERATURA

A POESIA ABANDONOU O VERSO — Alberto Olavo	18
PROJEÇÃO MENTAL DO HOMEM — Luiz de Bessa	20
GREGORIO DE MATOS, PLAGIARIO — Oscar Mendes	24
AS GRANDES PAGINAS SOBRE A MULHER — Raul de Azevedo	132
VITRINE LITERARIA	110 a 117

HUMORISMO

SEDAS E PLUMAS — Redação	16
DE MÊS A MÊS — Guilherme Tell	32
OUTRA COMEDIA DA VIDA — Osvaldo Navarro	36

REPORTAGENS

EXERCITOS FEMININOS NA INVASÃO DA EUROPA — Redação	34
IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM A INGLATERRA — Entrevista	38
LEVANTANDO O REPOSTEIRO DO PASSADO — Redação	42
O MÊS EM REVISTA — Redação	104
HOMENAGEM A SIDERURGIA NACIONAL — Redação	122

DIVULGAÇÃO

A DONA DE CASA ATRAVEZ DOS SECULOS — Olga Obry	22
A ORIGEM DO REINADO EM MINAS — João Dornas Filho	28
A VIDA PARTICULAR DOS DEUSES DO NAZISMO — Bella Fromm	118

CINE E RÁDIO

AS ESTRELAS SÃO BOAS DONAS DE CASA	64
OS GRANDES CARTAZES DO RÁDIO MINEIRO	94
COMENTARIOS RADIOFONICOS	93

PARA A MULHER

MODA FEMININA	50 a 62
CONSELHOS DE BELEZA	63
BORDADO	102
ARTE CULINARIA	128

DIVERSOS

POESTA DE 150 ANOS	30
CANTO DE TODOS OS CALVARIOS — Murilo Araujo	31
CONVERSA INOCENTE SOBRE CINEMA — Alphonsus de Guimarães	41
FORMATURA DO CURSO DE ECONOMIA NO LAR	47
TERRA MINEIRA — Arte fotografica	73
GRANDES VULTOS DE MINAS GERAIS — Mário Casassanta	100
UMA SUCURSAL DO PARAISO — G. Teixeira da Costa	106
NO MUNDO DOS ENIGMAS — Polidoro	134
TRANSPORTES (conclusões diversas)	136 a 152

JOÃO FORMIGA

UMA noite, ao terminar a primeira aula, João Formiga foi chamado ao gabinete do diretor.

A porta esbarrou com o professor de alemão, Herr Spinat, que ia saindo vermelho como a pôlpa madura de um figo da Índia.

Herr Spinat lecionava no período da tarde, — era um dos professores do curso de especialização em línguas vivas. Que viera fazer no Ginásio às oito da noite?

João Formiga sabia que o alemão não gostava dele. E que, poucos dias antes, conseguira, por meio de intrigas, fazer com que fosse despedido o professor de grego.

Com a pulga atrás da orelha, entrou no gabinete.

O diretor, como de costume, estava escarrapachado na cadera giratoria, diante da escrivaninha, com a calva apoiada à parede. Através das lentes do pescenê de aros de ouro, os seus olhos miudos, de pupilas dilatadas, dardjavam faiscas.

Que haveria de anormal?

João Formiga repetiu mentalmente as palavras que proferira durante a aula. Certo, ele não estava à altura do cargo. Sabia muito bem que aquela profissão exigia qualidades intelectuais que estava longe de possuir. Mas tratava-se de um ponto facilíssimo de geografia, que decoraria linha por linha, sem omitir as vírgulas. E, depois, o diretor era rigorosamente ignorante, incapaz de distinguir um lago de uma cadeia de montanhas.

Repetiu mentalmente o ponto explicado. Era isso mesmo. Lá estava na Geografia, à pagina setenta e cinco.

Que seria então?

Por trás da blindagem transparente, os olhinhos miudos o fitavam.

Embaraçado, João Formiga ia arriscar um pigarro, quando o diretor lhe perguntou, em tom que não admitia subterfugios:

— O senhor leciona alemão?

Não perguntára se João Formiga sabia alemão — o que era, sem dúvida, outra cousa.

— Posso lecionar. Mas...

O diretor interrompeu-o secamente:

— Bem. Comece amanhã ao meio-dia. O secretário lhe dará instruções.

Levantou-se, apanhou o chapéu e a bengala e saiu do gabinete, sem ao menos dizer boa noite.

A campainha ressoou no corredor. João Formiga dirigiu-se lentamente para a sala de aula, refletindo sobre a sua mancada.

Claro. Era fácil decorar um ponto de Geografia, de História do Brasil, — e repetí-lo, como um papagaio, diante dos sonolentos alunos do curso de madureza. Eram todos homens feitos, que durante o dia trabalhavam em fábricas, oficinas ou escritórios, e não dispunham de tempo para estudar.

Mas ensinar uma língua viva, durante o dia, a rapazes de quinze a dezoito anos, bem alimen-

tados, cujas únicas preocupações poderiam resumir-se a briguinhas com as namoradas, — isso era cousa muito mais seria.

Era preciso, pelo menos, ter algumas noções dessa língua.

— Vamos ver se os senhores são capazes de descrever o ponto sem consultarem o livro. Todos trouxeram papel e lapis?

Todos haviam trazido.

— Bem. Podem começar.

Fôra uma boa saída. João Formiga não estava lá muito forte nos nomes e datas daquela maldita segunda invasão holandesa. E bem podia ser que um dos marmanjos tivesse faltado ao serviço naquele dia.

Não havia dúvida. Tinha sido uma grande estupidez dizer ao diretor que podia lecionar alemão. Se ele nunca ouvira falar essa língua! Nem ao menos tivera diante dos olhos, desde que aprendera a ler, uma palavra escrita em tal idioma...

A única cousa que sabia era que o alemão se grafava em caracteres diferentes, chamados góticos. Já tinha visto esse alfabeto num dicionário. Nisso se resumia todo o seu conhecimento da matéria.

Fôra, sem dúvida, uma temeridade aceitar o encargo. Mas o mesmo se dera com as aulas de desenho, quando arranjára o emprego.

Lembrava-se bem. Estava desempregado, cheio de dívidas, com a mulher e os filhos passando fome. Um dia encontrara o seu velho amigo Belisário Pote, professor de matemáticas, e, num acesso de desespero, lhe expusera a sua situação. Belisário dera-lhe uma palmadinha no ombro:

— Pois você está empregado, meu caro Formiga! Precisamente ôntem o caréca despediu o professor de desenho. Vou falar hoje mesmo ao secretário. Amanhã você começa a trabalhar.

— Mas — objetára João Formiga — se eu não sei desenhar um ovo!

— Não tem importância. O outro não sabia tampouco...

João Formiga ficara indeciso.

— Não se preocupe — explicára Belisário Pote. A cousa é muito simples. Basta ter presença de espírito. Você entra na sala, dá boanoite aos alunos, pega na coleção de modelos, escolhe um e pendura no quadro-negro. Depois, diz:

— Podem começar.

João Formiga fôra creando alma nova.

— Em seguida — continuára Belisário — você começa a passear pela sala. De vez em quando, pâra perto de uma carteira, finge que examina o trabalho, e diz ao aluno mais ou menos isto: — Esse traço está mal feito; segure o lapis com mais firmeza. Depois dê as notas Cem a um, noventa a outro. Dê sempre notas altas.

Mais de dois anos haviam decorridos. E João Formiga, que continuava a não saber desenhar

UM CONTO DE ALBERTO RENART

PROFESSOR DE ALEMÃO

um ovo, era considerado, no Ginásio, o melhor professor de desenho.

A lembrança da sua primeira audácia reanimou-o. Talvez pudesse fazer o mesmo com as aulas de alemão. Sim, talvez bastasse um pouco de presença de espírito...

Refletiu longamente.

Se Belisario Pote estivesse ali para aconselhá-lo... Belisario era prático: tinha mais de dez anos de tarimba. E, segundo lhe dissera, não aprendera ainda a tirar a prova dos nove das contas de somar...

— O senhor vai levar os cadernos para casa? — perguntou-lhe, da sua carteira, um vasto negro, de feições inhumanas, que fôra maquinista de bordo, e trabalhava numa fábrica de vidros do Jacaré.

Só então João Formiga percebeu que os alunos já haviam terminado o exercício. Sobre a mesa os cadernos formavam uma pilha de quasi meio metro.

— Sim. Isso mesmo. Vou corrigir os trabalhos em casa...

O negro estava agora de pé, junto à mesa. Súbito, um pensamento ocorreu a João Formiga.

— O senhor já esteve na Alemanha?

— Quantas! — respondeu o negro, arregalando os beiços rôxos. Conheço Hamburgo melhor que o Porto de Maria Angú!

— E sabe falar alemão?

Ai o negro começou a gargarejar em seco, passando em seguida a grunhir como um cevado. João Formiga teve a impressão de que lhe passavam nos nervos uma lixa numero zero.

— Está bem, está bem. Pode voltar para a sua carteira...

A campainha retinu. Um a um, os alunos foram desfilando através da porta.

— Boa noite. Boa noite. Boa noite.

— Boa noite.

João Formiga deixou-se ficar na cadeira, aniquilado.

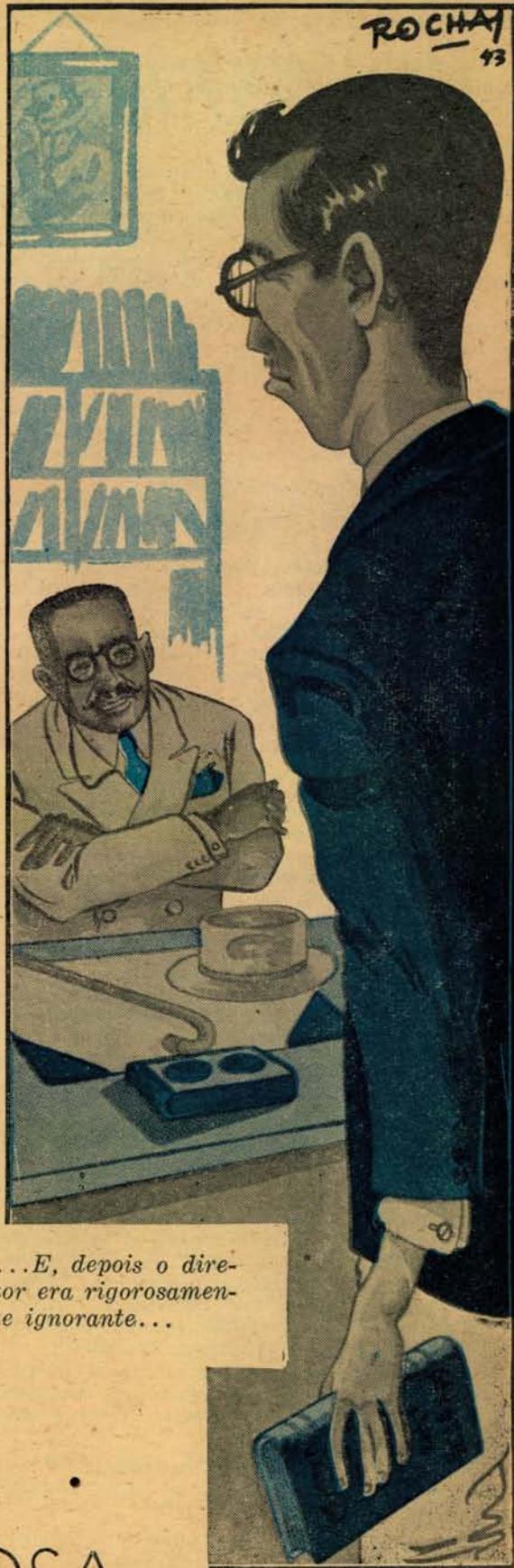
Então era aquilo a língua alemã? Como poderia ele, em menos de vinte e quatro horas, preparar uma lição? Nem ao menos dispunha de uma simples gramática. Não conhecia uma única frase alemã com que pudesse iludir os alunos durante dez minutos. Estava rigorosamente frito.

Certo, o diretor despedira Herr Spinat. E, no dia seguinte, caberia a João Formiga dar a aula de alemão — aquela maldita língua que, havia apenas cinco minutos, ouvira falar pela primeira vez na sua vida, e que lhe arranharia os nervos como uma lixa número zero.

Mas desistir seria a sua perdição. Conhecia bem o caráter do diretor. Não ensinar a língua alemã seria perder as aulas de Desenho, de Geografia e de História, — seria, afinal, perder o emprego.

— Vou fechar, professor.

Acompanhou o servente até à porta, enter-



...E, depois o diretor era rigorosamente ignorante...

PARA ALTEROSA

rou até às orelhas o seu velho chapeu desbotado.

— Não se esqueça de guardar no armário, amanhã cedo, aqueles cadernos que ficaram em cima da mesa.

— Não ha nada, professor. Quer levar a minha barraca?

— Obrigado. E não me chame professor!

Uma chuvarada barulhenta caia em longos fios grossos. O relogio da estação marcava nove horas e quinze minutos.

João Formiga foi caminhando pela calçada, lentamente. A agua escorria da aba do seu velho chapeu de feltro, como de uma calha. Não havia dado ainda vinte passos, e o seu terno de caroá já estava encharcado.

— Boa noite, professor! Não tem medo da chuva?

Parou sob o toldo. A porta da papelaria estava entreaberta, e uma faixa de luz cortava a calçada, em diagonal.

— Entre um pouco, professor.

Por trás do balcão, o Figueira estava ocupado a embrulhar uns impressos. Contava cuidadosamente os exemplares, fazia um pacote, tomava o lapis, e escrevia qualquer cousa — por certo o nome do freguês — no papel do embrulho.

— O senhor trabalha até tarde...

— E' preciso — disse o português, sem interromper o trabalho. Estes avisos, por exemplo, devem ser entregues no interior amanhã cedo.

João Formiga tomou um dos impressos indicados. Era um aviso de falecimento. A familia do morto comunicava a triste ocorrência, e convidava as pessoas caridosas a acompanharem o enterrro. Como no rádio, pedia que não enviassem coroas nem flôres.

No dia seguinte aqueles avisos seriam distribuidos pelas ruas, de porta em porta. Muitos passantes, sem saberem do que se tratava, pediriam aos garotos-distribuidores:

— Menino, me dá um programa...

Ele tambem, quando criança, entregára programas. Mas esses não anunciamavam desgraças. Eram programas de circo.

João Formiga tirára o chapeu gotejante, e estava tentando pendurá-lo no puxador de um armário.

— Ai não, professor! Cuidado com esses livros no chão... Ponha-o ali naquela cadeira.

Colocou o chapeu sobre a cadeira, e pôs-se a examinar os volumes espalhados no chão.

Eram livros usados, na maioria romances para moças. Alguns em francês — "A dor de amar", de Ardel; "Malencontre", de Chantepierre. Belos livros, sobretudo o segundo. Léra-o muitos anos antes, na fase romantica. Falava-se ali de uma fada ou cousa parecida, chamada Lull — "Lull, avec deu 1 et avec des ailes".

Estava agachado junto ao monte de livros. Lá fôra a chuva engrossára mais e se transformára em temporal. Era preciso esperar que amainasse.

Pegou num livro de capa cartonada, e reconheceu os caractéres góticos do título. Aquilo era alemão, nem havia dúvida!

Sem grande esforço conseguiu lêr: "Deutsches Lesebuch". Mas ficou na mesma.

— Que livro é este, seu Figueira?

O português tinha acabado de fazer os pa-

cotes. Agachou-se ao lado de João Formiga, tocou o volume, ajeitou os óculos.

— E' um livro escolar alemão. Livro de leitura. Muito bom para principiantes, segundo me disse o Jacó.

Era justamente o livro de que João Formiga — professor de alemão — necessitava. Bom para principiantes...

— E quanto custa, seu Figueira?

O português levantou-se com o volume na mão.

— Se o senhor quer levar só este, faço-lhe o preço de dez mil réis. Mas se levar também o dicionário e o livrinho, posso fazer-lhe um preço mais razoável.

— Que dicionário e que livrinho? — perguntou João Formiga, intrigado.

O português tornou a agachar-se, remexeu os volumes esparsos, escolheu dois e estendeu-os a João Formiga.

O mais grosso era um exemplar surrado do dicionário alemão-português de A. Enenquel e Souza Pinto. O outro, todo impresso em caractéres góticos, devia ser um romance. João Formiga adivinhou-o por uma palavra do título — "Violet — Der Roman einer Mutter".

Levantou-se, com os livros na mão.

— Comprei os três volumes à mesma pessoa, por trinta mil réis — explicou o Figueira, erguendo-se, por sua vez. Faço-lhe o preço de quarenta.

João Formiga não acreditava. Nunca havia conseguido vender livros melhores, e até novos, por mais de dois mil réis cada um. Não fazia um mês que vendêra "Os Sertões" por mil e quinhentos, para comprar meio quilo de carne. E aquele português tinha o desplante de dizer que comprára por trinta mil réis três volumes surrados, impressos numa lingua que só o diabo entendia!

— Mas este livrinho não me interessa... Por quanto o senhor vende o livro de leitura e o dicionário?

O Figueira tirou os óculos, meteu a mão no bolso do paletó, puxou um pedaço de papel higiênico, e pôs-se a esfregar as lentes.

— Para falar verdade, professor, esse livrinho não faz diferença... O vendedor deixou-o aí para não o jogar na lata de lixo.

— Mas quarenta mil réis pelos dois é muita cousa... — murmurou João Formiga, desanimado.

O Figueira refletiu um momento.

— São livros bons — disse. E o senhor precisa compreender que, agora, com a guerra na Europa, as cousas estão ficando cada vez mais caras. Amanhã, talvez o senhor não consiga comprar esses livros pelo dôbro.

João Formiga nada sabia da guerra. Em verdade, a guerra não lhe interessava. Mas sabia que precisava daqueles dois livros — que deles talvez dependesse a sorte de seus filhos.

— Mas quarenta mil réis...

Arrependia-se mil vezes de não ter tido a coragem de dizer que não estava em condições de ensinar alemão. O diretor teria arranjado outro. Nada mais natural.

Agora, porém, era tarde demais para retroceder. Sabendo ou não, precisava dar a aula no dia seguinte. E, se fizesse fiasco, estaria perdido da mesma forma.

— Eu estou vendo que o professor quer ficar com os livros — disse o Figueira. Pois fa-

co-lhe trinta mil réis pelos dois. E que o diabo leve o imposto e o lucro!

João Formiga acariciou os volumes, sopesou-os, foi pô-los sobre o balcão. Chegára o momento mais difícil. Ao sair de casa, naquela manhã, deixára com Mariana os únicos niqueis que restavam da última facada que déra no secretário do colegio. Estava rigorosamente quebrado.

— Eu, de fato, quero ficar com os livros... — começou, indeciso. Mas acontece que, no momento, estou um pouco desprevenido.

— Pois venha buscá-los amanhã, se eles ainda cá estiverem! — exclamou o Figueira, respondendo os óculos e encaminhando-se para trás do balcão. O professor bem viu que eu também estava interessado em lhe vender os livros...

— Sim... Mas no momento...

Não sabia que dizer. De repente, veiu-lhe uma idéia.

— A que horas o senhor pretende fechar a porta, seu Figueira?

O português puxou do bolso do colete o cebolão Roskopf.

— Isto agora são dez... — disse. A's dez e meia deve vir o rapaz buscar os impressos. Lá para as onze pretendo estar no leito.

— Pois então eu virei buscar os livros daqui a meia hora. Pôde deixá-los aí no balcão.

O temporal havia passado. Num pedaço de céu limpo de nuvens, a lua, clara, quasi sem manchas, parecia ter saído de um longo banho.

João Formiga entrou no bar da esquina, foi até o salão de "snooker", procurou um rosto conhecido. Junto a uma das mesas, com o taco suspenso, estava um aluno seu, dono de uma loja de calçados.

— Está resolvido o problema — pensou.

Ao chegar a poucos passos da mesa, viu que o jogador perdera a tacada. O sapateiro tomou posição para ferir a bola.

Talvez espirre — augurou João Formiga.

Mas não espirrou. Se aquele malandro soubesse Geografia e Historia como sabia jogar "snooker", seria membro do Instituto Histórico e Geográfico.

Um dos parceiros da mesa vizinha deu-lhe uma fisgada, de leve, com o cabo do taco.

— Desencosta, sapo!

O aluno de João Formiga interrompeu a tacada e olhou em sua direção.

— Alô, professor! Sapeando?...

— Queria falar com você...

— Já-já, professor. Deixe eu acabar de dar uma surra nesse galinha morta.

João Formiga aproximou-se do parceiro inativo. Abraçado ao taco, com os olhos pregados no pano verde, acompanhava desconsoladamente as bolas ligeiras, que iam caindo na caçapa, uma a uma.

— Joga bem...

— Posso esperar sentado — disse o outro. Quando esse sapateiro péga no taco, o melhor que se faz é pagar o tempo e ir para casa dormir.

João Formiga olhou o relógio do salão de "snooker".

— Conclue no fim da revista —

T. JANÉR & CIA.



FORNECEDORES DA "ALTEROSA"

GRANDE "STOCK" DE:

PAPEL ESTRANGEIRO

COM LINHAS D'AGUA
PARA REVISTAS E JORNais

PAPEL NACIONAL

PARA JORNais E REVISTAS NAO
REGISTRADOS NA ALFANDEGA

CELULOSE E PASTA DE
MADEIRA

PARA FABRICAÇÃO DE PAPEL

SECÇÃO TÉCNICA:

AÇO, MAQUINAS E FERRAMENTAS
SUECAS

MOTORES DE POPA

"ARCHIMEDES"

EM STOCK

MATRIZ: Rio de Janeiro - RUA BENEDITINOS, 17
Tel. 23-2064

FILIAL: São Paulo - LARGO DO TESOURO, 16
Tel. 2-6728

ENDEREÇO TELEGRAFICO: JANÉR
AGENTES NAS CIDADES PRINCIPAIS

ESTRANHO CASO CONJUGAL

por
Jorge Zévedo

— Vamos dansar, tristonho? ...



— Sempre me mereceste confiança, Brito! Dos meus colegas da Faculdade, que constituíam a coroa de ouro tóida cravejada de brilhantes, cujo fulgor iluminava a minha atrofiada inteligência e o meu coração franqueado a todos, eras o que mais me alegava com o seu temperamento folgazão, mais me cativava com as suas delicadezas dalmá, que eu não merecia, mais me prendia pela beleza do seu coração e pela luminosidade da sua cultura, em cuja fonte cristalina muitas vezes eu ia sorver a linha dos teus belos ensinamentos...

“Não, não te admires do que eu estou dizendo e nem me agradeças, talvez supondo que estas minhas palavras sem brilho sejam um elogio banal idêntico a todos esses elogios que se fazem a todo momento... Não! O que estou te dizendo, Brito, eu nunca o disse a ninguém, e penso mesmo que nunca o direi. Não te espantes: foste o único e leal amigo que eu tive na minha vida! Foste o único colega que ficou o mesmo. O teu coração não se deformou com o perpassar do tempo, e a tua alma, que era tão boa e acolhedora, não perdeu, ante as vilezas e o torpe materialismo da vida, a sua delicada sensibilidade de outrora.

“Pego-te somente que me desculpes em ter eu agora a ridícula idéia de chorar. Mas é que eu não posso sopitar as lágrimas, provocadas pela minha emoção em estar fazendo-te esta confissão com uma sinceridade que eu nunca supus que o meu coração possuisse... Eu dizia que foste dos amigos que eu tinha na Faculdade, o único que ficou o mesmo. Sim, sim, e é por isso que eu digo que foste o único e leal amigo que possui a minha vida...

“Porque refletido na bondosa luz do teu olhar, Brito, eu vejo o tempo em que eu era “eu mesmo” e o homem que hoje não sou. Porque, na mansidão dos teus gestos cativantes e fidalgos, eu vislumbro tóda a minha fencida mocidade soterrada sob o esborão dos anos. Porque, no timbre da tua voz mansa e persuasiva, eu ouço deslumbrado a própria voz do meu passado feliz que se retrata

em ti, em ti o único amigo de estudantes que não mudou, não se aviltou, não se corrompeu à influência deleteria do orgulho e das vitórias iludentes! Até melhoraste dentro da novidade da vida! Deves ter sofrido muito, pois uma purificação psíquica como a que te envolve só um verdadeiro sofrimento pode dar. Estás admirado destas minhas palavras estranhas não é? Pois não te admires. Eu sei muito bem o que sofreste para conseguir essa felicidade que hoje merecidamente, gloriosamente envolve a tua vida. Ignoras porém, a minha. Dentro do meu fracasso, das minhas desilusões, do esborão lento e doloroso das minhas esperanças, eu acompanhava feliz de longe, através da imprensa, do rádio, os teus passos ascensionais, galgando a escada da glória. Uma tua vitória científica, num difícil êxito operatório, ou noutra elevada demonstração dos teus múltiplos conhecimentos vinha suavizar um pouco a quenda demorada dos meus sonhos. Uma vitória tua, no mês ingrato das letras, enchia-me de um jubilo que, de tão intenso e sincero, me fazia chorar. Porque levavas, desde a nossa amizade de estudo, um pouco de mim mesmo...

“Como se compreende isso? Muito simplesmente, Brito. Porque, como tu, eu tinha as minhas santas ambições e os meus loucos sonhos de felicidade. Porque, juntos sempre unidos, inseparáveis, nós dois sonhávamos na mesma recíproca vibração ambiçional. Sabias de cor tódas as palavras douradas do livro dos meus sonhos, e eu também conhecia tão bem com tu, as do teu livro, que era muito mais lindo e volumoso que o meu. E nessa mutualidade espiritual, eu fiquei amando o livro dos teus sonhos como amava o meu... Porém, na sucessão dolorosa dos anos, o corrosivo do tempo não corroeu as lindas folhas do teu livro, enquanto o meu livro se esfrangalhava todo desfolhando-se aos embates périgosos da tempestade da vida... E as folhas esmaecidas do meu livro desfeito, estas, Brito, eu as trago fragmentadas dentro do meu coração... Perdóa-me se em meus gestos existe a teatralida-

de dos atores profissionais. Brito, eu sou um ator tão pobre de técnica, tão desprovido de gestos mentirosos, tão sem jeito para as farças, as comédias humanas onde há um muito de tóda a sordidez terrena, que até a própria vida me tirou do seu elenco...

“Tudo isso que te estou dizendo é um preâmbulo imprescindível à minha história, que te vou contar... se quiseres ouvir-me....”

* * *

Carlos de Brito, sacudindo a cinza do seu havana sobre o cinzeiro de prata, fitou demoradamente o seu interlocutor, tendo na testa ampla de nortista o vinco de uma ruga profunda. A luz do sol tropical que jorrava em catadupas de ouro pelas limpidas vidraças das janelas, os seus olhos glaucos e cismarentos brilhavam de lágrimas, enquanto a sua mão trememente alisava o braço almofadado da poltrona. Depois, silencioso, analisou carinhosamente o amigo, e perguntou com uma naturalidade dolorosa:

— Mas és tu mesmo Moacir? E's tu, aquele meu jovem e esperançoso amigo que há dez anos veio para o Rio?!

O homem, com a mão crispada na borda da secretaria, cabeça pendida sobre o peito afantado, respondeu paudadamente:

— Eu, mesmo Brito... Mudei muito, não é? Sim, mudei... E lembrar que eu era o rapagão de estrutura atlética, de quem eras o melhor amigo... o risonho e filósofo rapaz que era a alegria moça personificada... o boêmio despreocupado e feliz que amava muitas mulheres e que ao mesmo tempo não amava nenhuma delas... o poeta, ora sentimental ora humorístico, cujos versos somente tu lias... Brito, eu ainda estou para ver um homem mudar tanto assim como eu mudei...

Ergueu a fronte pendida, onde as ralas farripas punham um nimbo alvacento, e com a comissura dos lábios parada num sorriso irônico e doloroso encarou o velho amigo de estudos que, a poucos passos dali, o fitava tristonho, sentado na cadeira rodante da secretaria, e com a cabeça

apoada na mão, que lhe engalfinhava a basta cabeleira de azeviche. Dir-se-ia estar ele imerso numa emocionante evocação. Num dos dedos esguios da sua mão fidalga, uma safira lançava reflexos azulineos. Ergueu-se, depois, da poltrona e, abrindo o amigo conduziu-o até a uma confortável "maple" e fê-lo sentar-se.

— Senta-te Moacir. Vamos conversar...

— Vamos, Brito...

O ruido enervante e heterogêneo da metrópole entrava atenuado pelas janelas. O Rio, aquela hora do sol cantante, era uma sinfonia magistral de esplendores. A baía de Guanabara, que se descortinava dali, era uma metálica placa azul cintilante e pura, cujas bovidas se enterravam no verde lustroso dos morros circundantes. Os arranha-céus, ciclópicos, avermelhados de sol, eram um contraste vivo à solidão guanabarina...

Pelo céu de cobalto, alguns aviões fiscantes cabriolavam em volteios perigosos. E o ruido do pulmão gigantesco da cidade continuava a subir ora cavo, ora gigante, aumentando a neurastenia do sol...

Os dois amigos, silenciosos, os cigarros espiralando fumaça, olhavam fascinados o deslumbrante espetáculo solar que o Rio lhes oferecia. Mas um bafo cálido enchia o ambiente, e o sol, em gritos coloridos, saltava dos largos peitoris das janelas ao sólo encerrado e aos móveis reluzentes.

Era uma festa tropical...

— Moacir! (E a voz languidosa de Carlos de Brito veio revestida de veludo). O Rio é uma cidade em que o sofrimento, o ódio e mesmo a tristeza não deveriam existir... Nela só deveriam existir, viver, a alegria, o prazer e o amor... Como se admitir um homem sofrendo tendo a rodeá-lo essa magistral sinfonia de luz, de cérus e alegria, com que o sol embeleza a natureza incomparável, a urbs fervilhante e os arranha-céus prodigiosos dessa cidade maravilhosa?

"Ela, nesse apogeu de esplendor, dá-nos a impressão de que tudo o que estua vibrar e palpita dentro dela, dentro do aranhão das suas avenidas, do seu infinito casario, é animado pela felicidade gloriosa de viver... de existir... de amar...

"No entanto... No entanto, quanto sofrimento, quanta miséria esse esplendor, que agora nos deslumbra, sobre... Quanta dor, recalada no fundo do coração, éle exarca com a sua ironia luminosa!..."

"Porque, é ante a alegria de gozar, que nós mais pensamos na tristeza de sofrer. Ante a plethora de luz, vemos, com mais brutalidade, a contrastante plethora das trevas. Um homem feliz teme mais a desgraça do que um homem que já está a caminho dela..."

Carlos de Brito levantou-se puxado pela emoção estranha que lhe estrangulava a voz.

Na simplicidade do seu elegante terno cinza, dos seus sapatos de verniz e de sua gravata azul, adivinhava-se o seu gosto apurado, a que suas atitudes e maneiras discretas empregavam um encanto sedutor. A sua fisionomia de traços másculos, iluminada por uns olhos fulgurantes, delatava-lhe o caráter reto e uma vivacidade espiritual requintada.

Aparentava estar atravessando a casa experiente e luminosa dos trinta anos.

Estacou perto do amigo, que permanecia silencioso e triste, com o cigarro esmagado entre os dedos, e falou, olhando o sol, que longe, no horizonte esbraseado se despedia da terra

num longo espasmo sanguíneo sobre o mar glauco:

— Moacir, eu te agradeço de coração as carinhosas palavras que há pouco proferiste. Realmente, eu sempre te quis bem e apreciei as tuas nobres qualidades de amigo. Dizes-me que foste derrotado na vida. Para tóda derrota há a vitória de um consolo, assim como para todo sofrimento há a alegria de um lenitivo. Porém, não me julgues um vencedor. A minha vitória nada mais foi do que o prólogo de um fracasso desesperante. Eu te explico. Anseio que me contes tóda a tua vida, todos os vossos martírios que ela te infligiu, tóda a tua dolorosa odisséia. Porém desejo que antes ouças a minha vida, isto é, Brito, tudo o que se passou contigo após a nossa separação. Verás então suavizado um pouco o tormento que te enegrece a alma nobre e sofredora. Do confronto, sairás o lenitivo para o teu sofrimento. Não penses tu, porém, que eu não julgo desmedido, anavaliante, como há pouco disseste de ser, pois eu bem conheço a tua alma sempre criança. Estudei-a, curiosamente, durante tóda a nossa convivência feliz, e soube definir tóda a sua sensibilidade de rosa e tóda a sua nobreza sentimental, que até às vezes, — tu bem te lembras... — durante as nossas mútuas confidências, me emocionavam...

— Pois bem. Desejo ouvir a tua história, mas quero que primeiro ouças a minha. Contando-a antes, suavizarei um pouco o amargo do teu relato. Eu vejo, em ti, o mesmo amigo que foste, e quero-te como dantes te queria. Esse desalento que te obumbrava um pouco o fulgor do olhar, o abatimento físico que te prostra assim, e mesmo o queixume das tuas amargas palavras não conseguiram ofuscar a tua personalidade, não conseguiram velar sequer a luz que tua alma difunde através dos teus gestos. Digo-te, Brito: — és o mesmo Brito dos outros tempos!

"Sempre foste um sofredor, pois desde a tua infância a vida te maltratou: primeiro, fez-te órfão, atirado ao leu da sorte, sem pão e sem cama; depois quando, impulsionado por essa força de vontade que te caracterizava, venceste as sucessivas ciladas que a fome a miséria te armavam, fez-te um sonhador. Brito, como desgraça, só isto basta! E com o correr lento e áspero dos anos, que os teus sofrimentos transformaram em séculos que te deu mais a vida? Na Faculdade, deu-te amigos falso-sos..."

Num ululo que se lhe estrangulou na garganta, Moacir Teixeira, de um salto, pôs-se junto ao amigo, pálido e trêmulo:

— Não prossigas Brito! Não prossegas pelo amor de Deus!...

Os seus olhos lacrimosos fitavam os do amigo numa tática súplica dolorosa. Então, Carlos de Brito transfigurou-se. Seu olhar chispante cravou-se como um estilete no olhar suplicante do amigo:

— Por que me pedes que eu não prossigas?! Por que?! Não, não prossigirei, sim. Sei que não és covarde, e que serás bastante forte, como eu, para ouvir tudo, tudo até o fim...

Mas arrependeu-se da sua precipitada réplica.

O amigo, de joelhos, com a cabeça oculta nas mãos e enterrada no coxim da poltrona, soluçava convulsivamente...

Foi então ai que Carlos de Brito, aniquilado, compreendeu que o sofrimento do seu antigo condiscípulo era muito mais doloroso do que julgava...

Com os seus braços fortes levantou-o e deu-lhe ânimo, na fictícia energia do seu olhar:

— Calma, Teixeira. Perdoa-me se te fiz sofrer.

— Lá fora, já o crepúsculo moroso envolvia docemente a metrópole num demorado abraço de sombra...

Súbito, operou-se o milagre da luz, e tóda a cidade maravilhosa resplandecia numa apoteose deslumbradora...

Foi então, diante desse espetáculo luminoso das mil e uma noites que Carlos de Brito, sentado na poltrona junto ao amigo abatido, e contemplando numa abstração a cruz resplandente do Cristo Redentor, contou, numa voz de prece, a sua dolorosa história de amor, que era a verdadeira história da sua vida...

* * *

A cidade era uma festa musical. A multidão, fremente, colorida, comprimida, movendo-se na feericia Avenida Rio Branco ornamentada de serpentinas e tóda irizada numa profusão de luzes multicolores.

Era o acesso anual da loucura no cérebro da metrópole. O ar, saturado de lança-perfume, do bafo acre da transpiração da multidão delirante, entorpecia os sentidos, excitados. Subia da turba enloquecida uma algaravia demente de marchas e sambas estrepitosos. Aqui e acolá, batuadas dolentes, africanas, acompanhando, na cadência nevrótica, sambas maguados, e fazendo os quadris dos foliões suarentos bambolearem num desconjuntamento incrível... ou então, as notas desenfreadas de um jazz em marchas excitantes...

Em quasi tóda fisionomia se retravam a alegria sem freios, a galhofa contagiosa, a espiritualidade das atitudes e tóda a gama da loucura carnavalesca.

E dentro da multidão enfrebrida, colorida, dinâmica, havia um homem extático surpreendido.

Aquela festa louca era um espetáculo inédito para os seus olhos admirados.

Carlos de Brito chegara de Recife no dia anerior, sábado, véspera quente do carnaval, e se instalara, provisoriamente, numa modesta pensão familiar do Catete. Os rumores da festa máxima da cidade assustaram-no. Na sua carteira espreguiaram-se contrafeitas, algumas pobres cédulas ávidas de liberdade...

Já conhecia, muito mal, através da imprensa, o que era, na sua plenitude, o carnaval carioca, mas avesso à farra, sossegara, confiante em si e na sua ferrea e inquebrantável força de vontade... Porém, quando se lhe deparou, entontecido pela zoeira, a visão alucinante do corso e, impotente, se integrou na turba irrequieta, sentiu que um frêmito de desconhecida alegria o estremecia todo. E deixou-se levar, pulando, esperneando, por um "cordão" de moças e rapazes encontrando-se a si mesmo, muitas horas depois, no ambiente barulhento de um dancing...

Os ponteiros sonolentos do seu relógio marcavam duas horas e tanto de uma madrugada adolescente. Constatou que estivera muito tempo embriagado, e quando considerava a loucura que cometera, sentiu uma mão de veludo mas imperiosa puxar-lhe o ombro. Carlos de Brito julgou que a embriaguez tivesse de novo se aprofundado das suas sentidos. Mas bem depressa se convenceu de que era real a visão que lhe ofuscava os olhos:

— Vamos dansar, Tristonho...

— Vamos minha Alegria...

Admirou-a, despidendo-a, da cabeça aos pés.

Achou-a inédita.



DE CABEÇA EM CABEÇA
CORRE A FAMA DOS PRODUTOS
Pindorama

OLEO PERFUMADO — Devolve aos cabelos brancos a cor natural. Suavemente perfumado.

PETROLEO QUINADO — Evita a queda e embranquecimento precoce dos cabelos.

AGUA DE ROSAS — Tira as manchas, cravos e espinhas do rosto, alveja a cutis, evita e corrige as irritações da pele causadas pelo sol ou pelo frio.

PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA

• LAB. PINDORAMA — EDIFÍCIO PRÓPRIO-RUA FLACK, 151 — RIO •

A fantasia moderna e provocante de Colombina, na sua simplicidade, positivava-lhe ainda mais as formas esplendorosas. Mas tôda a sua sensibilidade subitamente desperta, concentrou-se naqueles lânguidos olhos negros de promessas inefáveis e naquela boca dolorosa, que era um traço rubro de lascivaria...

Quando se enlaçaram sorriam, quase num beijo; o samba saudoso agoniava num batuque vagaroso sob o lamento do saxofone...

E não dansaram mais...

Tomaram um *taxi* e, de mãos enlaçadas, surpresos e felizes contemplaram, rostos unidos, a corrida fantasmagórica das luzes da cidade já ebria e exausta da festa noturna...

Faz hoje, precisamente, um ano, para mim um século de surdo e impotente desespero, que ela, atraída, como doidejante mariposa, por outros clarões de ilusória luz, me deu, em troca do desvelo amoroso com que eu a cercava, o abandono frio, espeinhante, sem uma justificativa sequer sem uma palavra explicativa... Derriu, num momento, todo o grandioso e iluminado arranha-céu dos meus sonhos de amante apaixonado. Toldou, com a nuvem negra da sua inabalável resolução, insensível às minhas desesperadas súplicas, o fulgurante sol das minhas esperanças...

No dia azul do desfecho inesperado, ela penetrou, lípida e estonteante como sempre, no meu apartamento, enchendo-o do seu perfume suave e penetrante; e, muda atirou-se à cama, irrompendo ante a minha perplexidade, num pranto convulso, entrecortado de soluços, enterrado num desespero sotipado, a linda ca-

beça loura no fôfo travesseiro. Vendo que seria inútil qualquer pergunta, enlaçava-a, carinhoso, não acreditando ainda no que via; e, com sutilezas de namorado, com ternuras tocantes, procurei suavizar-lhe a estranha explosão de dor. Abracou-me, beijou-me, terna e caríciosa, com um leve sorriso nos lábios quasi adorável depois nos meus braços. Depois, porém, num repelão, sacudiu-me, confessando-me num lamento:

— Como sou infeliz, Carlos!... Olhei-a num falso trejeito reprovador acariciando-lhe as madeixas da cabeleira revolta e beijando-lhe, sorindo, a boca rubra e úmida:

— Por que, minha Alegria? Não tens a certeza do meu amor? Não monopolizas tôda a ardência da minha crepitante mocidade? Não me amas?... Sorriu com tristeza:

— Não, Carlos. E é por isso sómente que sou imensamente infeliz. Até hoje, lutei comigo mesma para me convencer do contrário, porém todo o ingente esforço resultou nulo. Eu não te amo...

— Lúcia, estás louca?!

— Não. Estou tão louca como estás, Carlos. Capacitei-me da minha infelicidade; não te amo. O que nos atraiu não foi o amor, essa entidade paradoxal, a força matriz da vida... Foi o arrebatamento dos sentidos, momentâneo, irresistível... ou uma outra coisa qualquer, inexplicável, menos o amor...

— Mentirosa!...

— Mentirosa venho sendo para comigo mesma desde que te conheci. Nada mais fui do que um acontecimento banal na tua vida, e que se prolongou não sei porque... Ademais,

bem sabes, não posso nem devo servir de estorvo à tua carreira...

— Carreirinha?

— Sim. Que esperas da vida? Só a repetição monótona do meu amor diário? Creio-te um espírito superior, e verdadeiramente o és, e, portanto, há-de haver forçosamente um objetivo mais elevado do que o meu amor fortalecendo as tuas idealizações...

— Muito bonito, Lúcia!

— Sim, Carlos. Bonitas as feias palavras que te digo neste momento decisivo para nós... mas doloroso o sentimento que as inspira...

— Lúcia, quantos *cock-tails* tomas-te hoje?

— Nenhum. Não estou como pensas e como estive durante todo o tempo em que aqui vim...

— Então, que aconteceu?

— Nada e muita coisa. Pensei como nunca fiz, em ti, no teu futuro e no teu direito à felicidade...

— Já estou no gozo desse direito há muito tempo...

— Gozo ilícito...

— E, pensando tanto em mim assim, querida, ainda confessas que não me amas?... Paradoxal!...

— São os paradoxos que equilibram a vida. Raciocinando um pouco

— como foi enorme esse pouco!... — analisei a nossa situação. Há dois anos nos amamos neste desvario sem fim na incontida vibração da nossa mocidade, sem ao menos atentarmos na doída insensatez desse amor...

Tu, com os estudos paralisados, gastando comigo e os meus caprichos tolos, o que não tens, e assim arruinando tua vida e corroendo os alicerces do teu futuro. Eu, sem te amar, ludibriando esportiva e ignobilmente um homem que me quer apaixonadamente e que me deu, após inenarráveis sacrifícios, o seu honrado nome e o seu sincero amor...

— Sincero amor...

— Não existe, não é o que queres dizer?

— Interpretaste mal. Creia na sinceridade como creio em Deus.

— Pois fazes mal, eu não creio. E scu como tu humana...

O seu riso guizalhante ressoou num aliciante sonora no tédio aposento. Mordendo os lábios, opulentos e úmidos, e olhou-me séria:

— Sabes? Hoje eu não fico...

— Segurei-a, num impeto, pelos frágiles pulsos, e cravei o meu olhar perscrutador na mansidão iludente dos seus olhos negros:

— Já sei: tens outro!

— Quê?...

— Perguntei Lúcia, se tens mesmo coragem de infligir-me tal tortura... deixando-me só, quando mais necessário dos teus carinhos...

— Pois bem, virei amanhã... ou depois...

Então, meu querido amigo, perdi o controlo, que de há muito já vacilava. Recalquei uma blasfêmia que se ia evidenciar brutal e olhei-a com aparente frieza:

— Venga quando quiser...

— Virei...

Extático, já sentindo a amargura do abandono, vi-a colocar, displicente e provocante, as luvas cinzentas que tirara durante a efêmera visita; vi-a ajeitar o chapéu marron na cabeça fulva e, com um lânguido olhar cinematólico abrir a porta...

— Lúcia!... Lúcia!...

— Good-bye!...

— Lúcia!... Lúcia!...

— Bobo!...

As pernas trêmulas, se me bambearam na escada, ao ruido fugidio do elevador veloz...

E quando, cambaleante, returnei ao quarto, onde o seu perfume ainda

palpitava, cantava-me aos ouvidos atordoados a ironia da sua voz estridente:

— Bobo!...

Esperei-a, desesperado, inutilizando cigarros sobre cigarros, em febre, olhando a cidade afogada em luz barulhenta, abismal, acreditando vislumbrá-la às vezes lá em baixo na massa convulsa do povo que se espremia, como caudal imensa de um rio tumultuoso na arteria resplendente.

“A noite, martirizante passou num delírio; pregado à janela, horas sucessivas, contemplando a lenta agonia da vida noturna que se assemelhava à minha débil esperança...

— Bobo!...

Até hoje, Teixeira essa expressiva palavra ressoa, cortante, irônica, aos meus ouvidos na mesma entonação cruel com que ela insensível, moderna e fútil a emitiu, jogando-me ao rosto todo o seu desprêzo, oriundo, talvez, da apaixonada exaltação do meu sincero amor cuja intensidade espiritual ela não soube ou não pôde sentir na sua alma vazia de mundana vulgar...

Foi, mesmo, na sua fuga inesperada, uma autêntica Colombina na minha triste e desalentada vida de Pierrot...

E, amando-a apaixonadamente num amor ridículo de adolescente cheio de sonhos, eu, sem a mínima esperança que ela volte para a inquietação da minha vida, ainda a espero...

Por ela e pelo seu luminoso amor, estranha e paradoxal, destrui, como um inconclasta, todo o edifício do meu futuro, e, no entanto, contemplo os seus destroços sem o mais vago remorso...

Meu amigo, através a banalidade desta rápida história, narrada com a pressa que a emoção exige, existe, talvez, um inédito romance de amor e desventura...

Carlos de Brito silenciou.

Lá fora na imensidão azul do céu, rutilante de estrelas, recortavam-se num delírio de luz, as silhuetas onduladas dos morros, guardas noturnas da Guanabara iluminada. O quotidiano espetáculo deslumbrante, sempre inédito e fascinante aos seus olhos de esteta!

Os ponteiros tardos do Masson moderno continuavam a sua ronda, pondo na penumbra do silêncio reinante, com os seus tig-tacs cantantes, longas reticências de luz...

E a voz trêmula de Moacir Teixeira sacudiu o silêncio numa entonação estranha:

— E por que a vida foi tão má, tão implacável para comigo? Porque o destino achou de me enveredar por esta senda tortuosa em que agora claudico, açoitado pelo desespero lacrante que o sofrimento, ilimitado, dá? Por que, Brito? Por que? Explica-me, tu que tanto penetraste na psicologia da vida, por que foi que ela achou em atirar-me ao caos moral e físico em que sucumbo, ao pé-

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

so de tanta dor? Ah! já ouvi a luminosa voz do teu olhar revelando-me, na sua melancolia, o motivo primordial que criou este torpe papel interpretado na irônica comédia humana! Não, não te eximas sem causa justificável. Conheço muito bem a prodigiosa linguagem dos teus olhos, desde os tempos imemoriais do nosso coleguismo venturoso, na época dourada em que os nossos corações exultavam no delírio contagioso da vida... Eles me dizem, na sua eloquência tão peculiar tão tua, meu amigo, que a culpa de todo esse meu fracasso desesperador veio de mim mesmo, oriundo dos mesmos próprios desmedidos sonhos de adolescente, da ingênuo sentimentalidade do meu coração e dessa alma sempre aberta, festiva e acolhedora a amigos e inimigos que a ela se achegassem... Sim, e eles dizem uma grande e inútil verdade! Uma verdade que, como quasi todas, chegou tão tarde... irremediavelmente tarde...

Carlos de Brito comovido, acalmou-o, segurando-lhe, carinhoso, o braço que gesticulava, virgulando no ar as suas palavras arrebatadas:

— Meu amigo, nada é irremediável... Moacir Teixeira teve um súbito desespero:

— Oh! não queiras iludir-me, Carlos! Suplico-te que ouças, sem pa-

vas consoladoras, tóda a minha vergonhosa história, que talvez te enfaste e mesmo te comova um pouco, mas não tentes inutilmente me iludir com palavras que para os meus ouvidos moucos já perderam tóda a significação... Ouwe-me, ouwe-me pelo amor deste Deus que tudo pode, do mesmo Deus que foi, no tempo deslumbrante da nossa amizade académica, o socorro, o alívio, o consolo dos nossos enormes momentos de saudade... de nostalgia... O nosso Deus, ao qual recorriamos nas horas lângues do crepúsculo, quando as acerbas saudades do lar longínquo, da sala quente onde junto à lareira ardente uma velhinha de cabeleira encanecida e olhos molhados pensava em nós, nos invadiam, impregnando a nossa alma de um perfume indizível... quando a madrugada, irrompendo num sol rutilo que rorejava de luz o vistoso pátio, vinha erguer-nos com os seus braços de fogo da mesa, onde arqueados, exhaustos, ente pilhas de livros, papéis e outras inutilidades, nós dois estudávamos, instruindo-nos mutuamente, para a árdua peleja do mundo, e o falaz sucesso da vida... Ah! Ah! o sucesso da vida! Que coisa ridícula e engracada... E como nós acreditávamos na felicidade! Para a tua inteligência lúcida ela se mostrava aos homens encarnando-se numa esplêndida mulher inatingível... Eras, ao contrário do meu otimismo estúpido, um pouco cético. Mas eu, eu, que incrível papalvo nas minhas miraculosas concepções! Lembra-te o que representava a felicidade para mim? Ah! Ah! Ah! Sim, sim, já sei que te lembras pois os teus olhos me dizem... Ah! Ah! Ah! A felicidade, para mim era... era o quê mesmo, Carlos?... Ah! Ah!

Soluçava.

Os estremecimentos bruscos de um aceso nervoso sacudiam-lhe os membros combatidos, e tóda a sua rouquejante carressa, sacudida, parecia ir desfazer-se num ruídos desmantelado...

— Teixeira! Que é isso?! Calma, meu amigo!...

A voz energica do interlocutor, uma calma aparente iluminou-lhe o olhar embaciado de lágrimas, e a sua voz, agora fina e perfurante, bateu na carne flácida do silêncio como um acerado bisturi disseccador:

— Eu te mostrava sempre no amplo e iluminado atelier da minha alma sonhadora entre os inúmeros quadros que os meus sonhos me inspiravam, o quadro mágico da Felicidade, que o pincel do meu romantismo já pintara em pinceladas fortes e em nuances cariciosas... Entre os demais, também prodigios no colorido, na beleza conceptiva, ele ocupava um merecido lugar de relevo, e aos visitantes era o primeiro que eu, feliz e esperançoso, exhibia... E entre estes que eram raros, o mais assiduo e o mais sincero nas demonstrações de alegria admirativa, eras tu, meu amigo! eras tu! E como era

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905 - Belo Horizonte - Minas - TELEFONE 2-6525

A MAXIMA PERFEIÇÃO E PRESTEZA NA EXECUÇÃO DE CLICHÉS

TRICOMIAS E DOUBLES
CLICHÉS EM ZINCO E COBRE

APARELHAMENTO MO-
DERNO E COMPLETO

lindo esse quadro! Ele representava — como bem sei que te lembras, pois os teus olhos me revelam — na sua singela perspectiva, através dos seus vivos coloridos velados por uma névoa de sonho, uma sala, toda mobiliada, plácida, de uma vivenda humilde, entre árvores riso-nhas, como cantou o poeta onde penetrava, suavemente, resvalando numa carícia pelos estores tremulantes de uma janela azul, a penumbra roxa de um crepúsculo de verão, que a num pâlio de luz esmaecida, abençoar, sobre um divã, o amplexo amoroso de um par feliz... Sim, o lar era, para mim, o símbolo da felicidade... Não me atraía a pompa dos acontecimentos laudatórios o esplendor efêmero da glória nem os provéntos que dela eu poderia auferir... mas sim, o remanso de um lar ditoso... Ah! Ah! que pintor estúpido eu fui nos sonhos da mocidade! E era somente nessa concepção impossível, porque irrealizável, que nós discordávamos, pois, enquanto vislumbravas a felicidade personificada numa volúpia, numa linda e inatingível mulher que passa... eu, sonhador, a via numa meiga, suave e iluminada mulher que fica... Ora, ora, que estultice imperdoável! E foi por isso, Carlos, por isso somente e nada mais, que o destino me ajojou ao carro pesado e intransportável do sofrimento, como um animal que ferido pelas estocadas contínuas do fatalismo exercendo-se atola, impotente, exausto, pateando no lamaçal pestiloso da vida.

— Calma, Teixeira...

— Quantas vezes, esquivando-me do teu convívio, tão bom e encorajador eu ia, aproveitando os momentos de ócio, extravasar para as pautas indiferentes de um papel exiguo, que não me saciava a sede de expansão amorosa, a fonte cristalina de ternura que me banhava a alma, num banho purificador. Sabias, na tua delicadeza de amigo-irmão, que nessas horas a ausência do meu "eu" amigo se fazia sentir, e que tôda a vibração dos meus sentimentos convergia para uma figurinha esguia de formas materiais e espirituais eu apressava, como um artista no delírio da inspiração, com as minhas fervidas promessas de amor... Sabias mesmo algo principal da sua escultu-

ra em formação, da florescência perfumosa, da sua mocidade nascente e da carícia envolvente dos seus amendoados olhos negros, pois, se me não engano e a bruma da memória não se adensa, muitas e muitas vezes eu exibia aos teus olhos, bons e complacentes, um cartão postal com uma terna dedicatória, em que ela vivia, solitária e pensativa, sob a fronde lantoulada de um pé de acássias, as quais, pendentes, lhe emolduravam, em ouro claro, a figurinha gracil numa deliciosa postura de descanso na rede oscilante... Na emoção benfazeja da saudade, que enchia de enlanguecimento as minhas horas de contemplação retrospectiva, ela se me afigurava, Carlos, terna lâra emersa de um banho feérico, de luz e mocidade, num remansoso rio de cristal liquefeito... E o retrato, sintetizando para mim o mundo, todo o ritmo inquieto da vida, imobilizava-se sobre os meus joelhos unidos durante muito tempo, ante a caricia comovida dos meus olhos cansados e fartos da monotonia dos livros didáticos... Que significava, junto àquele retrato querido, a ciência para mim? Nada! O meu pensamento adejava, às vezes, na sombra crepuscular, outras vezes sob o cáustico do sol abrasador, ou cálido das manhãs bonitas, e atraíava, no seu tapete mágico bagaço, montanhas e planaltos, florestas intermináveis e rios caudalosos, indo aterrissar longe, longe numa cidadelha de um casario tosco, penetrando, como um gatuno ousado, numa casinha tóda branca, afogada num tufo verde de trepadeiras, por uma janelinha azul, onde o luar indiscreto, me ia surpreender muitas e muitas vezes debruçado, com as mãos-zinhas dela entre as minhas...

"E era então nesse momento que a tua voz amiga vinha, convidativa, lembrar-me uma digressão esquecida, um problema inextrincável a resolver ou um ponto complexo de filosofia a discutir... E eu acordava... sem um estremecimento, resignado. Não te lembras? E o pensamento, à tua voz imperiosa, conselheira — sorrisim, era mesmo engraçado; agora, porém, recordando-se, é apenas atroz... — retornava, novamente, às obrigações mentais, estimuladas pelas tuas palavras sensatas, que ficaram na inexperience da minha vida

inútil, como um perene conselho que não morre nunca e se adapta a tôdas as circunstâncias...

"Pois bem. A nossa feliz união desfez-se com o rôlo de papel que tão ardente ambicionávamos: tu, temperamento citadino, espírito já civilizado pela seiva genealógica, escolheste para campo experimental a cidade, onde haveria, sem comparação possível, mais probabilidades de triunfo do que um lugarejo do interior; eu, não, já de natureza retrôgrado, essencialmente provinciano, — não proteste, Carlos! — rumei às plagas natais, à Garanhuns, pacata e hospitalaria terra também dos meus pais, e onde residia a maior preocupação da minha vida. Queria fugir ao bulício neurastenizante da cidade, refazendo-me das energias perdidas, e, inutilizando os estudos, sentir no meu coração, apaixonado a benéfica influência que a aproximação do ser amado nos proporciona. Sim, Carlos, confesso-te, com a coragem que um puro amor nos dá: eu a adorava acima de tôdas as materialidades terrenas, tanto como a adoro hoje...

"A ausência, que eu prometera ser curta prolongara-se por motivos superiores à minha vontade, durante três anos, e eu, na febre da saudade que me roia o coração, a imaginava ainda aquela promessa de mocidade, duas tranças de cabelos negros e sedosos enroladas no alto da cabeça, o mesmo sorriso infantil nos lábios pálidos, e os mesmos trejeitos de criança timida e o modo gracioso de falar... Sorria, expectante, a essa imagem diluída que dansava aos meus olhos. Porém, quando cheguei, dividi do que via. Da menina-moça, restituí a mulher feita, na plenitude da mocidade. As mesmas tranças negras imprimiam agora, à fisionomia radiosaamente bela, um donaire diferente, uma atração irresistível. Se eu de longe, amava a menina de perto, olhando-a num êxtase de amor e felicidade, adorei a mulher...

"O que se passou, então, deve saber, meu amigo... O feliz noivado, cheio de carícias, prolongou-se durante seis meses. Meus pais, ricos, ajudaram-me e, dentro em pouco, nos casavamos. Nos dois primeiros anos, nossa vida foi uma reciprocada dedicação, pois, em cada dia, nos sentíamos mais um do outro... Porém depois... Um colapso cardíaco levou, numa tarde, meu pai: vinha da inspeção das novas máquinas da fazenda, quando, em meio ao caminho, margeado de milharal, caiu. Os credores, inexoráveis, surgiram de todos os pontos, e a precária situação dos negócios, arruinada com a morte do chefe, arrebatou-nos a fazenda, morrendo, pouco depois, minha mãe menos da enfermidade que de há muito sofria que do desgosto brutal. Sentimo-nos como num árido deserto, sem amparo, pois é sempre nas derrocadas que conhecemos os verdadeiros amigos... Todos me negaram auxílio, numa insensibilidade deshumana com exceção do nosso conselheiro, Djalma Truse, meu amigo de infância, que me auxiliou com considerável quantia, a qual eu prometi amortizar assim que me instalasse no Rio. Sim, porque o meu primeiro pensamento foi o Rio... Deu-me também uma carta de apresentação para um eminente médico, professor e, graças a essa apresentação, consegui angariar em pouco tempo uma clientela mais ou menos lucrativa... A sorte favoreceu-me de um modo assombroso... E foi então ai, quasi ríco, que vi quanto ilusório fôra o meu sacrifício... Presenciei, sofrendo a uma lenta mas radical transformação geral em Lourdes, que, fascinada pe-

OFICINAS "CRISTIANO OTONI"

Anexas à Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais

AVENIDA SANTOS DUMONT, 194

TELEFONE, 2-3043 — Endereço Telegráfico — "ENGENHARIA"

Grande Fundição de Ferro e Bronze; Modelagem, Forjas, Oficina Mecânica, Sonda Elétrica e a Oxi-Acetíleno, "Stock" Permanente de Chapas, Aços Especiais, Eixos e Vergalhões de Ferro e Latão Laminado — Fabricam-se ótimos engenhos para cana, peças de tear, turbinas Pelton, serras circulares, tupias, plainas — Concertam qualquer máquina, confeccionam modelos e fundem quaisquer peças de bronze e de ferro, por maiores que sejam; trabalham em ago Forjado. Fabricam-se parafusos, caixilhos e porcas, chapas e ferragens para pontes, material para abastecimento d'água e serviço de esgotos, sinos e placas de bronze, polias, mancais.

COMPRAM COBRE, BRONZE, ALUMINIO E FERRO VELHO

PEÇAM PREÇOS

la vida inquieta e mentirosa da cidade, e usufruindo uma invejável posição social, sentiu a imperiosa extroização da vaidade latente que é, "nelas" a única virtude... O seu amor já não possuia os arroubos apaixonados na poesia das carícias espontâneas... Eu era o seu marido. Nada mais...

"Um dia, Djalma Truse escreveu-me. Desejava vir para o Rio tentar a vida... Como a mim, a ruína o compeliu ao nomadismo incerto das tentativas. Uma transação fraudulenta, confessava-me no fim da missiva, obrigava-o a fugir de Recife, onde havia um ano se instalara, sócio de um cassino Senti, em Lourdes ao comunicar-lhe a nova, um disfarçado contentamento, no fogo incendiante dos seus olhos. A sua resposta foi esta fria e lacônica:

— "Se é teu amigo e o desejas aqui..."

"Carlos, vou resumir esta dolorosa história. Instalei-o num dos melhores aposentos térreos da minha casa, integrando-o, pouco a pouco, na minha sociedade como um primo chegado da Europa e não consentindo que ele fizesse a mínima despesa. Ainda me lembro das minhas palavras, quando, na sala, gozávamos os três, a sesta naquele ensolarado domingo da sua chegada: "Djalma o que fizeste em meu auxílio, eu não posso nem devo esquecer; portanto, faze desta casa a tua." Agradeceu-me com palavras repassadas de tristeza, desenrolando aos nossos olhos o drama infiável da sua decadência e a necessidade premente do amparo sincero de uma pessoa amiga. Necessitava de um elevado amparo moral. Lembro-me bem, Carlos: as suas lâminas, Lourdes tinha os olhos marejados. E a vida transcorreu na banalidade das suas frases; para mim, monótona, inútil dentro da luta ingente de uma advocacia obscura, mal remunerada; para eles, festiva e deliciosa dentro da plethora dos acontecimentos mundanos. O que aconteceu, já deves saber! Ah! Ah! Carlos, teus olhos não me iludem! Defendia eu, naquela noite memorável, num sensacional julgamento que trouxera ao tribunal as figuras mais representativas da nossa cultura jurídica, um homem ainda jovem que matara a esposa pelo simples fato dela o ter traído com um dos seus melhores amigos. Ah! Ah! Ambiente era-lhe desfavorável mas eu, nem sei por que artes do diabo, consegui numa exposição lenta, segura, convincentíssima, a sua absolvição, fato que me assombrava causando sensação indescritível nos espectadores, quando o juiz resolveu, muito cedo ainda, acabar com o julgamento... Foi na minha vida jurídica, a mais estrondante vitória. O promotor engolira as acusações. Os advogados adversos permaneciam mudos bestificiados, esmagados pela sólida argumentação da minha defesa. No dia seguinte seria a minha apoteose nos jornais matutinos. Era a glória ansiosamente esperada. Os cumprimentos sucederam-se na effusão calorosa dos abraços. E às duas horas, de uma madrugada frígida e brumosa o taxi deixou-me de frente ao meu portão. Ao contemplar o meu palacete, adormecido, no abraço verde dos ficus, sob a chuvinha esfiapada que rojava do céu turvo, um pressentimento atras imobilizou-me a mão que ia apertar o botão da campainha. Os criados, aquela hora, já deviam dormir. E Lourdes? Djalma estaria mesmo até aquela hora no escritório, como dissera? Lembrei-me da sua voz fina, nervosa: "Teixeira,

SINTA O PRAZER DE UMA



*Barba
bem
feita!*

Para os que usam Creme Dagelle para barbear, a lâmina não constitue nenhum perigo, porque esse maravilhoso creme torna a barba mais macia sem provocar dôr ou irritar a pele, por mais fina que seja. Creme Dagelle oferece maior conforto porque é feito à base de *cold cream*; e maior segurança porque previne os cortes, que além de pouco estéticos constituem um perigo.

**CREME
DAGELLE**
PARA BARBEAR



— Conclue no fim da revista —

AR FRIO, saturado do cheiro bom dos cedros centenários, entrava pelas fendas na parede da cabana, pelas frinchas da porta e caixilhos da janela. Já era quase madrugada. Restava apenas, na lareira, um pequeno ponto avermelhado, rodeado de cinzas brancas.

George estava acordado, ouvindo os assobios do vento gelado lá fora, o arranhar dos galhos no teto, o barulhinho que as cinzas faziam, formando uma pilha alta em torno dos paus queimados; ouvindo sua própria respiração, considerando, surpreso, o que resolvera fazer; ouvindo o ressonar de seu irmão Robert, deitado, como ele, no chão, envolto numa manta, pés voltados para a lareira. George descobriu que respiravam em unísono. Tentou quebrar o ritmo, segurando a respiração o mais possível, de modo que ele e seu irmão gêmeo não inspirassem e expirassem ao mesmo tempo.

Pareceu-lhe que Robert devia estar fazendo a mesma coisa, pois a leve expiração ainda coincidiu na mesma fração de segundo. Era como se partilhassem os mesmos pulmões, o mesmo nariz e a mesma garganta. Semelhança. Semelhança outra vez. Gêmeos idênticos. Eram dois gêmeos exatamente iguais — George e Robert Foster — tão iguais como dois caroços de erva, sem diferença alguma.

Sua mãe gostava de contar aos outros que haviam quebrado o primeiro dente no mesmo dia, dado os primeiros passos na mesma hora. Tinha centenas de pequenas anedotas em seu repertório sobre a extraordinária semelhança entre os dois filhos gêmeos — a ama que os confundira, banhando George duas vezes e a Robert não — o

GEMEOS

dilema do padre, na ocasião em que foram batizados.

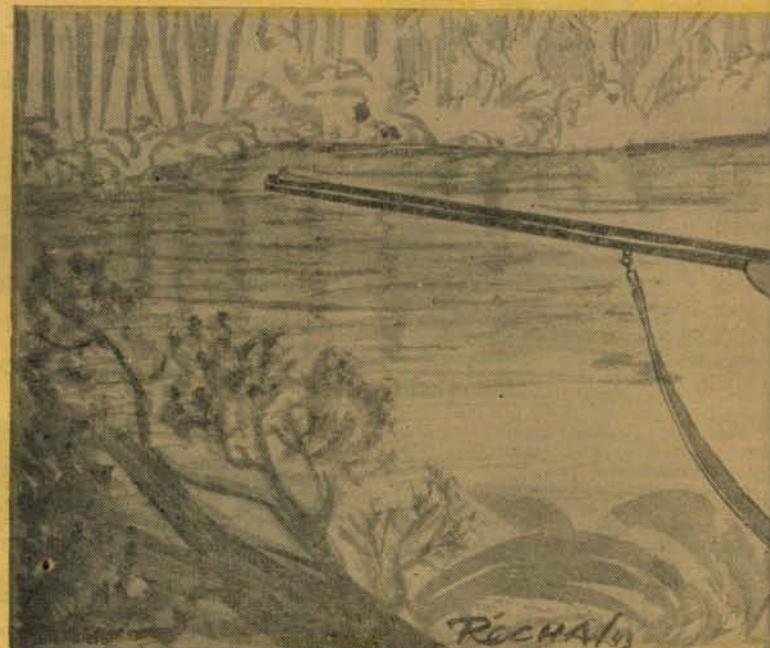
George poderia juntar aquelas histórias sobre a semelhança dos dois — os professores do Jardim da Infância soltando exclamações de surpresa, quando os viram, as outras crianças olhando espantadas para eles, uma menininha que se assustara tanto ao vê-los que correra a se esconder atrás dos capotes e, durante semanas, sentira o mesmo pavor, todas as manhãs. As exclamações, os graçejos a curiosidade, renovavam-se em cada classe: — com quem estou falando, Robert ou George? — Qual a sensação que se tem em ser gêmeo?

Qual a sensação? Isto ele lhes poderia explicar muito bem. Significava ouvir as mesmas brincadeiras, ano após

ano. Partilhar o mesmo aniversário de nascimento, partilhar tudo que se possuía. Pensou que é melhor dar-lhes sempre presentes iguais, no Natal e nos aniversários. Deste modo, não ficarão enciumados. Tampouco as afeições eram partilhadas. — Temos procurado ser absolutamente imparciais, o que não tem sido difícil, pois são iguais em tudo. O mesmo gênio, as mesmas travesuras...

Se tivessem estragado Robert com mimos e sido severos para com ele, se Robert fosse inteligente e ele estúpido, se pudesse haver alguma diferença — qualquer pequena diferença...

Deitado naquela cabana, na montanha, à luz da madrugada, de costas para seu irmão. George podia ver perfeitamente o rosto de Robert, com a



A certeza de que devia matar Robert se

CONTO DE MARY MCALL

TRADUÇÃO DE VANDA MURGEL DE CASTRO

terrível clarividência que todos aqueles anos lhe haviam trazido ao espírito. Os olhos de Robert eram dum azul claro e um pouco saltados. O nariz de Robert era um tanto largo demais para o rosto magro e o queixo fino. Os olhos de George eram assim, também, o nariz e o queixo idênticos, tudo absolutamente igual. A pessoas normais, isoladas em sua própria personalidade, era poupadão o desgosto da constante apreciação de seus defeitos físicos. Ele vivia todo o tempo defronte dum espelho implacável, o irmão gêmeo.

Robert era um fardo para ele. George assim o considerava. Mas, desde que Robert era um fardo, ele, George, devia ser um fardo também, pois eram iguais em tudo. De nada adiantava assegurar a si mes-

mo que era superior ao irmão, independente de Robert, negar o que era provado a todos os instantes.

George conheceu Janie Kimball numa festa que os Blakes ofereceram no Dia da Independência. Era miuda, mas já tinha o talhe de moça, não dum arianha. O contorno de suas pernas, a firmeza do busto, tudo nela era adoravelmente feminino. Sentaram-se juntos na varanda para tomar refrigerios. Ceiaram lado a lado. Somente lá pelas onze horas foi que ele a beijou, mas vinha tendo aquele desejo em todos os minutos das cinco horas de corridas.

Beijá-la foi muito mais excitante, muito mais completo que o pensamento de fazê-lo. Quando a livrou de seu abraço, Janie perguntou-lhe, numa vo-

zinha emocionada, se poderiam dar uma volta, antes de se reunirem aos outros convidados...

— Afim de que me refaça um pouco — disse ela. George esperava, ou melhor, tinha certeza de que aquele beijo significava tanto para a moça quanto para ele.

— Quando a verei novamente, Janie?

E dum modo franco, sem coqueteria, ela respondera:

— Breve, George. Breve. O mais cedo possível!

Ele e Robert foram à praia na manhã seguinte, domingo. Janie estava sentada na areia, em companhia dos Blakes. Os olhos brilharam-lhe de satisfação, quando George e Robert se aproximaram. Apesar de sentir o coração bater depressa demais, George conseguiu dizer: — Alô, Janie — enquanto se assentava defronte à moça. Ela sorriu para ele. Aquilo reconfontou-o. Fê-lo experimentar novamente a delícia de tê-la nos braços e beijá-la. Janie voltou-se para Robert, que se instalara ao seu lado.

— Espero que você não se tenha resfriado, com aquele passeio que demos ao luar — disse ela — Quando voltei para casa, meus sapatos estavam úmidos.

Janie o confundira com Robert! A luz do sol, batendo de chapa na areia da praia, ofuscou-lhe a vista. A forte pulsação do sangue ensurdeceu-o e uma estranha contração apertou-lhe a garganta.

Quando conseguiu ver, ouvir e respirar novamente, a certeza de que devia matar Robert se apoderou dele, numa idéia fixa, determinada e inadiável. Nunca voltaria atrás daquela resolução.

— Conclue no fim da revista

apoderou dele numa idéia fixa inadiável...



Não

confie em remédios que combatem todos os males. O "Sal de Fructa"

ENO há 70 anos se anuncia como eficaz contra os males do fígado, estômago e intestinos.

Evite as imitações, porque só o Eno pode produzir os resultados do Eno!



ENO "Sal de fructa"

A MULHER DEVE SABER EMPAOR-SE

SABER empoar-se é uma arte e não são todas as mulheres que possuem o perfeito domínio dessa arte. Muitas delas apenas desfiguram o rosto, caindo-o de pó de arroz... Outras não sabem escolher o pó que lhes vai bem. No entanto, é necessário, para que haja uma perfeita maquilagem, que o pó de arroz seja o apropriado e muito bem aplicado. O rosto para estar bem empoado precisa parecer simples, belo e natural. Ai é que está o segredo da arte.

*

A GINÁSTICA, COMO FATOR DE BELEZA

APRÁTICA diária, metódica da ginástica constitui um dos principais fatores para se ter saúde, graça e beleza. Aliás, ninguém desconhece as vantagens que o exercício físico traz ao organismo e todos sabem, perfeitamente, que uma boa pele depende diretamente do estado em que se encontra o corpo.

A beleza supera a inteligência e é desenvolvida ao mais alto grau, com a ginástica metódica. Sem trabalho muscular, a beleza é efêmera e não adquire a forma pura, estavel, bem definida, só conseguida com o desenvolvimento harmônico dos músculos...

Todos os dias, a qualquer hora, porém, de preferência pela manhã, deve-se praticar alguns minutos de exercício e, logo após, o banho geral.

*

PIRAMIDES DO EGITO

NO Egito existem mais de setenta pirâmides, porém as mais conhecidas são as três maiores, de Queops, Miquerinos e Quefrem.

COISAS QUE VOCÊ DEVE SABER

O caldo de carne de vaca, tomado meia hora antes das refeições, excita a secreção do suco digestivo e atua como excelente aperitivo.

*

A velhice deve ser respeitada, pois quasi sempre representa a virtude. O vício mata o corpo e a alma e raramente um homem viciado consegue chegar a uma idade avançada.

*

Ao executar-se qualquer trabalho, de dia ou de noite, deve-se fazer tudo, de modo a receber a luz por detrás e não por frente.

*

Para matar baratas dá um resultado extraordinário uma mistura de gesso, farinha e açúcar. O gesso endurece no estomago das baratas e provoca a morte.

*

Constitui séria incorreção às boas normas de etiqueta o fato de não serem devolvidos os livros tomados por empréstimo e que foram de boa vontade oferecidos. Entretanto, a maioria dos leitores por empréstimo ficam com os volumes que levam ou os devolve depois de muito tempo, geralmente em tão más condições, que seria preferível não os devolvessem.

*

Barbara é nome de origem grega. Significa estrangeira.

*

Para evitar-se que as formigas entrem nos armários, guarda-comidas ou guarda-louças, coloca-se no interior dos mesmos um prato contendo essencia de terebentina.

*

A longevidade dos pássaros de gaio- la ou de viveiros depende dos cuidados que a eles sejam dispensados. Diariamente, ou melhor, duas vezes, ac dia, deve-se renovar a água de bebida e a água de banho.

*

Muito funesta é a literatura falsamente chamada infantil e que contém episódios e cenas que relatam atrocidades que horrorizam não sómente as crianças, como também os adultos.

**PRECISANDO
DEPURAR O SANGUE**
TOME
**ELIXIR
DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas, Espinhas, Manchas, Eczemas, Ulceras e Reumatismos

tra as rugas, entre outras receitas de ótimo resultado, apresentamos a seguinte:

— Corte em pedaços uma pequena batata. Coza-a em leite, até dar-lhe a consistência de massa. Deixe esfriar e aplique, em seguida, sobre o rosto, durante cinco minutos, fino que bem tranquila e retire a máscara com água de rosas.

Essa operação, repetida durante alguns dias, dará resultados que satisfazem plenamente.



GRAVADOR
RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO
OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHERIE.

ARAUJO

PHOTOGRAVURAS
ZINCOPRINTS
TRICROMIAS
DUBLÉS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.

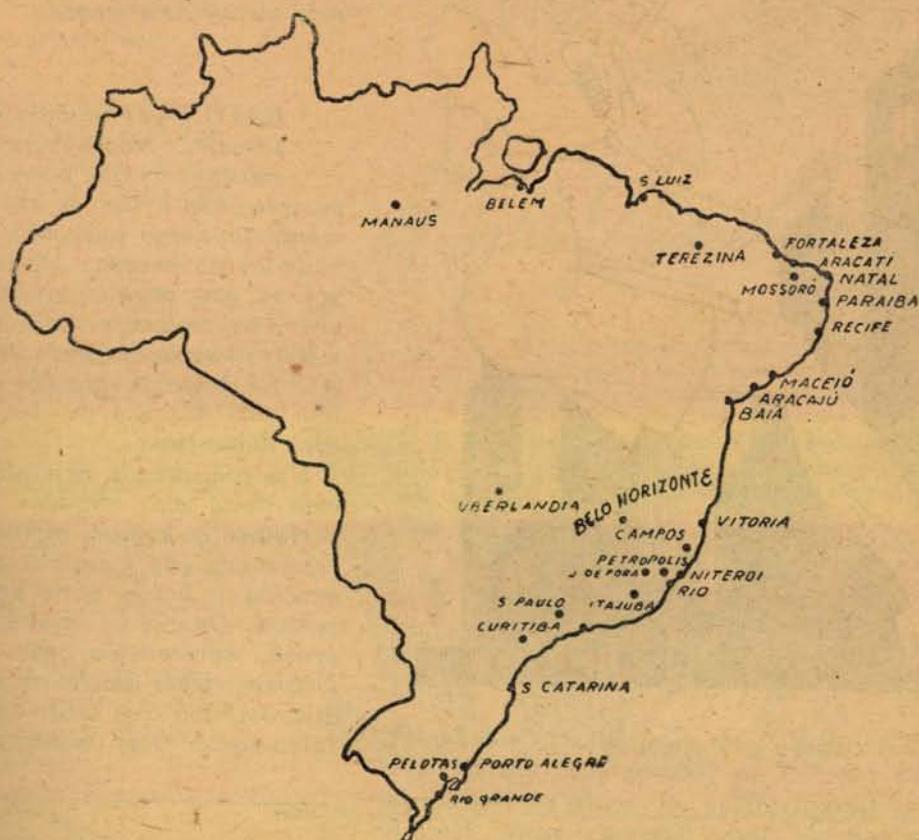


RIO DE JANEIRO

ALTEROSA * AGOSTO DE 1943

POR QUE a "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES"

oferece a maior proteção ás pessoas e seus bens
EM TODO O BRASIL?



Porque em toda a vastidão do Território Nacional estão espalhadas as Sucursais e Agências sempre prontas a satisfazer todas as necessidades de proteção e cobrir todos os riscos de

**INCENDIOS — ACIDENTES DO TRABALHO — ACIDENTES PESSOAIS
AUTOMOVEIS—RESPONSABILIDADE CIVIL—FIDELIDADE—TRANSPORTES**

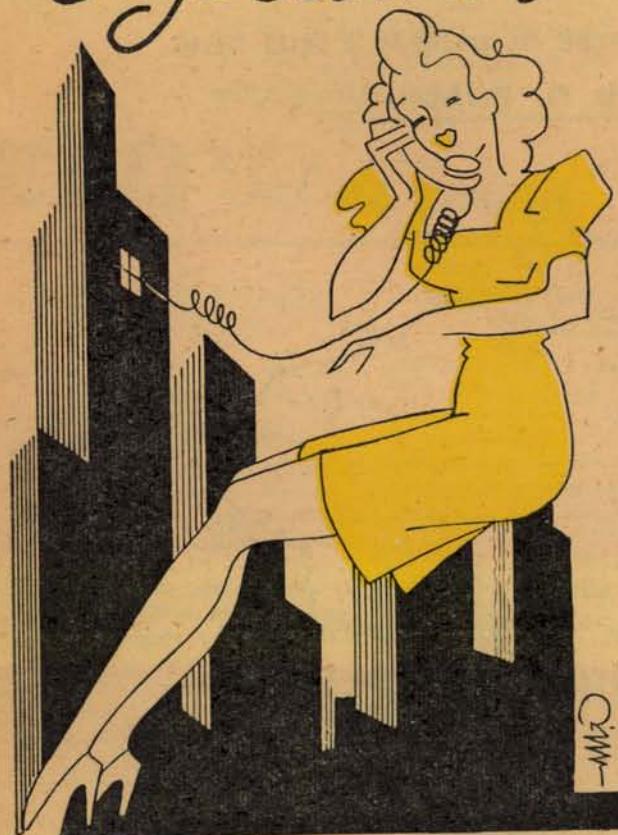
A Companhia de Seguros que maior soma de reposição de valores tem espalhado em todo o Brasil

Cr\$ 190.884.833,00 de indenizações até 1943

SUC. MINAS GERAIS: Rua São Paulo - Esquina Av. Amazonas - Edifício "Lutetia" — (entrada pela Galeria) - Caixa Postal 124 - Belo Horizonte. **SUC. EM ITAJUBÁ:** Rua Francisco Pereira 311 - 1.º andar — **AGENCIAS:** Juiz de Fora : Rua Halfeld, 704 Sala 107 - UBERLÂNDIA — Praça Benedito Valadares, 20

ORGANIZAÇÃO DE ISNPETORIAS EM TODO O ESTADO

SEDAS e Plumas



HQUELA ligação veio na noite do "black-out". Ambos fugindo do "bombardeio" se escondem no mesmo abrigo. O escuro e o frio conjugal da linda noite de Junho fizeram o resto. Hoje já se tratam como dois velhos amigos. Ela sabe que o seu príncipe é casado, tem filhos e altas responsabilidades. Mas a cousa, afinal, não passa de um "flirt", pensam as amigas da estouvada garota. E' possível. O que ninguém nega é que o homem de grandes responsabilidades mudou muito. Está mais elegante, menos grisalho, mais comunicativo. Diferente, enfim.

Quando termina o trabalho no seu escritório, ele já não sai como uma bala para casa. Fecha a porta e gruda-se ao telefone. E que conversa macia, santo Deus!

— Hoje temos uma bela fita no Metropole, você não vai?

— E uma vozinha muito doce, do lado de lá:

— Não tenho companhia, é uma pena!...

— Por que não vai só?

— Está doido? Nunca fiz isso...

— Mas a primeira sessão é tão cêdo! E, depois, não ficaríamos juntos. Eu me comportaria bem. Juro-lhe. Tenho um anelzinho que já comprei para você. Seja boasinha...

O certo é que depois de uma hora de conversa fiada ficou tudo combinado. A garota foi só ao cinema e ele ficou ao lado dela. Essa paixão começada no "black-out" tem que viver no escuro. Se um dia aparecer em claro teremos escândalo. Desses escândalos que demoram no cartaz pelo menos dois meses.

OBATON vai acabar, dizem os jornais. Não sabíamos que as substâncias que entram na composição desse artigo de uso exclusivamente feminino pudessem ser aproveitados na guerra. Mas são. Essa notícia que causou profundo abalo entre as mulheres não mereceu a menor atenção da parte dos homens. Até foi bom. A pintura dos lábios têm sido a causa de várias discussões domésticas.

Um conceituado capitalista conhecido pelas suas virtudes (como são perigosos os homens virtuosos!) confessou-nos que mandava vir da Argentina o baton para determinada pessoa. Os que se vendem na nossa praça, acrescentou, são horríveis. Deixam sinais indeleveis que não se apagam nem com ácido sulfúrico. E falou-nos de uma aventurasinha mo-



desta com uma atriz que tinha a boca em forma de coração.

Certa vez a menina beijou-lhe a testa. Causa rápida e sem consequências. Mas a marca ficou nítida. Era noite. Nenhum dos dois notaria o que tinha acontecido. Quando, despreocupado, chegou em casa, a esposa levou-o para a frente do espelho. Empalideceu. Deu uma desculpa qualquer. Devia ter dito coisa muito estúpida, porque a descompostura foi tremenda.

A sua mulher examinou a marca em todos os sentidos, um coração perfeito. A melhor fotografia dos lábios da atriz.

Dias, depois, passada a tempestade, a esposa chegou em casa feroz. Com um faro de policial, descobriu, na rua, a dona daquela boca.

— E acertou? perguntamos.

— Maravilhosamente. Desse época em diante mando vir "batons" da Argentina. E' o primeiro presente que eu faço áquelas que me caem no góto.

— E ha, em Belo Horizonte, muitas pequenas que usam "batons" da Argentina? indagamos.

E ele, modestamente:

— Algumas...

*

UMA DE SHAW

NARRA um jornalista que, durante uma refeição de Bernard Shaw no Carlton, uma orquestra de zingaros mais ou menos autênticos, irritava o famoso escritor com mediocres execuções musicais. Shaw mandou chamar o maestro e disse-lhe:

— Responda-me, meu amigo, com que poderá o senhor me distrair?

— O', mister Shaw, com o que o senhor pedir: Grieg, Offenbach, Wagner...

— Não, não, — interrompeu Bernard Shaw. Prefiro que me distraia jogando uma partida de poker com os seus cúmplices, até que eu termine esta ceia...



Magia Vermelha.

PARA OS LÁBIOS



Um ligeiro toque de VanEss nos lábios transforma magicamente todo o semblante. O baton VanEss é tão vivido e deslumbrante que ilumina todo o rosto, dando-lhe esse ar vitorioso e irresistível da mulher moderna — uma verdadeira Magia Vermelha.

VanEss tem como base o famoso "Creme-Velludo", que deixa os lábios suaves e provocantes, conservando-lhes sempre o frescor e a vivacidade. Gracias também ao Creme-Velludo, as cores de VanEss são mais limpidas e brilhantes, e de uma beleza arrebatadora. Seus lábios merecem o melhor batom — VanEss.

VanEss

Baton
Rouge, Pós

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Caixa Postal 687, Rio de Janeiro

GRATIS

Queiram enviar-me uma amostra tamanho grande do Batom VanEss. Junto envio, com valor declarado, 50 centavos em selos do correio para franquia postal.

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

* * *

CONTRA OS RATOS

Há alguns anos, as autoridades sanitárias da Índia, para evitar a propagação da peste bubônica, que então reinava naquele país, desenvolveram uma tremenda campanha contra os ratos que proliferavam de maneira assustadora. A Municipalidade de Bombaim, adotou providências de grande efeito: aceitou ratos mortos em pagamento de impostos, de acor-

do com a tabela organizada especialmente. A caça a esses roedores, efetuada em larga escala, concorreu para diminuir consideravelmente o número de impostos atrasados. Comentando a curiosa medida administrativa, assim se expressou o jornal "Near East and India": "Se continuar nessa proporção o extermínio dos ratos, Bombaim ficará saneada, mas os cofres da sua prefeitura estarão roídos..."



Escreveu: ALBERTO OLAYO

A POESIA ABAN

A poesia abandonou o verso e caiu na vida. Não quiz mais ficar presa aos poemas ou à alma dos poetas. Isto era bom para eles, para ela, não.

Agora, toda gente vive a poesia, experimenta as emoções que desperta e alimenta-se dela como se fosse um bonbon ou um cálice de licor. Não é mais privilégio de ninguém, passou a ser patrimônio público, cada qual se serve dela para o seu negócio ou interesse, mesmo que seja inconfessável.

Logrados, os poetas ficaram sem ela e ainda a procuram, toda a noite, pelos céus desertos, mal sabendo que ela, caceteada, refugiou-se nos cassinos, nas casas de comércio, nas estações de rádio, nos bondes, nas livrarias, em toda parte, apavorada — a-pavo-ra-da, digo eu, com a ideia de ter que voltar para a alma, para a cabeça, para o livro dos poetas.

A culpa foi dêles. Pensaram que a poesia podia viver sem ar, podia viver só chorando, só olhando para as estrelas, a ouvir dia e noite declarações de amor inteiramente platônicas, declarações que não rendiam nada. Não há ninguém que suporte uma caceteadão eterna. Lá um dia cansa-se e dá o fora. Foi o que ela fez.

E fez bem.

Hoje, a poesia é de todos. Logo que saímos à rua, para a faina dos negócios, nós a encontramos em um anúncio, dependurada no bico de um passarinho de pau, segurando um letreiro:

*"Cantando espalharei com leveza
Do Dagoberto a fama e a barateza".*

Se examinarmos uma "vitrine" de qualquer casa comercial, lá num cantinho descobrimos um pequeno poema esquecido, como outro dia aconteceu conosco. Vimos um botão de rosa dentro de um sapatinho delicioso, entre vários sapatorras. O sapato e a rosa, que belo tema para um poeta do interior!

Em outro mostruário, vislumbramos uma dentadura clara, processo americano, sugestivo sorriso sem lábios, mas um verdadeiro sorriso que daria, ajustado a uma boca imaginária, um dos melhores sorrisos deste mundo, igual ou superior ao dos mais belos poemas brasileiros. Havia nele uma ingenuidade natural, ingenuidade sem nenhum artifício. Coisa linda, material de primeira.

Numa casa de modas, onde trabalham algumas musas operárias, cosendo como a orfã na costura, estava exposto em mostruário com tampa de vidro um "soutiens" que era uma maravilha. Uma poesia viva. Parecia um vinho de tão macio, tão sedoso, com duas pontinhas primaveris. A poesia do "soutiens" era tão viva, tão quente, que até dispensava os seios. O difícil seria mesmo encontrar duas pomadas poeticamente ajustáveis àqueles dois recôncavos poéticos. E como não os há assim perfeitos, pois o "soutiens" foi urdido para seios ideados, seios de poesia e sonho, a gente fica logo a calcular, a imaginar uma criatura feita de delicadeza e candura, capaz de possuir uma perfeição assim.



Ilustrou: Rodolfo

DONOU O VERSO

Mas não é sómente em casas de comércio que podemos colher a poesia concreta ou palpável, também nas ruas e talvez principalmente nas ruas.

Outro dia, meu amigo Gulherme Machado, que anda à cata de impressões poéticas na vida, ouviu numa esquina a conversa de uma francesa madura com um moço-tão. Dizia a francesa para ele, em sua meia língua:

— Dei tudo a você. *Amôrr, diñêrro*, vida. Você ainda não me deu *une fleur*...

Une fleur! Uma flor em troca de tudo! Só isso lhe bastaria para o seu amor. Transportem o drama dessas duas vidas para um poema, e aí teremos uma grande poesia, uma poesia eterna. Ou, então, se quizerem mesmo embeber a alma de seiva poética, entrem no "Paraiso das Noivas", ali na Avenida. E' bem mais gracioso do que ler o Ribeiro Couto. Ali vemos sapatinhos celestiais, combinações freudianas, cintos cor de ouro, próprios para as musas mais exigentes, um perfume do oriente que evoca as mil e uma noites.

E as casas que vendem flores? E' o mesmo que entrar na floresta, tanta é a sombra dôce que ali nos invade. Em uma delas vi uma parasita roxa, pintada de branco, a florir em um velho tronco. Supurava poesia como uma fonte Castália.

Ao olhá-la, vinha-nos aos ouvidos o alto

canto da araponga, o murmurinho infantil da água da mata e o silêncio florestal, que convida ao repouso debaixo da árvore. Ali perto, um curió de gaiola, talvez sentindo o cheiro das flores nos vasos, poz-se a cantar como se estivesse na sua charneca.

Entretanto, poesia verdadeira que não morre nunca aparece sempre é nas empresas funerárias. Nestas, há à venda caixões para virgens que morreram tuberculosas, os quais poderiam servir para a virgem-morta dos versos do velho Luiz Delfino. Parecem leitos fabricados com pedaços de aurora ou de crepúsculo. Lembram-nos a poesia do poeta:

*Pálida e loira, muito loira e fria,
o seu lábio tristíssimo sorria
como num sonho virginal desfeito...*

Uma ocasião, tentado por uma coisa dessas, quase comprei um pequeno caixão de anjo que era uma beleza. Um amor. Tinha uma chave de ouro como se fosse a de um soneto. Verdadeira obra de arte. Era pespontado em rosa e em cima, na tampa, desenhava-se uma cegonha, tendo — "saudade" — no bico.

*Em solitária plácida cegonha,
num fim de tarde, à beira azul de um lago,
imersa num cismar ignoto e vago,
quem há que sem tristeza os olhos ponha?!*

Ninguem. Nem mesmo que a cegonha
— Conclue no fim da revista —

PROJEÇÃO MENTAL DO HOMEM



SE o individuo considerasse a vida como um simples parêntesis entre o nascimento e a morte, sem a antecedência das gerações nem a sucesão repetida em outras existências, a finalidade do homem sobre a terra seria muito limitada. Não valeria a pena crer, sonhar, idealizar. Tudo se reduziria a mero traço de união que em si mesmo nada exprime.

No entanto, o homem reconhece que, quanto mais avança em civilização, tanto mais se afirma essa consciência de continuidade na série infinita das gerações.

E' bem verdade que o nome desaparece da memória dos homens. Mesmo os povos perdem o lugar na História. De alguns desses povos, que marcaram época, esfuma-se na legenda a narrativa de seus feitos. Mas aqueles que traçaram vértice de civilização perduram na evocação dos homens, que nêles encontram substância de ideais.

O dom da perpetuidade não possui origem cósmica. Os próprios astros se dissolvem em poeira nos espaços interminos. Esse dom é de essência divina. E porque o é caracteriza-se pelo imponderável.

Algo, porém, no homem há de revelar a sua origem divina, materializando esse imponderável que excede do espaço e do tempo. Esse algo pertence ao pensamento, à idéia, a essa força que não se contém em nenhuma forma tangível e, todavia, pode reduzir-se a uma palavra, frase ou expressão. O vocabulário investe-se desse poder que fixa uma idéia na memória dos homens e na consciência da humanidade.

O pensamento surge inexplicavelmente. Busca exprimir-se. E a palavra serve de instrumento.

A idéia é o brilho interior que se reflete na mente de outros homens. Como os espelhos, que podem reproduzir exatamente a imagem, ampliá-la ou deformá-la, assim também o cérebro humano pode projetar a idéia ampliadamente ou desfiguradamente.

O homem afirma a sua origem divina pelo pensamento. Não saberia, contudo, assinalar essa origem se lhe faltasse a palavra. Este dom específico é que lhe permite revelar-se e também perpetuar-se.

O homem primitivo, mais próximo da sua origem cósmica, reduzia a expressão de seus sentimentos e de suas aspirações à simples articulação de alguns sons. O homem civilizado já não pode abranger todos os vocabulários que se foram criando no curso de sua evolução. Esta é a distância que nos separa de nossos ancestrais. Quer dizer que o homem é um ente criador. E neste poder de criação mais se confirma a sua origem essencial.

Na natureza não há forças propriamente criadoras. Há forças transformadoras. Quando se chega a criar uma nova espécie ou uma nova forma, na realidade elas representam apenas transformação. Desaparecem umas para que outras apareçam. E essa transformação obedece a leis imutáveis. Não assim com o pensamento e a idéia. A mutabilidade é a sua característica. Não se cingem a limites de tempo nem de espaço.

O sentido da perpetuidade pertence à idéia como expressão do poder criador do homem. Pela idéia, aquele que viveu há milhares de anos consegue estar presente em toda a parte e no espírito de todos os homens. Vive realmente. Conhecemos-lo sem o havermos conhecido. E, em contraste, passam por nós, a toda a hora, indivíduos que nos são inteiramente desconhecidos, embora a sua presença tangível. E' que não se comunicaram pelo pensamento, pela idéia, por essa força de afinidade que transcende das limitações humanas.

Um indivíduo, vivendo no mais ignorado recanto do mundo, pode ser mais conhecido dos seus contemporâneos do que outro agitando-se no borbotão das multidões. Basta-lhe que a idéia se comunique. E essa comunicação opera-se através de alguns simples vocabulários, em si mesmos nada significando. A palavra só se investe desse poder quando traduz idéias.

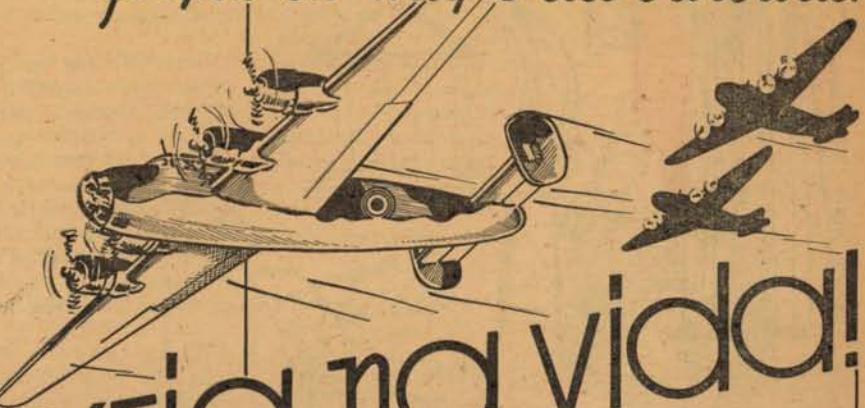
O homem sente que há de perpetuar-se. Anseia por essa perpetuidade. Reconhece, ao mesmo tempo, que tudo no mundo é perecível. Sómente o poder do pensamento lhe confere esse dom.

Aquelas que não podem gravar na memória da humanidade o traço de sua passagem pelo mundo, tentam fazê-lo em bronze e mármore. Será uma ilusão. Nem por isso deixa de exprimir este irremovível anseio de continuidade que só a idéia realmente pode satisfazer. E só a palavra, que distingue o homem do animal, é que plasma o pensamento, dando forma e sentido ao que é imponderável.

POD
Luis de BESSA
PARA
"ALTÉROSA"

Vitoria!

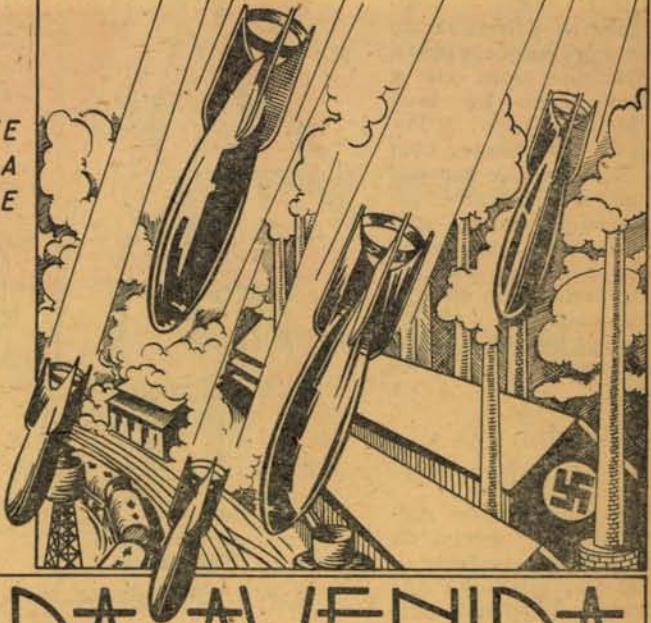
Objetivo supremo das
Nações Unidas contra as
forças do mal e da barbarie.



Vitoria na vida!

Objetivo máximo
de todos os homens.

VENCA SEM ESFORÇO E RAPIDAMENTE
ADQUIRINDO O SEU BILHETE NA CASA
QUE TEM ENRIQUECIDO MILHARES DE
BRASILEIROS.



CAMPEÃO DA AVENIDA

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781

CR \$ 1.000.000,00 da FEDERAL - Em 7 de Agosto - Por Cr \$ 120,00
CR \$ 200.000,00 da MINEIRA - Em 13 de Agosto - Por Cr \$ 30,00



A DONA DE CASA

através dos séculos

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

ler ce qu'il ne s'éteigne pas; c'est elle surtout qui doit être attentive à ce qu'il reste pur; elle l'invoque, elle lui offre le sacrifice. Elle a donc aussi son sacerdoce. Là où elle n'est pas le culte domestique est incomplet et insuffisant. C'est un grand malheur pour un Grec que d'avoir un foyer privé d'épouse."

Se o papel da Dona de Casa na idade média deixou de ter este cara-

A HISTÓRIA da Dona de Casa começa na aurora da civilização, pois é difícil qualificar assim a companheira primitiva do homem das cavernas, dividindo com ele a carne crua de seus troféus de caça. A Dona de Casa nasceu com o fogo, com a lareira, com esta grande invenção do homem que é a cozinha, com o seu desejo de ter um lar que seria mais do que um simples abrigo contra as intempéries e as investidas das feras.

A SACERDOTIZA E A CASTELA

Na antiguidade grego-romana, berço da civilização ocidental, este lar, este fogo que devia perpetuamente queimar no coração mesmo de cada habitação, era considerado como a divindade protetora da casa, e a Dona de Casa, encarregada de entreter-l-o, era sacerdotiza deste culto que unia todos os membros da família. No capítulo sobre a moral da família, no seu livro "La Cité Antique", o grande historiador francês Fustel de Coulanges diz sobre este assunto:

"La femme a des droits, car elle a sa place au foyer; c'est elle qui a la charge de veill-



ter de sacerdocio, a castelã era entretanto não somente no recinto do seu castelo, mas ainda sobre suas terras todas, uma personagem importante e venerada. Seu marido não conhecia outra ocupação senão a guerra, e outra distração que não fossem os torneios — ao mesmo tempo football e turf da época. A dona de casa, durante as longas ausências do dono ou pelo seu desleixo, tornava-se administradora e, quando as terras eram vastas, quasi governadora de uma província. Era ao mesmo tempo enfermeira e substituia até o médico. E todos esses múltiplos afazeres, não a impediam de ter uma vida intelectual intensa, bem mais intensa do que a de seu esposo, porque dos dois era muitas vezes ele que era iletrado e ela que não somente era perita nos ofícios mas ainda nas artes, na música e na literatura.

A SENHORA DO ENGENHO E A FAZENDEIRA

As grandes damas do Renascimento, cultivando mais ainda seu espírito e dando grande importância aos cuidados do vestuário e da beleza, nem por isso deixaram de ser excelentes donas de casa, sabendo, quando preciso, botar mãos à obra. Das senhoras da corte da rainha Elisabeth da Inglaterra um cronista da época nos conta que, em casa, todas eram capazes "to supply the ordinary want of the kitchen with a number of delicate dishes of theis own devising wherein the Portuguese is their chief counsellor".

Com a conquista do Novo Mundo, um tipo inédito de Dona de Casa desenvolve-se nos países coloniais. Chegando lá, os conquistadores acharam os indígenas com um modo de vida que não dava à mulher a oportunidade de tornar-se dona de casa no sentido próprio da palavra. Por certo, elas preparavam a comida — os primeiros documentos gráficos sobre o Brasil já mostram índias fazendo farinha de mandioca — mas faziam-no em grupos, pois toda a tribo vivia em comum. As primeiras mulheres que, nesse ambiente primitivo, tiveram de criar um lar verdadeiro, coube um papel parecido ao das castelãs medievais.

Elas deviam conhecer todos os ofícios e ensiná-los: fiar, tecer, curar os doentes e sarar as feridas. Deviam ajudar aos missionários na sua obra de catequese e instrução. Também cuidavam-se em Portugal de preparar devidamente as que partiam para exercer tão importante missão em terras longínquas. Em 1551, conta Frei Vicente do Salvador, a rainha Dona Catarina mandou ao Brasil "muitas donzelas do mosteiro das orfãs", encarregadas ao governador para que as casasse, como fez, com homens a quem deu ofícios da república e algumas dotou de sua própria fazenda".

"Vinharam sobretudo", acrescenta na sua História do Brasil Pedro Calmon, "do Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, fundado em 1543, com capacidade para 21 orfãs, que deviam ser educadas para casar na Índia e no Brasil".

Assim nasceu um novo tipo de dona de casa: a Senhora de Engenho, diretora de uma complexa economia doméstica, que devia bastar a si mesma e também produzir para a venda.

Entretanto os séculos XVIII e XIX trouxeram um declínio no ofício de Dona de Casa. Nos países coloniais pelo aumento do braço escravo e na Europa pela industrialização. Então a mulher abastada acha-se subitamente ociosa, sem que outras atividades lhe sejam ainda acessíveis e não sabendo tirar proveito de seus lazeres.

— Conclue no fim da revista —

*Ao compasso de uma
melodia de Amor...*

Seu perfume inspira...
convida a falar de
amor...

Como uma doce melodia, o perfume do TALCO ROSS é encantador... e produz uma inefável sensação de frescor que deleita. Conserve sua cutis fresca e delicadamente perfumada por muitas horas com TALCO ROSS.

**Talco
de Ross**

BORATADO * ANTISÉPTICO * CONFORTANTE

PRESENTES ?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA
ESCRITÓRIO ?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

LIVROS NA-
CIONAIS E ES-
TRANGEIROS ?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE
PAPELARIA ?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONE 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE

DA NOSSA NASCENTE e pouco original literatura no século XVII, a figura mais interessante e mais viva é, sem dúvida, Gregório de Matos, o famoso "Boca do Inferno", terror de políticos e governantes e de todos aqueles que, por dever de ofício, tinham obrigação de proceder com honestidade, correção e virtude.

Muito embora pela sua vida de esbórrias e bêbedeiras, de imoralidades e incorreções, não fosse dos tal com direito a atirar a primeira pedra nos demais pecadores, o certo é que a ninguém poupava, com suas sátiras, suas ironias, seus sarcasmos e até mesmo com grossos desafetos. Todos lhe temiam a língua afiada. Por isso mesmo, sabendo-se temido, o homenzinho não tinha palpos na língua. A ninguém poupava. Nem mesmo aos que detinham o governo da capitania, receava ele atacar com furor, como fez no governador Antônio de Souza de Menezes, alcunhado o "Braço de Prata".

Num tempo por todos tido como de feroz absolutismo e de nenhuma "liberdade de imprensa", para falar em termos de hoje, conseguia no entanto, Gregório de Matos divulgar suas sátiras que, no caso do "Braço de Prata" já não eram apenas sátiras, mas desafeto e do pesado. Com outro governador, Antônio Luiz da Câmara Coutinho, não se mostra menos feroz, num retrato que do mesmo traça, chamando-o entre outras amabilidades, de sendeiro.

Desembargadores, padres, frades, advogados e freiras, todos são satirizados de maneira impiedosa pelo terrível homem. Uma verdadeira calamidade! Em represalia, não lhe faltaram perseguições e vinganças dos que eram atingidos pelas suas farpas e pelo veneno de sua língua. Andou deportado, esteve na prisão, apanhou.

Mas o homem era incorrigível. Quanto mais perseguido, quanto mais surrado, tanto mais venenosa e mais afiada se lhe mostrava a língua. E não só afiada e venenosa, mas ainda por cima, feseegina. Boca porca estava ali. Nas suas poesias satíricas, não recuava diante de referência alguma, por mais áspera e obscena que fosse, nem rejeitava palavras, por mais escatológicas que se mostrasse. O de que fazia questão era de vergastar profundamente sua vítima, de cobri-la de ridículo, de arrastá-la pela rua da amargura, entre assobios e palavrões.

Seu senso caricatural era tremendo. No retrato, acima referido do governador Antônio Luiz da Câmara Coutinho, o exagero da caricatura não tem medida. Diz, por exemplo, do nariz da poderosa vítima:

GREGÓRIO DE MATOS, PLAGIARIO

OSCAR MENDES
PARA "ALTEROSA"

"Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono".

Desaforado como ele só. De um desembargador, apelidado de "Rabo de Vaca", depois de se referir em termos dos mais ultrajantes e com todos os efeitos e erros aos pais do coitado escreve, rematando:

"Quem soubra definir-vos,
Meu senhor, esta alimária:
Um mentecapto com gorra
Um magarefe com capa."

Mas esse "palmatória do mundo" era, também, como já dissemos, da mesma laia de muitos dos sujeitos que ele vivia zurzindo com suas chicotadas de poeta desbocado. Completamente sem escrúpulos, quer de ordem moral, quer de ordem literária, Gregório de Matos que não foi

apenas poeta satírico, mas escreveu também poesias sacras, liricas e de estilo gracioso e leve, não hesitava em fazer mão baixa no alheio.

Uma de suas vítimas prediletas era o grande poeta espanhol Quevedo, seu colega no atrevimento e no descabulado dos ataques aos ridiculos de seu tempo. Como eram companheiros na sátira, Gregório de Matos não se perdia em complicações de conciência para deitar a mão ao que era do outro.

Por acaso, lendo agora suas Obras Completas, (Edições Cultura — São Paulo — 1943) descobri que nem diante de uma santa recuou Gregório de Matos. Santa Tereza de Avila, a grande Santa Tereza de Jesus, não escapou à gatunice do "Boca do Inferno". Trata-se daqueles famosos versos da santa espanhola, em que ela pede à morte que, quando vier buscá-la, venha bem de manso, para que a alegria de morrer não se torne motivo de fazê-la reviver:

"Ven, muerte, tan escondida
que no te sienta venir,
porque el placer de morir
no me vuelva a dar la vida."

Pois o descarado do Gregório de Matos, não sómente se apropria dos versos de Santa Tereza, mas os faz seus, precisamente, para dirigir galanteios a uma homônima da Santa, a uma tal Teresa, a quem ele chama Té-té e que, apesar de havê-lo tratado com secura, por sabê-lo casado, doutrina feita se mostrou mais cordata e o tratou com menos rigor.

Valendo-se dessas duas maneiras de agir, para mostrar que a sua requestionada era capaz de dar a morte e, ao mesmo tempo, dar a vida, segundo o tratasse com desabrochamento ou com brandura, termina ele assim a sua versalhada, sem confessar que os versos finais não eram seus:

"Vida, que tão pouco dura,
Liberalmente se dá;
Vosso enfado a tirará
Se a der vossa formosura:
E porque fique segura
Morte tão apeteida,
Dai-me vós tão encondida,
Que eu não a sinta chegar,
Porque o gôsto de acabar,
Não me torne a dar a vida".



Gregorio de Matos

A irmandade dos plagiários (e não é lá tão pequena, como se pensa) terá em Gregório de Matos o seu incontestado padroeiro, porque nessa questão de usar do alheio como próprio, o poeta baiano era realmente um "bicho".

O ESPIRITUOSO HENRY MONNIER

O ESCRITOR francês Henri Monnier, criador do famoso tipo Joseph Prudhomme, tinha fama de engraçado e gostava de mistificar os outros. Eis aqui, porém, um caso em que ele, indo buscar lá saiu tosquiado...

Entrava na Biblioteca Nacional, em Paris e dirigindo-se à funcionária que atendia os clientes, pôs-se a fazer o pedido com voz estertórica. A moça disse-lhe delicadamente que falasse mais baixo para não perturbar a leitura dos outros.

Monnier atendeu, mas baixando de tal forma a voz que ninguém podia escutá-lo. A funcionária teve que fazer nova reclamação, mas em sentido contrário. Foi o bastante para que a voz estertórica de Monnier ecoasse outra vez no recinto.

Nova reclamação da funcionária.

— Tenha paciência, minha senhora — explica Monnier — mas não sei senão falar ou muito alto ou muito baixo; minha voz não comporta meias medidas, é defeito de nascença.

— Pois si é assim, escreva o que deseja — diz a funcionária.

Monnier toma da pena e escreve em garranchos pouco legíveis:

(Tem aqui as obras de Henri Monnier?)

A mulher responde também por escrito:

— Não, senhor Monnier, não posso-simos na biblioteca essas tolices, pois supomos que, como a voz do seu autor, elas pecam por falta de medida.

Dante disso, o espirituoso Monnier não teve o que dizer.

*

Rebuscar as palavras e causar admiração ante um ignorante e parvo é do feitio dos homens sem nenhuma cultura, mas que se creem cultos.

São Jerônimo.

*

PRESENTE REAL

DO LIVRO De Moreira de Azevedo — "Mosquito Brasileiro" — transcrevemos este presente regio que D. João VI mandou ao conde Aguiar:

Um embrulho com 60 quilates de brilhantes reputados a razão de 50 réis o quilate, 3:000\$000.

Em dinheiro:

10 cartuchos com cada um 100\$.
4 idem, idem — 1:920\$000.

1 idem, idem — 275\$200.

1 idem, idem — 4\$800.

Um presentão, não ha dúvida!...

Escrever com esta nova caneta é tão natural como respirar

PARKER

"51"



BASTA que o Sr. escreva o seu nome com a extraordinária Parker "51", para verificar por que as suas características, inteiramente novas, fazem tôdas as outras canetas parecerem antiquadas!

A pena oculta, tipo "torpedo", está sempre úmida e começa a escrever em uma fração de segundo. Desliza tão suavemente sobre o papel que a mão como que se antecipa às próprias idéias.

Há, porém, algo ainda mais surpreendente: a Parker "51" dispensa o mata-borrão!

Nesta notável caneta usa-se uma tinta maravilhosa — a Tinta Parker "51" — tão fluida, que seca à medida que escreve.

Peça, hoje mesmo, uma demonstração da caneta e da Tinta Parker "51" em qualquer boa casa do ramo.

◆ GARANTIA VITALÍCIA. O Diamante Azul "Parker", estampado no prendedor, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por tôda a vida d'este, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00.

Preços desde Cr\$ 375,00; outras canetas Parker desde Cr\$ 150,00
Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:

COSTA PORTÉLA & CIA.

Rua 1.º de Março, 9 - 1.º andar - Rio de Janeiro

J.W.T.

7306 P

BANCO DO BRASIL S. A.
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS
Matriz no RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS
 IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES
 EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. . . .	2 %
Depósito Inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.	
DEPOSITOS POPULARES (Limite de)	
Cr \$10.000,00) a. a.	4 %
Os cheques nesta conta estão isentos de selos, desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de)	
Cr \$50.000,00) a. a.	3 %
DEPOSITOS A PRAZO FIXO:	
Por 6 meses a. a.	4 %
Por 12 meses a. a.	5 %
DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:	
Por 6 meses a. a.	3½ %
Por 12 meses a. a.	4½ %
DEPOSITO DE AVISO PREVIO:	
Para retiradas mediante aviso prévio:	
De 30 dias a. a.	3½ %
De 60 dias a. a.	4 %
De 90 dias a. a.	4½ %
Depósito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.	

LETRES A PREMIO:

Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de cambio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- a) — custeio de entre-safra; aquisição de adubos e sementes;
- b) — aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- c) — custeio de criação;
- d) — aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhoria de rebanho;
- e) — aquisição de matérias primas;
- f) — reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- g) — reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPÍRITO SANTO

FLORZINHA

ESTE não é, tecnicamente falando, um conto. É um flagrante da vida de um adolescente que arranjou a primeira namorada, fez os primeiros versos e teve as primeiras desilusões. E, porque muitos dos meus leitores já tiveram um dia desesseze anos, acho não ser preciso dar maiores explicações e, portanto, passo à história:

Ontem vi Florzinha pela primeira vez. Deve ter quinze anos no máximo, e é de uma beleza extraordinária. Para defini-la, só há uma palavra: — doce. Isso mesmo. É uma beleza doce, macia, suave. Sua fala é harmoniosa, os olhos são pretos, úmidos, grandes. Uns olhos enormes. Enormes.

Ontem, fiquei conhecendo Florzinha, que é minha nova vizinha. Mora em frente de casa. Por ela própria, soube um pouco de sua vida: — está no segundo ano fundamental e estuda, interna, em Petrópolis. Seu pai é o dr. Oscar de Freitas, médico. Não tem mãe, esta morreu há muito tempo já. É filha única. Gosta de cinema, chora nos momentos dramáticos do filme. Ao ouvi-la falar em lágrimas, fiquei pensando: — não viviam em continuo pranto aqueles olhos negros e enormes de Florzinha?

Tornamo-nos amigos, Florzinha e eu. Uma amizade instantânea nos ligou. Para isso contribuiu, com certeza, a nossa afinidade de sentimentos, de gostos. Paul Muni é o seu artista predileto — e é o meu também; o seu poeta preferido é Castro Alves — eu, idem. Assim por diante. Só há uma coisa que em nossos gostos não coincidem: — é na matemática. Florzinha, no seu colégio, é a primeira aluna da classe. Eu, no meu, sou o último. Sou um verdadeiro fracasso na tal matemática. Não é modéstia. Perguntam ao meu professor...

Voltando ao que serve: — Florzinha simpatisou-se comigo. Já me perguntou se queria aprender a patinar. Disse que sim. Amanhã principiarei a aprendizagem.

Há dois dias que não escrevo neste caderno, pois destronquei o polegar da mão direita num tombo. Nunca pensei que patinar fosse tão difícil! Mas estou bem pago da queda, pois ao levantar-me vi que os olhos negros de Florzinha, vendo-me machucado, estavam mais úmidos que de costume...

O dr. Oscar, pai de Florzinha, encontrando-se comigo na rua, me perguntou:

— Então, rapaz, é você o namorado de minha filha?

O rosto pegou-me fogo e não respondi. Será que sou mesmo o namorado dela? Será?

Florzinha, hoje, me perguntou se eu tivera namorada. Disse-lhe que não, o que é a pura verdade. Ela riu muito e me chamou de mentiroso. Que estava escondendo dela. Para desconfiar, perguntei-lhe também:

- E você, já teve namorado?
- Não.
- Não acredito.

CONTO DE ORANICE FRANCO

— Juro por tudo que você quiser.
— Então... quer ser a minha namorada?
Ela ficou acanhada, sem saber que dizer.
Vermelha, vermelhinha mesmo. Depois de muito custo, murmurou:
— Quero... — e saiu correndo, rumo de sua casa.

Acabo de voltar do cinema. Florzinha foi comigo. Como me senti importante! Porque com uma moça bonita como ela dá gosto de estar ao seu lado causando inveja a todos os companheiros. Fomos ao cinema sozinhos. Fiquei cheio de vaidade por isso, acrescendo-se que o dr. Oscar me disse, ao sair:— Tome conta dela direitinho...

Na escuridão do cinema, olhando os olhos negros, negrissimos de Florzinha, o meu coração começou a pulsar desordenadamente e, entre admirado e apreensivo, fiquei pensando como nuns olhos tão pretos como os de Florzinha podia haver tanta luz. Como?

Já estraguei dezenas e dezenas de folhas de papel, tentando fazer o rascunho da dedicatória que devo pôr no álbum de poesia de Florzinha. Ela me deu para escrever qualquer coisa, como lembrança. Botei uma poesia de Castro Alves. Mas a dedicatória me deu mais trabalho que todas as provas juntas de matemática. Finalmente, cansado, com os dedos sujos de tinta, caprichando na letra, escrevi, abaixo da poesia, o que se segue: — "Florzinha, quando ler esta poesia, lembre-se de mim."

Feito isso, dormi satisfeito. E sonhei com a garota.

Depois daquela primeira tentativa, nunca mais falei de namoro com Florzinha; não por falta de vontade. Entretanto, a coragem... não tenho coragem para tanto, muito embora Florzinha me dissesse, naquele dia, que queria ser a minha namorada.

Ando, por isso, imaginando um meio de dizer a ela que o que sinto não é, apenas, amizade, mas amor; um amor violento, que não me deixa dormir direito; que me põe diante dos olhos, a todo momento, a imagem dela, nítida, doce, real... Sim, preciso! Preciso dizer-lhe que ela é a única que me interessou, a única que amo, que amarei sempre.

Depois de muito pensar, hoje me decidi. Mandei entregar a Florzinha um bilhete no qual fazia minha declaração. O bilhete, como a dedicatória, custou-me tempo e trabalho. Na sua elaboração, gastei horas e horas, creia-me. Porque achava sem jeito escrever assim: — Eu te amo, Florzinha, etc. Por isso, depois de muito matutar, arranjei isto: — "I love you and you love me?" Nisso ia todo o meu inglês, todinho.

Feito isso, aguardei a resposta, que se não fez demorar. A minha bela escreveu num português claro: — "Eu também o amo". Só. Para que mais?

— Conclue no fim da revista —

AGONIA DAS COUSAS

EDESIO ESTEVESES

Senhor!
Afastai de mim
esse fragor surdo de vozes
que vem rolando, rolando,
para a convulsão dos abismos;
afastai de mim
esse clarão gigante
de milhões de sóis
que me cegam os olhos!

Senhor!
Olho angustiado para o céu,
mas não vejo nenhuma estrela.
A lenda do luar
não canta mais elegias
para a mansidão dos lagos
e para o vai-vem das ondas.
Não há mais segredos de amor
na carícia do vento
para a beatitude das árvores!

Senhor!
Aumenta o fragor surdo das vozes
que vem rolando, rolando,
para a convulsão dos abismos,
prostituindo a inocência das flores
e o silêncio dos ciprestes

N. R. — A poesia acima foi publicada na edição de Julho de ALTEROSA com um engano no nome do autor, que é Edesio Esteves, e não Edesio Fernandes, como saiu.



Reinado de São Benedito, na cidade de Passos, em Minas. No cliché vemos o rei, a rainha, o governador geral, os príncipes e as princesas.

A origem do reinado em Minas Gerais

POR JOÃO DORNAS FILHO

OMES de agosto, ou o mês do Rosário, lembra em Minas Gerais uma festa meio pagã, meio religiosa, de fundo e origem africana, que está desaparecendo à força da compreensão católica que a persegue sistematicamente. É o "reinado", ou "reizado".

Parece fora de dúvida que o "reinado", "reizado", "congada" e outras festas religiosas de fundo africano que existem em Minas Gerais tiveram a sua origem na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia da Senhora do Pilar de Ouro Preto, eretta em 1715 e tendo os seus estatutos aprovados e confirmados pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Francisco de São Jerônimo.

Tendo esses primeiros estatutos desaparecido, em virtude de desentendimentos e rixas entre os irmãos brancos e pretos, foram em 1733 confirmados outros, com algumas e curiosas modificações, como as do capítulo I, que rezava: "Toda pessoa, preta ou branca, de hum e outro sexo, fôrro ou cativo de qualquer nação que seja, que quizer ser Irmão

desta Irmandade, irá á mesa, ou á casa do Escrivão da Irmandade pedir-lhe faça assento de Irmandade." E que, pelos antigos estatutos, os cativos não podiam ser Irmãos, e, como o número dêsses era bem maior do que o de fôrros, os brancos, em pouco tempo, se assenhorearam da direção, como aconteceu com os primeiros estatutos, que desapareceram criminosamente com o fim de ser secularizada a Irmandade e afastados os negros, nascendo daí rivalidades bem sérias.

Mais significativo do estado de ânimo entre os Irmãos pretos e brancos é o capítulo XXII, que declara: "Ordenamos e havemos por bem que todos os brancos que nesta Irmandade servirem de Protetor, Escrivão e Tesoureiro fiquem sendo Irmãos desta Irmandade, e gozando de todas as graças e Indulgências a ela concedidas, e de todos os sufrágios, e obras mereditórias que fizer, para o que assinarão termo e pagarão anual como os mais Irmãos, porém não pagarão entrada, atendendo ao trabalho que tem em zelar e administrar esta Ir-

mandade, e seus bens, com declaração porém que não terão voto em mesa (o grifo é meu) mais que no tempo em que servirem de oficiais dela nem a Irmandade será obrigada a casar, nem a acompanhar sua mulher, filhos si casados forem, só sim, sendo estes Irmãos; Porém aos filhos do matrimônio de nossos Irmãos pretos os acompanhará a Irmandade, e lhes dará sepultura, estando debaixo do patrio poder, mas não se lhes farão sufrágio."

Mas, o traço de rebeldia que se encontra nesses novos compromissos não fica ai. O capítulo XIV se destina também aos párocos e é interessante transcrevê-lo: "E porque esta Capela foi feita a expensas da devocão e Fleis, sem que para a sua fatura, ornatos ou guizamento corresse em tempo algum o Pároco desta freguezia; e estes costumam só desfrutá-las, querendo-se-lhe pague fábricas sem acompanharem os Irmãos, e ainda sepulturas, sendo elos enterrados nesta própria Capela, sem mais zélo e caridade que o dá sua ambição por não ser ela filial em ra-

ção de não ter concorrido a mãe com causa alguma, se não pagará nada ao dito Pároco, ou Fábrica, e será só sujeita no temporal aos Doutores corregedores, e no Espiritual ao Exmo. e Revmo. Bispo e ao seu Pe. Capelão, etc..."

Finalmente, foram os estatutos aprovados pelo Diocesano e confirmados por D. Maria I a 27 de janeiro de 1785. Na provisão real foi declarado, entretanto, que fossem respeitados os direitos paroquiais e que essa declaração fosse dada em termo de Mesa Geral assinado por todos os Irmãos. (1)

(1) — Está assim redigida a petição de aprovação:

"Dizem o Juiz e mais oficiais e Irmãos de N. S. do Rosário dos Pretos, sítia em Capela particular do arraial do Padre Faria, Freguesia de N. S. da Conceição de Antônio Dias, que para bom governo e economia da dita Irmandade lhe tem feito o compromisso inclusivo, pelo qual se querem reger, em razão de se lhe destruir e corromper o que tinham a princípio confirmado pelo Ilustríssimo Antecessor de V. Ilma, e porque para maior validade do dito compromisso desejada sua confirmação, pedem a V. Ilma. Ihes faça mercê mandar passar. Provisão de confirmação na forma que em semelhantes só pratica; e recebendo mercê".

O Bispo despachou: "Juntem a licença para ereção da Irmandade

— Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1733". E foram obrigados, por esse despacho, a promover uma justificação perante o vigário colado de Antônio Dias, dr. Felix Simões de Paiva, porque o documento exigido havia muito se perdera.

O que mais nos interessa, porém, nestas ligeiras notas, é o capítulo II do compromisso, que determinava: "Haverá nessa Irmandade hum Rei e huma Rainha, ambos pretos de qualquer nação que sejam, os quais serão eleitos todos os anos em massa e mais votos, e serão obrigados a assistir com o seu estado as festividades de Nossa Senhora, e mais Santos, acompanhando no último dia a Procissão atraç do Pálio".

Acho que está aqui a origem do "reinado", festividade que ainda se realiza em várias localidades de Minas. Aliás, Diogo de Vasconcelos, tratando do Chico-Rei na "História Antiga de Minas Gerais", nos dá elementos para julgar desse modo: "Francisco foi aprisionado com toda sua tribo, e vendido com ela, incluindo sua mulher, filhos e subditos. A mulher e todos os filhos morreram no mar, menos um. Vieram os restantes para as minas de Ouro Preto. Resignado à sorte, tida por costume na África, homem inteligente trabalhou e forrou o filho;

ambos trabalharam e forraram um compatrio, os três um quarto, e assim por diante até que, liberta a tribo, passaram a forrar outros vizinhos da mesma nação. Formaram assim em Vila Rica um Estado no Estado. Francisco era o Rei, seu filho o príncipe, a nora a princesa e uma segunda mulher a Rainha. Possuía o Rei para a sua coletividade a mina riquíssima da Encardideira ou Palácio Velho. Antecipou esse negro a era das cooperativas e precursorou o socialismo cristão". E mais adiante: "No dia 6 de janeiro o Rei, a Rainha e os Príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos em ruidosas festas africanas à Igreja para assistirem à missa cantada, e depois percorriam em danças características, tocando instrumentos musicais indígenas da África pelas ruas. Era o "reinado" do Rosário".

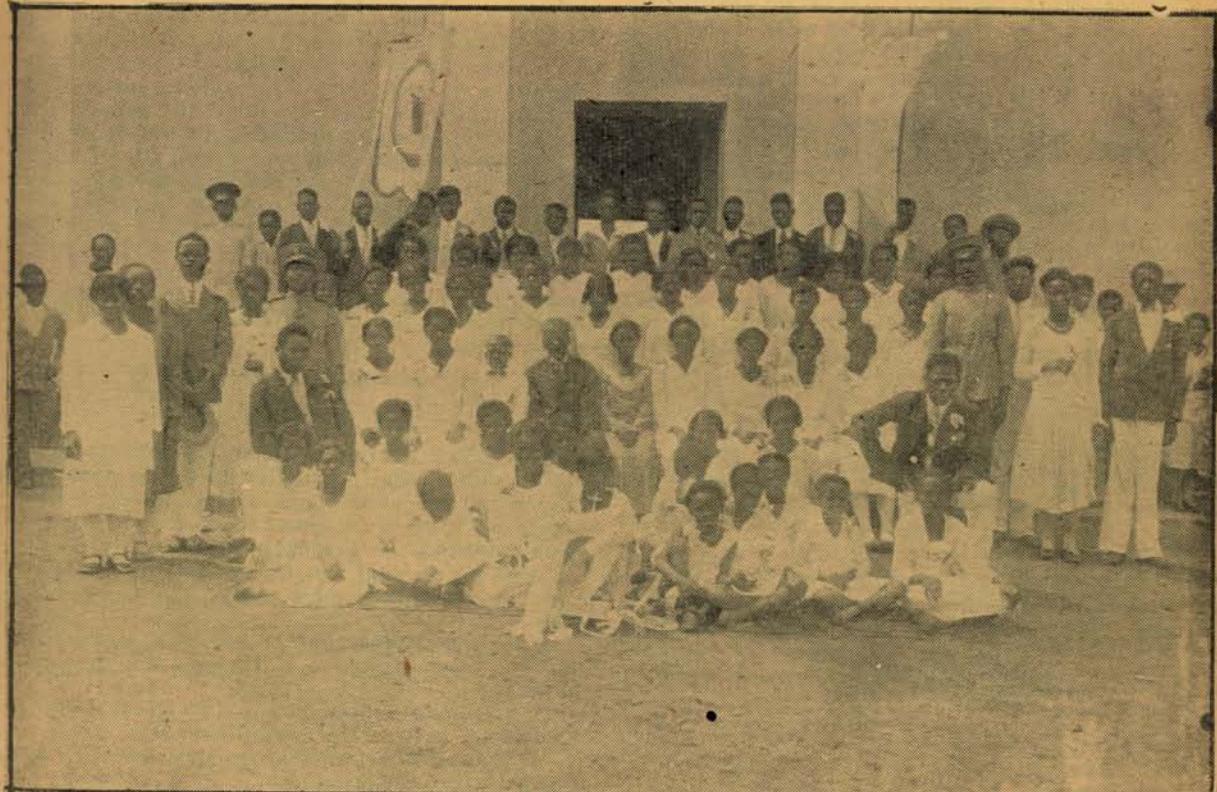
E Chico Rei pode ser considerado o primeiro monarca do Rosário no Brasil.

Hoje o "reinado", mesmo sob a invocação da Senhora do Rosário, ainda se realiza em Minas a 15 de agosto, 6 de janeiro, 7 de outubro, 24 de dezembro, etc. com grande influência do carnaval e outras festas de origem estranha à sua ascendência negra.

*

*

*



Outro flagrante do reinado em Passos. — O reinado do Rosário obedece ao mesmo ceremonial.



Heide sempre te adorar
Heide comigo viver
Heide comigo acabar
Heide amar-te até morrer.

E mesmo depois de morto
Como a alma não pode morrer
Ella sempre te haverá amar
Sem mudança nunca haver.

Paulo José Velho Barreto.

* * *

SEJAMOS SOCIAVEIS

AS VISITAS são essenciais para cultivar uma amizade ou uma relação. Às vezes, ouve-se censurar aos que não pagam as visitas recebidas, e até com certo azedume. Devo esclarecer que sempre que não se incorra em exageração, aquêles que não pagam as visitas recebidas, ainda que não seja seguindo uma ordem estrita, se impõem a não ser visitados com o correr do tempo, porquanto sua atitude pode perfeitamente ser tomada por indiferença.

Não é raro que o esquecimento de uma prática tão corrente, como seja a de pagar as visitas que recebemos, dê origem ao esfriamento das relações e até a uma ruptura das mesmas, por influência do tempo transcorrido, ao ser notada frieza manifesta por uma das partes. Não se trata de levar em conta o número exato de visitas trocadas e observar uma reciprocidade continua. Isto em certas ocasiões resulta sempre difícil, mas não é correto estar fazendo visitas que não tenham retribuição. Essa prática seria indicio eloquente de que não se deseja cultivar esta amizade ou que não ha maior interesse em estreitá-la.

* * *

A FAMILIA

NO QUADRO da vida de família ha lugar para muitas variedades e coisas. O homem passa pelas etapas da meninice, juventude, maturidade e velhice; primeiro, cuidam dele os de-mais; depois ele passa a cuidar dos outros. E na velhice torna a ser cuidado. Primeiro obedece e respeita a outros, depois é respeitado e obedecido por sua vez, em maior proporção à medida que envelhece. Sobretudo, empresta colorido a este quadro a presença das mulheres. Nesta pintura da continua vida familiar entra a mulher: não somente como esposa, mas como parte vital e essencial da árvore da família; precisamente o que faz possível sua duração. — *Ling Yutang.*

* * *

ASTUCIA

UM ASTROLOGO da corte de Luiz XI salvou a vida graças à astucia. Havendo previsto a morte de uma dama, que o Rei amava, e como assim acontecesse, o monarca cheio de ira fê-lo comparecer à sua presença. Ordenou à sua gente que, a um sinal seu, se apoderasse desse homem e o arrojasse pela janela. Disse ao astrologo:

— Já que és tão sábio e advinhas a sorte dos outros, diz-me a tua e o dia fixo em que morrerás.

O astrologo secretamente advertido do desgno real, respondeu tranquilamente:

— Senhor, asseguro-vos que morrerrei três dias antes de Vossa Majestade.

Ante tal resposta, o rei não quis dar o sinal combinado para eliminá-lo. Pelo contrario, o cumulou de comodidades afim de prolongar-lhe a existência, com temor de perder a sua, a prazo fixo.

POESIA ESCRITA HA MAIS DE 150 ANOS

A distinta poesia diamantinense, D. Mariana Higina de Miranda, que ha pouco teve a ventura de festejar com seu esposo o Sr. Pedro Miranda as suas bodas de ouro, colheu nos arquivos daquela cidade e enviou de presente a Abílio Barreto o precioso autografo, que aqui reproduzimos, contendo delicada e sentida poesia composta, escrita e ilustrada a bico de pena pelo bisavô deste, sr. Paulo José Velho Barreto, ha mais de 150 anos. Para maior facilidade na leitura de tão precioso autografo, vão aqui transcritos os versos, cuja publicação nos foi facilitada por Abílio Barreto. Eis a poesia do autografo:

MOTE

Porque nasci desgraçado.

GLOSA

Nesta horrorosa masmorra
Eu me vejo encarcerado
Sofrendo cruel destino
Porque nasci desgraçado.

De cara prensa adorada
Eu me vejo separado
Entregue a dor da saudade
Porque nasci desgraçado.

A sofrer cruel destino
Eu me vejo condenado
Sem remedio hei de sofrer
Porque nasci desgraçado.

Mas assim mesmo infeliz
Sempre sempre a padecer
Minha firmeza é a mesma
Hei de amar-te até morrer.

Não pode oh! Senhazinha
Minha inconstância temer
Como teus olhos me enflamão
Hei de amar-te até morrer.

Canto de todos os Calvários

poema de
MURILO ARAUJO

PARA
ALTEROSA

ilustração de
ANTONIO ROCHA

Toda a nave se engolfa em um mar de fulgores.

A Paixão de Jesus
hoje é pura apoteose,
em céus de incenso, em turbilhões de flores,
em arco íris de luz.

E, ajoelhado orando - ah! perdoai-me, Senhor! -
fundí, num só fervor profundo,
os tormento de Deus e os tormentos humanos,
os Gólgotas do mal quotidiano,
os calvários humilímos do mundo.

Oh o calvário
lóbrego e longo em cada morro eruciente
galgado às vezes por um misero operário
com o remédio final para um dos seus agonizantes!

E o calvário
da escadaria de aço enorme e dura,
em que outro vai, num dia de infortúnio,
na sua via-sacra de amargura,
buscar o trem tristonho do subúrbio,
para, num choque de vagons, estraçalhado,
seguir como um farrapo,
ao som dos truques dos engastes imprecando:
"oh desgraçado! oh desgraçado! oh desgraçado!"

E o calvário dos pálidos velhinhos,
nos últimos arquejos!
Como seguem vergados nos caminhos
com o madeiro do tempo
e a coroa de espinhos!

Ou o calvário que ensanguenta a face agônica
dos foguistas a arder nas grelhas monstros
movendo pás pesadas de carvão -
imagens em suor que não têm Verônicas,
curvas, como se fosse feita em bronze,
a cruz que os joga exaustos para o chão!

O calvário febril do hospital, aos soluços,
nas salas frias, desoladas, grandes,
onde há os que dobram com a dispneia, de bruxos,
arfando como se galgassem os Andes...
e os que no coma forte, em rumor estertoram:
"é a morte!...
é a morte!..."

Os calvários sem nome!
Os dos mineiros, penitentes do antro eterno,
que, vivos mesmo, a sepultura acoita
e que, vivos, desceram já aos infernos,
ao sumidouro negro, entre as dobras da noite...

Os calvários malditos!
Os calvários galgados aos rastejos no lodo,
nos horrores, na cruz dos arames farrapados,
nas explosões de obuzes dôdios — dôdios! —
que arrojam corpos mutilados...

E até os calvários trágicos e ocultos dos artistas -
Senhor —
quando em tumulto
rasga-se o véu do templo em pezadelos
e, açoitado de luzes, o seu vulto
soluça numa crucificação de estrelas...

Perdoai-me, Senhor...
A vossa Dor foi grande, essa Dor que adoramos,
porque era alto e perfeito o vosso Amor.

Mas perdoai-me pensar nos calvários humildes
dos que nunca tiveram um domingo de Ramos
em sua estrada escura de amargor!

Perdoai-me junto às cruzes torturadas
dessas vidas extremas
- pobres cruzes de estrada entre cascalhos nus -
acender em fervor este poema,
que é um cirio pobre, ardendo em lágrimas de luz.



de mês a mês.
 texto e versos de
Guilherme Tell
BONECOS DE
ROCHA.

Em Paris ninguém agora se casa sem licença das autoridades alemãs. Acontece, porém, que o processo de permissão leva, as vezes, um ano a sair.

O povo francês reclama,
 E faz bem em reclamar,
 Na terra em que mais se ama
 E' bem difícil casar.

O noivo que não percebe,
 Porque a tal ordem não sai,
 Quando a licença recebe,
 Já está farto de ser paiz...



Foi preso, no Rio, um rapaz que, em pleno baile, pediu a palavra para cacetear os pares com um longo discurso.

Ninguem a verdade empana
 Que ela aparece qual é:
 Na dança, ninguém se engana,
 Quem tem a palavra é o pé.

De por um fim na tal festa
 O orador não teve geito:
 O "verbo" a mulher detesta
 Quando dansa com um sujeito.



Noticiam os jornais cariocas que, no momento de ser preso, um "bicheiro" engoliu a lista de jogo que trazia no bolso.

Sem sentir grandes abalos
 Ou mesmo complicações,
 Comeu quarenta cavalos,
 Poz, no bucho, três leões.

O moço, quem tal diria?
 A muita inveja faz jus,
 Nesta hora de carestia
 Teve um jantar de perus...



Noticiam os jornais que as grandes companhias de seguro de vida, além do exame médico, estão exigindo, dos candidatos, o exame grafológico.

Ninguem da ciência abusa,
 Linha grossa, linha fina...
 A letra, as vezes, acusa
 A falta de vitamina.

A ciência maravilha,
 Que toda gente acredite:
 Ha, na falta da cedilha,
 Sintomas de apendicite...



Um cientista descobriu que o ciúme é a causa da queda dos cabelos.

Fica a gente emocionada
 Sente magua e sente dór:
 Quanta cabeça pelada
 Por causa de um louco amor!

Repele a mulher, repele,
 Que, de todo, não convem:
 Além de tirar a pele,
 Nos tira o pélo também.

ECONOMISARÉ ENRIQUECER

ADMIRE OS NOTAVEIS EFEITOS DA PREVIDÊNCIA
E ACOSTUME-SE A USÁ-LA EM BENEFÍCIO DE
SEU PRÓPRIO FUTURO:

A pequena quantia de Cr. \$20,00 (vinte cruzeiros), depositada mensalmente, aos juros de 6% ao ano, capitalizados semestralmente, representará ao fim de:

1 ano	Cr\$ 247,90	10 anos	Cr\$ 3.280,90
2 anos	Cr\$ 510,80	15 anos	Cr\$ 5.808,90
3 anos	Cr\$ 789,80	20 anos	Cr\$ 9.206,50
4 anos	Cr\$ 1.085,70	25 anos	Cr\$13.772,40
5 anos	Cr\$ 1.399,70	30 anos	Cr\$19.888,70

Importância depositada em 30 anos: Cr\$ 7.200,00

Renda de juros em igual período: Cr\$12.688,70

COFRES DE ALUGUEL

PARA GUARDA DE VALORES, JOIAS,
APOLICES, DOCUMENTOS, ETC.

SERVIÇO DE 9,30 ÁS 17,30 HORAS

TABELA DE PREÇOS

Número	DIMENSÕES			PREÇOS	
	Altura	Largura	Fundo	6 meses	1 ano
1	.10	.26	.50	45,00	80,00
2	.15	.26	.50	55,00	100,00
3	.20	.26	.50	65,00	120,00
4	.24	.52	.50	100,00	200,00
5	.54	.52	.50	150,00	280,00

BANCO DE MINAS GERAIS S/A
6% AO ANO EM DEPÓSITOS POPULARES

MATRIZ: RUA ESPIRITO SANTO, 527 — BELO HORIZONTE
FILIAL: AV. GRAÇA ARANHA, 296 — A — RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS:

Abaeté, Arcos, Bambuí, Bom Sucesso, Carmo do Paranaíba, Conselheiro Lafaiete, Cordisburgo, Dóres do Indaiá, Formiga, Ibiá, Juiz de Fora, Lagôa da Prata, Luz, Mariana, Oliveira, Perdões, Pirapora, Piumhi, São Gotardo, São João del Rei e Sete Lagões.

A rainha Elizabeth, em visita à "Casa da Índia", conversa com moças indus, examinando provisões que estão sendo empacotadas para os soldados indus que lutam no Oriente.

*

Nas usinas aeronáuticas, as moças britânicas trabalham com eficiência ao lado dos homens. Eis aqui uma jovem operária batendo rebites na fuselagem, dentro da torre de um avião "Defiant" em construção.

★

EXERCITOS FEMININOS NA INVASÃO DA EUROPA

● Milhares de mulheres que hoje estão na farda como quaisquer soldados, mais tarde, poderão contar aos netos que ajudaram a derrotar Hitler e a devolver a liberdade ao mundo.

★

Sarah Evans e Doris Borill, duas senhoras inglesas — a primeira tem um irmão prisioneiro na Alemanha e a segunda perdeu o marido no Extremo Oriente — enchem duas cápsulas de bombas de 500 libras que serão lançadas contra os alemães.

*

Essas duas moças inglesas, que trabalham numa fábrica de munições, durante alguns momentos de folga, procuram conhecer a guerra mais de perto. Resultado: entram na cabina de um "tank" e recebem instruções de um sargento, de como manobrar o possante carro de guerra.





O HOMEM foi feito para a guerra e a mulher para o descanso do guerreiro. Frase antiga nem mais nem menos. Acabou-se esse tempo. Hoje a mulher é um soldado como outro qualquer, está em armas, uniformizada e equipada. Toma parte ativa na guerra. Nos raros momentos de folga, quando vira o mimoso rosto sujo de pólvora para o homem que ama, o espetáculo humano que se vê é simplesmente este: um guerreiro ao lado de uma guerreira.

A guerra está sendo seguramente ganha pelos Aliados. Nessa vitória, a mulher britânica e norte-americana tem uma parte apreciável da glória. Quando a Europa for reconquistada para a liberdade democrática, depois de quebradas as portas que cercam a fortaleza de Hitler.

— Conclue no fim da revista —

Na residência de campo dos reis da Inglaterra, a Princesa Elizabeth, secretaria particular de Jorge VI, deixa-se fotografar — um quadro campestre — ao lado de seu "real pony" branco.

Fardada e equipada, com mochila, impermeável, cantil e capacete, a mulher britânica de hoje é um perfeito soldado.

Mary Burton cantora e dansarina, está na farda, como qualquer soldado. Serve agora no Comando do Norte da Inglaterra, mas antes prestou relevantes serviços durante os bombardeios de Londres. Moça meteorologista da RAF, pertencente às Wiffs, entrega a papeleta que esclarece as condições do tempo a um sargento piloto que está de partida para um ataque à Alemanha.

OUTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTOS E BONECOS

DE OSVALDO NAVARRO

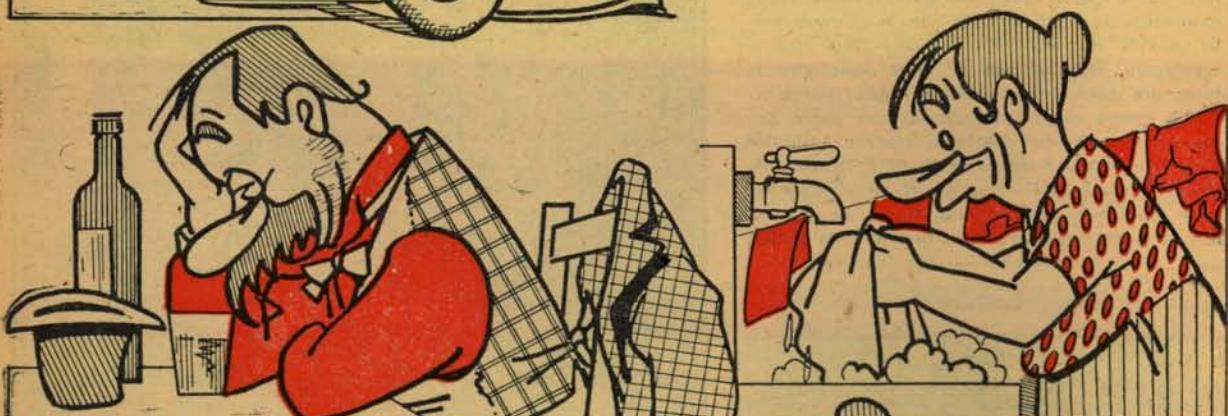
Para ALTEROSA

Orozimbo Antonio Fragoso, brasileiro, casado, pau d'água e pelo nome, filho de algum fragoso, nunca procurou emprego porque se julga tão caipora que pode encontrar.

E' um "chuva" diferente, talvez superior. Não alega desgosto ou alegria para justificar suas *camoécas* e foge das más companhias. Andando só, paga bebida apenas para si.



...a Marcolina, vai se acabando no lésco-lésco. Ultimamente, porém, com espanto das amigas, tem se mostrado alegre e satisfeita...



Enquanto. Fragoso, em "panne" dorme nas mesas dos botecos, sua mulher...



Quinta-feira, D. Leontina lembrou: — Marcolina, porque você não faz uma promessa? Em Congonhas há testemunhos de tantos casos assim... Lembra-se do marido da Belmira? Marcolina aceitou, em princípio... — E', D. Leontina... Mas vamos deixar para mais tarde. Agora não vejo vantagem. Quando o Orozimbo chega embriagado eu lhe dou café sem açúcar...

A MULHER E O "GLAMOUR"

ESTE é o tipo de mulher que maior vantagem pode tirar de tudo, quer seja em modelos, tecidos, enfeites e principalmente das cores, contanto que todas estas coisas fiquem bem com a tonalidade da cutis.

Para toaletes de jantar, baile ou qualquer outra grande ocasião, devêrão preferir os tons: branco, prateado, dourado, preto ou vermelho bem vivo. Os adorpos devem ser bem bonitos, sendo preferível optar por um só enfeite, que complete a toalete.

Pulseiras, brincos e colares devem ser usados com discrição, afim de evitar que pareçam, não só as mulheres destes tipos, como também as de outros, verdadeiros mostruários de bijouteria, de péssimo gosto.

Quanto à maquilage, deverá ser bem moderna, contanto que não atinja o exagero. E' necessário cuidar rigorosamente dos menores detalhes, tendo em mente que cabelos mal penteados e unhas por fazer dizem muito mal do gosto da pessoa e não se adaptam, em nenhuma hipótese, com a toalete "chic" e elegante. Do mesmo modo acontece com a maquilage horrada e exagerada, que pode deformar o rosto mais bonito e expressivo...

*

PILHAS ELETRICAS

O dr. Wilhelm Hoenig descobriu, há pouco tempo, ao realizar uma escavação em Khujut Rabua, no Irak, um aparelho que se podia considerar como uma pilha capaz de produzir uma corrente elétrica de pequena voltagem. Constava esse instrumento de uma vasilha de barro, em cujo interior se encontrava um cilindro de cobre, coberto interiormente por uma capa de asfalto e fechado por um tampão do mesmo material, atravessado por um pedaço de ferro cilíndrico de cerca de um centímetro de diâmetro. Esse curioso aparelho, que se pode considerar como uma pilha rudimentar, foi encontrado entre objetos de que remontam a 250 anos antes de Cristo.

*

PARA AVIVAR E CONSERVAR A PELE

TERMINADO o banho, deve-se fazer ligeira fricção sobre a pele. Essa massagem pode ser realizada pela propria pessoa e se torna, indiscutivelmente, uma questão de máxima necessidade, pois conserva o vigor dos tecidos, aumenta a circulação, regulariza o funcionamento dos órgãos, sendo, em uma palavra, um ótimo estimulante vital.

PREFIRAM sempre os materiais para construções e os moveis da "A INDUSTRIAL", que levam como garantia de qualidade a marca registrada.

A INDUSTRIAL

FUNDADA EM 1903



AUGUSTO DE SOUZA PINTO

INDUSTRIAL E CONSTRUTOR

TEL. 2-3733 e 2-3174-AV. TOCANTINS, 809-B. HORIZONTE

MATERIAL
CERAMICO
SÃO CAETANO

FERRAGENS
EM TODOS
OS ESTILOS

Cimentos Portland, Perús, Votoran, Itaú.

Esquadrias modernas. Janelas "Luminar" da "A INDUSTRIAL" são de reputada fabricação e comprovada qualidade.

EXPERIENCIAS

O dr. Carrel conseguiu demonstrar que o coração pode viver e pulsar fora do corpo. Fez varias experiências com corações de galinhas e em um caso logrou conservar um vivo, pulsando normalmente durante três meses.

Evite! Trate!
PYORRHEA - GENGIVAS DOENTES
MAU HALITO - ESTOMATITES
ODORANS
ANTIDEPRESSIVO EFICAZ PARA A BOCA E A GARGANTA
Resultados surpreendentes!

O GIGANTE DE "QUO VADIS"

DEPOIS de tanto tempo, tanta busca, e tanto "test"... afinal, foi encontrado o tipo ideal para encarnar o gigante Ursus no grandioso tecnicolor "Quo Vadis", que a Metrovem tentando realizar há provavelmente mais de um ano! Consta que será uma das maiores produções de todos os tempos, longa métragem, só mesmo comparável a "...E O Vento Levou". O futuro Ursus, guardião de Ligia, a donzela cristã do romance de Sienkiewicz, foi rejeitado de servir no exército americano por ser alto demais. E' filho do altíssimo Victor McLaglen, chama-se Andy McLaglen e tem 2m, 4½c. (dois metros e quatro e meio centímetros). O produtor Arthur Hornblow está "assombrado" com a constituição física do rapaz...

PURGAMIL

PURGATIVO - LAXATIVO -
REGULADOR das funções intestinais. Excelente contra a prisão de ventre. Em comprimidos. Sem qualquer gosto. Para adultos e crianças.



ENVELOPES COM 2 COMPRIMIDOS



Crianças inglesas recolhidas a um Parque, onde são tratadas com carinho e muito cuidado. São as mais belas crianças do mundo, diz o nosso entrevistado.

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM A' INGLATERRA

A VIAGEM NUM BOMBARDEIRO — A INDUMENTARIA E O LUAR ESTRATOSFERICO — O DECALOGO DA AUSTERIDADE — SÓ PELAS CRIANÇAS INGLESAS VALE A PENA FAZER A GUERRA — PADRES E FREIRAS SE PREPARAM COMO OS CIVIS, PARA A DEFESA DA PÁTRIA — CURIOSAS REVELAÇÕES DO REVMO. PADRE ANTONIO DE PAULA DUTRA A' REPORTAGEM DE "ALTEROSA", DEPOIS DE SUA VOLTA DA GRÃ-BRETANHA

ERA nosso desejo, desde há algum tempo, conversar com o Padre Antônio de Paula Dutra, depois de seu regresso da Inglaterra. Entretanto, nem sempre surgem oportunida-

des e a conversa ia ficando para mais tarde.

Outro dia, um feliz acaso nos pôs frente a frente com o conhecido padre, sem dúvida nenhuma, um dos

mais destacados valores do clero nacional e figura de projeção e largo prestígio entre o povo mineiro. Padre Dutra esteve há pouco no grande país de Churchill, a convite do chefe da igreja inglesa, Cardeal Hinsley, falecido há pouco.

— Vai bem, Padre?
— Mais ou menos, e você?...
— Sempre a procura do senhor.

— Por que? Ou para que?
— Para conversar sobre a viagem.
— Que viagem?

— A' Inglaterra.
— Faz tanto tempo e só agora você se lembra disso?

— Sempre me lembrava, mas o difícil era encontrá-lo.

— Afinal, que é que você quer?
— As suas impressões da viagem, da visita que fez àquele país. O senhor sabe que são os nossos leitores quem mandam na revista e pedem sempre novidades.

**A VIAGEM NUM BOMBARDEIRO
(A INDUMENTARIA E O LUAR)**

— Bem, meu caro padre, para começar, pode falar sobre a viagem em si. Por exemplo: a viagem num bombardeiro.



O Padre Antônio de Paula Dutra, quando falava ao nosso redator.

— Embora muito interessante, a viagem nos aviões da Panair deixa de oferecer a impressão de guerra, aquela impressão forte que se tem numa viagem, como a que fiz, em avião de bombardeio, entre a América e a Escóssia. São vinte e uma horas de austeridade e compressão. Naturalmente, devemos guardar sigilo sobre as etapas, mesmo porque, em Nova Iorque e Washington, ao recebermos instrução da Royal Air Force Ferry Command, lemos, entre muitas coisas contidas em 10 páginas datilografadas, uma frase assim: "Esperamos a vossa discreção em paga da confiança que depositamos em vós". Duas coisas, entretanto, me impressionaram particularmente: as vestes pesadíssimas e o luar do Atlântico Norte. Quando se toma o bombardeiro, vai-se vestido de couro e lã, por fora e, de vez em quando, é preciso de se forrar internamente com "gin" e "whisky". Sobre a vestimenta habitual...

— Sobre a batina? Indagamos.

— Não. Não é hábito ordinário do clero naquelas paragens a batina. Traja-se como os civis, com um peitilho preto e o colarinho eclesiástico. Mas, como ia dizendo, sobre a vestimenta habitual — inteiramente folgada no corpo (ligas, sapatos, cinto, etc., se ficassem apertados farão coagular o sangue, nas alturas estratosféricas e podem ser causas de pequenas "gélures" muito perigosas) vestem-se os macacões de couro e lã, com botas, luvas, capacete, este último também de couro e lã. Sobre isto, vem o suspensorio do paraquedas, em cujos fivelões se atarracham uma caixa de oxigênio com a máscara e mais a máscara contra gás. O aparelho de oxigênio é ligado (quando necessário) por um tubo de borra-



**"QUE SE
REPITAM
PRATOS
COMO
ESTE!"**

**VERIFIQUE
O ACAMPAMENTO
INDÍO EM
CADA PACOTE**

**À VENDA EM
TODA PARTE**

**É o que dirão seus filhinhos ao saborearem
sopas, pudins ou cremes preparados com
Maizena Duryea. Dê-lhes sempre alimentos
saborosos e altamente nutritivos, preparados
com a incomparável**

**MAIZENA
DURYEA**

LTDA.

cha a uma torneirinha fixa na parede do avião. E sobre tudo isto, veste-se uma espécie de casula para a Missa — amarelada e grossa: trata-se de um pequeno barco salvavidas, que se enche automaticamente, depois de romper-se um dispositivo elemen-

taríssimo. E assim, inteiramente desfigurados que subimos às grandes alturas.

— Quer dizer, que nem se podia conversar a bordo?

— Nada disso. Essa grande e pesada indumentária não impedia absolutamente que conversássemos animadamente, e chegávamos mesmo a andar um pouco a bordo, quando não nos faltava a coragem... A's vezes,

— Conclue no fim da revista —

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltar à Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobreveem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



Flagrante colhido num exercício de defesa passiva especial para os pais e freiras que, como os civis, se preparam para a defesa da Pátria.



“Conservai

PARA OS VOSSOS FILHOS,
GRANDE E INDIVISÍVEL,
O BRASIL QUE LEGAMOS
AOS NOSSOS NETOS ”

SUBSCREVAM
**OBRIGAÇÕES
DE GUERRA**

- Juros de 6 o/o ao ano
- Títulos ao portador.
- Coupons pagáveis em Março
e Setembro.

•
UMA SEGURA APLICAÇÃO DE CAPITAL
UM VERDADEIRO ATO
DE PATRIOTISMO

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS
S/A

SUBSCREVER BONUS DE GUERRA É EMPRESTAR À PÁTRIA

Alterosa

DIRETOR - *Miranda e Castro*

CONVERSA INOCENTE SOBRE CINEMA

CIVE A SORTE DE VER, há tempos, dois pequenos filmes de Carlitos. Duas comédias inteiramente do grande cômico: lá estava o artista genial que nos deu "Luzes da cidade", lá estava com seu jeito próprio e inimitável. Mas não se pode afirmar que seja assim tão inimitável depois daquele fato que mais parece uma anedota e que, no entanto, é a pura verdade. Realizou-se nos Estados Unidos um concurso para saber quem melhor imitava Carlitos. Para passar uma peça na comissão julgadora, Carlitos resolveu comparecer, em carne e osso. Qual não foi o seu espanto, porém, quando se viu classificado em 7.º lugar!

Vendo as comédias de Charlie Chaplin, me lembrei dos velhos tempos do cinema mudo e me transportei a outros dias bem mais camarádas do que estes. Então, não havia dúvida sobre o cinema: era a última palavra. Depois, com o aparecimento do cinema falado, surgiram as dúvidas. Ainda há pouco, no Rio, alguns intelectuais discutiram à vontade o problema, uns pró e outros contra. Quer dizer: uns a favor do cinema mudo e outros contra. No fundo, o que se queria saber é se a simples imagem projetada na tela, sem nenhum som, pode exprimir exatamente o que se deseja exprimir. A discussão foi longe e, após várias opiniões, nada se concluiu. Não cabia mesmo conclusão: a questão continua em suspenso e cada um pode meter a sua colher.

Mas não vamos meter a nossa colher. Vamos apenas falar de cinema sem outra preocupação senão a de contar coisas. E' sempre bom conversar, confidencialmente, mineiramente. Em 1932, assisti num cineminha de uma cidade do interior a um filme em que apareciam, en-

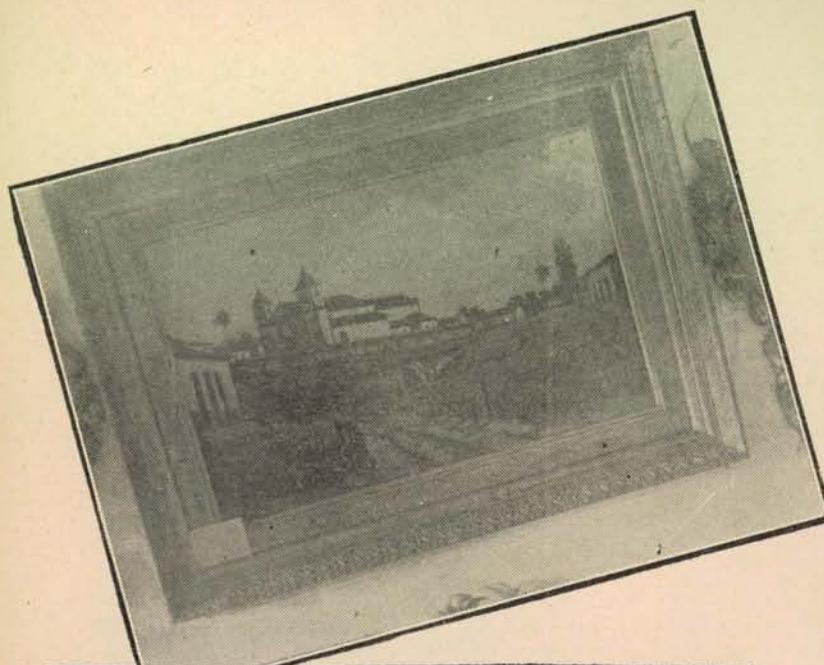
tre outros cavalheiros de saudosa memória, Ramon Novarro e Reginald Denis. A certa altura, houve um tremendo duelo entre os dois. Ramon Novarro era o herói, enquanto o outro representava o vilão. Logo os assistentes se levantaram, aplaudiram, torcendo pelo herói. Não fôsse morrer o garboso herói! E quando o pálido e romântico Ramon Novarro conseguiu dominar o adversário, cravando-lhe a faca no rotundo ventre, a assistência bateu palmas, com fúria. Foi um delírio geral.

Vejam bem o que sucedia no mundo em 1932... Porém o melhor mesmo é dos nossos dias. Aconteceu em outra cidade do interior, mas numa cidade de maiores proporções e com tendências a modernismos meio avançados. E' que o proprietário do cinema local resolveu levar o famoso "Cidadão Kane", de Orson Welles. A assistência, infelizmente, foi muito pequena: umas poucas pessoas que, no meio do filme, deram para bocejar com a maior falta de cerimônia. Quando a luz acendeu, um cidadão saiu às carreiras da sala de projeção. Que teria o homem? Ninguém sabia. Mas o homem ia procurar o proprietário, para dar-lhe uma surra: sim senhor, onde já se viu levar um filme daqueles, de que não se pescava patavina! O peor é que o nervoso assistente era mecânico e, com isso, homem de bom muque e boas cores. O "Cidadão Kane" provocou, assim, uma das surras mais memoráveis. Eis o que pode causar o cinema, por essa altura de 1943... Do cinema mudo para o sonoro, como se vê, há apenas uma pequena diferença: um duelo inofensivo, capaz apenas de provocar palmas, e um filme que acaba em pescocões reais, duros de roer! Sendo assim, é preferível o cinema silencioso...

ALPHONSUS DE GUIMARÃENS FILHO

LEVANTANDO DO PA

Apenas alguns minutos separam Belo
passado — Uma visita ao Museu Historico
administração Juscelino Kubitschek
políticos increpam contra a mudança
parada, mas já "passeou"
dade — Quadros, bustos,
nos põem em contato com
teima em apagar



Ao alto, uma das telas de Emile Rouede, mostra-nos a igreja da Boa Viagem e a velha ponte de Sabará — No centro, detalhes do altar do Sagrado Coração de Jesus, da igreja de N. S. Boa Viagem, vendo-se ainda a inscrição do cruzeiro — Em baixo, a fachada do edifício da Fazenda Velha do Leitão, onde funciona o Museu Historico de Belo Horizonte.



O BONDE Lourdes jogava-se nos trilhos, desenfreadamente, a caminho do ponto terminal daquele luxuoso bairro. Iamos olhando as belas residências, verdadeiras obras de arte, de gosto moderno e arrojado. Casas que são o orgulho da arquitetura em Minas. E enquanto vencíamos a distância que ainda nos separava do ponto final, dizíamos para o nosso companheiro de viagem:

— E vá a gente dizer que tudo isto nasceu da noite para o dia, como num sonho de fadas!

Realmente, a visão daquele harmonioso conjunto encantava a vista e satisfazia plenamente todos os anseios estéticos do reporter.

Nosso destino era o Museu Historico de Belo Horizonte, situado na Fazenda Velha do Leitão, na única casa intacta existente dos velhos tempos do arraial de

O REPOSTEIRO SSADO

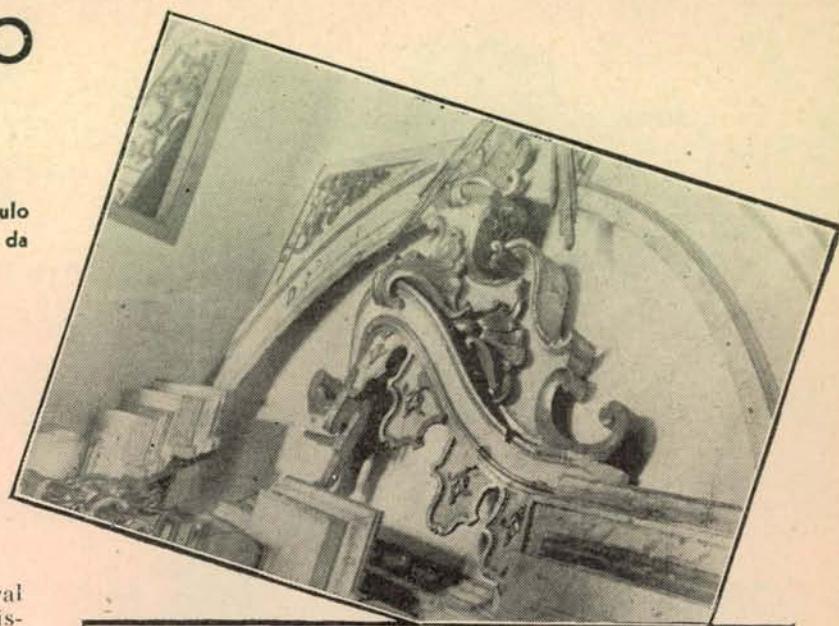
Horizonte de 1943 do arraial do século de Belo Horizonte, delicado presente da á cidade — Em Ouro Preto, os da capital — "Mariquinhas" está pelas principais ruas da ci- objetos e curiosidades que o passado, que o tempo de nossa memória.

Belo Horizonte, antigo Curral d'El-Rei. Sabíamos que ali existem muitas curiosidades, mas não acreditavam que, uma vez transposto o limiar daquela tradicio- nal casa, dariam um mergulho completo no passado e veriamos tanta coisa digna de ser vista. Aliás, pensavamos mesmo que a

— Conclue no fim da revista —

* * *

Outros detalhes do altar do Sagrado Coração de Jesus, numa recomposição qua- si completa, ao alto — No centro, sobre a mesa, vêem-se o busto de Floriano Peixoto, uma alegoria da República far- das e outros objetos que pertenceram ao antigo Clube Floriano Peixoto. Em bai- xo, o estandarte e a Bandeira Nacional do referido Clube, trabalhadas na mais pura seda, com fios de ouro e prata. — No mesmo plano, a roda de fiar e o po- te de barro, dois dos mais antigos ob- jectos do antigo arraial de Belo Horizonte.

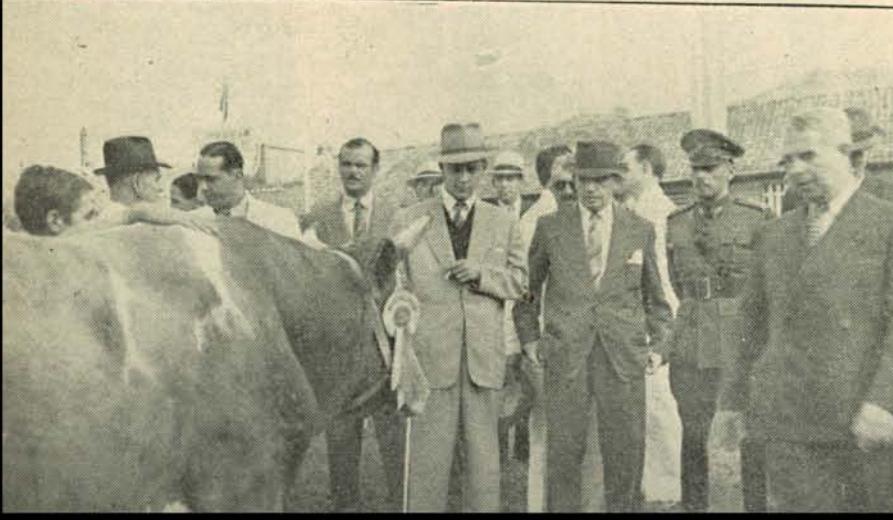
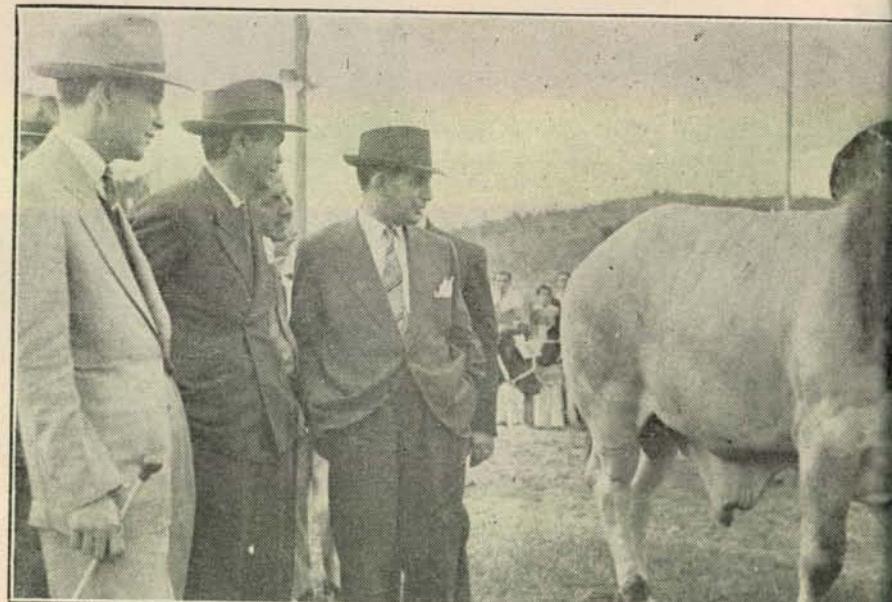




O INCENTIVO
QUE VEM TENDO
ENTRE NÓS A BA-
TALHA DA PRO-
DUÇÃO — IMPRES-
SÕES DO DR. LU-
CAS LOPES, TI-
TULAR DA AGRI-
CULTURA, SOBRE
A EXPOSIÇÃO DE
LEOPOLDINA.

"OPERA-SE NA ZONA DA MATA UM GRANDE E ADMIRAVEL PROGRESSO DA PECUARIA"

A pagina fixa três expressivos flagrantes colhidos durante a Exposição de Leopoldina, vendo-se, pela ordem, o ministro Apolônio Sales, quando inaugurava o importante certame pecuário; o titular da Agricultura e o dr. Lucas Lopes, Secretário da pasta da Agricultura em Minas Gerais, quando admiravam os magníficos exemplares ali expostos pelos adiantados criadores da zona da Mata.



A Batalha da Produção, recentemente iniciada em Minas, sob os auspícios do Governador Valadares Ribeiro, vem sendo, ultimamente, muito incentivada, sob todos os aspectos e sob todos os pontos de vista. Esse movimento, de caráter eminentemente patriótico vem encontrando por parte das classes produtoras do Estado todo o apoio de que necessitava, tornando-se, por isso, uma grande realidade que, dentro em pouco, estará fazendo sentir-se

sus influências benéficas e os seus grandes resultados.

Em se falando em Batalha da Produção, não se pode deixar sem uma referência especial o nome do dr. Lopes, titular da pasta da Agricultura, que, compreendendo o alto sentido da campanha, tudo tem feito para a sua realização e divulgação. O novo Secretário da Agricultura, nestes seus primeiros dias de atividade, tem se mostrado um grande conhecedor de nossos problemas de mais urgente resolução e, pessoalmente, toma parte em movimentos que visem o incentivo da produção, em todos os seus setores, quer pecuário, ou agrícola. O seu comparecimento a exposições pecuárias como as que se realizaram ultimamente em Uberaba, Cunha e Leopoldina bem demonstram o seu interesse pela nossa produção e a vontade firme de bem conhecer os nossos meios produtivos, para melhor solucionar as suas questões, no mesmo tempo que, com a sua presença, incentiva os produtores, para que a "Batalha da Produção" possa atingir entre nós as proporções de um movimento de grande alcance econômico-social e de alta expressão para o nosso atual esforço de guerra.

A VIAGEM DO DR. LUCAS LOPES A LEOPOLDINA — A PRESENÇA DO MINISTRO DA AGRICULTURA NO CERTAME DA ZONA DA MATA

A Exposição Regional Agro-Pecuária de Leopoldina, que se realizou em dias do mês passado, contou com a presença de altas autoridades em sua inauguração, tais como os srs. Apolônio Sales, Ministro da Agricul-



REVELAM SEMPRE O SEU BOM GOSTO E O SEU PERFEITO AÇA-BAMENTO AS CONSTRUÇÕES DE

ANDRADE & CAMPOS
ENGENHEIROS
ARCHITECTURA e CONSTRUÇÕES
RUA GOITACAZES N.º 71
FONE 2-2695
BELLO HORIZONTE

tura, e dr. Lucas Lopes, Secretário da Agricultura do Estado. O certame, que foi muito concorrido, deu ensejo ao dr. Lucas Lopes de visitar aquela região do Estado, de onde trouxe as mais gratas e satisfatórias impressões. E foi deste modo que, logo após a sua chegada a esta cidade, foi o titular da Agricultura procurado por jornalistas, que lhe fizeram as mais variadas perguntas e para todas teve o sr. Secretário prontas e equilibradas respostas. São de sua entrevista as palavras que abaixo transcrevemos:

— Ultrapassou a minha expectativa o certame que acabo de assistir na cidade de Leopoldina, embora soubesse, de antemão, a que ponto atingira o desenvolvimento da indústria pastoril naquela região mineira e reconhecesse o adiantamento de seus processos de criar. O que vi, o que pude examinar entusiasmou-me de-

veras. Opera-se, neste momento, na Zona da Mata, um grande e admirável progresso na pecuária. Entre o gado bovino exposto destacam-se notáveis exemplares de raças leiteiras — Holandesa preta e branca, Guernessey e Schwitz — constituindo uma ótima demonstração de quanto já se conseguiu nesse setor. Admirei vários animais de puro sangue, criados em regime de pasto, apresentando elevada porcentagem de produção leiteira. Prova evidente do valor do gado leiteiro da Zona da Mata, submetido a processos de seleção, é a sua procura pelos criadores de outros Estados que ali adquirem constantemente vacas e novilhas, principalmente das raças Holandesa e Guernessey. As compras crescem dia a dia, podendo-se esperar que, em breve, a região será, além de grande produtora de leite, um dos nossos mais importan-

— Conclue no fim da revista —





Os diretores do Banco Industrial Brasileiro S. A., fotografados entre os diretores da Associação Comercial de Minas, quando eram recepcionados pela prestigiosa entidade de nossas classes conservadoras.

ENTREGUE A BELO HORIZONTE A FILIAL DO BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.



Aspecto colhido por ocasião da benção das instalações do Banco Industrial Brasileiro S. A. em nossa Capital.



Flagrante fixado quando falava o sr. João Emílio Freire, diretor do Banco Industrial Brasileiro S. A.

Altas figuras representativas da vida econômica de Minas compareceram à inauguração

BELO HORIZONTE, cujo desenvolvimento econômico e comercial cada vez mais se acentua, numa prova eloquente e indiscutível do nosso progresso, possue mais um estabelecimento bancário, que é a filial do Banco Industrial Brasileiro S. A., sediado no Rio de Janeiro.

A INAUGURAÇÃO DA FILIAL

Com a presença do capitão Haroldo Ferretti, representante do Governador Valadares Ribeiro; representantes dos Secretários de Estado, do Prefeito da Capital e dos demais auxiliares do governo mineiro; do sr. Joaquim Vieira de Faria, presidente da Associação Comercial de Minas e figuras de destaque em nossos meios composta: srs. dr. Argemiro Hungria Machado, presidente do Banco Industrial Brasileiro e membro do Conselho Fiscal do Banco do Brasil, presidente do Moinho Fluminense, diretor-gerente da Companhia Nacional do Comércio de Café, presidente da Cooperativa Agro-Pecuária de Petrópolis, representante do governo fluminense junto ao Convenio Cafeario, representante do ministro da Fazenda junto à Coordenação dos Acordos de Washington para compra de café, diretor da Cia. Agrícola e Pecuária, presidente da Câmara Argentino-Brasileira de Comércio, dr. José Campos de Oliveira, tabelião no Distrito Federal e diretor do Banco Industrial; dr. Humberto de Melo Nobrega, banqueiro, membro da Academia Carioca de Letras e diretor do Banco Industrial; e ainda os srs. Martin Guylain, diretor da Moore Mac-Comack Co.; dr. Heitor Borgeth Teixeira e Júlio Pinto Jr., gerente da Matriz do

— Conclue no fim da revista —



Flagrante da oradora da turma, quando discursava

NOVA TURMA DO CURSO DE ECONOMIA DO LAR, DA CIA. FORÇA E LUZ

O Curso de Economia do Lar, que funciona sob os auspícios da Cia. Força e Luz de Minas Gerais, fez realizar, nos últimos dias do mês passado, uma sessão solene para a entrega de diplomas à sua 26.ª turma de senhoras e senhoritas que concluíram aquele útil e proveitoso curso.

A sessão, que foi presidida pelo Dr. Juscelino Kubitschek, prefeito da cidade, e contando com a presença do Dr. Mario Werneck, gerente da Cia. Força e Luz, e de representantes das autoridades civis e militares, teve lugar no salão de festas do "Forjumus", à avenida Afonso Pena.

Falaram, em nome das diplomandas e Sta. Margarida Canabrava Bedran e a senhorita Maria Beatriz Bhering, que tiveram palavras de entusiasmo e de agradecimento pelo valioso curso mantido por feliz iniciativa da Cia. Força e Luz.

FALA O DR. JUSCELINO KUBITSCHEK

Logo após os discursos das oradoras, procedeu-se à entrega dos diplomas e em seguida, encerrando a sessão, o Dr. Juscelino Kubitschek, prefeito da Capital pronunciou eloquente e aplaudido discurso, no qual salientou os objetivos e as patrióticas finalidades do Curso de Economia do Lar, congratulando-se com os seus dirigentes pela maneira segura e benéfica com que vêm conduzindo, há já algum tempo, as aulas de arte culinária, naquele curso de grande utilidade e alcance social, neste momento em que todo o país se empenha na guerra, ao lado das Nações Unidas.

AS DIPLOMANDAS

Receberam diplomas a seguinte turma:

Senhoras:

Helena Loureiro Meireles, Helena de Mesquita Barros, América Nascimento, Maria Viana Aragão, Maria Barbosa Rugani, Zita de Magalhães Marques, Margarida Canabrava Bedran — oradora, Elza Polizzi Gusman, Maria de Lourdes Marinho Paula Mota, Jeni Caram André, Olga Bedran Caram, Norma Papini, Dora Pinheiro Xavier.

Senhoritas:

Maria Beatriz Bhering — oradora, Ida Auler, Alice Grandinetti, Maria

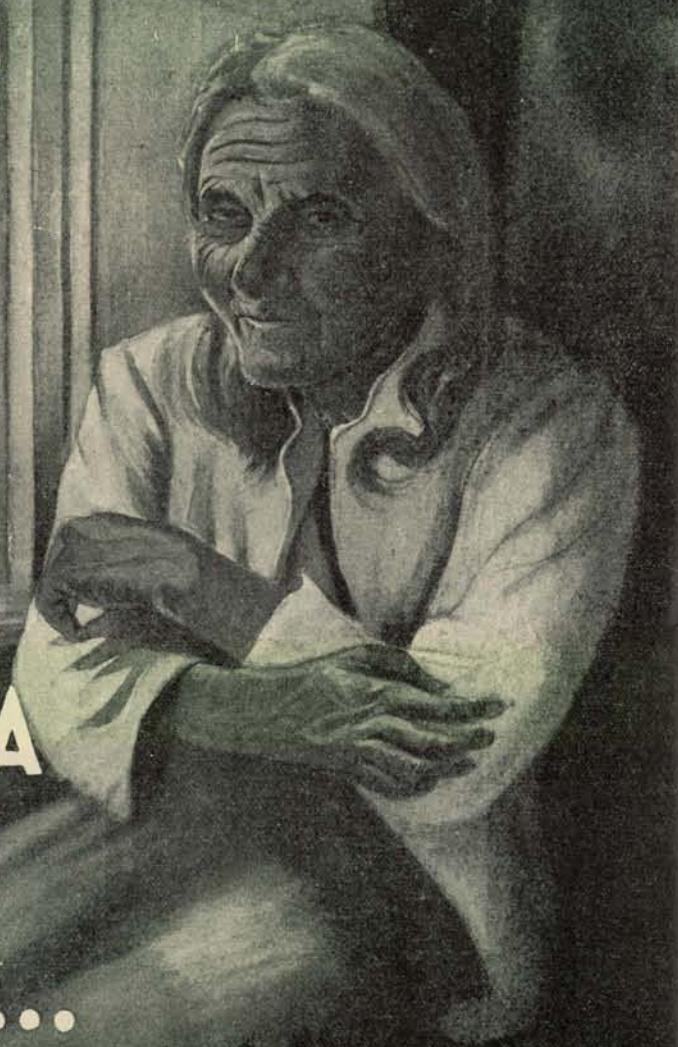
Teresa Andrade Lima, Consuelo Maria de Paula Fernandes, Diva de Magalhães Marques, Maria da Conceição Monteiro Werneck de Lima, Ana Angelica de Carvalho de Brito, Teresa Eneri Baeta Neves, Hilda Carmen Mancini, Cleomar Nunes de Luna, Carmen Silvia Chelini Tassara, Alda Martins Vieira, Maria Lucia Godoi, Arlete Fleur, Efigenia de Assis Martins, Vera Luz da Paixão.

As diplomandas foram oferecidos brindes pelas seguintes firmas: Standard Brands of Brazil, Massas Alimentícias Almoré e Maizena Duryea.



O Dr. Juscelino Kubitschek, falando por ocasião da solenidade

VELHA
POBRE
E SÓ



EVITE UMA
VELHICE
ASSIM...

DEPOSITANDO
SUAS ECONOMIAS NA

CAIXA ECONOMICA
FEDERAL DE MINAS GERAIS

RUA TUPINAMBA'S 462 • BELO HORIZONTE
SUCURSAIS EM JUIZ DE FÓRA E POÇOS DE CALDAS
AGENCIA EM NOVA LIMA, MURIAÉ, MACHADO, POUSO ALEGRE E VARGINHA

PREFEITO ALVARO CARDOSO DE MENEZES



Dr. Alvaro Cardoso de Menezes,
Prefeito de Araxá

nageado teve, mais uma vez, oportunidade de expôr os seus planos de urbanização e melhoramentos e reafirmar os seus propósitos de não poupar esforços, no sentido de tudo fazer para o progresso e engrandecimento do município. Em seguida, o Dr. José Maria Santos, Secretário da Prefeitura, leu os principais tópicos do relatório, que S. Excia. apresentará ao Sr. Governador do Estado, relativo ao 1.º triénio de seu governo municipal.

*

PARA COMBATER A QUEDA DOS CABELOS

A queda dos cabelos, que se registra frequentemente, não tem, regra geral, gravidade, exceptuando-se os casos de doenças, que ameaçam toda a cabeleira.

Quando os cabelos começarem a cair, é necessário pesquisar a causa, para se poder combater o mal. Só assim serão obtidos resultados certos para prevenir e curar a queda.

A sífilis, as infecções gerais, o artritismo e outras doenças provocam a perda dos cabelos e, nestes casos, só a terapêutica geral poderá conseguir alguns efeitos. Entretanto, a caspa e a seborréa são, na maioria dos casos responsáveis pela queda dos cabelos.

Dos diversos meios empregados para o combate a esse mal, tais como loções alcoólicas, raios ultra-violetas, massagens, pomadas, eletricidade, etc., não há um só que se possa ter como certo para impedir definitivamente o crescimento do mal. Não são inuteis, mas não podem ser citados senão como coadjuvantes no tratamento das doenças que causam a queda dos cabelos.

Unicamente tratando as molestias que são tidas como causa, pode-se conseguir um bom resultado. Deve-se, pois, cortar o mal pela raiz...

Passou a 19 de maio último o 3.º aniversário da gestão administrativa do Dr. Alvaro Cardoso de Menezes à frente dos negócios da Prefeitura Municipal de Araxá.

Nesse ensejo, atendendo ao muito que S. Excia. já realizou em tão curto espaço de tempo, principalmente no que diz respeito à situação financeira daquele município, foi-lhe prestada significativa homenagem pelas classes conservadoras e pelo povo daquela cidade, no edifício da Prefeitura.

Agradecendo sensibilizado aquela manifestação o home-

CASPA!
CABELOS
BRANCOS

use
LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA CÓR NATURAL
ELIMINA A CASPA EXITO GARANTIDO

DEPOSITO: Rua Senador Dantas, 23 • RIO DE JANEIRO

MARAVILHAS DA DEFESA ANTI-AÉREA

As cidades da China Livre, ao contrário do que muita gente pensa, não estão em regime de "black-out". Isto porque o sistema de detetores de som anti-aéreos anuncia geralmente a aproximação dos bombardeiros inimigos com uma hora de antecedência.

*

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÉBÊ

Talco Majva

FINÍSSIMO
E
PERFUMADO

PERFUMARIA MARCOLLA HORIZONTE

*(Notável clínico e ex-ministro
BELLO da Educação)*

TALCO
FINE



ROSALIND RUSSELL, a destacada interprete do filme da Columbia "Solteiras às soltas", trajando um notável vestido para noite em tom escuro, cuja nota original consiste em um lindo babado com frisos brancos. Como se pode notar, o modelo é de concepção assás singela e leva como único adorno um colar de perolas fazendo três voltas ao pescoço, mas nem por isso deixa de emprestar à popular estrela uma rara distinção e suprema elegância.

GRANDE



БАСЯ

*G*INGER ROGERS, a perigosa loura da R. K. O., mostra como se pode ser notavelmente elegante dentro de um vestido de baile traçado em linhas de extrema simplicidade. Confecionado em setim, inteiramente bordado, tem a saia bem-rodada e o corpo justo e preso ao decote por um belo "pedantif" com uma grande esmeralda. Os brincos, anel e pulseira são adornados com a mesma pedra.

★ Para baixo... escovados de tal modo que formem ondas macias emoldurando a face e ondulando à altura do pescoço. Este é o penteado de Frances Dee no filme "I walked with a Zombie" da R.K.O.



PENTEADOS

★ Para cima... Rosalind Russel em seu penteado ondulado para traz, a começar da parte superior da cabeça. A graciosa artista aparece assim em "Vou para a liberdade", da R.K.O.

★ Para fora... Estremidades curtas penteadas livremente para traz e para fora da face, um penteado mais curto do que nunca. Apresentado por Lorraine Day, que estrela com Gary Grant "Daqui para a Vitoria", da R.K.O.



5 razões!

- Sempre novidades
- Variedade de sortimento
- Modicidade de preços
- Artigos de qualidade
- Garantia assegurada

PRESENTES? BAZAR AMERICANO

AV. AFONSO PENA, 788 e 794



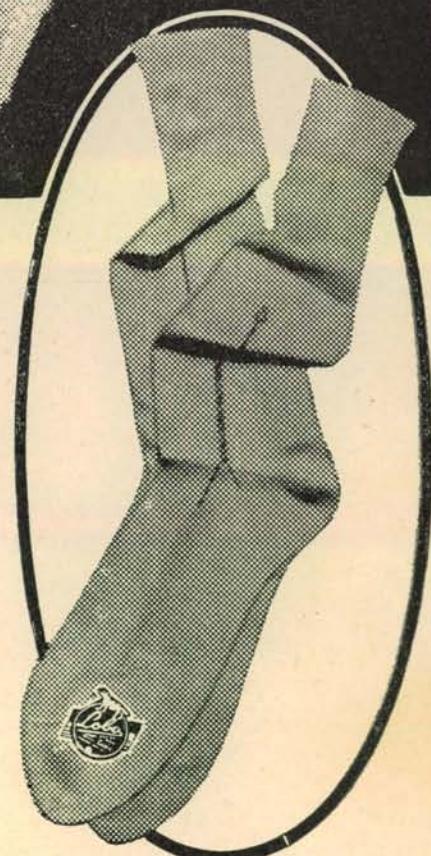


feitas
com o mesmo carinho

• A insuperável qualidade dos produtos da Fábrica Lupo reside na capacidade técnica de seus operários especializados. A elegância, o conforto e a durabilidade que proporcionam as MEIAS LOBO são o fruto da experiência e do desvelo de uma legião de operários que há muitos anos trabalham para produzir cada vez melhor.

MEIAS

Lobo

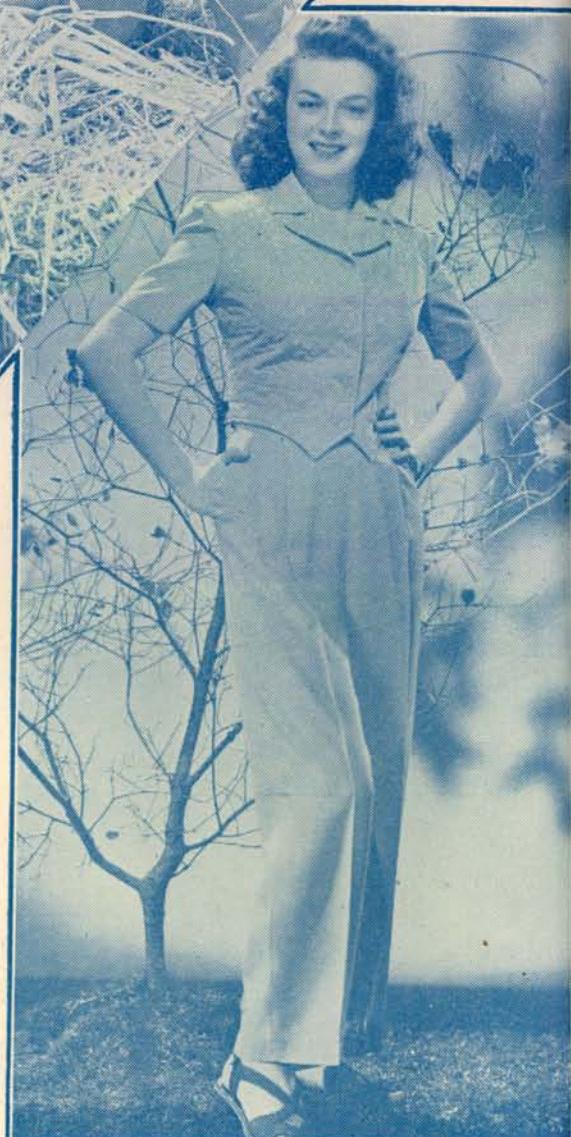


UM
PRODUTO
DA FÁBRICA
Lupo

WEEK END

Marguerite Chapman, a insinuante artista da Columbia, mostra-nos duas novidades em "slacks". O primeiro, côn de batatas do jardim da vitória é tecido grosso. A blusa é vermelha e branca e a gola é feita de modo que pode ser usada aberta ou fechada. O segundo, de grande elegância, traz uma blusa que constitue a última novidade na presente estação.

Rosemary La Planche, a encantadora estrela da United Artists, é também "Miss America 1941" e vai aparecer em "Prairie Chickens", sob a direção de Hal Roach. Vemos-a aqui num interessante costume próprio para o campo em tecido elástico, com uma blusa esportiva que lhe dá um aspecto muito gracioso e juvenil digno de sua beleza e graça femininas.





Por falar em "week-end", aqui temos uma bela sugestão para uma tarde agradável no campo, em companhia de garotas como estas, lindas "girls" que fazem o nosso encantamento nas películas da United Artists.

Seu corpo denuncia sua idade?



Dê a seu corpo a idade de gente moça - Se o seu físico aparenta uma corpulência excessiva que o torna desleixante e lhe diminui a mocidade, urge fazê-lo voltar à proporção normal, por método seguro, racional e científico.

Como? - Com Leanogin, preparado que reúne os hormônios próprios para combater a gordura supérflua e incômoda.

O que é Leanogin - Leanogin é apresentado sob a forma de drágeas, de ação segura e eficaz. Trata-se de um medicamento em cuja composição entram diversos extratos vegetais e animais, além de sulfatos e fosfatos em proporção rigorosamente científica. Exerce uma ação lenta, mas firme.

O tratamento da obesidade com Leanogin - Pressupõe uma dieta auxiliar, metódica e adequada, a qual vem prescrita na bula junto a cada caixa. Em geral, 3 a 5 caixas bastam para emagrecer, sem prejudicar-se. Experimente. Peça Leanogin nas principais farmácias e drogarias, ou diretamente aos Laboratórios Spalt, à rua Alcindo Guanabara, 17/21 - 5.º and. - Rio.

LEANOGIN



Po Yares

NAS HORAS DAS COMPRAS



DESSENHOS de flores de uma paisagem campestre em tons brilhantes de vermelho e verde é o modelo apresentado por Bonita Granville, que estrela o famoso e esperado filme da R. K. O, "Filhos de Hitler". O fundo é de seda negra.

O branco sempre esteve em moda, para qualquer estação. Rita Hayworth, que é a companheira de Fred Astaire no filme da Columbia "Mais linda do que nunca", traja um lindo vestido de uma só peça. Muito simples em suas linhas tem como enfeite apenas um desenho em vermelho e verde, aplicado na blusa e na saia.



*L*ESLIE Brooks, star da Columbia, veste um modelo de seda lavável com desenhos brancos e verdes, com dois bolsos no busto, muito próprio para as compras à tarde.

Jane Wyman, estréia da Warner, apresenta um gracioso vestido tendo como euflete cortes que vão desde os ombros até a barra da saia, formando desenhos. Uma gola branca, fechando com um laço do mesmo tecido.



CARÍCIA

... é a sensação que a Lingerie Valisère proporciona em contacto com a epiderme, acen-tuando o "charme" da forma.

Tecido indesmalhável de alta qual-i-dade e corte individual rigoroso.



Valisère

PANAM



O "SHORT" MODERNO

★ O racionamento parece que atingiu a todos os seto-res da moda americana. Esta pelo menos será a impressão de quem vê esse moderno "short", com que se tem apresentado nas praias do Pacífico a encantado-ra "star" da United Artists, Rosemary La Planche.

A senhora tem a idade que sua pele representa

O peso médio de uma moça ou mulher de 35 anos, que mede 1,55, é de 58 quilos.

Os pontos negros e sinais deixados nas pontas do dedo indicador, quando se cose muito, desaparecem com uma massagem forte de pedra pomes.



COMECE HOJE A USAR
CERA MERCOLIZADA

Tenha a cutis sempre jovem

Enquanto a pele conserva um aspecto sadio, e uma superfície macia e aveludada, a idade não importa, a aparência será de eterna mocidade. Cera Mercolizada transforma a pele velha em partículas invisíveis, deixando aparecer a camada nova, fresca e macia, dando-lhe uma aparência mais moça.



1) Marguerite Chapman, estréia do filme "Destroier", da Columbia, mostra um interessante conjunto de acessórios para os dias frios. Sua saia é azul-marinho, com barrados vermelho e branco. Sobre a blusa de flanela vermelha, Marguerite usa uma pele de carneiro branca, forrada de vermelho. O calçado é vermelho, com desenhos multicoloridos.

2) No cliché acima, é ainda Marguerite Chapman quem nos sugere um conjunto muito justificado presentemente com o racionamento na qualidade dos tecidos. Eis porque traja um vestido de gabardine azul, com mangas curtas, sobre um "sweater" de manga comprida em cor vermelho brilhante.

3) Este modelo vestido por Evelyn Keyes, estréia do filme "Os desesperados", da Columbia, é indicado para os esportes e também para os passeios. A gola e os bolsos são listados em preto, violeta, azul e amarelo. Os sapatos, a bolsa e o chapéu são da mesma cor.

Do Meio Dia

BRENDA MARSHALL, a elegante estréla da Warner, apresenta um notável modelo em três peças, digno de admiração pela graciosa sobriedade de suas linhas. O casaco e a saia em tom claro, com esta última ligeiramente nesgada. A blusa é de decote alto e em cér vermélha, tal como o grande botão que fecha o casaco, as luvas e o chapéu.



EIS aqui outro interessante conjunto, apresentado por Brenda Marshall, em seda vermélha, todo listado de branco. O blusão, de mangas compridas, tem como adorno apenas os dois bolsos e uma carreira de botões. Inegavelmente, o chapéu que Brenda usa possue uma encantadora originalidade, constituindo, talvez, o próprio segredo do sucesso desse modelo.

A Meia Noite



EAINDA Brenda Marshall que continua esse desfile de modelos para passeio, apresentando um conjunto realmente sedutor. Blusão lindamente trabalhado com nervuras e franjas. Punhos, gola, botões e luvas em veludo. A saia, também no mesmo veludo, termina por carreiras de nervuras e franjas. O chapéu, encantadoramente original, é feito do mesmo tecido do blusão.

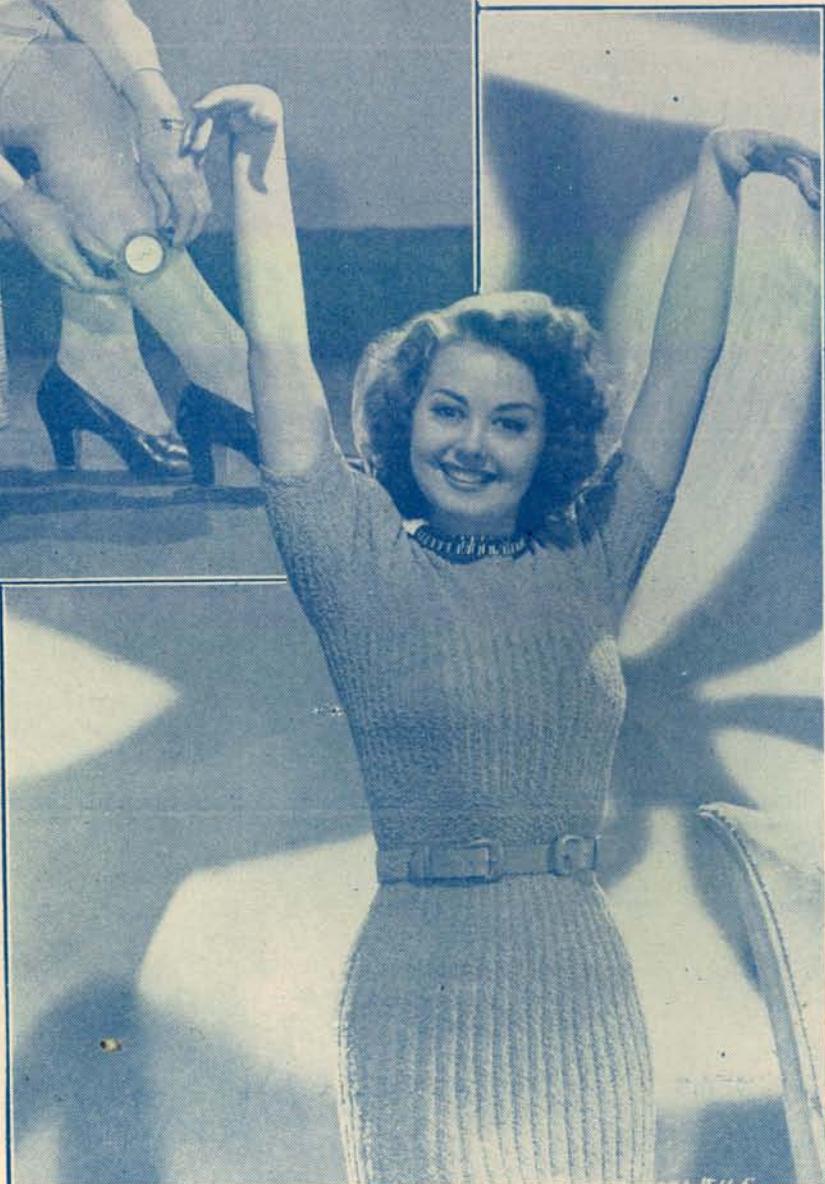


LESLIE BROOKS, a genial interprete de "Cidade sem homens", da Columbia, traja um modelo que consegue uma nota primaveril através dos botões brancos que ornam a sua blusa, juntamente com os bordados cuja cor deve contrastar com a do vestido. A cor deste deve ser a mesma da bolsa. O chapéu e os sapatos também de cor identica.



MADELEINE LE BEAU, jovem e encantadora estréla da Warner, mostra aqui como se pode ser extremamente original. Relógio para ser usado na perna.

A moda é realmente extravagante, mas como tudo que vem de Hollywood péga...



UM vestido de *tricot* é tão elegante e, sobretudo, tão confortável, que convida a uma ginástica rítmica, como nos mostra a deliciosa estrelinha da Columbia, Adele Mara.

CONSELHOS DE BELEZA

Como todos sabem, a pele humana é normalmente pigmentada e, em certos casos, a coloração dos tegumentos cutâneos se torna mais carregada, dando origem às sardas, panos, manchas de toda a natureza.

Essas manchas localizam-se de preferência na parte superior das bochechas e no queixo.

As manchas da pele começam por um ou mais pequenos pontos que, pouco a pouco vão aumentando e, em alguns meses, o rosto estará todo pigmentado, cheio de manchas amarelo-escu- ras. E com o tempo, forma-se uma verdadeira máscara, tomando todo o rosto, prejudicando por completo uma cutis feminina que, meses atrás, era bela, sadi- a e invejável.

As causas destas anomalias, que as mulheres temem tanto, são variadas. Muitas vezes, é a própria luz do sol atuando sobre a pele e provocando reações. Mas, na maioria, a causa é interna e provém, em geral, de uma afecção do fígado, dos ovários ou das glândulas supra-renais. Durante a gestação e em caso de anemias é muito frequente, também, o aparecimento dessas manchas.

Diante destes rápidos dados, as mulheres devem conhecer a necessidade de um tratamento imediato, tão logo sinta os primeiros sintomas das manchas. Depois de um exame minucioso, e conhecida a causa do mal, iniciar a conselho do médico, uma dieta apropriada. Após um tratamento enérgico e bem realizado, serão obtidos resultados satisfatórios.

*



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil as MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

Na HIGIENE INTIMA
nunca deve ser esquecida a

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

NÃO ACEITEM
SUBSTITUTOS

Lao

Cartas de Nova Iorque

|| LUCÍ ||

Minha querida,

Tenho andado muito atarefada, nestes últimos dias, em virtude de vários acontecimentos em minha vida. Tenho estudado bastante a vida e os costumes desta grande cidade, aproveitando bem esta estadia. Enquanto isso, vou observando tudo o que passa diante de meus olhos. Principalmente a moda das mulheres desta terra atrai a minha atenção.

Depois de muito observar, cheguei à conclusão de que, ao contrário de certos trajes femininos que encantam a vista, mas cuja glória dura pouco tempo, o tailleur consegue estar sempre em plena voga. E serve para qualquer hora do dia ou da noite, e é, também, perfeitamente elegante. Uma

grande porcentagem das mulheres de Nova Iorque veste tailleur e com ele vai a todos os lugares, desde os cinemas e teatros, até às reuniões mais finas, se bem que, para uma festa de gala esse corte de roupa não seja usado.

Sobretudo, o que faz o tailleur não perder a sua voga, é a simplicidade, a comodidade, a correção despretenciosa de suas linhas, que o preserva do esquecimento por parte das mulheres e dos costureiros.

E' usado em todas as cores, de acordo com o gosto pessoal, com as tendências e com a combinação apropriada para cada tipo de mulher.

Mudando de assunto: quando esta

— Conclue no fim da revista —

Kathryn Grayson foi à sua "horta da vitória" e voltou com esse cesto cheio, que é uma boa parcela para a "batalha da produção" dos EE. UU. Quanta vitamina!



Marsha Hunt é uma pequena saudável que gosta dos passeios ao ar livre. Por isso, prepara a merenda e faz sanduíches com muita "mostarda"!



As estrelas donas

O oasis de Hollywood é o Hills, onde as mais famosas lia, cuidam dos filhos e dos genda que figura no "home" cinema.

"A FAMOSISSIMA estrela Joan Garbolamarr, agora em pleno apogeu de sua brilhante carreira com o célebre filme "O Drama das Amelias", inesperadamente acaba de anunciar que decidiu abando-

Ann Morriss, de volta da granja, prepara os ovos da páscoa, colorindo-os com "engenho e arte".



Maureen O'Sullivan, talvez por influencia das fitas de Tarzan, é francamente das flores. E mostra aí, com orgulho de irlandesa, uma coleção invejável de vasos de trevo. Haverá algum de quatro folhas?



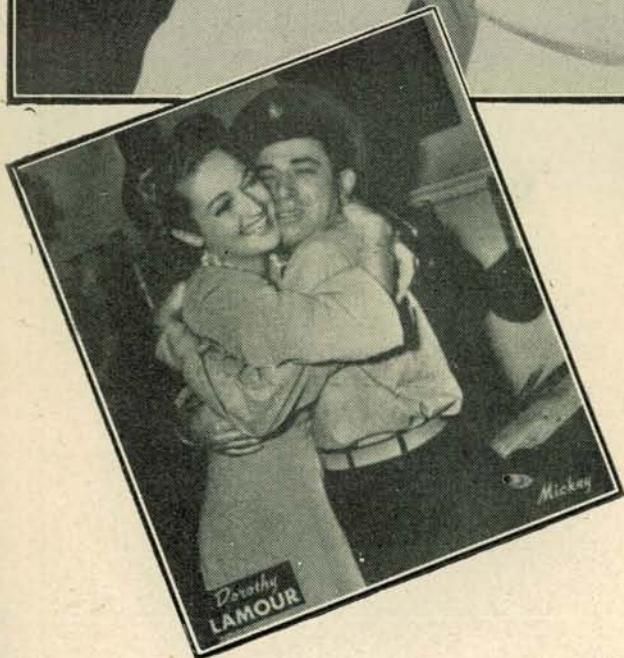
são ótimas de casa

bairro residencial de Beverly artistas viram mães de famíjardins — "Lar, doce lar", ledas vampiros mais fatais do

nar para sempre o cinema, afim de dedicar-se inteiramente ao lar, pois vai casar-se na próxima semana, na capela da aldeia californiana de Siempre Tuya, com o desconhecido Se-

— Conclui no fim d3 revista —

COISAS E FATOS DE HOLLYWOOD



★ Janet Blair e Don Ameche, aparecem assim no excelente "musical" da Columbia "Canta Coração" que a cidade assistirá dentro em breve — Veronica Lake é uma das principais enfermeiras no filme da Paramount intitulado "So Proudly we Hail", em que se faz a mais bela glorificação das enfermeiras americanas. Deante dela, quem não ha de querer ficar doente?

★ O encarregado do "make-up" de DOROTHY LAMOUR é um rapaz de nome Mickey Cohen. Eu queria que vocês vissem como Dorothy o recebeu quando ele apareceu no "set" de "Coquetel de Estrelas" (Star Spangled Rhythm) com a farda do Exercito. Ela precipitou-se ao seu encontro, chamando-o de "Mickey querido" e deu-lhe o melhor beijo que eu já a vi dar na tela ou nos ensaios. Mickey, naturalmente, disse que vai fazer o possível de conseguir mais licenças e quem não o comprehende?

★ MARJORIE REYNOLDS tem o papel de esposa de BING CROSBY na produção em tecnicolor "Dixie". Na ultima vez em que apareceram juntos na tela, em "Duas Semanas de Prazer" (Holiday Inn), ela prometia casar-se com ele, mas não o fez até o fim da fita. Este seu Reporter Indiscreto, lembrou a Marjorie que tanto ela como Bing Crosby são casados na vida real, e falou-se em bigamia justamente quando ela mordia um sanduíche. A linda garota engasgou-se e eu tive que desmanchar-me em desculpas.



★ WILLIAM BENDIX, o notável cômico de *Nossos Muitos Serão Vingados* tem um dos principais papéis no filme "China", no qual, como é lógico, há mais chineses do que qualquer outro povo. Ele achou pororiso que devia estudar chinês para não perder os elogios (?) que as garotas fizessem a seu respeito. Comprou um livro "O chinês sem mestre, em 1500 lições" mas descobriu que necessitaria 4 anos para aprender tantas lições, calculando uma por dia... Desistiu imediatamente da ideia, visto que, provavelmente a filmagem não iria durar tanto tempo!



★ PEGGY MORAN também faz parte do notável elenco de "As sete noivas", o filme encantamento que a Metro fez para 1943.



QUINA
PETRÓLEO
MALIBÚ
A BASE DE PILOCARPINA
EXTINGUE A CASPA FIXA O PENTEADO
TONIFICA O COURO CABELOU
QUINA PETRÓLEO ★ MALIBÚ
PREMIADA NA III FEIRA NACIONAL DE INDÚSTRIAS REALIZADA EM S. PAULO

REPRESENTANTE PARA MINAS GERAIS:
ERNANI LOPES — RUA CAETÉS, 360 — SALAS
203/5 — TELEFONE 2-1900 — END. TELEG.:
"ERLOPES" — BELO HORIZONTE



★ Shirley Temple apertada de costura: enfiando a agulha, jornal de modas sobre a perna, caixa de costura, carreteis de linha, idealiza o seu novo vestido. Não é bonito?

A NAMORADA DO MUNDO

SHIRLEY TEMPLE! A namorada n.º 1 dos meninos e a amizade n.º 1 das meninas de toda a América durante muitos anos. Foi adorada — também por moças, moços, velhos e velhas — como nenhuma outra estrelinha. Mas, vendo que ela crescia, alguns diziam com receio e pesar: "Pobre Alice! Qualquer hora terá de deixar o País das Maravilhas". Desse modo previam que, com a idade, Shirley Temple teria de abandonar o cinema e passar o título de namorada dos meninos americanos a outra. Acreditavam, diante de certa experiência, que ela teria o mesmo destino de Freddie Bartholomew, Jackie Coogan, Jackie Cooper e os Anjos de Cara Suja. Outros faziam caricatura: "Uma cançoneta e duas covinhas: eis Shirley Temple, mais nada". E outros parodiavam: "E' quase uma borboleta essa menina: sapateia, sapateia. Vai de flor em flor. Um dia, ficará na coleção de borboletas mortas de Hollywood, espetada por um alfinete de ouro". Assim esperavam muitos. Mas Shirley Temple tinha e tem talento, resistiu à idade perigosa, venceu testes, e agora está a caminho de ser "uma grande estrela grande". Depois de "Miss Annie Rooney" filme em que recebeu o primeiro beijo de Dickie Moore, Shirley Temple continua subindo, e vem aí brevemente em "Catarina, a Esquecida", da Metro Goldwyn Mayer.

As meninas e os meninos que adoravam a menina Shirley Temple também estão crescidos e agora serão fãs — não mais da estrelinha — mas da estrela. E tanto mais a apreciarão quando souberem que Shirley Temple é uma moça que não se deixou seduzir pelas luzes dos "night-clubs" de Los Angeles, vivendo, ao contrário, uma vida simples, com a sua família. Tão simples que é até costureira. Vai um pouco mais além: idealiza os seus próprios modelos — o que vem provar ainda que ela tem personalidade e por isso mereceu e merece vencer no cinema, fosse no tempo de menina, seja agora depois de grande.

U mundo medico alesia:
BRONQUITE?
TOSSE?
ROUQUIDÃO?
FRAQUEZA?
PULMONAR?

PHYMATOSAN

VILA RICA

"EL-DORADO" DO SECULO XVIII

POR ELMAR
G. QUEIROGA

— PARA —
ALTEROSA

MANÔA, esplendorosa Manôa da opulência e da riqueza! Manôa, "El-Dorado", onde era tanto o ouro, que seu Rei dêle se servia para o seu quotidiano adorno, pulverizando-o sobre seu corpo untado! El-Dorado, País de todas as sonhadas maravilhas, dos jardins pavimentados de ouro! Para esse Éden todos os olhos se voltavam, como se voltam para a mitagem da felicidade, os olhos daqueles que palmilham na vida as veredas da miséria, na ansia incontida de encontrá-la. Onde seria esse paraíso encantado? Ao norte da Terra de Santa Cruz — afirmavam — na Amazonia, lá, onde existe o Rio Mar. Mas, quem sabia ao certo?

E era, entretanto, para o âmago das montanhas das Minas Gerais que, no século XVIII, se convergiam as vagas dos sequiosos exploradores do alucinador metal.

Vinham do norte, vinham do sul, vinham do mar.

Ouro!

A Metrópole Pôrtuguesa, em todas as suas disposições administrativas, em relação à Colônia, um fato único visava. Ouro. Todo o ouro. E, para a Corôa parecia ter-se localizado no interior de Minas Gerais, dentro de suas montanhas, não mais na Amazonia, o lendário, o misterioso El-Dorado.

Vila Rica devia ser a encantada Manôa. As areias dos seus ribeirões eram inegotáveis do rico pó amarelo. E das rudimentares bateias, das beiras dos regatos, jorrava o ouro para o erário da Corte e para os templos da Vila que, então, se formava. Uma congregação inteira de negros de Vila Rica construiu e adorou um magnífico templo religioso, com o ouro que, em seus cabelos encarapinhados, conduziam para a pia da capela, onde lavavam suas cabeças. As imagens, os ornatos e



Irresistível!

...feito com
composto "A Patrôa"

E como éste, irresistíveis ficam os bolos feitos com o inigualável Composto «A Patrôa» — produto da Swift do Brasil!

O Composto «A Patrôa» não contém umidade — por isso a massa fica sempre uniforme e macia, evitando o «desastre» das bôlhas e dos bolos mirrados. E por ser inteiramente uniforme, o bolo assa completamente, cresce mais e cõra sempre por igual.



* O Composto «A Patrôa» acha-se à venda, agora, em caixetas de 1 quilo — embalagem de emergência adotada pela Swift do Brasil, no sentido de substituir a fôlha de Flandres, material tão necessário ao nosso esforço de guerra.

COMPOSTO
A Patrôa
UM PRODUTO DA

Swift do Brasil

J.W.T.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

livros das igrejas continham ouro em profusão. E era tanto este metal, tão inexcusavelmente abundante, que, em proporção idêntica, como um corolário, nasceu a cobiça, a vontade de aproveitá-lo todo, até o último átomo, por parte da Metrópole. E a atenuação do Governo Colonial toda se con-

centrou no impedimento do seu desvio. A cobrança do *quinto* por bateias, a cobrança das trinta árrobas por Comarca, as Casas de Fundição, marcaram a evolução, no sentido do aperfeiçoamento, nos métodos para o máximo proveito do cobiçado elemento. E quanto sangue e quanto crime do ouro resultaram!

Vila Rica — Manôa!
El-Dorado!

*

Eis a evocação que me trouxe, um destes dias, a leitura de um manuscrito dos meados do século XVIII.

Foi decifrando os garranchos coloniais que compõem a sua redação caracteristicamente pitoresca, que, simultaneamente, sem esforço, vieram à memória os sucessos acima referidos.

— Conclue no fim da revista —

mendes

Rua São Paulo 514

Fone 2-6000



O sr. Ildefonso Lima Tricote, Chefe Geral da Produção, falando em nome dos funcionários de Belo Horizonte.

Inauguradas solenemente as novas instalações da sucursal de Prudência Capitalização em Belo Horizonte

O desenvolvimento dos negócios no Brasil e em Minas — Satisfatórios resultados — Os oradores da solenidade — A palavra do Dr. Adalberto Ferreira do Vale, diretor e gerente geral da prestigiosa organização.

INSTALARAM-SE solenemente, nessa capital, em dias do mês passado, os novos escritórios de Prudência Capitalização, a prestigiosa companhia cujas finalidades de caráter social se enquadram perfeitamente aos seus planos de natureza comercial e que, entre nós, vai tendo um gráu de intenso desenvolvimento. Tal fato se deve à confiança do povo na organização que representa Prudência Capitalização, apresentando trabalhos de inegável valor, realizados em benefício de seus associados.

O DESENVOLVIMENTO DOS NEGÓCIOS

O alto índice dos negócios de Prudência Capitalização no Brasil, de 1937 até a presente data, acusa um desenvolvimento magnífico. E para que os leitores tomem o devido conhecimento de tal fato, auspicioso e convincente, basta que transcrevamos alguns dados estatísticos. Eles:

1937	Cr. \$91.717.000,00
1928	Cr. \$104.919.500,00
1939	Cr. \$146.191.500,00
1940	Cr. \$246.820.000,00
1942	Cr. \$564.700.000,00
1943	Cr. \$495.350.000,00 (somente no 1º semestre).

Em Minas, os negócios da prestigiosa organização têm sido os maiores e mais promissores entre todos

os Estados do País, onde Prudência mantém sucursais. E bem atesta esta afirmativa os resultados apresentados, graças ao dinamismo e à capacidade de trabalho do sr. João Antônio G. Maia, inspetor geral do distrito de Minas. São os seguintes os resultados obtidos de 1939 até 30 de junho do corrente ano de produção da Prudência Capitalização em Minas Gerais:

1939	Cr. \$8.650.000,00
1940	Cr. \$12.940.000,00
1941	Cr. \$22.065.000,00
1942	Cr. \$37.445.000,00
1943	Cr. \$50.885.000,00

Pelos dados acima apresentados, vê-se perfeitamente a franca aceitação que veem tendo entre nós os planos da Prudência Capitalização, companhia que visa apenas o beneficiamento da população, com o seu sistema seguro e eficiente de capitalização, e que tem à frente de sua diretoria figuras como o dr. Adalberto Ferreira do Vale, elemento de projeção em todos os meios econômicos do país, trabalhador, dinâmico, capaz de obter amplos e satisfatórios resultados em todos os seus empreendimentos, graças à sua operosidade, critério e honestidade.

A frente de Prudência Capitaliza-



Sr. Adalberto Ferreira do Vale, diretor e gerente de Prudência Capitalização, quando pronunciava seu discurso.

ção, aquele conhecido e prestigiado homem de negócios tem emprestado com brilho o seu nome o seu trabalho, e a obra que vem sendo realizada pela organização é uma dessas obras que permanecerão sempre na memória da coletividade, porque é honesta e visa apenas o bem estar e a segurança daqueles que se tornam seus sócios.

A INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE

Em vista do grande e expressivo resultado obtido nos negócios de Prudência Capitalização em Minas Gerais, a sucursal de Belo Horizonte exigiu que os seus dirigentes ampliassem as instalações e é em vista disso que, no mês passado, os novos escritórios foram inaugurados, com grande solenidade e brilho, no edifício Lux, em todo o terceiro andar, à rua Tupinambás, 631.

Estiveram presentes à solenidade representantes das autoridades federais, estaduais e municipais, dos Institutos dos Bancários, Comerciários e Industriários, dos Bancos locais e das classes conservadoras, do alto comércio, advogados, representantes da imprensa, estações de rádio e revistas, o dr. Adalberto Ferreira do Vale, diretor e gerente geral da Companhia e o sr. Ildefonso de Lima Tricote, chefe geral da Produção da Companhia em todo o Brasil, o sr. Humberto Bibas, chefe de Produção do Rio de Janeiro, sr. Antônio Van Erwen de Melo Barreto, chefe da Organização no Rio de Janeiro e Elísio Alberto de Castelo Branco, chefe de inspetores no Rio de Janeiro, que vieram especialmente



Os Campeões deste ano em frente ao quadro de honra, posam para ALTEROSA

do Rio e de São Paulo afim de assistirem à inauguração das novas instalações.

Estavam presentes também os srs. João Antônio Garcia Blaia, inspetor geral de Minas Gerais; Alvaro Mendes Filho, chefe de Escritório da Sucursal de Minas; Alberto Sodré, secretário da Produção da Sucursal de Minas; Diogo Francisco Martinez, inspetor-chefe itinerante; Arnoldo Xavier, chefe de Organização em Belo Horizonte; Benedito Rossi, inspetor seccional do Sul de Minas; João Lino Preto, inspetor seccional em Juiz de Fora; Antônio Rollin Rhade, inspetor fiscal no Estado de Minas; Jácinto Coimbra, inspetor seccional da

Zona de Lavras; Antônio de Melo, inspetor seccional de Barbacena; Manuel Antunes Mourão, inspetor seccional do norte do Estado e os inspetores regionais do Estado de Minas Francisco Eugênio Teixeira, Wadih Paulo Chartuni, Aizik Gimelfarb, Américo Perrelli, Francisco Resende, Martin Cifre Calazans, Celso Lima, Fábio Teixeira, tenente José Marcolino de Moura, Aécio Gomes, Fernando Santos de Oliveira, José Machado Sobrinho, Adamastor Oliveira Fernando Telendal Pacheco e Dila Pires, além de todos os funcionários da Sucursal da "Prudência Capitalização" de Belo Horizonte.

— Conclue no fim da revista —



Brinde das senhoras e senhorinhas presentes, aos diretores de "Prudência Capitalização".



PENSAMENTOS

Não há nada mais triste do que ter por obrigação fazer rir.

Julia LOPES DE ALMEIDA

*

A comédia é a arte de fazer rir com ortografia: o *vaudeville* é a arte de fazer rir sem ortografia.

LABICHE

*

O otimismo é a raiva de dizer que tudo vai bem quando tudo vai mal.

VOLTAIRE

*

Não depende de nós o não sermos ricos; depende, porém, sempre de nós, tornarmos respeitável a nossa pobreza.

*

Cada um de nós possui três caracteres: o que mostra, o que tem e o que julga ter.

*

Há questões que têm o privilégio de unir as pessoas mais separadas e separar as mais unidas.

*

A Humanidade, contrariando as leis da ética, tende a engrandecer o que está longe.

*

E' tão difícil ser justo, que a prudência aconselha a ser indulgente.

* * *

CONFIDENCIA

J. BATISTA DE OLIVEIRA

Lua — que o teu fulgor vem me trazer, à terra,
A suprema expressão de uma força secreta,
Que anda na flor, no fruto e vai do vale à serra,
E enche de amor e aroma o coração do poeta!

— Eu tenho, em meu silêncio, um pensamento que erra
Pela noite, ao palor da tua luz discreta,
A indagar de onde vem esse poder que aterra
Da mão que te ilumina e urdiu-me esta alma inquieta...

Este brado que vai de mim para o infinito,
E se dilue no espaço ao teu clarão sidéreo,
Como se a minha voz fôsse o clamor de um mito,

E' o pensamento humano, é o pensamento sério,
Que vê sumir, sem luz, num derradeiro grito,
A esperança de Deus nas dobras do mistério!



MOEDA FALSA

BAUDELAIRE

ASSIM QUE NOS afastávamos da charutaria, o meu amigo ia fazendo uma cuidadosa separação de suas moedas. No bolso esquerdo do casaco colocou umas moedas de ouro; no direito, moedas de prata; no bolso esquerdo das calças, um punhado de moedas de cobre; e, por fim no direito u'a moeda de prata de dois francos que havia examinado de maneira particular. "Separação singular e minuciosa"; exclamei para os botões de meu casaco.

Encontramo-nos, em seguida, com um pobre que nos estendeu o gorro, tremendo. Nada é mais inquietante que a eloquência muda desses olhos implorantes, que por sua vez refletem, para o homem sensível que sabe ler neles, tanta humildade e tantas recriminações.

Encontra-se neles algo semelhante a esta profundidade de sentimento complicado que se observa nos olhos lacrimosos dos cães quando os chicoteamos.

O donativo de meu amigo foi muito maior do que o meu, e lhe disse:

— Tens razão. Depois do prazer de se admirar, não há maior do que o de causar uma surpresa.

— A moeda era falsa — respondeu-me tranquilamente, como para justificar sua prodigalidade.

Mas em meu cérebro infeliz, preocupado sempre em procurar cabelos em ovos — de que opressora faculdade me dotou a natureza! — penetrou subitamente a ideia de que semelhante procedimento de meu amigo só era desculpável pelo desejo de criar um acontecimento na vida daquele pobre diabo, incluindo talvez, o desejo de conhecer as diversas consequências, funestas ou não, que u'a moeda falsa pode gerar na mão de um mendigo. Não podia levá-lo ao carcere? Um tavernheiro, um padeiro, por exemplo, exigiriam, talvez, a sua detenção como moedor falso, ou como passador de moeda falsa. Poderia ocorrer também, que a moeda falsa fosse, para um especulador insignificante, germe de uma riqueza de alguns dias.

E assim, minha fantasia voava, tomando asas à idéia de meu amigo e tirando todas as deduções possíveis de todas as possíveis hipóteses.

Mas, este interrompeu inopinadamente a minha divagação, parafraseando minhas próprias palavras:

— Sim, tens razão. Não há prazer mais suave que o de surpreender um homem dando-lhe mais do que ele espera.

Olhei em seus olhos e fiquei admirado ao ver que brilhavam com indiscutível sinceridade. Vi, claramente, então que ele quis fazer simultaneamente a caridade e um bom negócio; ganhar dois francos e o coração de Deus; alcançar com pouco dinheiro o paraíso; adquirir, enfim, de graça, a credencial de homem caritativo. E' possível que eu o perdoasse o desejo do prazer criminoso de que lhe supus; capaz pouco antes. Pareceu-me a mim curioso, estranho, que se entretivesse em comprometer os pobres; porém, jamais lhe perdoarei as ignorâncias de suas intenções. Ser mau é sempre coisa imperdoável, porém há algum mérito em saber que se é mau; o que constitue vício é o vício de fazer o mal por ignorância.



Óleo de Peroba



A CINTA MODERNA

MODELADORES

SOUTIENS

CINTAS

BLUSAS

LINGERIE



Av. Afonso Pena 932/6

Fone 2-1097

BELO HORIZONTE

Uma
Tradição
no
serviço
da
beleza
da
mulher

DIVINA ANGUSTIA

Toda a tragedia do meu ser consiste
em te querer, alucinadamente.
E', por isto, que eu sou assim tão triste,
assim tão vago, assim tão diferente.

E, no entanto, no instante em que surgiste,
tinha um sorriso para toda a gente.
E, diziam-me, até, em tom de chiste,
um "snob", um "blasé", um displicente.

Mas, não maldigo essa ansiedade estranha
que, agora, a todo instante me acompanha,
e me desvaira e me alucina e inquieta.

Que me importa essa dor, que não se acalma,
se o teu amor transfigurou minha alma,
se o teu amor é que me fez poeta.

BAIA DE VASCONCELOS



Franzina flor de graça e de beleza,
De que jardim de Edem distante vieste
Para enfeitar, assim, minha tristeza
E florescer a minha vida agreste?

Que seiva misteriosa e perfumada
Fez a gloria de tua floração,
O teu corpo de anemona dourada,
— Unica flor que ha no meu coração?

Saber que importa a origem de uma flor,
Se ela engalana a nossa vida inteira?
Toda especulação é uma cousa rasteira
Em face da beleza e defronte do amor.

Basta-me ver-te e o aroma, que trescala
O teu corpo de petala, aspirar,
E ouvir a tua fala
E sentir teu olhar.

O mais deixo aos filosofos. A vida,
Tanto quanto a mulher mais desejada,
Para ser bela, basta ser amada,
Mas nunca compreendida.

THEODERICK DE ALMEIDA

HOMEM - CRISTO - JESUS!

Sinto que vai findando o meu tormento:
— Estas noitadas de monotonia
Em cuja solidão tão vasia
O sangue quase pára de tão lento.

Nenhum consolo no meu pensamento
Desenganado da Filosofia.
E tudo que pensei que alcançaria
Por muito esforço ou por merecimento,

Desertou de minh'alma neste instante
Em que o Mundo parece mais distante
Porque meus olhos vão perdendo a luz.

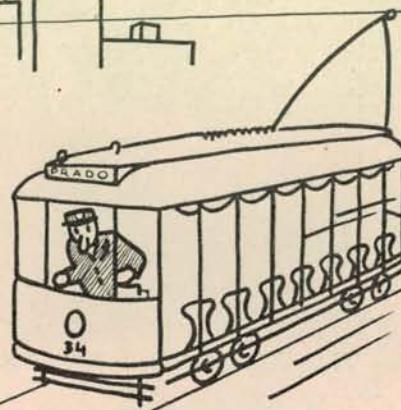
Só Tu ficaste o mesmo, — solitario,
Comigo e Deus velando o meu Calvario
Homem — Cristo — Jesus!

FRAGMENTOS DA POESIA NACIONAL

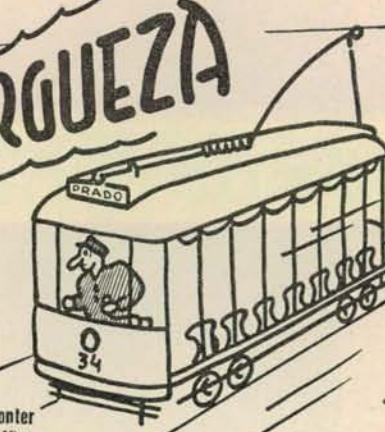
A. J. PEREIRA DA SILVA

(Da Academia Brasileira de Letras)

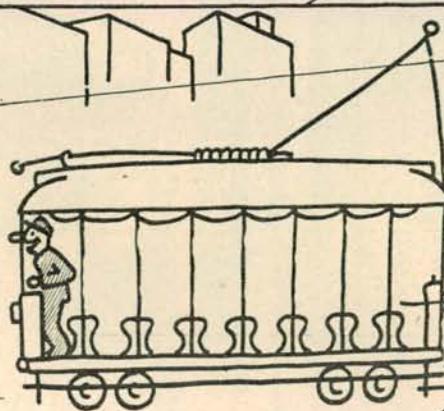
O motorneiro do bonde Prado também já conhecia o delicioso sabor da cerveja **HAMBURGUEZA**...



E foi por isso que ele não se pôde conter quando, ao lhe ser mostrada a magnífica cerveja da Antartica...



Disparou atrás da poderosa atração, alegre e fez esquecendo-se até de que o elétrico deve andar sempre sobre os trilhos ..



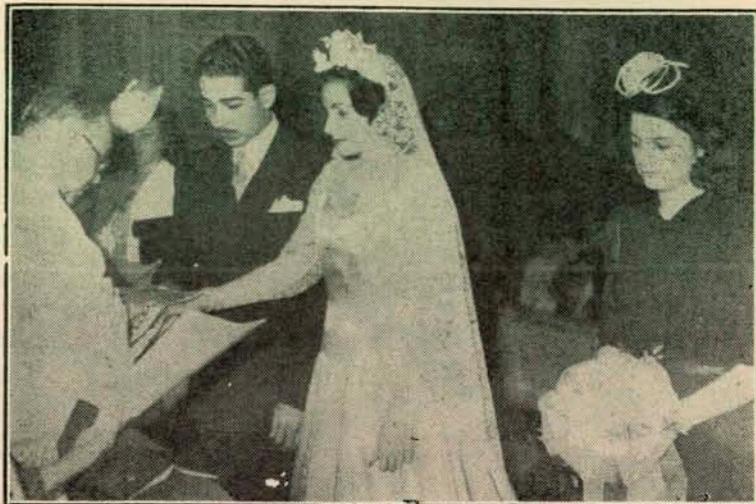
Perfumarias
nacionais
e estrangeiras

Produtos
de Beleza

Mais
de Qualidade

PERFUMARIA
O.K.
AVENIDA, 546

A CASA QUE SEGUO A ALTA
SOCIEDADE MINEIRA.



Flagrante do enlace matrimonial da srta. Rosalba Dalia, com o sr. Paulo Marques Soares, realizado nesta Capital.

*

D. HELVECIO GOMES DE OLIVEIRA

Por GERALDO DUTRA DE MORAIS

REALIZAR-SE-ÃO, no próximo dia 15 de Agosto, as comemorações das bodas de prata episcopais de Sua Exceléncia Reverendíssima Dom Helvécio Gomes de Oliveira, sábio e virtuoso Arcebispo Metropolitano de Mariana.

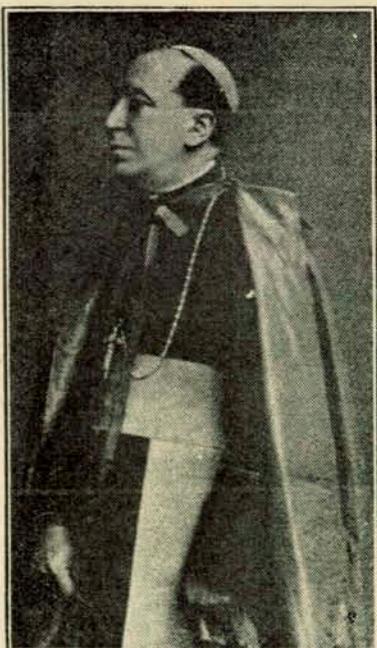
nas, associamo-nos às expressivas manifestações com que se comemorará, em Minas Gerais e no Brasil, o jubileu episcopal do grande Prelado.

Nasceu Dom Helvécio Gomes de Oliveira em 19 de Fevereiro de 1876, na encantadora fazenda "Olivania", situada num dos mais pitorescos pontos do município de Anchieta, Estado do Espírito Santo. São seus pais o Coronel José Gomes de Oliveira e dona Maria Matos de Oliveira, ambos descendentes de nobre estirpe. Foi batizado a 7 de Junho de 1877, na Matriz de Nossa Senhora da Assunção, pelo pároco Padre Francisco Batalha Ribeiro, sendo seus padrinhos o Cônego Quintiliano José do Amaral, seu tio e Nossa Senhora da Conceição, sua protetora. Quando de sua visita pastoral a Benevento crismou-o o Bispo D. Pedro Maria de Lacerda.

Muito cedo ainda, aos três anos de idade, manifestara-lhe a vocação sacerdotal, quando em um serão íntimo de família afirmara, com surpresa geral que desejava ser padre, humilde Ministro de Deus.

Frequentou o curso primário na escola do prof. José Horácio Costa, em sua própria terra natal quando, por falecimento de seu ilustre pai, transferiu-se para Poços de Caldas, em companhia de seu padrinho, afim de frequentar as aulas do prof. Francisco Sá. Em 19 de Março de 1888 matriculou-se no famoso Colégio Santa Rosa, de Niterói, educandário recentemente fundado pelos abnegados Salesianos. Quatro anos depois terminava o curso com excepcional brillantismo.

Impressionado com a eloquência e ilustração do jovem brasileiro, o inspetor dos Salesianos na América do Sul, D. Luiz Lasagna, Bispo de Tripoli, fez-lo seguir para Europa afim de aperfeiçoar e concluir seus estudos. Antes porém, de partir iniciou o noviciado, estudando filosofia, teologia, retórica, línguas e matemática no Colégio S. Joaquim de Lorena. Ao latim dedicava ele especial predileção, embora brilhasse em todas as matérias e, graças à sua inteligência



D. Helvécio Gomes de Oliveira

Mariana, a velha Vila Real do Rio-Brilhante do Carmo, cheia de templos e de tradições, estará engalanada nesse dia festivo, afim de prestar justas e carinhosas homenagens ao seu querido Pastor.

Trazendo o nome de Dom Helvécio Gomes de Oliveira para estas colu-

agil, repetia com facilidade versos de Virgílio, orações de Cícero e páginas de Tácito.

Finalmente, a 8 de Fevereiro de 1894 seguia com destino a Europa e, em menos de dois meses decorridos, vestia a batina na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, tendo a graça de receber-lá das mãos do sucessor de D. Bosco, o Servo de Deus D. Miguel Rua. Depois de fazer sua profissão perpétua seguiu para Roma, onde, na Universidade Gregoriana, lhe foi conferido o título de bacharel em filosofia. Regressando ao Brasil foi designado para as Missões de Mato Grosso onde concluiu o curso teológico.

Recebeu todas as Ordens das mãos venerandas do Bispo D. Carlos Luiz d'Amour, na Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, de Cuiabá; tonsura e menores a 7 de Janeiro de 1900; subdiaconato a 27 de Maio de 1901; diaconato a 1.º de Junho de 1902 e no dia 9 do mesmo mês o presbiterato, celebrando sua primeira missa a 14 de Junho de 1902.

Um ano depois de ordenado, confiaram-lhe os superiores Salesianos, a direção do Liceu de Mato Grosso, em virtude dos méritos extraordinários do jovem sacerdote. No vizinho Estado dedicou-se, também, à imprensa. Fundou o interessante jornal "Mato Grosso" e a "Revista de Mato Grosso", onde publicava seus primorosos artigos. Em 1903 transfere-se, então, para São Paulo, na qualidade de Secretário da Inspectoria Maria Auxiliadora, sendo eleito pelas casas salesianas do Brasil, deputado ao Capítulo Geral da Congregação que, naquele ano, se reuniu em Turim.

Voltando ao Brasil destinaram-no ao Liceu Sagrado Coração de Jesus, de São Paulo, quando então teve a oportunidade de dirigir a revista "Santa Cruz", uma das melhores publicações da época. Pouco tempo, porém, permaneceu na capital bandeirante. O Colégio Santa Rosa reclamava o concurso do grande educador. E o Padre Helvécio seguiu para Ni-

* * *

ZUMBIDO!

DOR DE OUVIDO!

AUDI

GRANADO

ELIMINA A DOR E
EVITA COMPLICAÇÕES
NO CONDUTO
AUDITIVO

GRANADO & CIA.
Fábrica de Farinhas

T. TARGUINHO

OURO em moda

JOIAS finas



JOALHERIA PADUA

terol onde, à custa de enorme sacrifício, reergreu o conhecido educandário fluminense.

Algum tempo depois, o seu nome foi apontado para o episcopado. Não o aspirava, entretanto, Padre Helvécio. Eis que, a pesar de suas escusas, foi, pela Bula de Bento XV, de 15 de Fevereiro de 1918, eleito bispo de Corumbá. Continuava a insistir pela sua recusa quando, por falecimento do bispo do Maranhão, o Santo Padre designou-o para sucessor de Dom Silva, por via da Bula de 18 de Junho do mesmo ano. A 15 de Agosto realizou-se, na Catedral de Niterói, a sagrada do novo Bispo, oficiando como Ministro sagrante, o Núncio D. Angelo Scapardini, assistido por Dom João Batista Corrêa e Dom Benedito Paulo Alves de Sousa, bispos de Campinas e do Espírito Santo, respectivamente. Dom Helvécio fez sua entrada solene na diocese de São Luiz do Maranhão, em 24 de Novembro de 1918, sob grande demonstração de apreço da população. Não enumeraremos o notável apostolado de D. Helvécio no Maranhão, bastando apenas citar que, graças aos esforços e dedicação do piedoso prelado, o Papa Bento XV conferiu à diocese do Maranhão a honra de arcebispado, bula que Pio XI ratificou, a 10 de Fevereiro de 1922.

Transferido nessa data da diocese maranhense para a Igreja titular de Verissa e eleito bispo-coadjutor, com direito à sucessão, do Arcebispado de Mariana, partiu de São Luiz, a 12 de Setembro de 1922 rumo a Minas Ge-

rais. Não tendo, porém, Dom Helvécio Gomes de Oliveira se empossado da coadjutoria, quando em vida de Dom Silvério Gomes Pimenta, tornou-se, então, necessário a expedição da bula de 10 de Novembro de 1922, para que a sucessão se verificasse. Deejando, porém, o Santo Padre que Dom Helvécio entrasse, imediatamente, na administração diocesana, tomou posse, por intermédio de seu bastante procurador o Vigário Capitular D. Antônio Augusto de Assis, Arcebispo tit. de Beyruth.

Em meio de aclamações e regozijo popular, às onze horas do dia 26 de Novembro de 1922, Dom Helvécio Gomes de Oliveira fez sua entrada triunfal e tomou posse solene do Arcebispado de Mariana, revestindo-se as solenidades de magnificência singular.

Realizou-se, a 15 de abril de 1923, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Niterói, a solene imposição do Pálio, que a Dom Helvécio fora concedido pela Bula *Cun nos alias de Pio XI*, datada de Roma, a 14 de Dezembro de 1922. Esse ato memorável coincidiu com a sagrada do irmão de S. Excia. o sr. D. Manuel, Bispo de Goiás, motivo por que a veneranda genitora dos dois bispos foi muito cumprimentada, pela suprema felicidade de assistir à sagrada episcopal de um filho e à imposição do Pálio a outro.

Tão ampla, fecunda, complexa e de tal latitudine é a obra do sábio antistite, durante esses vinte e cinco anos de episcopado que nos escusamos de

— Conclue no fim da revista —



Creme SANITARIO

Com MELHORAL



Melhoral

É MELHOR contra DORES e RESFRIADOS

NOITE DE SÃO JOÃO

ÍEDA MELO TEIXEIRA

A NOITE de São João chegou, barulhenta e alegre e, como tudo na vida, foi-se embora. Passaram-se os dias e outra noite de S. João, mais alegre e estonteante de luz e alegria, chegou.

Assim, você, ontem, menina travessa, jogando busca-pés, espantando os casais de namorados que não ouviam os mosquetões, que não sentiam o calor da fogueira lá de fora, que dansavam quadrilha, para depois tomarem "quentão" num recanto mais sossegado, longe dos estrondos ensurdecedores dos foguetes, assim, ontem, menina travessa, você existia.

Ontem, você soltava balão, ria da sorte, pulava fogueira, despreocupada, dando um pescocoão no menino ruivo e sardento que teimava ter soltado o balão mais alto, que se confundia com as inatingíveis estrelas.

No entanto, hoje, você está moça. Seus cabelos conservam a displicência da meninice, seus olhos são os mesmos, vivos, inquietos, suas faces são pálidas, e seus lábios carnudos têm a malícia que ontem não possuam. Seu sorriso é indecifrável e você tem uma atitude distante e irônica. Seu vestido de chita barata, de decote atrevido, desafiando o ar gelado da noite, deixa sobressair o branco de seu colo macio. Você, menina de ontem e moça de hoje, é um misto diabólico de candura e de tentação.

Hoje, você está afastada de tudo. De mãos enlaçadas, olhos inebriados de amor, não percebe mais os balões se misturarem com as estrelas distantes. Seu semblante é o de quem ouve palavras doces, cochichando também mentiras, sorrindo sempre, falando pouco, pensando muito, acreditando-nunca.

Você sabe que é muito linda; que seu vestido de chita todo enfeitado de fita lhe empresta uma ingenuidade deliciosa? Que ele está louquinho por você?

Ele, o mesmo ruivo de ontem, menos sardento, é verdade, mais bronzeado, alto, muito forte. Veja seus olhos escuros e rasgados como desafiam os seus, pequeninos e vivos. E, neste momento, onde está sua coragem, para lhe dar outro pescocoão? Você sabe que hoje ele concordaria que o seu balão foi mais alto e que subiu sempre, sempre, sem se queimar! Pudera!

Ontem, travessa, me perseguiu com busca-pés e gargalhadas. Hoje, machucando-me com seu ar displicente, que sabe estar sendo adorada por quem nunca chegaria a lhe confessar, porque tem medo, um medo louco de tê-la e de perdê-la.

Mas que importa o sofrimento alheio? Que lhe importa o sofrimento desse que não existe para você e sempre se conservou esquivo e calado, olhando-a de longe? Se ele pudesse subjuguar o destino e fazer prevalecer a sua vontade, ele gostaria, por certo, de fazê-la voltar a ser a mesma menina de ontem, mal educada e atrevida, que pudesse receber de suas mãozinhas fortes outro

— Conclue no fim da revista —

ENLACE



Flagrante do enlace matrimonial da sra. Sonia Maria Petersen Gomes, da nossa sociedade, com o sr. Valter Oliveira Lins, residente no Rio de Janeiro.

BODAS DE PRATA



Transcorreu no dia 27 de Julho findo a auspíciosa data comemorativa das Bodas de Prata do distinto casal de nossa sociedade Domingos Bernis-Luzia Otaviani Bernis, que aparecem no clichê, cercados de seus filhos Nei, Neli, Odvaldo, Vanda, Valter e Paulo.



O 'R' da Rhodia
é a MARCA-
SÍMBOLO dos
PRODUTOS
de VALOR

O resfriado comum, que nada mais é do que o primeiro sintoma da gripe, pode ser facilmente combatido com um ou dois comprimidos de RHODINE, tomados a qualquer hora do dia. Se, porém, a gripe já se manifestou, o meio mais simples e eficaz de combater radicalmente o mal é tomar, ao deitar-se, um ou dois comprimidos de RHODINE com um chá-de-canela bem quente. Transpirando, a gripe desaparece. RHODINE é a boa enfermeira que não deixa o resfriado progredir, nem a gripe vencer!



RHODINE

CAFEINADA

P/NAM



Vista da parte central de Santa Rita de Jacutinga

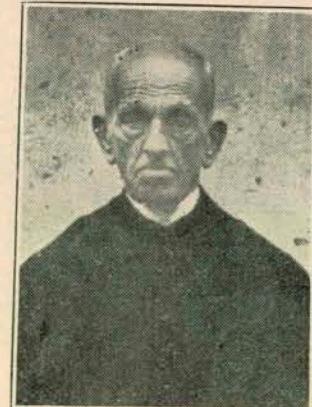
SANTA RITA DE JACUTINGA ASPIRA A SUA ELEVAÇÃO A MUNICÍPIO

GRANDE CENTRO PRODUTOR E EXPORTADOR — INSTRUÇÃO E CULTURA — FINANÇAS E ECONOMIA — "ALTEROSA" VISITA A LOCALIDADE MINEIRA MAIS PRÓXIMA DO RIO DE JANEIRO — UMA CIDADE QUE NÃO POSSUE ESSE TÍTULO — JUSTA ASPIRAÇÃO DO Povo, QUE CONFIA NA VISÃO ADMINISTRATIVA DO GOVERNADOR VALADARES.

Um dia destes, nesta nossa vida de reporter itinerante, fomos parar em Santa Rita de Jacutinga, que é a localidade mineira mais próxi-



Dr. José da Fonseca Romulo, industrial em S. Rita de Jacutinga, membro da comissão pro-emancipação.



Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca, vigário da paróquia há 57 anos. É o presidente do Comitê pro-emancipação de S. Rita de Jacutinga.

ma da Capital Federal e está situada mesmo na linha divisória. Sabíamos, entre os seus habitantes, há um intenso movimento pela obtenção, junto ao governo mineiro, de sua autonomia administrativa. Sabíamos, de antemão, que a localidade é uma das mais progressistas do Estado e que o seu desenvolvimento

a sua renda e as suas fontes de riqueza, bem como o número de população colocam-na ao lado de muitas das boas cidades mineiras.

ALTEROSA que, como sempre acontece, precura defender os direitos da coletividade e focalizar os problemas de maior interesse para o progresso de Minas, enviou a Santa Rita de Jacutinga um seu representante, com o fim exclusivo de obter dados concretos sobre o seu nível financeiro, social e econômico.

O CLIMA, BACIA HIDROGRÁFICA E LOCALIZAÇÃO

Logo à primeira vista, Santa Rita de Jacutinga encantou-nos pelo bom acabamento de suas casas, pelo traçado de suas ruas e pelo trabalho de seus habitantes. E durante as horas que ali permanecemos, foram desfilando aos nossos olhos, ávidos de novidades, as grandes possibilidades do lugar.

Situada como dissemos, na fronteira de Minas com o Estado do Rio, e ligada à Capital Federal pela Estrada de Ferro Central do Brasil e pela Ribeira Mineira de Viação, que vai à Barra do Piraí, a localidade é servida por um clima ameno e saudável, por terrenos férteis, onde a agricultura e a pecuária se desenvolvem com grandes resultados. Possui um sistema hidrográfico inegualável no Brasil. Suas grandes cachoeiras, ainda não aproveitadas, representam grande potencial hidráulico e tão logo se voltem as vistas para o seu perfeito e completo aproveitamento, poderão constituir uma das maiores centrais elétricas do Estado, contribuindo, deste modo, eficazmente para a solução do problema da energia hidráulica, que, atualmente, vem sendo estudado pelo governo mineiro.

PRODUÇÃO

No capítulo da produção, Santa Rita de Jacutinga se coloca, sem nenhum favor, ao lado das maiores cidades do Estado. Se não, vejamos: — possui 473 propriedades agrícolas,



José Marinho de Araújo, jornalista, membro da comissão pro-emancipação.

em funcionamento e com ótimos resultados, como bem o atesta o desenvolvimento atingido pela localidade na agro-pecuária. Cinquenta fábricas de queijos fiscalizadas pelo D.I.P. O.A. estão funcionando normalmente, sendo avantajada a sua produção. O acabamento das construções de suas fábricas obedece rigorosamente aos princípios de higiene e garante ao mercado consumidor a maior segurança e um produto excelente.

Além disso, importantes estabelecimentos de exportação colocam a vila em um plano elevado nesse setor. Para o Distrito Federal, no ano de 1942, foram exportados cerca de 2.500.000 (dois milhões e quinhentos mil litros) de leite.

Atualmente, incentiva-se o plantio da amoreira, para a cultura do bicho da seda. Neste sentido, várias experiências já foram feitas, com resultados satisfatórios.

— No decorrer do ano de 1942, a cultura da mandioca, que há alguns tempos vinha tendo grande incremento, atingiu o auge. Isto, para que as máquinas da Fecularia Santa Rita não sofressem solução de continuidade. A Fecularia, estabelecimento modelar no gênero, pôde exportar cerca de 1.260 sacos de farinha panificável, num total líquido de 68.000 quilos.

Outro fator do progresso da vila é a grande produção de caseina. A Usina local, trabalhando com afino, está produzindo esse precioso produto e exportando para as praças do Rio de Janeiro, São Paulo e outras. E o índice de produção em 1943,

Ai! As minhas costas!

LINIMENTO

Granado

NEVRALGIAS
FACIAIS OU
INTERCOSTAIS
DOR DE CADEIRAS
CAIMBRAS
DORES REUMATISMAS



T. TARQUINO



AMÔR... ROMANCE...
E, POR FIM, A FELICIDADE NO CASAMENTO!

Apresentamos grandiosa oferta aos noivos:

**ALIANÇAS MODELO "BRASIL", A PARTIR DE CR \$ 120,00
MODELO ARGENTINO, A PARTIR DE . . . CR \$ 150,00**

A' JOALHERIA JAYME BAPTISTA
RUA DA BAÍA, 875-BELO HORIZONTE

Peço remeter-me escala para medidas de
alianças e modelos.

NOME _____

RUA _____

CIDAD. _____

ESTADO _____

**JOALHERIA
JAYME BAPTISTA**

JOIAS - RELOGIOS - ALIANÇAS
ENCOMENDAS E CONCERTOS

Rua da Baía 875-Belo Horizonte

AOS NOIVOS DO INTERIOR:
PREENCHAM E REMETAM
O COUPON AO LADO

segundo os cálculos já feitos, colocarão Santa Rita de Jacutinga como a maior exportadora de caseina do Estado, quiçá do Brasil.

FINANÇAS

Como centro de convergência e entroncamento de linhas ferreas, a localidade se coloca entre os principais núcleos exportadores do centro do Brasil. Exemplo indiscutível desse fato é a renda atingida pela estação da Central do Brasil em 1942, que foi de Cr\$287.973,20, contra Cr\$71.057,30 de importação.

Não se inclue nestas linhas a renda atingida pela estação da Rede Mineira de Viação, que é outro veículo do escoamento das riquezas do lugar.

INSTRUÇÃO E CULTURA

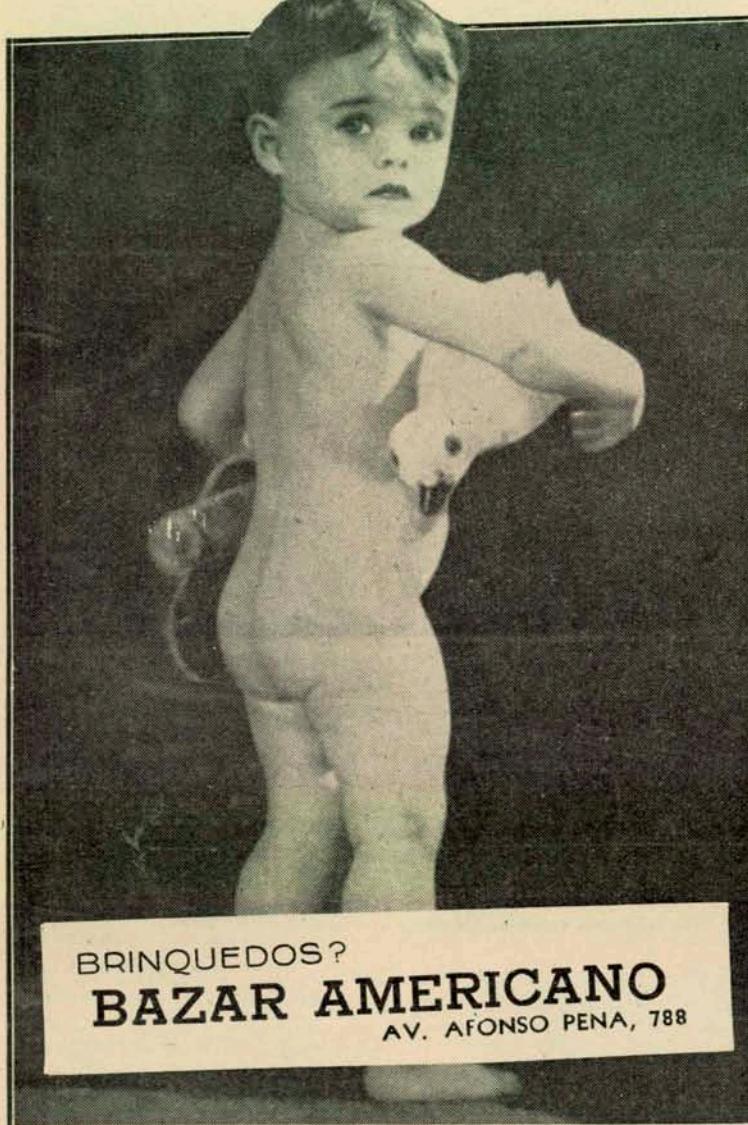
Na localidade, a instrução pública é bem desenvolvida, apesar da falta de autonomia e de apoio. Funcionam as Escolas Reunidas, mantidas pelo Estado, com quatro cadeiras e com elevado número de alunos, e va-

rias escolas particulares, entre as quais, destaca-se a Escola Santo Antônio de Padua, com a frequência de 150 alunos. Presentemente, cuida-se, entre os habitantes, da fundação de um Ginásio para que a sua juventude possa realizar os estudos secundários, sem a necessidade de buscar outras cidades para isso.

Existe na vila cinema bem montado em prédio próprio, com aparelho sonoro e duas máquinas de projeção. Duas bandas musicais abrillantam as festas públicas. São elas "C. M. Cônego Marciano" e "C. M. Santa Cecília", dirigidas por competentes maestros e músicos seguros de sua arte. Instrumental perfeito e moderno.

Como centro de atração e turismo há este fato: nas ocasiões do carnaval ou festas cívicas e religiosas, grande número de famílias deixam o Rio de Janeiro e se encaminham para Santa

— Conclue no fim da revista —



BRINQUEDOS?
BAZAR AMERICANO
AV. AFONSO PENA, 788



A graciosa Consuelo, filhinha do casal Osvaldo Duran e D. Seta Rocha Duran, residentes na Capital.

*

CURIOSIDADES

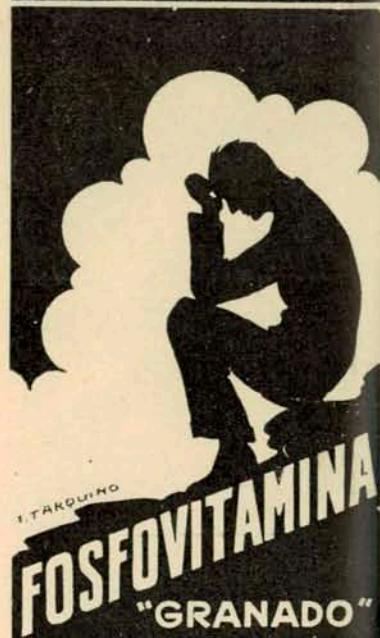
Não se deve fazer alarde com os favores feitos, para que os mesmos não percam seu mérito.

*

As molestias e irritações produzidas nos dentes e nas gengivas por efeito das frutas acidas ou verdes são curadas, enxaguando-se a boca com água e bicarbonato.

* * *

FÓSFORO VEGETAL E VITAMINAS



CONSOADA

Na noite de Natal, todos os povos
De Papai-Noel esperam a chegada,
Reunindo-se ao cear velhos e novos
Para uma festa alegre e bem regada.

Ao lado da expansão da petisada,
Saboreando bon-bons de frutas e ovos,
Como encontrando joiaias renovos,
Todos se irmanam para a consoada.

E a festa, então, prossegue alegremente
No espaçoso salão iluminado,
De luzes e de flores reluzentes.

E é assim que se festeja, lado a lado
Da meninada o riso do presente
E da velhice o riso do passado.

GASTÃO ITABIRANO

PAUL MORAND E "AS VIAGENS"

AS VIAGENS? — diz Paul Morand — Ah! Eu não gosto das viagens; gosto de viajar. O que aprecio é o movimento. Sei muito bem que, em toda parte, estamos mal. E só isso não se dá no instante em que mudamos, em que nos movimentamos. Não me aborreceria da minha vida, enquanto ela for mobil. A melhor definição que se deu de meus livros, a melhor, comprehende, aquela que mais me satisfez foi a seguinte: não serem eles uma medida entre dois pontos que mudam".

*

MOZART PODIA DISPENSA-LAS

O CELEBRE maestro Spontini era condecorado com muitas ordens, e tinha certo prazer em se mostrar ao público resplendente de comendas e cruzes varias. Uma vez que atravessava assim uma sala, alguém disse ao seu lado de modo que ele ouviu.

— Tantas condecorações! Mozart não tinha uma só!

— Perdão, senhor — acode cortezmente o maestro — Mozart podia dispensá-las.

*

A VOZ DOS ANIMAIS

O CONHECIDO naturalista inglês, Julian Huxley deu uma audição de uma serie de discos em uma sala do Jardim Zoológico de Londres. Nesses discos tinham sido registados os cantos e gritos de muitos animais. Em um deles tinham-se impressionado os murmúrios da selva, destacando-se o canto abaritonado de um jovem hipopotamo, o berro de um elefante e o rugido de varios leões.

O sr. Huxley tinha "pegado" também o gargalhar terrível de uma hiena, o qual se assemelha à gargalhada de um louco, bem assim um coro de lobos registrado em uma noite de inverno.

Entre os discos figurava um em que fora registrado o canto de certo sapo da América, tão melancólico, que um dos assistentes comparou-o às primeiras notas da sonata "Clarão do Luar" de Beethoven.

Alguns discos foram tocados em presença dos próprios animais e verificou-se que a reprodução sonora era tão perfeita que foi difícil afastar-se um jovem camelo de ficar ouvindo o que julgava ser a voz de sua mãe, no aparelho reprodutor.



PARA AS SENHORAS DE GOSTO MAIS FINO . . . AS SEDAS DO MAIS FINO GOSTO!

Incomparável sortimento, sempre renovado, apresentando as ultimas creações para a elegância feminina pelos preços mais modicos.

CASA DOS 3 IRMÃOS

AV. AFONSO PENA, 540 — FONE 2-1261

*

O MODELO SUBLIME

ANITA CARVALHO

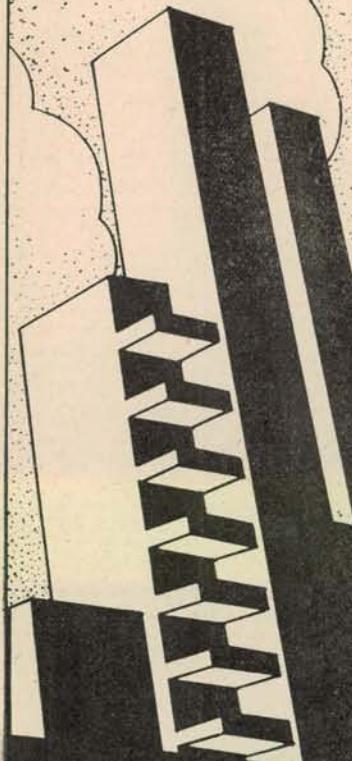
Eis-me, ó Pai, o cinzel na mão direita. Prontra para o trabalho que se exija, E, entretanto, no golpe não se ajeita!... E' necessário o Mestre que a dirija!

Vibro fundo o cinzel!... Que a alma [se] aflijat!... E' um meio de torná-la mais perfeita. Mas não basta o holocausto que a [corrija] Se, fatigado, o corpo, a morte o es- [preita!]

Não basta, ó Deus, ser forte apenas [de alma; Mesmo o que sofre e o sofrimento [salma, Em meio da tormenta, às vezes, cai!

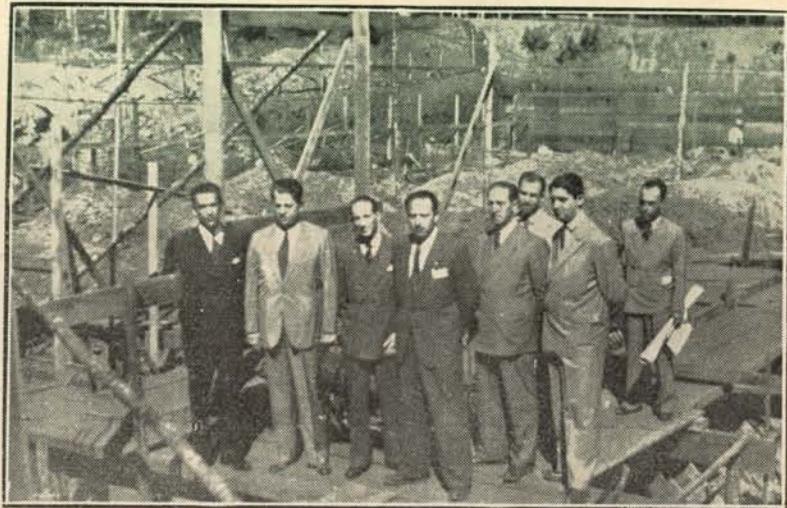
Da perfeição extrema, na conquista, Que poderei fazer, misera artista, Ante o Modelo que sois Vós, meu [Pai!?

projetos
constituições
administrações
fiscalizações



C.I.R.
"ROMEO DE PAOLI"
LTDA.
=MATRIZ=
RUA SÃO PAULO 249
Belo Horizonte
=FILIAL=
av. NILO PEÇANHA
155 SALAS 511 a 513
Rio de Janeiro

O GOVERNADOR DO ESTADO VISITA AS OBRAS DO TEATRO MUNICIPAL



Em dias do mês passado, em Companhia do prefeito Juscelino Kubitschek, altos funcionários do Estado e da Municipalidade, o governador Valadares Ribeiro visitou as obras do novo Teatro Municipal, no Parque. Durante essa visita, S. Excia. teve oportunidade de manifestar, mais uma vez, o seu entusiasmo e o seu apoio à grande e arrojada obra que vem realizando o prefeito da Capital, cujos méritos de realizador e de artista, bem como o seu inegualável bom gosto estético se evidenciam mais e mais, diante de seus magníficos planos urbanísticos. O novo Teatro Municipal, uma das maiores e mais arrojadas obras da arquitetura moderna, ao ser terminada a sua construção, colocará Belo Horizonte ombro a ombro com as maiores capitais da América, e o Teatro será motivo não só do orgulho do belorizontino, como de todo o brasileiro, porque será um dos primeiros teatros da América do Sul.

Da visita do Governador Valadares Ribeiro às obras da magnífica realização que é o Teatro Municipal, é a foto que acima estampamos.

* * *

JOÃO BATISTA PEDREIRA, UM DOS ESTEIOS DA ECONOMIA DE MONTES CLAROS

UMA das mais destacadas figuras na pecuária de Montes Claros é um dos elementos de maior projeção na economia local, é o sr. João Batista Pedreira, grande invernista e comerciante de gado naquele município. Possuindo a velha tempra do mineiro, trabalhando com afinco e segurança para alcançar aquilo que deseja e executar os planos que traçou para suas atividades, este ilustre representante da economia montesclarensse vem realizando uma obra digna dos maiores elogios e da mais espontânea simpatia.

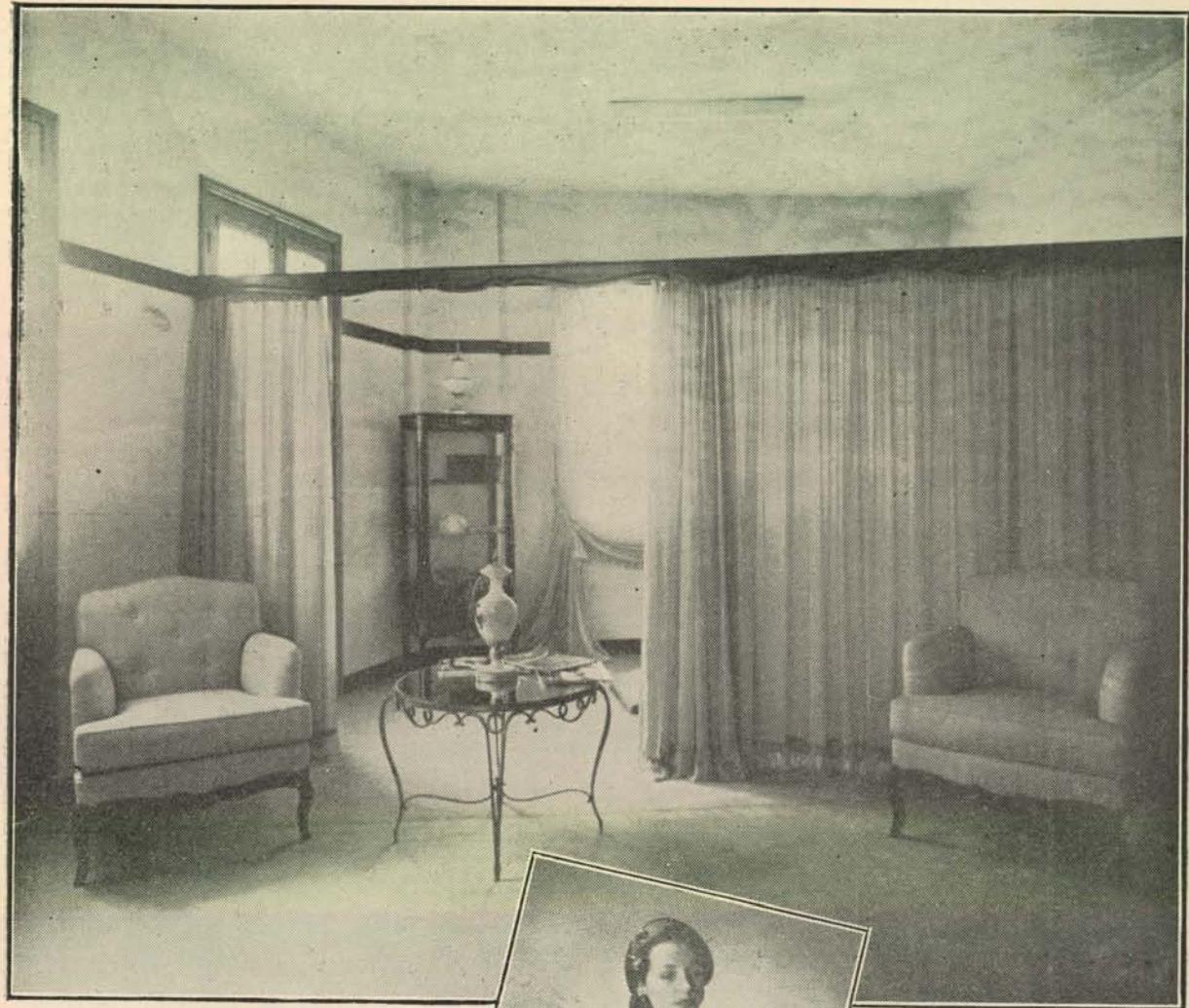
A FAZENDA SÃO SALVADOR

Entre as melhores propriedades rurais daquela progressista ~~cidade~~ do norte mineiro, destaca-se a "Fazenda São Salvador", situada num dos subúrbios do município. Com ótima altitude, a "Fazenda São Salvador" constitue um dos maiores emporios de gado da

região e um dos baluartes da riqueza mineira. E, por isto mesmo, uma verdadeira fonte de rendas que mais e mais contribui para o engrandecimento econômico do Estado.

A riqueza de suas pastagens e a fertilidade de suas terras fazem com que seja um motivo de orgulho para seu proprietário. E o sr. João Batista Pedreira, graças ao dinamismo e às grandes qualidades de administrador, virtudes estas inerentes à sua personalidade marcante, soube lutar contra todos os obstáculos, conseguindo atravessar galhardamente as crises de preços, as secas que são forçados a enfrentar os fazendeiros lutadores e conhecedores dos seus setores de atividades. Contra todos estes impecilhos e todas as barreiras, lutou o sr. João Batista Pedreira e, como vitória vibrante e indiscutível dessa luta, temos a "Fazenda São Salvador", pro-

— Conclui no fim da revista —



INAUGUROU-SE, EM DIAS DO
MÊS PASSADO, COM GRANDE
SUCESSO, O ELEGANTISSIMO

S. M. C. MODAS

QUE TRARÁ PARA A CA-
PITAL OS ULTIMOS MO-
DELOS ORIGINAIS DOS MAIS AFAMA-
DOS COSTUREIROS DE NEW-YORK



A FOTOGRAFIA QUE REPRODUZIMOS ACIMA MOSTRA UMA
PARTE DAS MAGNIFICAS INSTALAÇÕES DE

S. M. C. MODAS

NO EDIFÍCIO MARIANA, À AV. AFONSO PENA
ESQUINA COM S. PAULO - SALAS 601, 602 E 614



CAFÉ VALIOSO

NOVA YORK — (INTER-AMERICANA) — É conhecido o interesse dos comerciantes e industriais norte-americanos pela publicidade, dando grande importância às sugestões dos propagandistas especializados.

Geralmente, os americanos nos Estados Unidos adotam o tom humorístico no elogio aos seus produtos, despejando, assim, de maneira mais eficiente, a atenção e a simpatia do público.

As restrições no consumo impostas pela guerra criaram naquele país novas modalidades de propaganda. Certo proprietário de restaurante de Hollywood, gabando a excelência do café servido em sua casa, anunciou: "Café brasileiro, ótimo e em abundância. A primeira xícara: cinco centavos. A segunda cem dólares".



NUM AMBIENTE DISTINTO DE FAMILIA...

VINHOS FAMILIA

DISTRIBUIDORES:

JOSÉ JOAQUIM DE OLIVEIRA & CIA.

FÁBRICA DE BEBIDAS "PARAGUAY" — FONE 2-9139
RUA TUPIS N. 1642 — BELO HORIZONTE

Prigem
NILO APARECIDA PINTO

No velho Portugal, ao sol do Minho,
— Berço onde vinhas e trigais plantou,
Viu a luz desta vida o bom velhinho
Que foi meu pobre, meu paterno avô.

Foi-lhe o Brasil o seu segundo ninho...
E, quando a morte os olhos lhe cerrou,
Seguir o seu exemplo em meu caminho
Foi o único bem que me deixou...

Velho bom! Quando em ti medito a fundo,
E sinto em mim as penas que sentiste,
Percebo que, no exílio deste mundo,

Devo-te os cantos da minh'alma inquieta,
Que se teu sangue é que me fez um triste
Foi a tristeza que me fez poeta!...



DISTINÇÃO E ELEGÂNCIA
COM 70% DE ECONOMIA!

SÓ COM OS RETALHOS DO
BAZAR DOS RETALHOS
DE ALBERTO PINHEIRO JUNIOR

NOTAVEL SORTIMENTO
ÓTIMOS PREÇOS

RUA CAETÉS, 440 — FONE, 2 3679

Guiricema festejou condignamente o seu 4º aniversario de emancipação administrativa

A RELEVANTE OBRA REALIZADA PELO PREFEITO LUIZ COUTINHO — GRANDES FESTAS ASSINALARAM O TRANSCURSO DO DIA 29 DE JUNHO, DATA DA CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO — INAUGURADOS VARIOS E IMPORTANTES MELHORAMENTOS

EXPRESSIVAS e entusiasticas solemnidades assinalaram, no dia 29 de junho findo, a passagem do quarto aniversário de emancipação administrativa da cidade de Guiricema, a progressista e futuropa cidade mineira que, sob a esclarecida orientação e profícuo governo do cel. Luiz Coutinho, vem atravessando uma fase de intenso e verdadeiro progresso.

Naquele dia, toda a cidade amanheceu engalanada. Foi despertada pela Sociedade Musical "Amantes da Lira", que, às 5 horas da manhã, no belo Parque Getúlio Vargas, anunciou com os seus acordes musicais, a alvorada. E toda a manhã, as principais ruas estavam repletas de pessoas que iam e vinham, comentando o grande programa que iria ser executado durante as horas seguintes do dia. Programa que encerrava a mais grata e imorredoura homenagem do povo de Guiricema ao Presidente Getúlio Vargas, Governador Valadares Ribeiro e ao prefeito local, cel. Luiz Coutinho.

A AÇÃO SEGURA DO PREFEITO

Antes de entrarmos no noticiário detalhado dos festejos que se realizaram no dia 29, na cidade em apreço, queremos abrir um parentesis para ressaltar a figura simpática e realizadora de seu querido prefeito, o cel. Luiz Coutinho. Figura das mais destacadas nos meios sociais e econômicos de Minas, o cel. Luiz Coutinho é filho da cidade que administra e, — o que é de se notar com alegria e com carinho — é administrador de Guiricema, desde a sua elevação à município autônomo. Por este fato, muito lhe deve a cidade. Possuído de verdadeiro amor para com sua terra natal, este ilustre filho das montanhas entregou-se de corpo e alma ao serviço da causa que empolgava todos os habitantes do lugar: — a sua emancipação administrativa. Conseguida esta grande coisa, foi o cel. Luiz Coutinho nomeado, pelo Governador Valadares Ribeiro, seu prefeito. A escolha não podia ser melhor e foi com verdadeiro entusiasmo que toda a população recebeu a boa nova, passando logo a respeitar na figura do administrador o seu maior amigo e benfeitor.

De fato, o cel. Luiz Coutinho, pelo seu grande coração, pela sua extraordinária capacidade e pela compreensão dos problemas municipais, realizou uma obra digna do apreço e do reconhecimento de seus concidadãos. Não tratou somente de enfeitar a cidade, nem tão pouco de transformá-la num centro de atração e admiração, mas também numa cidade de trabalho, de ordem e de progresso. Sob a sua fecunda administração, Guiricema viu nascerem as suas mais belas ruas e praças, os seus mais aprazíveis recantos de descanso, como o belo e gran-

de Parque Getúlio Vargas, viu crescerem os seus predios e crescer o seu comércio; viu ser melhorado o serviço de abastecimento de água e melhorada a sua iluminação. Do mesmo modo que assistiu ao nascimento de escolas, para a instrução da infância e da juventude. E aos olhos da nova cidade, as estradas se abriram, para dar vasão ao progresso, para o intercâmbio comercial e para o transito rápido e desimpedido de sua população e dos forasteiros que ali chegam, a procura de serviço ou a procura de descanso.

De simples distrito que era, Guiricema, em quatro anos de vida, transformou-se numa bela cidade, limpa, agradável, de ruas bonitas e de belas casas. Seu clima saudável, suas terras férteis, e a riqueza de seu solo tornaram-na um centro de grande produção agrícola, comercial e industrial.

Por tudo isso, o cel. Luiz Coutinho é considerado pelos seus munícipes como benfeitor da cidade e é a ele que se deve tudo o que se tem de bom, de apresentável naquela agradável e nova comuna mineira. Guiricema, representada por todas as suas classes sociais, ergueu-se, uníssime, no dia do aniversário de sua emancipação, para prestar uma grandiosa e comovida homenagem aos seus benfeiteiros: Presidente Getúlio Vargas, Governador Valadares Ribeiro e cel. Luiz Coutinho.

AS GRANDES FESTAS

Como acima dissemos, grandes festos tiveram lugar, ao ensejo da-

queila grata efemeride de Guiricema. A manhã despertou festiva ao som da admirável Banda de Música "Amantes da Lira". As dez horas, na igreja matriz, foi celebrada missa solene em ação de graças, pelo Revmo. Padre Sudário Moreira Mendes, vigário da Paróquia, sendo-lhe oferecido, por essa ocasião, a sua fotografia como penhor de reconhecimento e gratidão do povo e das associações religiosas locais. Usou da palavra o sr. Sebastião de Moura, conceituado fazendeiro, que pronunciou uma oração de grande entusiasmo e vibração. Seu discurso foi muito aplaudido por todos os presentes. Em comovidas palavras agradeceu a manifestação o homenageado, cujo discurso, como sempre, constituiu verdadeira peça literária.

Uma hora depois a multidão que se aglomerava em frente à Matriz, tendo a frente a Sociedade Musical "Amantes da Lira", dirigiu-se para a parte alta da rua Batista Caetano, onde assistiu ao lançamento da pedra fundamental de mais um grande melhoramento municipal, que é o predio da cadeia e quartel policial. Essa iniciativa que, sob o apoio e visão do prefeito Luiz Coutinho, foi tomada pela Comissão Pró-Emancipação Judiciária de Guiricema, tem encontrado a melhor boa vontade e o melhor apoio por parte de todos os habitantes da comuna. O ato de lançamento da pedra fundamental constituiu um dos acontecimentos mais significativos do grande dia. Primeiramente usou da palavra o Cel. Luiz Coutinho que disse da sua satisfação de lançar a primeira pá de reboço sobre a pedra em que se ia edificar aquele predio e que era a realização de um dos dois requisitos necessários para que o município se enquadrasse entre os que aguardam a sua elevação a termo judiciário. Pronunciou vibrante e oportuno discurso o Revmo. Padre Sudário Moreira Mendes, presidente da referida Comissão. O orador, depois de tecer comentários sobre a necessidade da Emancipação Judiciária, fez elogiosas referências ao Cel. Luiz Coutinho, ressaltando-lhe a figura de chefe e de amigo, de realizador incansável, que tudo faz pelo maior engrandecimento da terra. Terminou falando na visão administrativa do Governador Valadares Ribeiro, na sua alta compreensão dos problemas da vida e da economia mineira e finalmente exortou o povo de Guiricema a trabalhar sempre para que o município que lhe servia de berço ocupasse sempre um lugar de destaque no concerto das cidades Mineiras. Antes do lançamento da pedra fundamental do edifício da Cadeia Pública, o povo acompanhado pela Banda Musical, do sr. Prefeito Municipal e demais autoridades, procedeu a



Cel. Luiz Coutinho, Prefeito de Guiricema

— Conclue no fim da revista —



Um aspecto do majestoso Cine-Brasil

INCANSAVEL em sua atividade, sempre visando a melhoria das diversões públicas da capital e a melhor comodidade dos habitantes, a Empresa Cine-Teatral Ltda. continua trabalhando, para colocar-se sempre à altura de nosso progresso e de nossa civilização.

Prova desse trabalho fecundo e construtivo, são os inumeros cinemas que se localizam no centro de Belo Horizonte e os que se espalham pelos bairros levando um pouco de descanso e de entretenimento a todos, ricos e pobres, ilustrados e sem instrução. Cinemas que colocam a capital mineira à altura de qualquer outra capital, pelas luxuosas instalações, como as temos no Cine Metrópole, uma das ultimas casas de diversões que a Emp. Cine-Teatral Ltda. deu à cidade e que constitue um dos melhores aparelhados e mais bem montados cinemas da América do Sul.

Pela sua comodidade e beleza, pelas suas instalações ótimas e cômodas, e pela sua aparelhagem técnica, o Cine Metropole é, sem nenhum favor, uma casa completa de diversão, onde qualquer cidadão por mais exigente que seja, se sentirá à vontade e predisposto ao descanso. O Metropole é um régio presente que a bem-feita Empreza acaba de dar a Belo Horizonte.

NOVAS INSTALAÇÕES NO CINE BRASIL

O Cine Brasil, tradicional cinema da capital, incontestavelmente o maior da cidade, passou, ultimamente, por uma completa remodelação em sua aparelhagem técnica. E em dias do mês passado foram inauguradas essas novas e moderníssimas instalações.

O novo equipamento de som e projeção do Cine Brasil representa a ultima conquista dos engenheiros da Western Eletric e constitue um melhamento notável que acaba de ser entregue aos frequentadores daquele cinema.

Constituída por dois projetores "Super-Simplex", equipados com lanternas MASNAC, modelo D, com jogos de aparelhos parabólicos de cristal, objetivas ultra-luminosas Bausch e Lomb, a nova aparelhagem garante a reprodução perfeita das imagens projetadas, efeito de capital importância na apresentação dum filme.

A PARTE SONORA

Em perfeita correspondencia técnica com o aparelho de projeção, de que é integrante indispensável a par-

ENTREGUES A' POPULAÇÃO AS NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES DO CINE BRASIL

CINE METROPOLE, UM MELHORAMENTO NOTAVEL PARA A CIDADE — O QUE REPRESENTA PARA O NOSSO PROGRESSO E NOSSA CIVILIZACAO A EMPRESA CINE TEATRAL LTDA., BENEMERITA PROPUGNADORA DO BEM ESTAR E DA COMODIDADE DO POVO — "ALTEROSA" AGRADECE EM NOME DOS HABITANTES DE BELO HORIZONTE.

te sonora foi adaptada em vista de prévio e rigoroso estudo das condições acústicas da grande e confortável sala de assistência.

Para a reprodução perfeita dos sons, nas suas graduações mais sutis, o aparelho é dotado de moderno conjunto de alto-falantes eletro-dinâmicos, um de "cornetas multi-dinâmicos", destinado às altas freqüências, e outros de "cones", destinados à baixa freqüência.

dos à baixa frequência. Com esses notáveis melhoramentos inaugurados em dias do mês passado, a tradicional casa de espetáculos de Belo Horizonte se coloca, com vantagem, entre os principais cinemas da América do Sul, pela nitidez das imagens, que fornam nosável a percepção das nuances mais sutis do colorido, permitindo a mais perfeita visibilidade, sem o menor esforço do espectador e ainda pela pureza de sons, em perfeito sincronismo com o desdobrar das imagens.

Por isso mesmo, torna-se o Cine-Teatro Brasil um centro de diversões preferido pelo bom gosto da população.

UMA OBRA MERITORIA

Uma obra, sob todos os aspectos, digna de elogios, é a que vem realizando na capital a Empreza Cine-Teatral Ltda., dotando Belo Horizonte de casas de diversões que são orgulho de todos quantos vivem sob este sol das montanhas, nesta grande terra que cresce mais e mais a cada dia que passa. E só mesmo a honestidade de homens de témpera, como os que estão à frente do grande empreendimento que é aquela Empreza e ainda ao esforço e dedicação desses corajosos homens de negócios, é que Belo Horizonte, no que diz respeito a diversões, emparelha-se, sem nenhuma dúvida, com as principais capitais da América do Sul.

Cinemas com a comodidade da Metrópole, com a capacidade e aparelhamento do Cine Brasil, para as élites, e casas de projeção popular como o América, Avenida, Democrata e outros, constituem não só uma benfeitoria para uma cidade, como representam também o seu alto grau de progresso e de civilização.

Mas a obra de vulto, cuja construção será iniciada muito breve

mais um grande e luxuoso cinema, no centro. A nova casa de exibição será erguida no local onde funcionou o Colégio Padre Machado. Logo que se efetue a transferência desse estabelecimento, a construção do cinema será levada a efeito, para que Belo Horizonte venha a possuir, em futuro muito próximo, um dos maiores e mais belos cinemas do Brasil, com instalações moderníssimas e perfeito aparelhamento técnico. O novo cinema, talvez, venha a ser um dos maiores e melhores da América.

A SELEÇÃO DOS FILMES

Representando a maior força de diversões da capital, a Empreza Cine Teatral Ltda. tem, como preocupação de primeira ordem, a seleção de filmes para os seus cinemas, e é deste modo que temos tido a oportunidade e o prazer de assistir filmes das melhores companhias produtoras do mundo, que são sempre lançados em Belo Horizonte, quasi simultaneamente com Rio e São Paulo.

Com grande compreensão de nossas necessidades e do vertiginoso progresso por que atravessa a nossa capital, a Empreza Cine-Teatral Ltd. temos absoluta certeza, não descançará sobre os louros já conquistados. Outrossim, firmando-se na simpatia e no agradecimento de toda a população belorizontina, procurará, mais e mais, melhorar o setor da diversão pública, quer constituindo novas casas de espetáculos, quer ampliando ou melhorando as já existentes, caminhando palmo a palmo, de mãos dadas com o desenvolvimento da cidade.

Empreendimentos como representam o Cine Metrópole ou o Cine Brasil, agora em sua nova fase, são bem um testemunho incontestável de quanto mais se desenvolva Belo Horizonte, melhores casas de diversões teremos, graças ao esforço e a dedicação dos componentes da Embratur.

Digna de registro é a atuação dos gerentes dos vários cinemas da Empresa Cine Teatral Ltda., os quais desenvolvem ativa e franca atividade no sentido de bem servir o povo e tornar os cines que orientam em casas onde o povo se senta à vontade, comodamente instalado.

Na gerência geral da Empreza encontra-se o sr. Américo de Castro-Ribeiro, um dos mais perfeitos técnicos em cinematografia e figura de alto projeção nos meios sociais de

Belo Horizonte e cujo trabalho à frente da gerência da grande organização tem sido seguro e eficiente.

O AGRADECIMENTO DA CIDADE

Como revista social que é, sempre pronta a proclamar tudo quanto se faz pelo bem-estar de nossa gente, e pelo progresso da cidade, ALTEROSA é um órgão autorizado a falar em nome do povo. E é por isso que, nesta reportagem, em nome da cidade, consignamos à Empresa Cine-Teatral Ltda., os agradecimentos do povo em geral, pelo bem estar proporcionado e pela comodidade e aparelhagem técnica perfeita de suas casas de espetáculos. Particularmente, este agradecimento é dirigido à Empresa, pelo índice de progresso e de compreensão de beleza e perfeição que representam o Cine Metrópole, a última benfeitoria da Empresa, entregue à população, há algum tempo, e o Cine Brasil, que acaba, como já dissemos, de passar por uma completa e perfeita remodelação em sua aparelhagem técnica.

Portanto, em nome da população de Belo Horizonte, colocamos o nome da Empresa Cine-Teatral Ltda. entre os maiores benfeiteiros da cidade, não somente pela sua operosidade e atividade desenvolvida, como também, pelo interesse com que seus diretores acompanham o nosso progresso, procurando sempre estar à altura das necessidades locais.

*

ORIGEM DOS CABELOS CORTADOS

PAUL MORAND conta-nos que a moda dos cabelos cortados veio de Sião e ali foi adotada como um sinal de ultra-nacionalismo. Eis a lenda que a eles se refere:

"Os cambodgianos então em luta com os siameses esperavam conquistar a grande fortaleza de Alutia, após um longo cerco. Depois de muito lutar, avançaram, informados pelos espiões, julgando terem mortos todos os homens da guarnição. Mas ao se aproximarem das muralhas avistaram cabeças de homens e resolveram bater em retirada certos de que a fortaleza não podia ser tomada de viva força. Como surgiram esses homens? Havia mentido os espiões? Não. Os que pareceram homens eram apenas as mulheres siamesas que haviam cortado o cabelo e cujas cabeças apareciam nas muralhas para dar essa impressão ao inimigo.

— Verdadeiras romanas essas mulheres do Extremo Oriente — conclui Paul Morand.

*

CURIOSIDADE

Os zoólogos calculam que dentro de cem anos não haverá nenhum leão na superfície da terra.

DROGARIA RAUL CUNHA & CIA.



TEM POR LEMA:

SERVIR MELHOR
E
SEMPRE POR MENOS

RUA RIO DE JANEIRO, 363-FONE-2-2161 E 2-3767

SUA FILIAL

Farmacia Cossão

CONTINUA A RUA DA BAÍA, 1044 - FONE 2-3113

PROPAGANDA INTELIGENTE

A arte de anunciar é daquelas que exigem muito poder de imaginação e, sobretudo, um acurado senso psicológico, para que agrade o leitor e alcance os objetivos colimados.

No Brasil já se podem apontar exemplos dignos de aplausos no que se refere a uma propaganda moderna e bem orientada. O Sal de Fructa Eno e a Emulsão de Scott, estão nesse caso. Ainda agora, por exemplo, temos sobre a nossa mesa um interessante folheto intitulado "Brasil, pátria da aviação", em que o Departamento de Publicidade do grande laboratório J. C. Eno (Brasil) Ltda., demonstrando mais uma vez o alto descortinio de seus diretores, apresenta uma interessantíssima propaganda de seus produtos, ao mesmo tempo que faz uma divulgação de alto sentido educativo para as massas, com uma magnífica exposição ilustrada da participação do Brasil na criação da navegação aérea que hoje marca uma nova e decisiva etapa na história da civilização.

Este folheto, distribuído aos milhões por todo o território nacional e vassado em estilo simples, ao alcance de todos, realiza, em última palavra, o que chamamos uma boa publicidade sob todos os pontos de vista.

LLOYD ATLÂNTICO
SOCIEDADE
ANÔNIMA DE SEGUROS

SEGUROS MARÍTIMOS, TERRESTRES
E FERROVIÁRIOS

AFRANIO RIBEIRO DE ABREU
AGENTE

RUA TAMOIOS, 62 — PALACETE VIADUTO, 2.º AND. — SALA 204
Cx. POSTAL, 249 — END. TELEG. "ATLÂNTICO" — FONE 2-4342
BELO HORIZONTE

NOMEADO CHEFE DE CLINICA RADIOLOGICA DO HOSPITAL RAUL SOARES



Acaba de ser nomeado para o cargo de Chefe de Clínica Radiológica do Hospital Raul Soares, desta Capital, o dr. José Lins.

Radiologista consagrado nos meios científicos desta cidade e da Capital da República, membro da Academia Nacional de Medicina, o dr. José Lins teve a sua nomeação recebida com calorosa simpatia nos meios médicos de Belo Horizonte, onde s.s. conta com vasto círculo de amigos e admiradores.

*

UM NOVO SEMANARIO

ENRIQUECENDO a imprensa periódica do país, foi lançado, com sucesso, no Rio, o "Censitário Mural", orgão destinado a refletir em suas colunas o pensamento da numerosa classe dos servidores do Serviço Nacional do Recenseamento. Realmente, trata-se de um hebdomadário de valor, tanto pela sua feição gráfica como pela brilhante colaboração literária e informativa, de nomes que são fator certo de êxito futuro. Este semanário, entre outros, conta com o concurso de Solano Trindade, Paulo Barreto e Agesilau Garibaldi, nomes bem conhecidos no jornalismo indígena. O seu objetivo, o de esclarecer e orientar a opinião de seus inúmeros leitores, ventilando, sobretudo, seus problemas, veio de encontro ao desejo dessa laboriosa classe, que está assim de parabéns.

Gualter Gontijo Maciel, o novo Redator-Principal de "Folha de Minas"

EM dias do mês passado, assumiu as funções de redator-principal do conhecido matutino "Folha de Minas" o sr. Gualter Gontijo Maciel, que vem marcando no jornalismo mineiro uma projeção de relevo, operário, criterio e maturidade de pensamento.

Nos diversos setores em que tem exercido a sua atividade, sempre revelou qualidades de equilíbrio e de inteligência e de devotamento à causa pública. Com variada e sólida cultura, estudosos dos problemas eco-

nómicos e financeiros, vem o sr. Gualter Gontijo Maciel, acompanhando com interesse a evolução de Minas Gerais. Cronista, crítico literário, articulista e comentarista, conhecendo os aspectos realistas da vida, o novo redator-principal de "Folha de Minas" se coloca sem nenhum favor entre os melhores e mais sérios jornalistas mineiros e, por isso mesmo, capaz de fazer de "Folha de Minas" um jornal que corresponda ao seu programa de servir o governo e o povo, com lealdade, isenção de animos e firmeza.

* * *

O ANIVERSARIO DE LENÍ

FESTEJOU o seu 5º aniversario natalício, no dia 9 de Julho último, a encantadora menina Lení, dileta filhinha do escritor Alvarus de Oliveira, residente no Rio de Janeiro e um dos mais brilhantes co-

laboradores de ALTEROSA.

Por esse motivo, Lení recebeu muitos presentes de suas numerosas amiguinhas, as quais reuniu, em sua residencia, numa animada festinha, com muitos doces e sorrisos.

CARNE SADIA E LIMPA
SÓ NOS



Escrítorio Central :

RUA ESPIRITO SANTO, 467
SALA 9 — FONE 2-7958
BELO HORIZONTE

PROPRIETARIOS :

IRMÃOS MOURA



Sr. João Tarabal e Sra. Odorica Machado, residentes em Itauna



João Batista da Silva, habil Cirurgião-Dentista e nas horas vagas músico e professor, residente na vila de Irai.

Sra. Dra. Izabel Dias Pereira, nossa leitora de Urucaná, filha do Dr. José Alves Izabel, cirurgião-dentista na proxima localidade.



● A Guarani está apresentando todas as segundas, quartas e sextas-feiras, às dez horas, com grande sucesso, o programa de "Músicas Ligeiras", que vale a pena ser ouvido e veio mesmo a tempo, pois aquela popular emissora ainda não tinha o seu programa de classe, para a élite.

● Estreiou na Inconfidência o tenor mineiro Jorge Alberto, que se achava afastado do microfone. É um artista de reais méritos, com boa voz e bom ritmo, que agrada plenamente.

● A Record, de S. Paulo, está apresentando em seus programas de estúdio, sob o título de "Compridos Guaramidina" vivos e populares números como: Zé Cunversa e a Catarina; Hans Von Chucrutes, a voz de cachorro quente; e o Ponto, diálogo entre Noé e Perna Fina, dois chauffeurs de praça. Essas transmissões teem agradado.

● Milton Panzzi voltou a atuar ao microfone da Guarani. Locutor de boas possibilidades, com boa voz, dicção clara e leitura correta, Milton Panzzi é um dos jovens que vencerão no rádio, se não se perder, antes do tempo.

● Carmelia Alves, que apareceu cantando em programas de calouros e logo depois foi chamada para participar do quadro de artistas do programa Picolino, da Rádio Nacional, é, hoje, uma das melhores cantoras portuguesas do Rio de Janeiro. Desde 1941 vem integrando o "cast" de exclusivos da Mayrink Veiga, onde até hoje vem brilhando e firmando cada vez mais as suas qualidades e a sua popularidade.

● Notável programa infantil vem sendo transmitido, diariamente, a partir das 18 horas, pela Rádio Record, de São Paulo. Trata-se de "A Escola Risonha e Franca", dirigida por Gilberto Martins e que leva aos estúdios da conhecida emissora grande número de crianças de S. Paulo e mantém o "dial" dos rádios brasileiros ligados para ela.

● Afonso de Castro, depois de algum tempo, voltou a atuar ao microfone da Rádio Mineira, como locutor, dirigindo vários programas de real agradô.

● A Inconfidência anuncia para breve uma temporada de artistas de renome no "broadcasting" nacional. Segundo informações colhidas pela nossa reportagem, tomarão parte nessa grande temporada: Eladir Porto, Joel e Gaucho, Raquel Pucci, Juanita Larrauri, Carlos Roberto, Emilinha Borba, Nuno Rolland, Violeta Cavalcanti e muitos outros astros e estrelas.

● Ao microfone da Inconfidência voltou o cantor Geraldo Magalhães, que permaneceu algum tempo afastado das atividades radiofônicas. Suas audições tem sido coroadas, de aplausos e o número de seus "fans" cresce dia a dia.

● José Osvaldo Santiago é um dos mais jovens locutores do rádio mineiro e nem por isso deixa de ser um dos melhores. Com boa dicção, segurança de leitura e conhecimentos gerais, consegue estar sempre à altura da expectativa de seus chefes e da simpatia dos ouvintes da PRC-7.

A Rádio Inconfidência, que, segundo consta, fará uma transformação geral em sua programação, deva levar em conta a falta que fazem bons cantores do gênero folclórico e trazê-los do Rio e de S. Paulo, para temporadas que constituiriam verdadeiro sucesso. Haja vista as temporadas de Mara ou de Stellinha Egg...

* * *

Se Hilton Renault e Euler Sampaio, da Guarani, tivessem um pouco mais de cuidado e capricho com sua voz e com suas transmissões, talvez fossem locutores de geral agrado do público... Infelizmente, pelo que sabemos, os dois jovens não levam muito a sério a profissão.

* * *

Não podemos concordar, de maneira alguma, com o que se verifica atualmente na Rádio Mineira: o patrocínio da "Hora de Angelus". Uma casa comercial da cidade dá o seu anúncio, talvez por ser essa uma das transmissões mais ouvidas do Rádio. Isso está fora das cogitações comerciais e a direção não deveria permitir tal fato.

* * *

Estrearam com o êxito que se esperava as orquestras de Sâo Lô e a Tipica da Inconfidência, sob a direção do maestro Mario Pastore e Geraldino Laranja, respectivamente.

* * *

Sugerimos à direção da Rádio Guarani o aproveitamento para os seus programas de estúdios do pequeno José Lino que, apesar de menino, é um dos valores mais reais, que presentemente atuam em "Gurilandia".

* * *

SILVIO VIEIRA NA RÁDIO GUARANI

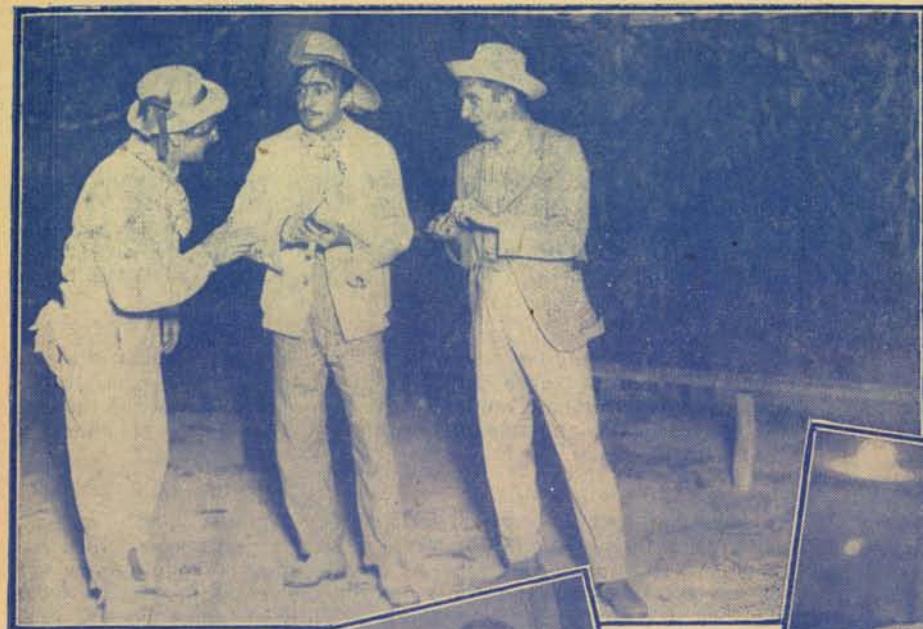
* * *



Jair Silva, o pandeirista da Jazz de Rui Martinez, da Rádio Guarani.



Despertaram grande interesse, em toda a cidade, no mês passado, as apresentações do barítono Silvio Vieira ao microfone da Guarani. Além de ser um dos melhores artistas radiofônicos do Brasil, Silvio Vieira é uma das primeiras figuras masculinas do Teatro Municipal. Por esses motivos e pelas suas qualidades de cantor, Silvio Vieira tornou-se uma figura querida dos ouvintes mineiros.



Ximango, Belarmino (no centro) e Paia Roxa. Três conhecidos caipiras da Inconfidência, que são ouvidos no Brasil inteiro. Campadre Belarmino recebe uma média de 240 cartas por mês, incluindo cidades de todo o país.



"O Programa do Garoto" é um dos primeiros cartazes infantis, criado na Rádio Mineira



Na palavra de Brandão Reis, a Inconfidência tem apresentado vários programas literários e artísticos.



A dupla teatral, que a Guarani tem apresentado aos seus ouvintes, e que é composta por Andrade Junior e Cláudia Andrade tem levado aos auditórios da emissora dos "Diários Associados" um grande número de "fans". De fato, estes dois comicos agradam plenamente e no paleo e microfone sabem criar situações hilariantes, a que ninguém resiste.



OS GRANDES CAR-TAZES DO RÁDIO MINEIRO

Geraldo Alves, através da Rádio Mineira, vem se apresentando ao público, cantando belas canções populares. É um dos mais destacados elementos dos programas de estúdio da PRC - 7.



"Quarteto de Ouro", integrado pelos irmãos Silva, muito embora os diretores de rádio de Minas não lenem muito a serio, é talvez um dos melhores conjuntos vocais do "broadcasting" nacional.



Descoberto pelo popular programa "Gurilândia" que Romulo Pais dirige em PRH - 6, o menino-tenor José Lino tornou-se um verdadeiro ídolo da petizada que vai aos domingos aos auditórios da "indígena".

Aldinha do Amor Divino é uma sambista que o público mineiro admira. Canta com graça, com voz melodiosa os mais conhecidos sambas, e torna-se cada vez mais popular, a cada dia que passa. Na fotografia, vemo-la acompanhada pelo regional de Araújo.

Faz parte da "Hora Universitária" o "Conjunto Universitário", constituído por rapazes de nossa Universidade e elementos da sociedade mineira.



DUAS CERVEJAS CLASSICAS:

BRAHMA

A CERVEJA PREFERIDA

CASCATINHA

A CERVEJA GOSTOSINHA...



Uma das melhores temporadas que a Guarani apresentou nestes últimos meses foi, sem dúvida nenhuma, a dupla "Pitanga e Bento", cujos programas levavam ao auditório da PRH-6 uma grande parte da população de Belo Horizonte.

* * *

A Guarani apresentou, em dias do mês passado, em seus programas de "estúdio" o artista Ronaldo Lupo. Este cantor, além de possuir uma voz digna de elogios, e uma segurança rítmica a toda prova, é um valor de realce no rádio nacional, pois que descobriu que o ouvinte gosta de variar e prefere músicas em estilos e idiomas diferentes.

Com boa instrução e inteligência, Ronaldo Lupo conseguiu transformar-se num poliglota e, agora, em seus programas, canta em seis ou sete línguas diferentes e as músicas são de temas e estilos variadíssimos. Estão nestes fatos o segredo da rápida vitória deste artista que vem cantando com sucesso ao microfone da PRH-6.





Porque Você deve subscrever **OBRIGAÇÕES DE GUERRA.**

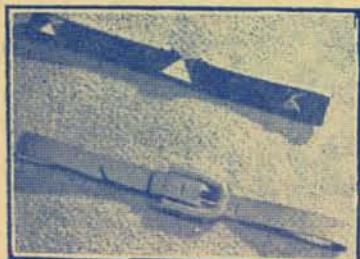
É seu dever como cidadão brasileiro ou estrangeiro amigo do Brasil, subscrever **OBRIGAÇÕES DE GUERRA** na medida de suas posses, porque:

- a) O Governo Nacional precisa de amplos recursos para enfrentar decisivamente o reaparelhamento bélico do país.
- b) Com o produto desses títulos, o Brasil terá mais estradas estratégicas, mais aviões, mais navios, mais tanques, mais canhões, mais munições e mais equipamento para as suas forças armadas.
- c) Subscrevendo esses títulos você estará emprestando ao Brasil um capital que lhe será devolvido com juros bem razoáveis e com plenas garantias que vão até à preferência, em resgate, sobre todos os demais títulos da dívida pública nacional.
- d) Cada **OBRIGAÇÃO DE GUERRA**, que você subscrever, será mais um esforço acrescentado ao de milhões de seres humanos que, em todas as partes do mundo, lutam pelo direito de serem livres e soberanos dos seus destinos!

• • •

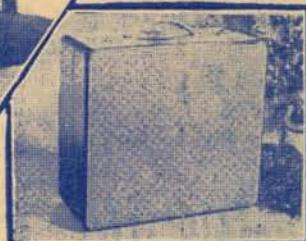
CONTRIBUIÇÃO EXPONTANEA DA
LOTERIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
A "NOSSA LOTERIA"

SUBSCREVA
OBRIGAÇÕES de GUERRA
PARA TER DIREITO AO RECONHECIMENTO DA PÁTRIA!



CINTOS
MALAS E
BOLSAS
DE COURO

ARTIGOS
PARA VIAGEM



CASA TUPINAMBÁ'S

RUA TUPINAMBÁS 648 — FONE 2-5350



Nas audições dominicais da "Hora do Universitário", de PRI-3, merece especial destaque o jovem pianista Paulo Pessoa, que, desde a inauguração daquele aplaudido programa, em 1939, vem atuando com grande eficiência. Como solista ou como acompanhador, Paulo Pessoa é um valor que se manifesta de modo marcante, que o torna um artista digno dos elogios e da admiração dos ouvintes da Inconfidência.

*

PAULO GRACINDO



Paulo Gracindo o popular astro da Radio Nacional e animador do "Programa Paulo Gracindo", irradiado às 2.s, 5.s e 6.s feiras.

*

Uma casa sem livros é como um jardim sem flores.

Amicis.

CURIOSIDADES

Nada há em particular ou bizarro que uma senhora ou uma senhorinha ande pelas ruas sem chapéu. Muitas ganham com isso, pois que o chapéu só lhes vem deformar o rosto.

*

Quando se é convidado a um jantar em casa de um amigo ou de uma pessoa de projeção, nunca se deve servir-se em primeiro lugar. Sómente depois que hajam se servido os donos da casa.

*

A reputação e o procedimento das pessoas que nos cercam e que conosco convivem devem interessar-nos tanto quanto a nossa própria reputação.

*

Quando o sapato, novo ou velho, causa algum dano ou incomodo a alguma parte do pé, deve-se aplicar sobre o couro do mesmo, na parte correspondente, um pouco de álcool. Assim, consegue-se que o couro estique-se.

*

Não se deve usar esponjas para a limpeza das feridas, porque aquelas contêm habi-

tualmente em seus poros, germens infeciosos, que poderiam provocar novas infecções.

*

Em um jantar, um chá ou um cocktail é de mau gosto fazer-se alusão ao preço dos manjares e bebidas que estão sendo servidas.

*

A luz altera a qualidade do chá. E para conservá-lo bem, é conveniente guardá-lo em uma vasilha de porcelana, perfeitamente fechada.

*



Lourdes e Vicentina Goulart, cantoras da Escola de Radio da PRI-3.

INFORMAÇÕES UTEÍS

As pulseiras e outros objetos de ouro que tenham, porventura, perdido o seu brilho, recuperam-no quando submersos em uma vasilha com água e um pótico de bicarbonato. Depois de fechada, agita-se a vasilha com o respectivo conteúdo e depois, tira-se o objeto, lava-o com água pura e depois de secar, o brilho terá voltado.

O convidado deve sentar-se à direita da dona de casa e a mulher à direita do dono da casa.

A limpeza dos móveis finos e trabalhados em molduras deve ser feita com um pano muito fino, para que não se causem danos aos móveis.

CURIOSIDADE

MOZART costumava prender os cabelos com uma fita de cor e dava grande importância a esse particular de sua toalete, pois, quando se esquecia da fita ou esta lhe caia, preocupava-se, certo de que era o prenúncio de um aborrecimento e até mesmo de uma desgraça.

LÃS
MAIOR E MELHOR SORTIMENTO A
LOJA CENTRAL
É QUEM TEM.



LINHAS.
BOTÕES.
FIVELAS.
CABOUCHONS.
FITAS.

RENDAS E ARMARINHO EM
GERAL, QUEM TEM É A

LOJA CENTRAL

AV. AFONSO PENA, 555 e 557

*Elegância e
bom gosto..*

Agua de Colonia
RUA DO OUVIDOR

CUJO PERFUME ENCANTA,
ATRAI E TORMA A PESSOA
INESQUECIVEL.

Dist. geral LEONCITO AMBRAN
Avenida Rio Branco 109 — 4.
Telefone 23-3947 — RIO

MENDEL

ZÉZÉ

(10 — II — 1907)

Deus me deu tudo quando, enternecido,
Nos braços meus, Zézé, te colocou;
Mas do bem, que fizéra, arrependido,
Levou-me tudo quando te levou!

Não te esqueci e jamais te esquecerei:
— A chaga viva que abriste em meu peito
Ha de perdurar para sempre seu efeito,
Na grandeza da dor que te chorei!...

E lembrando tua dor jamais terei
Onde sofreste — um riso satisfeito;
Sempre em dores te vendo sobre o leito,
Tua lembrança em dor conservarei!

Deus! quanta dor ainda me espezinha!
Recordando o sofrer da criancinha:
Do mal sem cura do pequeno ser.

Deste pequeno ser — flor da candura —
Que me dizia com tanta doçura:
— Dói tudo, meu papai! P'ra que doer?!..

GRANDES VULTOS de MINAS GERAIS!

QUANDO SE DISCUTIA, na Constituinte Mineira, a necessidade de se transferir a sede do governo de Ouro Preto para outra região em que fosse possível a construção de uma grande cidade, lembrava-se que, sem grandes cidades, e, pois, sem maiores oportunidades de desenvolvimento os mineiros de valor se viam obrigados a emigrar.

Rebatendo o argumento, no seu nobre esforço de defender a velha capital, Costa Sena não negou o fato, mas não o considerava um mal, porque, saindo de Minas e galgando altos postos de governo, esses notáveis emigrados não se esqueciam da província e prestavam-lhe serviços por vezes bem baixos do que aqueles que nela ficavam.

Dizia ele:

"Os grandes homens, os dignos filhos de Minas, digamo-lo com orgulho e com prazer, os eminentes estadistas Afonso Celso, Cândido de Oliveira, Lafaiete, Carlos Afonso, Martinho Campos e tantos outros que honraram o Brasil e a América Inteira, retiraram-se destas montanhas levando como único capital a probidade e o talento".

Explica-se, nessa enumeração, a omissão de grandes nomes, porque visivelmente não foi decorada. Justifica-se por igual a ordem, porque digno como era, Costa Sena quis preservar aos mineiros vivos e caídos uma homenagem. Dessa forma, a colocação de Martinho Campos no fim da procissão não significa que o considerasse somenos aos demais.

Em todo o caso, e é isto o que mais importa, Martinho Campos tinha, no exelso juízo de Costa Sena, como linhas dorsais de sua vida, a dobrada aureola da inteligência e da probidade.

Saindo de Minas para o Rio, com o fim de estudar medicina, fixou-se na província do Rio, depois de formado, e ali levou toda a vida. Meteu-se em política, desde estudante, e, médico, tratou de estudar a soma de ciência política e jurídica indispensável para exercer com exação, os seus deveres de homem público. Pelo que nos deixou escrito, vê-se que estudos de verdade, porque nadava, como um peixe, dentro dessas águas, redarguindo, com vantagem aos que o provocavam, e objetando ousadamente aos mais sabios.

Era um homem simples e, ao parecer, rústico. Fazendeiro, tinha a pa-

chorra, a manha, o pico de nossos matutos. Por isso mesmo, era uma emboscada permanente. Os que o viam tão simples e desengonçado e não o conheciam — enganavam-se com aquela casca de simplicidade, e daí a provocação imprudente e o revide esmagador.

Tendo feito a sua carreira na oposição, tão bem se houve que veiu a granger o título de *derrubador de ministérios*. Arguto, faceto, incansável, via, com facilidade, os pontos fracos do adversário, feria-os, com graça e bravura, e, não sabendo o que era preguiça, martelava-os com

tra o seu próprio governo. A horas tantas, solicita, no Senado, informações acerca de irregularidades no serviço postal. É certo que explica essa atitude estranha, com a desculpa de que, não querendo agir por si e demitir funcionários, o pessoal haveria de melhorar, com o seu simples pedido de informações. O que, porém, nos parece mais razoável é que, tendo formulado a reclamação, por puro hábito de reclamar, pois o uso do cachimbo lhe entortara a bôca, deu de pronto pela coisa e procurou justificá-la, com um argumento especioso, graças a seu raro engenho.

Fazendeiro, com escravos na sua fazenda, era, e não escondia, um escravocrata da gema. Suetonio, no *Antigo Regime*, p. 150, atribue a essa atitude a chefia do ministério, como um golpe de Pedro II para contrariar a propaganda abolicionista. Não o cremos. Se a propaganda abolicionista era um fato, não menos fato era que as forças conservadoras preponderavam. Além disso, não era para admirar que se confiasse o poder a Martinho Campos, que tão notavelmente vinha revelando as suas raras virtudes de inteligência, equilíbrio, bom senso e honestidade.

Esse Suetonio, tão azedo e tão injusto, dá ainda a entender que foi a esses sentimentos escravocratas que deu Martinho Campos a presidência da província do Rio de Janeiro.

Tão mal se houve, porém, na demonstração do aleixe, que nos proporciona, nas próprias palavras da agressão, os mais sólidos elementos de defesa.

Que fato, com efeito, arrola para comprovar?

Um único:

"Nas vésperas da eleição perguntaram-lhe alguns empregados da província em quem deviam votar, se no candidato do governo, se no da oposição, que era o sr. Paulino de Souza, chefe do escravismo. O sr. Martinho Campos respondeu:

— Se fosse eleitor desse distrito, votaria no Paulino".

Quer isto dizer que até nas vésperas da eleição Martinho Campos não manifestara a sua opinião, porque os próprios funcionários públicos não a conheciam; que, para a conhecerem, lhe perguntaram, cabendo a eles a responsabilidade da iniciativa; que, perguntado, Martinho Campos, longe de dar uma ordem, se

MARTINHO CAMPOS,

O HOMEM DE BEM

*

ESCREVEU

MARIO CASASSANTA

uma teimosia incrível. Era um mestre na pirraça.

Conta-se mesmo que, chefiando um ministério, fez uma reclamação con-

Gaetani & Cia.

Ltda.

Rua Tupinambás, 613 - Fone 2-0727

End. Telegráfico "GAETANI"

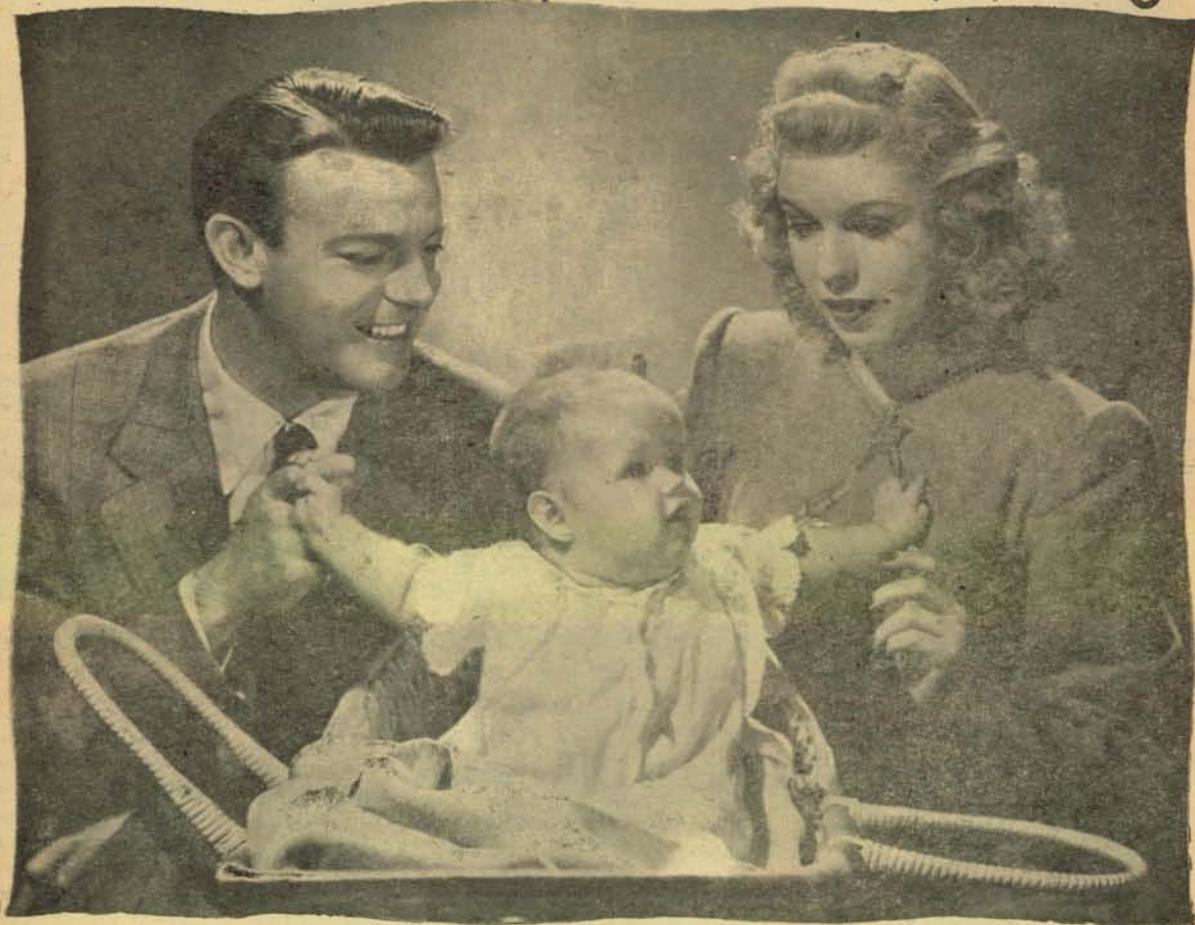
— Caixa Postal 55 —



Ferragens, Cimento e Materiais para Construções
Únicos distribuidores dos fogões "BERTA"

BELO HORIZONTE

Ele é o encanto do lar
... e tambem a sua grande
PREOCUPAÇÃO!



ASSEGURE O FUTURO DOS SEUS FILHOS
PELO HÁBITO SALUTAR DA
ECONOMIA!

CAIXA ECONOMICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

RUA DA BAIA N° 1649

FONE N° 20151

BELO HORIZONTE

**OS DEPÓSITOS SÃO GARANTIDOS PELO GOVERNO
DO ESTADO DE MINAS E RENDEM BONS JUROS**



EM CAMURÇA AZUL,
PRETA E BORDEAUX

Rua Tupinambás, 504 - A — Belo Horizonte

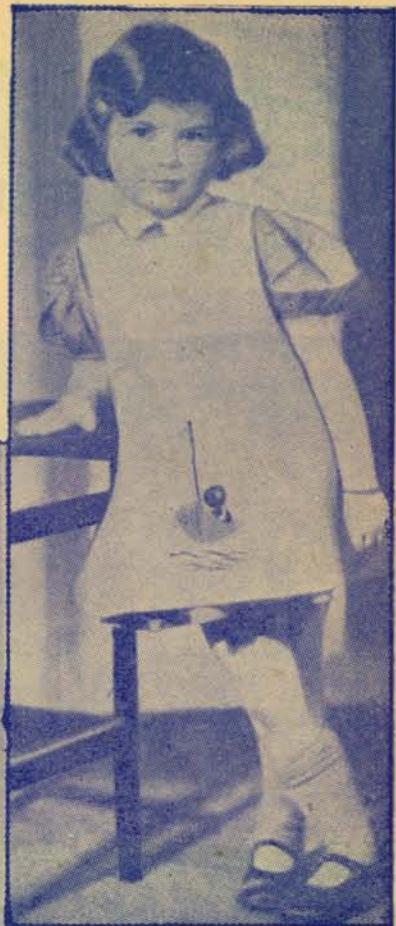
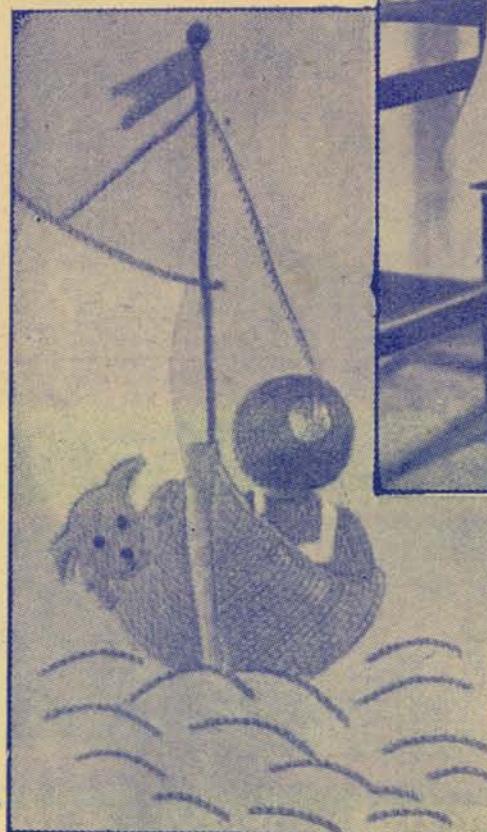
NOVO ALIMENTO

LONDRES — (INTER-AMERICANA) Um novo alimento, o "tortula utilis", produzido depois de varios anos de experiencias pelo Departamento Britânico de Pesquisas Científicas e Industriais, ajudará a resolver a crise de alimentação de apôs-guerra.

O alimento, uma espécie de fermento em flocos leves, rico em vitamina B e proteinas, fornece alimentação completa em forma compacta e pode tirar-se, a baixo preço, do açúcar e melados. Construiu-se uma fábrica em Jamaica e o Tesouro Britânico concedeu 25.000 libras (Cr\$ 2.000.000,00) para as primeiras experiencias de vulto, no preparo da "tortula utilis".

O novo produto, espécie de levedura, é fabricado com açúcar. Seu conteúdo de vitamina B é considerável.

AVENTAL DE CRIANÇA



Apresentamos aqui uma interessante sugestão para um mimoso avental para crianças, com um encantador motivo para bordado que aparece também em detalhe ampliado no cliché.

CHUVEIRO ELETROICO REI

AQUECEDOR

e
REGADOR

5 anos de garantia — Consumo em cada banho quente Cr \$0,10. À vista e a prazo — Indústria brasileira — Representante para todo o Estado de Minas — MARIO DA SILVA MELO Av. Afonso Penna, 322 — Fone 2-2969



VINTE MILHÕES DE TONELADAS

WASHINGTON — (INTER-AMERICANA) Os estaleiros americanos construiram 175 navios, com o deslocamento total de 1.783.000 toneladas, durante o mês de maio, segundo anunciou hoje numa conferencia com a imprensa o almirante Vickery, da Comissão Marítima.

Atualmente, a medida de produção dos Estaleiros americanos é de mais de 20 milhões de toneladas anuais.

ou, como disse o almirante Vickery, muito acima da meta de 19 milhões de toneladas fixadas para 1943.

Com os 175 navios construídos durante o mês de maio, adiantou o almirante Vickery, a tonelagem total produzida pelos estaleiros americanos, desde 1.º de janeiro do corrente ano, eleva-se a 7.142.122 toneladas; enquanto isso, durante os doze meses de 1942, foram construídas apenas 8.022.732 toneladas.

RECENTEMENTE celebraram-se em Surat, perto de Bombaim, na Índia, num só dia, quatrocentos matrimônios, nos quais as esposas tinham, todas, a idade de 1 a 7 anos, e os maridos, de 3 a 9. Muitos noivos to-

maram parte na cerimônia instalados no colo de suas mães, que lhes davam de vez em quando, uma guloseima qualquer, afim de que continuassem de bom humor e não perdessem a paciência...

Mais preciosa do que uma joia

Uma Bela Aparência é o SEU MAIOR ENCANTO — PROTEJA-A

TODAS as mulheres desejam parecer lindas e ser admiradas pela perfeição de sua cútis, porém, uma pele fresca e perfeita requer constantes cuidados e proteção. Eis porque toda mulher deve usar com regularidade o Creme Evanescente (Vanishing Cream) Dagelle. Esse maravilhoso creme proteje a cútis contra a ação prejudicial do sol, do vento, da chuva e da poeira, mantendo-a macia e aveludada. Oculta, ainda, perfeição, pequenas cicatrizes, que, muitas vezes, cometem a beleza do rosto. O Creme Evanescente (Vanishing Cream) Dagelle é uma base ideal para o pó de arroz, dando uma encantadora igualdade ao rosto, conservando por muitas horas o "maquillage" perfeito.

"Impõe-se pela Beleza": escreva-nos solicitando esse nosso folheto que lhe ensinará como cuidar de sua cútis.

O Creme Evanescente (Vanishing Cream) Dagelle é o segredo de uma aparência sedutora, o que lhe conquistou a preferência das mulheres belas do mundo inteiro. O Creme Evanescente (Vanishing Cream) Dagelle encontra-se à venda em todas as perfumarias e farmácias.

PRODUTOS DE TOUCADOR
DAGELLE



RS-1A

Transcorreu no dia 30 de junho ultimo o aniversário natalício de Menotti Mucci, redator-chefe do "Diário da Tarde" e por esse motivo, na redação daquele jornal, reuniram-se os redatores e funcionários, e n'ão pronunciou o vibrante discurso o dr. Osvaldo Neves Massote, que disse do quanto continha de coração aquela festa. O doutor Gregoriano Canédo fez a entrega a Menotti Mucci de uma lembrança que a família dos "Diários Associados" lhe oferecia. E' da festa o flagrante que ao lado publicamos.



O MÊS EN

Luzia Maria, filhinha do dr. José Augusto Rabelo e sua ex-ma, esposa d. M. Rabelo de Lourdes Magalhães Rabelo, entre os seus progenitores e parentes, no dia em que festejou o seu 1.º aniversário natalício, ganhando lindos presentes de todos.

Belo Horizonte recebeu a visita de uma luzidia embalizada estudantil de Diamantina, simultaneamente com outra que partiu de Vila Rica, no vizinho Estado do Espírito Santo. O flagrante foi fixado na escadaria da Escola Normal, quando este estabelecimento era visitado por ambas as embalizadas femininas que aqui foram alvo de numerosas homenagens.





Rosina de Rimini, a notável soprano patrícia que está fazendo aplaudida temporada no Cassino Pampulha, ofereceu à imprensa da Capital um coctel no Restaurante do Automóvel Clube, em sinál de reconhecimento pelas calorosas referências que mereceu dos jornalistas locais, por ocasião de sua estreia. O clichê fixa um flagrante dessa festa que se revestiu de um cunho de animada camaradagem entre estrela nacional e os cronistas dos jornais e revistas de Belo Horizonte.



REVISTA
Maria do Carmo, a inteligente filhinha do casal Cristiano Andrade Avila, também aniversariou, comemorando a data com uma animada festinha em casa de seus queridos avós, o sr. Joaquim Guilherme Batista e sua exma. senhora Batista lomena Batista.



Paulinho Bayard, o vivo e robusto filho do casal dr. Paulo Macedo Gonçalves e Leda Selma Dei Gonçalves, festejou o seu aniversário em 2 de Julho último oferecendo doces aos seus amiguinhos que lhe levaram muitos e encantadores brinquedos.



É BEM SIMPLES
O SEGREDO DE
MINHA BELEZA!

EVITO AS TERRIVEIS CONSEQUENCIAS DA PRISÃO DE VENTRE COM O USO DO

SUCO DE AMORAS

O MENOR E MELHOR PURGATIVO SALINO-GAZOSO

UMA SUCURSAL DO PARAISO

É UM êrro lamentável a gente acreditar no crepúsculo da mitologia. Há curiosos detalhes da vida super-mecanicista dêste século ainda sob as cortinas do Olimpo. O Exército da Salvação é um dêles. Outro: o Rotari Clube. Esta celeste organização que reune, semanalmente, respeitáveis senhores em torno de uma mesa, possui um cheiro de anjo, uma viscosidade paradisíaca tão pronunciada que não esconde o seu parentesco com as cousas pertencentes ao mundo mitológico. Tomemos como ponto de referência a distância com que se vêm mantendo os rotarianos das cousas terrenas e estará perfeito o nosso raciocínio. Dentro do Rotari Clube não há lugar para a vida da realidade, dos fatos positivos e palpáveis. Ali não se respira o clima terreno, com os seus miasmas, as suas bactérias e a sua poeira.

A própria legenda dêsse clube lunar é um convite à fuga para as paisagens amenas do infinito. "Dar de si sem pensar em si."

Como essas palavras soam angelicamente aos nossos ouvidos, no mundo individualista em que vivemos! Certo que o seu autor as concebeu no alto de uma montanha. "Dar de si" já é exigir muito da nossa capacidade de renúncia; agora, acrescentando-se o complemento "sem pensar em si" estará fechado o anel de uma utopia. Nem as próprias religiões pedem tanto aos seus prosélitos.

A Igreja reclama conscientemente que demos de nosso alguma cousa em benefício da humanidade, mas nos promete em troca a salvação que é de imediato interesse da nossa pele. Eis aqui uma cousa intuitiva: tudo o que o homem realiza na vida é em sua própria direção. Negar isso significa tapar o sol com a peneira, à falta de melhor expressão.

Há dias no ano, francamente, que a gente acorda meio banzeiro, disposto a aceitar as convocações abstratas e aéreas, como uma reunião do Rotari Clube. Tal me acontece às vezes, quando me sinto surpreendido pelo vôo do aerostato que há em cada um de nós. Mas, não creio que essa necessidade de evasão, de concessões, de singularidades, se reproduza em mim em dias e horas marcadas.

Com os rotarianos se dá exatamente isso: o fluxo e o refluxo das águas da realidade obedecem a um calendário, reproduzem-se semanalmente no instante preciso. Forma admirável essa de disciplina interior, de auto-domínio, que aquelas criaturas gozam num exclusivismo irritante.

* * *

Há muitos anos, sou obrigado a ler nos jornais, às quintas-feiras, resumo dos assuntos tratados nos jantares do Rotari Clube. Até hoje, porém, ainda não consegui descobrir a exata finalidade daquele grêmio. Nestes últimos dias, então, as cousas se tornaram ainda mais obscuras para mim.

E' que, embora tenha lido e relido o noticiário rotariano, não entrei nem ligeiramente a presen-



O recordista das ultimas sortes grandes continua enriquecendo o povo mineiro!

SONHO DE OURO

580 RUA ESPIRITO SANTO - 580

EM AGOSTO

DIA 7 - Cr\$1.000.000,00 da FEDERAL
Por Cr\$120,00

DIA 13 - Cr\$200.000,00 da MINEIRA
Por Cr\$30,00

GERALDO TEIXEIRA DA COSTA

PARA "ALTEROSA"

ça da guerra nos discursos e palestras ali pronunciadas.

Será que aqueles bem-aventurados ainda não perceberam que os alemães andam por ai atirando em todo mundo? Sim, porque não posso compreender, em sã consciência, que vinte ou trinta criaturas contemporâneas se reunam em torno de uma mesa, redonda ou não, sem falar em Montgomery e Timoshenko. Principalmente, quando se sahe que entre essas pessoas se encontra o professor Alberto Deodato, combatente de primeira linha.

Não acreditar nos conflitos humanos talvez seria a condição exigida para o ingresso na mitologia moderna.

Sendo assim, sou forçado a julgar que há algum rigor nessa exigência, pois a tradição mitológica nos conta que os deuses olímpicos sempre andaram aos pescocões em disputa de Venus, Eros e outras beldades imortais.

Passemos, porém, a um detalhe mais sério. Como o Rotari, que é uma sociedade internacional, poderia colaborar se quisesse para o esforço de guerra das Nações Unidas, não é assunto que exija muito debate. Basta apenas que ele se atualize. Ninguém mais poderá negar que se tornou função fundamental de todo indivíduo ou grupo de indivíduos que viva a vida de nossa época cavar o túmulo do nazismo. Cada qual dentro de sua esfera de ação. Contra isso não há argumento sério que mereça consideração.

Pacifismo hoje não significa mais pacifismo, mas outras coisas que nem é bom dizer.

Discursos como sobre-mesa...

Eu não pronunciaria nunca uma oração qualquer após uma abundante refeição, como as que se servem no Rotari, sem uma severa imposição. Considero uma das coisas mais incômodas do mundo discursar enfaticamente nas horas sonolentas da digestão. Nesse particular, como, aliás, em muitíssimos outros, os gregos eram mais inteligentes: discursavam pela manhã. Nos Estados Unidos, onde o bem-estar sempre prevalece sobre as convenções, não se comprehende um "speak" de mais de três frases, depois de servida a mesa. Eugene O'Neil conta a história desastrada de um orador que foi esfaqueado pelos convivas por lhes ter irritado os nervos com um longo discurso sobre-mesa. Outros Demóstenes de banquetes devem ter tido a mesma sorte. Mas, relevariam os a predisposição rotariana para a oratória gástrica, se esta contivesse, além do sal de cozinha, outras substâncias para o "menu" coletivo. Dirão, nesta altura, os rotarianos que a sociedade nada tem que ver com as suas reuniões. E argumentarão, vitoriosos, que os "espiritas" e os moralistas não são incomodados pela curiosidade pública. Acontece, porém, que aqueles nunca comem a leviandade de publicar o resumo dos assuntos tratados em suas reuniões. Fecham-se cautelosamente em copas e, assim, a gente fica na dúvida quanto às suas intenções. Os rotarianos distinguem-se, justamen-

NÃO
DESCUIDEIS
DA
VOSSA
BELEZA

Na mulher é a pele que, como o perfume nas flores, põe em relevo o seu deslumbramento!

Cultuar o Belo é pois a mais suave das obrigações. Não receis, pois, perder o título de Beleza. Hoje é fácil trazer a pele sempre jovem, lisa e clara, completamente liberta de rugas, pés de galinha, cravos, espinhas e panos com o uso do LEITE DE AMENDOAS DE MENDEL — o moderno produto científico que tem o poder de restaurar a vitalidade da pele.

Dist. geral
LEONCITO
AMBRAN

Av. Rio Branco, 109-4*
Tel. 23-3947

LEITE DE AMENDOAS MENDEL

Belo Horizonte - GERALDO
M. GOMES & CIA. LTDA.
Rua Caetés, 524

En. São Paulo: SANTOS NEVES & CIA.
Rua Libero Badaró, 443 - S* — Tel. 2-1046

Pilulas DE-LUSSEN
DESINFLAMANTES
PARA
RINS
E
BEXIGA
REGISTRADA
MARCA

DESINFLAMAM, DESINFÉTAM E
LAVAM OS RINS E A BEXIGA

ELIMINAM O ACIDO URICO
ÓTIMO DIURÉTICO

PILULAS DE-LUSSEN
A VENDA EM TODO BRASIL

te, pela preocupação de pôr o grande público a par das suas idéias. Ai é que está o êrro. A maledicência popular não perdoa os indiscretos e aqui estou eu a dizer que ainda não percebi qual a verdadeira finalidade do Rotari Clube.

Já me disseram que aquele grêmio está hoje filiado ao S. A. P. S., fornecendo-lhe mensalmente técnicos de alimentação. Bom, se tal fôr verdade, temos ai qualquer cousta de real, de objetivo e de lógico nas reuniões rotarianas. Técnicos de alimentação e até de acôrdo com a escola nova que alia a prática à teoria...

Mas, afinal, prefiro continuar com o meu panegírico às qualidades celestes dos homens que "dão de si sem pensar em si". Nisso é que elêes são interessantes e exploráveis a valer. Discussões sem política, jantares sem álcool, reuniões moralistas, amizades desinteressadas... Quanta flor exótica medra na paisagem rotariana!

* * *

Disse no inicio que releio sempre com interesse as notícias do Rotari. Antes de despedir-me, quero revelar claramente as minhas intenções ao perpetrar aquela leitura. E' que estou vendo a hora em que os rotarianos fundam aqui uma colônia de nudismo. O caminho que elêes seguem fatalmente tem que desembocar no culto à natureza. E eu, como já ouvi dizendo que a prática do nudismo, com secções femininas, é um esporte muito interessante, aguardo ansioso esta oportunidade. E, no momento em que as minhas suspeitas se positivarem, procurarei redimir-me, forçando as cordas do coração rotario com o recurso extremo dessa consoladora expressão: "perdão, amigo, amanhã estarei convosco no paraíso."

A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA BATALHA DA EUROPA

WASHINGTON — (INTER-AMERICANA) — Acelerando os preparativos para a participação ativa das forças armadas brasileiras ao lado dos exércitos das Nações Unidas na próxima fase da batalha da Europa, o Brasil poderá agora dispor de amplas informações sobre o curso das batalhas nas diversas frentes de combate fornecidas pelo exército americano. Esse fato foi revelado após a visita dos militares brasileiros à frente mediterrânea.

Entrementes, foi acelerado o adestramento de pilotos para a Força Aérea Brasileira, de modo que 120 pilotos chegam mensalmente aos Estados Unidos, a fim de frequentarem cursos de especialização nos principais centros de instrução aeronáutica, onde os veteranos da guerra aérea funcionam como instrutores. Nos Estados Unidos, as principais unidades que já concluíram suas manobras realizarão exercícios de combates noturnos, incursões de surpresa, lançamento e limpeza de campos de minas e outras operações essenciais da guerra moderna.

"O adestramento de acordo com as novas diretrizes", declarou o tenente coronel Leslie J. McNair, comandante das forças de terra americanas, "destina-se a aperfeiçoar a técnica individual e coletiva em conjunto." O programa de adestramento compreende a formação de uma das quais com a duração de cerca de dois meses. Começa com o treinamento individual dos pilotos e termina com operações ofensivas em grande escala.

Os observadores militares brasileiros atualmente nos Estados Unidos já tiveram a oportunidade de assistir o adestramento dos soldados americanos nessas novas formas e métodos de combate.

APÓLICES POPULARES PAULISTAS

Relação das Apólices Populares Paulistas premiadas no 32.º sorteio ordinário, realizado no dia 30 de Junho de 1943 conforme ata da Bolsa Oficial de Valores, publicada no "Diário Oficial":

- 1.º Prêmio 883203 — Quinhentos mil cruzeiros
- 2.º Prêmio 276474 — Cinquenta mil cruzeiros
- 3.º Prêmio 929529 — Dez mil cruzeiros

40 PREMIOS DE CR\$ 1.000,00 CADA UM, SOB NUMEROS:

036184	055920	060537	070439	085029	087153
117682	156252	181678	210824	274354	281275
320340	329455	377447	392491	425627	450134
476414	517905	551166	578334	597007	603659
612875	620623	624392	636746	653614	668037
700396	766935	831459	832918	835566	843941
	852534	859523	921158	982545	

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no "guichet" de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

RELAÇÃO DAS APOLICES PREMIADAS EM SORTEIOS ANTERIORES, CUJOS PREMIOS NÃO FORAM PROCURADOS:

Sorteios	Números	Sorteios	Números	Sorteios	Números
30- 6-39	839936	30- 9-40	184309	30- 9-41	646730
30- 6-39	558052	31-12-40	089394	31-12-41	080308
30- 6-39	941870	31-12-40	313405	31-12-41	585974
30- 9-39	493429	3112-40	365834	31-12-41	057264
30- 9-39	830110	31- 3-41	086010	31-12-41	519960
30-12-39	022724	31- 3-41	485163	31-12-41	555182
30- 3-40	378533	30- 6-41	013748	31-12-41	934623
30- 3-40	430824	30- 6-41	036527	31- 3-42	035522
29- 6-40	026449	30- 6-41	189339	31- 3-42	421854
29- 6-40	203765	30- 6-41	359774	30- 6-42	176143
29- 6-40	453228	30- 6-41	377813	30- 6-42	196843
29- 6-40	464211	30- 6-41	553808	30- 6-42	244099
30- 9-40	027910	30- 9-41	812134	30- 6-42	516421

Sorteios	Números	Sorteios	Números	Sorteios	Números
30- 9-42	005309	31-12-42	101284	31- 3-43	500592
30- 9-42	109812	31-12-42	113379	31- 3-43	044866
30- 9-42	315731	31-12-42	337368	31- 3-43	008050
30- 9-42	398655	31-12-42	366244	31- 3-43	080229
30- 9-42	436955	31-12-42	494952	31- 3-43	126540
30- 9-42	485221	31-12-42	568305	31- 3-43	148205
30- 9-42	566023	31-12-42	688937	31- 3-43	286824
30- 9-42	570944	31-12-42	774702	31- 3-43	540928
30- 9-42	792047	31-12-42	780566	31- 3-43	727443
30- 9-42	919623	31-12-42	826395	31- 3-43	741862
31-12-42	546716	31-12-42	829934	31- 3-43	789307
31-12-42	740801	31-12-42	838642	31- 3-43	937179
31-12-42	008393	31-12-42	851406	31- 3-43	966388
31-12-42	027354	31-12-42	997574	31- 3-43	990882

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 30 de Setembro de 1943, com a distribuição de Cr\$ 600.000,00 em prêmios, sendo o 1.º de Cr\$ 500.000,00, o 2.º de Cr\$ 50.000,00, o 3.º de Cr\$ 10.000,00 e mais 40 prêmios de Cr\$ 1.000,00 cada.

Banco do Estado de São Paulo S/A

Matriz: São Paulo — Rua 15 de Novembro, 251
Caixa Postal, 789 — End. Teleg.: BANESPA

AGENCIAS:

Amparo — Araçatuba — Atibaia — Avaré — Barretos — Bataia — Botucatu — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jaboticabal — Jaú — Jundiaí — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Palmital — Pirajuí — Pirassununga — Pres. Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Rio Preto — Sto. Anastácio — S. Carlos — S. Joaquim — S. José do Rio Pardo — Santos — Tanabi e Tupan.

Companhia de Cimento Portland TRIANGULO MINEIRO

(EM ORGANIZAÇÃO)

•
CIMENTO E CAL **ZEBU'**
OS DOIS BONS AMIGOS DE SEU CAPITAL

•
AÇÕES DE DUZENTOS CRUZEIROS

AVENIDA AMAZONAS, 481 — 1.º ANDAR

O MENSAGEIRO DE RATISBONA

DE "A VIDA de Napoleão contada pelos livros", do sr. Donatelo Grieco, transcrevemos o seguinte episódio em torno da vida do grande corsaro: "Refere Marco de Saint-Hilaire que no mês de abril de 1809, o marechal Lannes conseguiu tomar conta da cidade de Ratisbona e enviou a Napoleão um oficial do Estado-Maior, afim de noticiar a vitória. O oficial, apesar de ferido mortalmente, chegou até o típico em que Napoleão — que também tinha sido ferido no calcânhar, de manhã — estava rodeado de seus oficiais. O mensageiro apeou, muito abalado, palido, tremulo, o uniforme coberto de sangue e de poeira.

— Sire! exclamou ele, exaltado. Ratisbona é nossa! Veja, nossas bandeiras flutuam sobre as muralhas da cidade. Sire! Veja as suas agulhas...

— Senhor, está ferido? interrompeu o Imperador.

— Não, Sire, estou morto! respondeu o soldado.

E, pronunciando essas palavras, caiu por terra, já sem vida.

CORTAR O NO' GORDIO

SABEM A ORIGEM desta frase? É simples a explicação: "Quando Alexandre, o Grande, se tornou senhor de Gordio, da Frigia, soube que uma antiga tradição prometia o Império da Ásia àquele que desatasse um certo nó, feito por um lavrador da região e que atava o jugo à lança do carro. De tal forma era feito esse laço, que não se podiam encontrar as suas pontas. Alexandre entrou no templo de Júpiter, onde o guardavam e vendo o nó, não o desatou com as unhas, mas com um decisivo golpe de espada, cortou-o". Daí o significado da expressão: livrarmo-nos de embaraços por um meio expedito e vigoroso, isto é, desatar o nó gordio...

COMO SE VERIFICA A MUDANÇA DA VOZ NO ADOLESCENTE

NÃO SE CONHECEM ainda perfeitamente as causas fisiológicas deste fenômeno; mas sabe-se que é originado por uma modificação orgânica da laringe que ocorre no sexo forte entre os quatorze e os quinze anos de idade.

Antes disso, o laringe dos meninos é semelhante ao das mulheres, mas quando começam a mudar a voz as cordas vocais estiram-se em um terço, o ângulo da cartilagem tiroide aumenta e outros músculos se estiram igualmente.

Enquanto dura a mudança, a voz é desagradável, nada tem de harmôniosa e deve-se usar dela com grande cuidado.

Em outras palavras: a mudança de voz é devida a um rápido desenvolvimento do laringe.

A rouqueira especial que acompanha é devido a uma congestão passageira e a uma inflamação da membra mucosa das cordas vocais.

* PENSAMENTO

Nunca se cala quem tem a enfermidade de falar.

Aulio Gello.

Dôr de dente?
SERA
Dr. Lusitana
Inofensiva aos dentes —
Não queima a boca

A RAINHA VITORIA — Biografia — *Lyton Strachey* — 2.ª edição — Editora Vecchi — Rio.

COMO diz a célebre escritora inglesa Virginia Wolf, Strachey, com "A RAINHA VITÓRIA", inaugura a era dos biógrafos irreverentes e verazes. Sabe muito bem que os reis são feitos de nossa mesma argila e que, atrás da púrpura de um manto imperial como sob uma blusinha de seda, não é uma viscera singular de rainha e sim um coração de mulher o que palpita.

"A RAINHA VITÓRIA" revolucionou a biografia; é a obra-prima inicial que rasgou novos e insuspeitados horizontes a este gênero, antes de Lyton Strachey tão enfadonho e geralmente insincero, e hoje tão ameno, tão rico em psicologia e tão grato de ler.

Esta segunda edição de tão célebre

obra, traduzida em vernáculo pela sra. Stella Martins Paredes, foi ottimamente apresentada pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, que a ornou com artística e atraiva capa.

*

O TRIUNFO SOBRE A DOR — *René Fulop Miller* — Livraria José Olimpio Editora.

Mais uma bela obra de vulgarização cultural: "O TRIUNFO SOBRE A DOR", de René Fulop Miller, escritor húngaro já bastante conhecido no Brasil. E' a "História da Anestesia", ou melhor, da grande luta do homem contra o poder inexorável da dor, da mais ruidosa vitória alcançada sobre a natureza cruel.

E é uma série de heróis obscuros que vão surgindo à nossa frente, des-

de Poracelso, constatando as virtudes soporíferas do "vitriolo doce" "a Bére Theodore Tuffier, descobrindo a anestesia lombar e raquidiana. Sobre cada uma das descobertas, Fulop Miller se extende em páginas vibrantes e de extraordinário interesse cultural. O leitor sente-se verdadeiramente empolgado com o resultado prodigioso do trabalho tenaz e quasi sempre desinteressado de tantos cientistas que arriscaram ou perderam a propria vida para suavizar a vida dos seus semelhantes. O livro, traduzido por Cecília Reis, figura na coleção "A Ciencia de Hoje", da Livraria José Olimpio.

*

TEMPESTADES D'ALMA — *Phillis Pottome* — Tradução de Raquel de Queiroz — Livraria José Olimpio Editora.

A CABO de aparecer em língua portuguesa, traduzido pela conhecida escritora Raquel de Queiroz, o livro que deu argumento a um dos mais notáveis filmes sobre o nazismo: "Tempestades d'Alma". Obra intensa, cheia de imprevistos e lutas, "Tempestades d'Alma" revela, em suas mais tristes minúcias, o desenvolvimento do nazismo na Alemanha, a sua ação nefasta, desde os seus primeiros dias, disseminando no seio das mais honradas e quietas famílias a discordia e o ódio.

Em tradução de Raquel de Queiroz, a Livraria José Olimpio Editora nos deu uma bela e luxuosa edição portuguesa deste "best-seller" norte-americano, que representa, por si só, o maior libelo contra a Alemanha de Hitler.

*

MINHA VIDA — *L. O. Trotsky* — Tradução de Livio Xavier — Livraria José Olimpio Editora.

A autobiografia de Trotsky, sob o título Minha Vida, já traduzida para inúmeros idiomas, acaba de aparecer em português, em edição da Livraria José Olimpio. Ninguém deixará de interessar-se por tão expressivo depoimento, ligado como esteve a existência de Trotsky a fatos que abalaram o mundo. Mas nesse volume de 540 páginas, o autor nos descreve sua vida desde a infância, sua adolescência inquieta, os primeiros anos de mocidade nos bancos universitários e principalmente essa parte, a menos conhecida, que nos desperta especial atenção, sobretudo devido ao talento de narrador de Tro-



tsky, no qual se revela extraordinária envergadura de romancista. O leitor jamais se esquecerá de evocações tão humanas e poéticas. Trotsky fala-nos de sua família; dos vizinhos com os quais se comunicava na velha propriedade dos pais, num recanto longínquo da Russia; lembra episódios dramáticos cuja repercussão foi bem intensa na sua alma sensível de criança. Emoção, humanidade e literismo — são as palavras que melhor podem resumir tais capítulos. Mas o livro todo é empolgante: uma verdadeira sumula da história da Russia nos últimos quarenta anos. A edição brasileira, enriquecida com um depoimento da viúva de Trotsky sobre o assassinato do mesmo e de um post-facio do tradutor Livio Xa-

vier, aparece em luxuosa apresentação gráfica da Livraria José Olimpio.

*

O MISTERIO DE MARIA ROGET — *Edgar Allan Poe* — Editora Vecchi — 1943.

O MISTERIO de Marie Roget, obra das mais famosas de Edgar Allan Poe, é uma dramática história de morte e intriga, que tem por cenário a alegre Paris de antanho.

A pena imortal do célebre novelista e poeta americano deve ter tremido de genuina comoção ao vetter no papel os sensacionais episódios dessa novela que constituiu um dos grandes acontecimentos literários do mundo e que, hoje, a Editora Vecchi nos apresenta em uma bem cuidada edi-

ção e primorosa tradução de Libero Rangel de Andrade e Frederico Reys Coutinho.

*

O PRINCIPE MAQUIAVEL — Com os comentários de Napoleão e Cristina da Suécia — Editora Vecchi — 1943.

EM uma tradução direta do original, a Editora Vecchi acaba de publicar "O Príncipe", a grande e clássica obra de Maquiavel, em primorosa edição.

Além de ser uma obra de interesse geral e vir ao encontro da curiosidade de grande número de leitores, esta nova edição de "O Príncipe" re-

Concurso de romance, contos e erudição da Academia Mineira de Letras

ACADEMIA Mineira de Letras, com a cooperação da Livraria Cultura Brasileira Ltda., de Belo Horizonte, institui o prêmio "Bernardo Guimarães", no valor de Cr\$3.000,00, que será conferido ao melhor trabalho inédito, de ficção, romance ou contos.

Igualmente, institui o prêmio "Diogo de Vasconcelos", na mesma importância, destinado ao melhor trabalho inédito de erudição, especificadamente: filologia, literatura, arte, história, etnografia, etnologia e folclore.

Além de premiados, serão os livros editados, sem outras vantagens para os autores, pela Livraria Cultura Brasileira Ltda., numa primeira edição com a tiragem máxima de 10.000 exemplares.

Poderão concorrer ao certame todos os autores nacionais, exceto os membros da Academia Mineira de Letras, havendo ampla liberdade na escolha dos temas, apenas com a ressalva de ser mineiro o assunto versado no trabalho de erudição.

Os originais devem ser datilografados, em duas vias, e assinados com pseudônimo, acompanhados de um envelope fechado com o nome e endereço do autor, para ulterior identificação.

O concurso será encerrado no dia 30 de outubro de 1943, devendo os trabalhos ser encaminhados ao Presidente da Academia Mineira de Letras, à rua Guajajaras, 176, Belo Horizonte.

Efetuar-se-á a entrega dos prêmios, em sessão solene da Academia, no dia 25 de dezembro de 1943, aniversário de sua fundação.

Um romance onde tudo é vida, só vida!

Um livro de palpável realidade, de leitura suave e interessante. Uma história para todas as mulheres do mundo!

Eramos Seis!

pela Sra. Leandro Dupré

2.ª EDIÇÃO — com originalíssimo prefácio de MONTEIRO LOBATO

ERAMOS SEIS é um livro que comove e entusiasma. Um livro que se lê com sofreguidão, da primeira à última página.

...é um desses dramas raros e surdos que se desenrolam entre quatro paredes humildes. Seis figuras humanas transitam pelo romance, vivem as suas obscuras tragédias sem desespero e se perdem sem rumor.

...narrativa simples e movimentada, às vezes salpicada de ironia, ou de doce perversidade, a formar este romance esplêndido, que constitue prazer e repouso para o espírito.

— "Eramos Seis" é o livro brasileiro mais elogiado pela crítica nestes últimos tempos!

Volume em brochura, Cr\$ 16,00
EM TODAS AS LIVRARIAS

Ribeiro

Edição da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

une diversas excelências, sendo a mais importante o fato de inserir, pela primeira vez em língua vernácula, as famosas notas de Napoleão e da rainha Cristina, da Suécia.

Nestas dramáticas e culminantes horas da guerra mais cruel, travada contra a pior das tiranias, "O Príncipe", que por si só representa um valor eterno como tratado político e literário, tem o valor de palpitar atualidade, que faz com que seja, agora, mais proveitosa, instrutiva a leitura da obra máxima de Maquiavel.

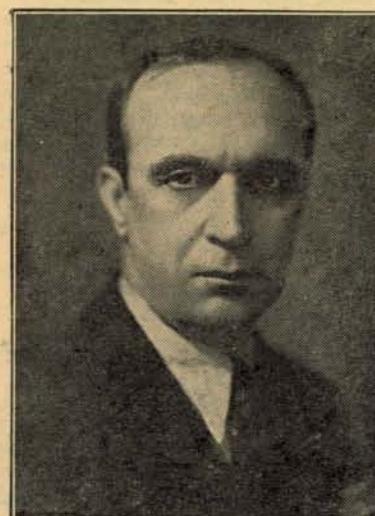
*

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Livraria José Olimpio Editora.

ACABA de aparecer, afinal, a grande obra de Silvio Romero "História da Literatura Brasileira", apresentada na coleção "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olimpio. Essa 3.ª edição, organizada pelo Prof. Nelson Romero, consta de cinco volumes, enquanto a edição primitiva, esgotada há 30 anos, só constava de dois porque foi agora incluído na obra precioso e abundante material inédito ou esparso (cerca de 1.000 páginas), que integra o plano do trabalho por ele traçado. Esta é, pois, a edição completa e definitiva da "História da Literatura Brasileira", que anula todas as outras, tornando-se indispensável a todas as bibliotecas. Tão importante publicação vai por em foco em nosso ambiente literário a figura de Silvio Romero. Ninguém poderá deixar de ver no ilustre sergipano um vigoroso trabalhador intelectual, dotado de extraordinária cultura e enfrentando sempre com mestria os mais árduos problemas intelectuais. A introdução que aparece no 1.º volume sob o título "Fatores da Literatura Brasileira" vem mostrar-nos o quanto o autor já se tinha adiantado na interpretação sociológica da nossa história, numa época em que esses estudos verdadeiramente não existiam. Em vários setores culturais, Silvio Romero foi, entre nós, um abridor de caminhos. Quem antes dele, escreveu, entre nós, ensaios sobre o folclore? Dessa **HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA** hoje publicada, pode-se dizer que é um monumento, como interpretação, crítica e exposição. É o roteiro do Brasil pensante, desde os tempos coloniais até a época contemporânea, traçado pela mão forte e habil de um desbravador. Além de organizar esta edição, o prof. Nelson Romero escreveu para ela inteligente prefácio.

UMA GRANDE AQUISIÇÃO PARA O QUADRO DE COLABORADORES PERMANENTES DE ALTEROSA

A PARTIR DESTA EDIÇÃO MÁRIO MATOS ASSINARÁ MENSALMENTE UM TRABALHO ESPECIAL PARA ESTA REVISTA.



Mário Matos

MÁRIO MATOS representa para o patrimônio intelectual de Minas um dos sons mais destacados e preciosos valores. Autor de um dos mais completos ensaios sobre o escritor brasileiro Machado de Assis, e fino e perfeito poeta de "O último canto da tarde", onde assinou o pseudônimo "Alberto Olavo", Mário Matos não desmente a tradição de que o povo mineiro, na sua simplicidade e quietude, trabalha e se instrui, procurando realizar, honestamente, embora

*

NOITE SEM LUA — *John Steinbeck* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

A COMPANHIA Editória Nacional, de São Paulo, numa tradução de Monteiro Lobato, acaba de dar a lume a última obra do escritor norte-americano John Steinbeck, o conhecido autor de "As Vinhas da Ira", "Ratos e Homens" e outros expressivos livros.

Representando a invasão de uma cidade pelas hordas nazistas, Steinbeck não situa lugares geográficos, mas os entrevermos, se trata da invasão da Suécia. Através das páginas desta intensa novela, vemos como o povo mais pacífico e mais fraco pode, apenas com a sua grande força moral e a sua tradição de liberdade, opor-se ao invasor, seja

vagamente obras de real mérito, seguras e conscientes, capazes de se colocarem ao lado das mais celebres obras mundiais. Assim, tem agido o autor de "O último canto da tarde". A obra que realizou e que ainda está realizando constitui um dos valores mais permanentes de nossa literatura e põe o nome de Minas em relevo.

ALTEROSA, procurando dar aos seus leitores um material literário variado e bem selecionado, tem sempre procurado trazer para as suas páginas os valores mais representativos das nossas letras. E agora, tem o prazer de comunicar a todos quantos acompanham o seu desenvolvimento, a nova e valiosa aquisição que acaba de fazer para o seu já notável quadro de colaboradores permanentes: trata-se de Mário Matos, o conhecido e admirado escritor mineiro que, a partir deste número, assinará artigos e crônicas de grande atualidade e repercussão, especialmente para esta revista.

Portanto, a partir deste número, ALTEROSA estampará em suas páginas a valiosa colaboração de Mário Matos, aquele mesmo delicado e delicioso Alberto Olavo dos sonetos e poemas belíssimos que constituem a conhecida obra poética "O último canto da tarde".

*

ele qual fôr, levando-o finalmente à derrota.

Constitui, este novo livro do autor de "Boêmios Errantes" uma verdadeira e humana mensagem de amor, de fraternidade e de força das democracias a todos os habitantes do mundo, que amam acima de tudo a liberdade do homem.

O presente volume é o n.º 16 da já avultada "Biblioteca do Espírito Moderno", que vem sendo apresentada aos leitores brasileiros pela Companhia Editória Nacional.

*

PILOTO DE GUERRA — *Antoine de Saint-Exupéry* - Cia. Editora Nacional — São Paulo.

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY recorda, em "Piloto de Guerra" aqueles últimos e desesperadores dias de maio de 1940, quando, embora a

derrota fosse certa, um punhado de aviadores franceses continuava a lutar corajosamente nos céus da pátria invadida. O arcabouço deste livro é constituído pela narrativa de dois vóos levados a efeito no decorrer de uma tarde, com o objetivo de observar e fotografar uma concentração de tanques nas cercanias de Arras.

O estilo brilhante e a nota dramática característicos do autor fazem das páginas deste livro verdadeiras obras de arte, dignas da pena do autor de "Terra dos Homens".

Neste "Piloto de Guerra" estão descritas, em toda a sua força, as sensações, que, de momento a momento, sacudiam os nervos de um piloto de guerra que é, ao mesmo tempo, um dos maiores escritores contemporâneos.

Em Tradução de Monteiro Lobato, a Cia. Editora Nacional acaba de publicar "Piloto de Guerra", que é o volume 15.º da série 4.ª da coleção "Biblioteca do Espírito Moderno".

*

NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA — Padre Leonel França S. J. — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

A CABA DE SAIR a 9.ª edição do livro do Pe. Leonel França S. J., "Noções de História da Filosofia", segura e profunda obra que, merecidamente, foi colocada entre as primeiras no gênero, por ser escrita em estilo fácil, ao alcance de nossos jovens estudiosos, que frequentam as faculdades e escolas do país.

Em ótima edição da Cia. Editora Nacional, de São Paulo, "Noções de História da Filosofia" é, inegavelmente, um dos livros mais necessários a quem deseja entrar no domínio da filosofia genuina, num aprendizado seguro e eficiente.

*

CÉU ROUBADO — Franz Werfel — Romance — Livraria José Olimpio, Editora.

COMO seria o céu? Talvez algo assim como é na imaginação simplória da heroína de "Céu Roubado", romance de Franz Werfel, o mesmo autor da "Canção de Bernadette", e que a "Coleção Fogos Cruzados", da Livraria José Olimpio, vem de lançar em tradução de Sodré Viana: durante o dia o gozo do azul radiante e, à noite, dentro dum medo recondito e coberto pelo manto eterno da luz das estrelas. Isso porque a humanidade, segundo sua própria natureza, é mais capaz de ver em imaginação o horror do que as alegrias. Dante, no seu Inferno, conseguiu ser mais realista que no seu Paraíso. Também a heroína desse romance de Werfel, almejando a vida eterna e

celestial, não conseguia figurar o lugar de bem-aventurança para o qual trabalhara durante toda sua vida terrena, e que não fora curta; setenta anos. E dentro dessa psicologia primária, a personagem principal de "Céu Roubado", perde, um pouco, a noção das proporções, chegando até a cometer deslizes através de roubos materiais embora pequenos e instintivos, empolgada pela idéia duma vida eterna, da compra dessa vida por ações que, na terra, ela julgara das melhores. E comprou mesmo o céu assim, porque o destino de certas criaturas simples, as quais, por um paradoxo apenas aparente, constituem as criaturas mais complicadas, é muitas vezes encontrar a salvação espiritual pelos mais tortuosos caminhos. Há como que uma compensação para suas aspirações sem erudição, tanto que a fé nunca as abandona, como acontece nesse livro sem dúvida interessante e, sob alguns aspectos, bem original.

*

LIVROS DE AMANHÃ

O PLANO BEVERIDGE

WILLIAM BEVERIDGE expõe as bases da sua organização econômico-social num livro intitulado "O Plano Beveridge" que está despertando o maior interesse em toda parte. Sem incidir demasiado no terreno técnico, procurando fazer-se compreender por todos os homens de boa vontade, ele aí esboça um ideal, em vias de transformar-se na mais bela realidade. A Livraria José Olimpio vai dar oportunidade ao público brasileiro de conhecer essa obra, já tendo adquirido seus direitos e confiado a tradução a Almir de Andrade, conhecido escritor e estudioso de problemas sociais. Dentro de poucos meses ela já estará em circulação.

*

SECÇÃO DE LIVROS DA EMP. "O CRUZEIRO"

A EMPRESA GRAFICA "O Cruzeiro S. A." acaba de criar a sua seção de livros destinada à divulgação da literatura em geral, tendo como programa a edição das mais conhecidas obras de escritores norte-americanos e brasileiros, ao alcance do público e em feições gráficas dignas dos livros editados.

Deste modo, iniciando o movimento editorial, a Secção de Livros de "O Cruzeiro S. A." publicará, brevemente, livros como: "O Último Trem de Berlim", de Howard K. Smith, conhecido escritor norte-americano, o último jornalista do no-

A PRINCEZINHA DO CASTELO VERMELHO — Vicente Guimarães — Edições "Era Uma Vez..." — Gráfica Queiroz Breiner — Belo Horizonte

Em uma magnífica apresentação gráfica, desde a capa que traz um belo trabalho de tricromia, até a última página do texto, todo ele ilustrado com gravação e colorido, acaba de ser posto à venda mais trabalho de literatura para crianças, do consagrado escritor mineiro Vicente Guimarães. O livro conta a história da linda Mirreninha, uma linda menina, boa menina, que por suas qualidades de caráter e coração, foi chamada por todos de Princesinha. Leitura amena, sadia e que agrada a criança, constituindo, sem dúvida, mais uma vitória de Vicente Guimarães no difícil gênero literário que abraçou.

*

vo mundo que deixou Berlim, um dia antes da traição de Pearl Harbor.

Também, pela mesma editora, estão sendo anunciados "Fui piloto de Rickenbacker", de James Whittaker e "Vale da decisão", de Marcia Davenport.

Contando com um corpo selecionado de tradutores, entre os quais se incluem os maiores nomes da literatura atual brasileira, a Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro S. A." poderá executar, com segurança, o seu largo e arrojado plano de ação.

*

"O DONO DO ARCO-IRIS"

DO CONTISTA mineiro Murilo Rubião, deverá aparecer dentro em breve, o livro de contos "O Dono do Arco-Iris", uma coleção de contos dos melhores contos do jovem intelectual que, entre nós, já conta com um grande número de admiradores, em virtude de sua constante colaboração na imprensa do país.

Disque 2-0652

e peça o fotógrafo de

ALTEROSA para a sua festa

LIVROS QUE FICARAM

Por NARBAL MONT'ALVÃO

A "ILIADA" E A "ODISSEIA", AS DUAS OBRAS PRIMAS DA EPOPEIA

ENTRE os grandes e imperecíveis monumentos da literatura universal, a "Iliada" e a "Odisséia" podem ser classificadas como duas das maiores obras até hoje produzidas pelo ardiloso engenho humano. Bouillet, com a sua indiscutível autoridade, chega mesmo a assegurar que os célebres poemas a nós legados pela magnífica cultura dos filhos da Grécia têm sido, em todos os tempos, considerados como as obras primas da epopeia. Os dois poemas imortais foram compostos em velhas e remotas eras, bem recuadas da trepidante época em que vivemos. Apesar disso, as suas belas rapsódias ainda hoje podem ser lidas com encantamento pelo apressado leitor moderno, hahaituado à superficialidade frívola da maioria dos autores de hoje, quase sempre, mais preocupados com os possíveis rendimentos pecuniários dos seus livros do que com a arte, que timosamente deviam tentar aprisionar em suas obras.

Segundo a opinião de judiciosos críticos, o aparecimento da "Iliada" e da "Odisséia" é muito anterior à invenção da escrita. As suas estrofes foram, durante muito tempo, conservadas na memória privilegiada dos bardos. Convocados para as aristocráticas reuniões dos poderosos da época, compareciam êsses bardos às amplas e opulentas varandas dos palácios principescos e repetiam de cor as estrofes sublimes. Na Grécia dos tempos heróicos, antes de serem os convivas enlevados pelos bardos com os encantos da sua arte maravilhosa, um complicado ritual se celebrava nessas reuniões cheias de estranha magnificência. Uma escrava, trazendo água em uma jarra de ouro, derramava o líquido sobre as mãos dos comensais, aparando-o em uma bacia de prata. Em seguida, polida mesa era colocada em frente de cada um. Uma despenseira, quase sempre veneranda, servia o pão e outros manjares saborosos e um trinchante trazia variados pratos de carne, colocando-os à mesa já repleta de copos de ouro. Distribuído o vinho, os convivas faziam as suas libações, erguendo levorosas preces aos seus deuses poderosos. Iniciava-se, então, o banquete e enquanto eram consumidas as apetitosas iguarias, repetiam os bardos as mais belas estrofes dos seus poetas prediletos. Foi assim que se conservaram e se divulgaram, por muito tempo, os versos encantadores da "Iliada" e da "Odisséia".

Em torno dos dois poemas famosos, tudo é dúvida, tudo é mistério. Não existem fundamentos absolutamente seguros que nos autorizem a afirmar se o tema neles desenvolvido é lendário ou é verídico, se esse tema se baseia na fantasia ou na realidade, se o assunto explorado é de pura ficção ou se tem fundo histórico. Entretanto, do que não pode haver dúvida, como diz o autorizado escritor português Padre M. Alves Ferreira, é de que as duas epopeias são os principais monumentos literários da língua grega, os primeiros modelos da literatura universal, aos quais ficou assegurada uma vida perene, por terem sido inspirados em um penetrante, profundíssimo e amplo sentido de humanidade e em uma noção

de beleza e harmonia extremamente apurada e delicadíssima.

Dúvidas e mistérios também existem quanto à autoria da "Iliada" e da "Odisséia". Enquanto considerável número de eruditos dão a Homero a glória imortal de ter sido o seu autor, outros negam impiedosamente ao consagrado poeta grego as honras dessa glória, que certamente é uma das mais invejáveis de toda a história da literatura universal. Alguns, como Wolf, por exemplo, ou- sam afirmar que Homero nunca existiu e que os dois belos poemas, cuja autoria a ele se atribuiu, não passam de um conjunto de fragmentos de diversas composições devidas ao estro de muitos outros poetas do seu tempo. Não param aí as incertezas e as opiniões, às vezes bem disparatadas, pois, para muitos o que parece mais verossímil é que a "Iliada" e a "Odisséia" tenham sido compostas, em épocas bem diferentes uma da outra, por dois poetas diversos. Deixando de parte tódas essas dúvidas e tódas essas incertezas, julgamos preferível não arrebatar de Homero os ricos louros com que lhe galardoaram os nossos pôsteros. Glória de tamaga monta e de tão fulgente brilho não se arranca nem se toma de alguém sem provas irrefutáveis de que tenha sido imerecida ou falsamente atribuída ao mortal que a detém.

A Guerra de Troia tão ornada de lendas e de fábulas é o tema desenvolvido na "Iliada". Junto ao estreito de Dardanelos, em frente à Grécia, erguia-se Troia ou Ilion, capital de um poderoso reino da Ásia Menor. Indignados pelo râpto de Helena, esposa de Menelau, rei de Tebas, por Paris, filho de Priamo, rei de Troia, resolveram os gregos vingar a grave afronta. Organizaram, para isso, um poderoso exército, confiando o seu comando a Agamenon, rei de Argos e de Micenas e irmão de Menelau, o espôso ultrajado. Do exército grego faziam parte, além de outros heróis, o valente Aquiles e o seu amigo Patrocles, o astucioso Ulisses, rei de Itaca, o sábio Nestor, rei de Pilos, Filocteto, que tinha as flexas que haviam pertencido a Hércules e os dois Ajax. As forças troianas, muito inferiores em número, pertenciam Paris, um dos seus principais chefes, Eneas, filho de Venus e de Anquises e o valente Heitor, irmão de Paris. Rumando contra o inimigo, desembarcaram os gregos e se entrincheiraram em um campo, cuja defesa foi entregue a parte das suas tropas, das quais uma outra parte foi enviada para o saque das cidades dos arredores. Essa divisão do exército grego e as freqüentes questões surgidas entre os seus chefes enfraqueceram consideravelmente os atacantes, permitindo que os troianos se defendessem durante 10 anos. Só depois desse longo período de lutas penosas, foi Troia tomada e reduzida a cin-



Narbal Mont'Alvão é um nome que dispensa apresentação. Senhor de uma inteligência viva e uma cultura sólida e variada, ele não é apenas um dos mais brilhantes cultores de nossas letras jurídicas. Escrevendo com aquele seu estilo inconfundível, em que se plasmam a leveza da forma e a profundidade da erudição, Narbal Mont'Alvão conseguiu firmar-se, definitivamente, como um dos mais populares cronistas da cidade. Trazeno agora para as páginas da "Vitrine Literária", a sua colaboração é sempre permanente, ALTEROSA oferece aos seus leitores um brinde do mais alto valor. Doravante, fixando as grandes obras que marcam época na literatura mundial, LIVROS QUE FICARAM constituirá um precioso manancial de cultura para quantos se acostumaram a ver em Narbal Mont'Alvão um dos mais perfeitos dominadores da arte de escrever em nosso meio.

zas, tendo sido mortos em combate quase todos os seus defensores. A vitória dos gregos, entretanto, só se realizou graças ao conhecido estratagema do cavalo de pau levado a Troia, estratagema esse que, segundo alguns historiadores, não passa de uma forma mística de significar um ataque pelo lado do mar.

A "Odisséia" é uma continuação da "Ilíada". Nela se narra o difícil regresso dos gregos, depois da sua formidável vitória contra os troianos. Ulisses é o personagem principal do poema, que descreve com as tintas de um dramaticismo impressionante as perigosas aventuras do ardiloso herói em sua viagem verdadeiramente tempestuosa de retorno à Pátria. Terminada a Guerra de Troia, mais do que qualquer outro, suspirava Ulisses pela sua terra querida, onde deixara Penélope, a esposa fiel e Telêmaco, seu filho ainda pequeno quando ele partira para os afanosos trabalhos da guerra. Por vingança dos deuses, essa viagem de regresso foi cheia de impecilhos incríveis, os quais Ulisses nunca venceria se não contasse com a proteção valiosa de Atena, filha de Zeus. Preso em terras estranhas por deusas solitárias e volutuosas que rogavam humildes o seu amor, vagando sem leme em mares bravios, privado dos seus companheiros, todos mortos nas aventuras da tétrica travessia, Ulisses chorava incessantemente pelo seu regresso à Pátria, regresso esse que, como um sonho inatingível, tardava a realizar-se. Com o desaparecimento de Ulisses, em Itaca outros já pretendiam desposar a sua mulher, julgando-a viúva. Penélope, sempre fiel ao marido, resiste às tentadoras propostas e tenta afastar os teimosos pretendentes. Telêmaco, já moço, vendo a desgraça que ronda o seu lar, começa a desesperar-se e, aconselhado por Atena, parte para terras estranhas, em busca de notícias do seu desventurado pai. Ulisses, com o pensamento sempre voltado para a Pátria e para o lar, sofre padecimentos atrozes, em regiões longínquas, até que os deuses, compadecidos da sua dor, permitem o seu regresso à dadiosa Itaca, onde finalmente chega, entrando em seu palácio de rei desfarçado em um despresível mendigo, para que melhor possa vingar-se da afronta dos audaciosos pretendentes que tentaram arrebatar a sua mulher, a linda Penélope que a tradição conservou como o símbolo perfeito da esposa fiel.

Em síntese, esse é o tema maravilhosamente desenvolvido nas 48 rapsódias dos dois encantadores poemas de Homero.

Finalizando, repetiremos aqui os conceitos de um reputado crítico, afirmando que a "Ilíada" e a "Odisséia" se destacam e se caracterizam

UMA PERFEITA ORGANISACÃO, POSTA AO SERVIÇO DA ECONOMIA DO ESTADO E DO PAÍS, COM TODOS OS RECURSOS TÉCNICOS E FINANCEIROS!

SIRVAM-SE DA

REPRESENTAÇÕES EXTRANGEIRAS e NACIONAIS

COMISSÕES

CONSIGNAÇÕES

CONTA PROPRIA

FORNECIMENTO ÁS INDUSTRIAS EM GERAL

ESTRADAS DE FERRO

PREFEITURAS MUNICIPAIS E DEMAIS REPARTIÇÕES PÚBLICAS

PRODUTOS QUÍMICOS ANILINAS — METAIS

COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉRCIO "COBRACO S/A"

CAPITAL — CR \$ 1.300.000,00

LIGAÇÃO COM FIRMAS EXPORTADORAS E IMPORTADORAS DA
INGLATERRA — AMÉRICA DO NORTE — CHILE —
ARGENTINA — URUGUAI — PERU — BOLÍVIA

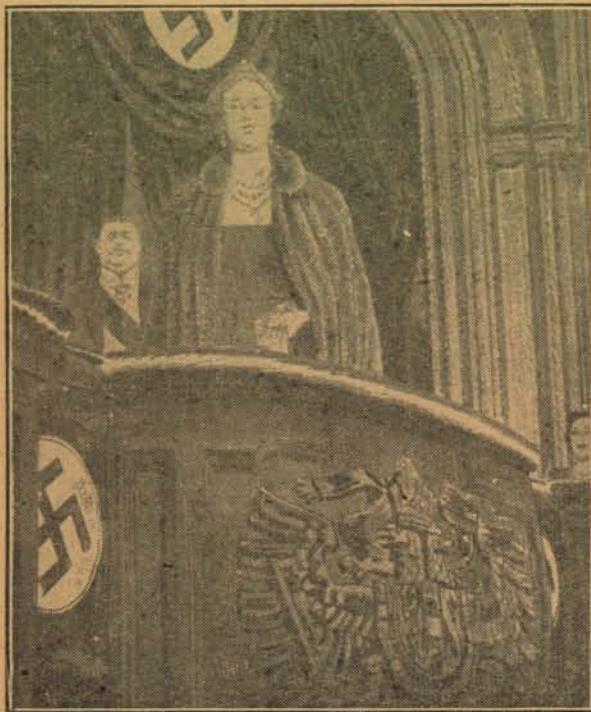
REPRESENTANTES: — EM, RIO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE

RUA CARIJÓS, 561 — 2.º ANDAR — FONE 2-5830
CX. POSTAL, 513 — Telegramas "COBRACO"

BELO HORIZONTE

como obras marcantes da literatura universal pelo seu mérito variado e multiforme. Na "Ilíada" admira-se a grandeza da concepção, a simplicidade feliz do plano, o encanto da imaginação, a riqueza e a sublimidade das imagens. Na "Odisséia" o plano é menos regular, a imaginação é menos brilhante. Em compensação, porém, o romance sente-se verdadeiramente preso pelo vivo na narração e pela candura sedutora que se espalha em todo o entrecho do poema. Além de tudo isso, a "Ilíada" e a "Odisséia", como quase todas as obras antigas, principalmente as da literatura grega, têm um grandiosis-

simo mérito: o de relembrar velhas e admiráveis tradições teológicas, o de reviver a origem e os nomes de povos valorosos de outras épocas, o de lembrar, em descrições surpreendentes, países cheios de maravilhas que existiram em eras remotas, bem recuadas e bem distantes do nosso século irrequieto e cada vez mais torrado pelo doloroso e indelirável interrogações, como diria um filósofo pessimista de mesa de café, que não teve a felicidade suprema de experimentar as delícias de conhecer Homero, lendo a "Ilíada" e a "Odisséia", as duas obras primas da epopeia.



A gorda esposa do marechal Goering apareceu certa vez no camarote imperial da ópera de Viena, enxampada numa caríssima pele de "chinchilla" e fascinante coroa de pedras. O público, porém, fez tanto barulho ante o ridículo, que o espetáculo não pôde prosseguir.

Uma visão das afamadas bacanais de Goering. Certa vez, apareceu num jantar oferecido a diplomatas vestido pela de urso e puxando dois bisões em plena sala, no estilo dos antigos germanos

A VIDA PARTICULAR DOS DEUSES NAZISTAS

DE BELLA FROMM • TRADUZIDO POR RAFAEL TARNAPOLSKY

Bella Fromm encontra-se hoje nos Estados Unidos, depois de uma fuga do paraíso nazista. O seu recente livro, "Sangue e Banquetes" constituiu um dos maiores "best-sellers" no grande país do norte. Neste artigo, a autora nos apresenta os líderes da Alemanha atual. Bella Fromm conhece todas as pessoas que são alguma coisa no reino de Hitler, porque foi jornalista em Berlim, onde trabalhou nas páginas sociais. O que se passa nos palácios nazistas, um mistério para a maioria dos alemães, ela o conhece com detalhes.

FAZ pouco, algo aconteceu em Berlim que pôs em alarme as autoridades da propaganda germânica. Isto se deu por ocasião do espetáculo de gala que se realizou no Teatro Kursaal, para o embaixador nipônico. Pouco antes do levantar das cortinas, uma longa fila de carros "Mercedes" trouxe ao edifício os chefes do partido. Centenas de populares olhavam a cena da chegada de Goering, Goebbels e Ribbentrop, acompanhados de aju-

dantes cheios de medalhas e senhoras que usavam joias ofuscantes. Repentinamente, enquanto os guardas da Gestapo batiam calecanhares, ouviram-se gritos dentre a multidão. "Por que o gordo Goering não pode vir a pé como nós? Por que o ministro do exterior não vai à frente russa? ou será que lá não há champanhe? Onde é que Emmy Goering arranjou esse vestido? Em Moscou?" A guarda de elite e a polícia limparam logo as ruas, não antes que os maioriais nazistas tivessem percebido o fato. Foi a primeira demonstração desse gênero que se viu na capital alemã. Os berlineses são os habitantes mais disciplinados do Reich e o dr. Goebbels, justamente alarmado que as novas chegassem ao exército na Rússia, deu inicio a uma grande campanha através de sua máquina de propaganda. Verdadeiros propagandistas de cinema mostraram ao povo a "simplicidade espartana, dos seus líderes". E até Hitler ameaçou os altos dignitários com pesadas penas se não refressem a ostentação escandalosa perante o público.

Sem dúvida, houve muito boas razões para alarme na chancelaria do Fuehrer. Desde a queda da França, os grandes de Berlim, transformada em capital imperial da Europa, conseguiram enriquecer-se mais do que poderiam imaginar, nos próprios sonhos. Seu modo de vida atingiu a tais alturas no dispêndio de dinheiro, que existem poucos exemplos semelhantes na história moderna ou mesmo antiga.

Em seus palácios recém-adquiridos, a maioria por simples sequestro ou decreto do Fuehrer, homens como Robert Ley ("líder dos trabalhadores alemães"), Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, e Baldur von Schirach ("líder da juventude"), não desconhecem em absoluto o racionamento ou qualquer outra proibição imposto ao povo. As novas que desde os sátraps nazistas até as massas, muito mais co-

do que as dos jornais, nos trazem continuamente histórias das festas de Goering na vasta propriedade de Kairinhall e das farras de champanhe no Ministério da Propaganda, dirigido por Goebbels. É duro para um berlinese ver, e isto acontece comu-

mente, os "camaradas do partido" com a cara lucente após uma opípara refeição, em companhia de damas que exibem vestidos e joias de Paris, rodar pelas ruas em autos bem lubrificados. No mercado negro de Berlim, composto de lojas que armazénam secretamente mercadorias rationadas e proibidas, meio quilo de manteiga custa Cr\$800,00 e meio quilo de café Cr\$320,00. Roupa branca ou para inverno, sabão, sapatos não se encontram, com ou sem cartões de rationamento. Tudo foi requisitado para a frente russa. Não só a comida nas casas e restaurantes é escassa, como até a cerveja, bebida favorita dos alemães, é aguada e cara. Vinhos e licores desapareceram completamente. Os carros particulares só podem ser empregados para negócios do governo e os ônibus e trens subterrâneos são raros. Segundo afirmaram os últimos correspondentes de guerra americanos que deixaram a capital nazista, os berlineses não aguentam muito a vida que levam atualmente e, é natural que não apreciem ouvir uma notícia a respeito de um jantar oferecido por Ribbentrop a potentados italianos, no qual incluiu champanhe, caviar, ostras, carne e aspargos frescos trazidos diretamente de avião da Itália. Os habitantes de Berlim formaram a palavra "Bonzenwirtschaft" para traduzir esta corrupção dos patrões do partido. Muitos observadores acreditam que este ódio pelos "Bonzen" é o ponto fraco do moral nazi e que crescerá à medida que a guerra continue e as privações aumentem.

Foi o próprio Fuehrer quem deu início à febre de construções babilônicas dos seus satrapas. A nova chancelaria do Reich em Berlim custou Cr\$ 300.000.000,00 e o povo logo comentou jocosamente que o edifício fôra feito para sobrepujar Karinhall. O palácio tem mais de mil salas e é todo de mármore. Nas paredes há murais, que têm mais colorido que gôsto, lembrando cenas das óperas wagnerianas que inspiraram Hitler. O chefe do bando gosta de espaço. A "sala do trono" do Reichskanzlei é mais ampla do que o famoso salão dos espelhos do palácio de Versalhes e foi desenhado com esta intenção. Há um grande salão de cinema e outro para concertos. No sub-solo, bem profundamente, acha-se o abrigo anti-aéreo particular de Hitler, com gabinetes de luxo, quartos de dormir, sala de banho e outro cinema. Irmes são o divertimento favorito e muitas vezes o Fuehrer assiste a três seguidos; naturalmente, os ataques aéreos não perturbam a sua paz de espírito.

O ceremonial da chancelaria é mais complicado do que no tempo do Kaiser Guilherme II. Os velhos mor-

O OURO COMBATE PELA VITORIA

Cumpra o seu dever, subscrevendo

BONUS DE GUERRA

no

BANCO HIPOTECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAIS S. A.

que já adquiriu, por conta propria,

Cr \$ 10.000.000,00

(dez milhões de cruzeiros)
desses títulos.

domos e lacaios do último dos Hohenzollern foram convocados para treinar os novos servidores. Existem quase 200 pessoas das mais diversas categorias que usam a libré de calções de seda branca e túnica retezada com galões, fantasia adotada pelo Fuehrer. A recepção oferecida nesta corte aos chefes do partido e aos representantes dos países satélites, que devem aparecer de tantas a tantas semanas para prestar obediência é um acontecimento pomposo. Flanqueado por dois guardas de elite que levam seus fuzis aos ombros, um idoso mordomo-mór, à entrada da sala do trono, bate no chão com um bastão de cabeça de ouro ao anunciar os hóspedes que entram, à

velha maneira monárquica. Todos os convidados presentes, abre-se a porta do fundo do salão e aparece o Fuehrer. Começa a audiência.

Quem teve a idéia disto foi o ministro Ribbentrop. O arqui-intrigante e arqui-snob do gabinete alemão queria uma corte imperial para seu chefe, capaz de apatetar os enviados dos países subjugados e que, acima de tudo, pudesse sobrepujar a corte do palácio S. James de Londres. Os londrinos chamavam a Ribbentrop, quando este foi embaixador na Inglaterra, de "Ribben-snob", e, quanto sempre usasse ternos ingleses e um criado inglês jamais esqueceu o desprezo britânico.

Hitler desmazelado e sem formalidades, recusou-se a princípio cooperar nesta autêntica palhaçada, mas durante o ano de 42 tornou-se tão afetado como nem o próprio Ribbentrop o poderia desejar. Hitler lançou-se inteiramente no papel do "homem do destino". Seu caminhar caracteristicamente nervoso e arrebatado mudou para uns passos lentos e pontificais. O apertar de mãos, acompanhado daquele olhar profundo que, segundo a lenda, tem o efeito hipnótico, é dado a muito poucas pessoas. Sua arrogância atual é a delícia dos velhos oficiais prussianos, que admitem prasenteiramente que Hitler "já aprendeu a comportar-se". Hitler nunca foi facil de ser entretilo em

— Conclue no fim da revista —



CINE-
RADIO-
TEATRO
DA P.R.A. 9

apresenta todos os domingos
ás 21 e 15

OS MAIORES "SCRIPTS"
CINEMATOGRÁFICOS

radiofonizados por CELESTINO SILVEIRA

e vividos pelo grande elenco radio-teatral da

RÁDIO MAYRINK VEIGA

1.220 QUILOCICLOS

O ANIVERSARIO DO REI HAAKON VII, DA NORUEGA



Rei Haakon VII da Noruega

TRANS CORRE a 3 de agosto o aniversário do Rei Haakon, VII, da Noruega e que, atualmente, se acha exilado na Inglaterra, de onde coordena os esforços da luta norueguesa contra as forças do Eixo.

O Rei Haakon nasceu a 3 de agosto do ano de 1872 e completa este ano os seus 71 anos de idade. Ainda príncipe dinamarquês, contraiu nupcias em 1896 com a princesa Maud, da Grã-Bretanha, filha do grande rei Eduardo VII, tendo desta união um único filho, o príncipe Olav, nascido em 1903.

Eleito em Novembro de 1905 rei da Noruega pelo parlamento norueguês, em virtude do prévio blesbíbico, é talvez, em todo o mundo, o único monarca que goze a distinção de ser um rei eleito pela vontade do povo. A sua coroação teve lugar na magnífica catedral de Trondheim em 1906.

E' Haakon um dos grandes reis da Noruega. O seu reinado representa progressos enormes, especialmente no sentido económico social. As realizações no que concerne à leis sociais, ensino, seguro do povo, higiene, etc., serviram de exemplo para o mundo. Operou-se uma aproximação das classes e a democracia popular sob o seu esclarecido reinado, funcionou de um modo plenamente satisfatório.

Em paz, um monarca calmo e nobre, e na guerra, corajoso e de atitudes firmes e serenas.

Junto com o príncipe herdeiro Olav, ele sofreu com os seus soldados duríssimas privações depois que uma grande potência achou por bem lançar um ataque brutal e imprevisto

SEDAS, LAS.

as últimas novidades em cores e padrões, recebidas dos mais famosos fabricantes.

PALACIO DAS SEDAS

AV. AFONSO PENA, 723

contra um povo tradicionalmente pacífico.

No dia 7 de Junho de 1940, o Rei Haakon VII e o príncipe herdeiro deixaram a Noruega, junto com o Governo, para de Londres coordenar os esforços da luta norueguesa, e, em comum com as Nações Unidas, preparar a libertação do país. Os profundos sentimentos do povo para com grande monarca tornaram-se ainda mais fortes durante o tempo de guerra, quando o Rei tornou-se o verdadeiro Guia da Nação. Todos os corações noruegueses batem pelo Rei Haakon VII e eles e os amigos da Noruega olham para o dia em que o grande e bem amado Rei novamente entrará na capital da Noruega.

*

FEIO HOMEM

BERNARDO JOSE' DE LORENA, mais tarde conde de Sarzedas, mandara chamar ao seu palácio de Villa Rica, o já célebre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Recebido pelo ajudante de ordens do governador, José Romão, este, ao ver o infeliz artista, não se conteve e exclamou:

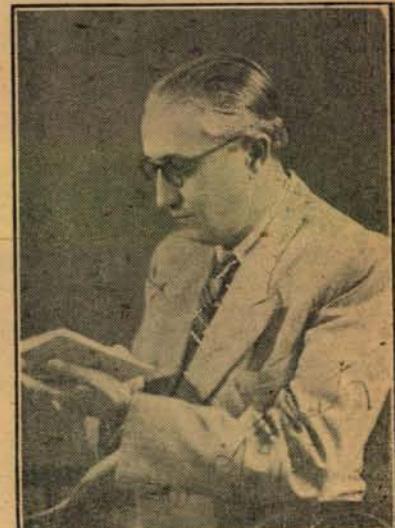
— Feio homem!

O Aleijadinho não gostou da exclamação e protestou, indignado:

— Foi para isso que V. Excia. me ordenou que aqui viesse?

Não ficou aí o protesto do Aleijadinho. E na próxima procissão de São Jorge conta o erudito Dr. Francisco Lopes, massa popular, exaltando os seus semelhantes ingloriosos, riu a bom rir, quando viu que a imagem do santo, feita pelo Aleijadinho, era... o retrato de José Romão que, por sinal, não era também um tipo de beleza...

ABILIO BARRETO



O clichê mostra Abilio Barreto, o notável historiador e cronista que toda a cidade conhece, sobre o qual "Vitrine Literária" se refere na crônica desta edição de ALTEROSA.

CURIOSIDADE

Para uma vida fecunda e prolongada, é mister que se seja amigo da ordem, segundo o conselho de Franklin: Dar, na casa um lugar conveniente a cada objeto e fazer cada coisa em sua hora e tempo.



O cliché mostra um aspecto da mesa que presidiu à grande homenagem das classes conservadoras mineiras à siderurgia nacional, colhido no momento em que o sr. Geraldo Dutra de Moraes pronunciava a sua conferência na Associação Comercial de Minas. Ao lado do orador, pela ordem, vemos o sr. Joaquim Vieira de Faria, presidente daquela prestigiosa entidade de classe, o coronel Coelho de Araújo, representante do Governador do Estado e o engenheiro Jean Thierry, diretor da Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira.

SIGNIFICATIVA HOMENAGEM ÀS EMPRESAS SIDERÚRGICAS NACIONAIS

A Associação Comercial de Minas fez realizar, em dias do mês passado, magnífica sessão solene — Pronunciou substanciosa conferência sobre a "História da Siderurgia Brasileira" o escritor Geraldo Dutra de Moraes

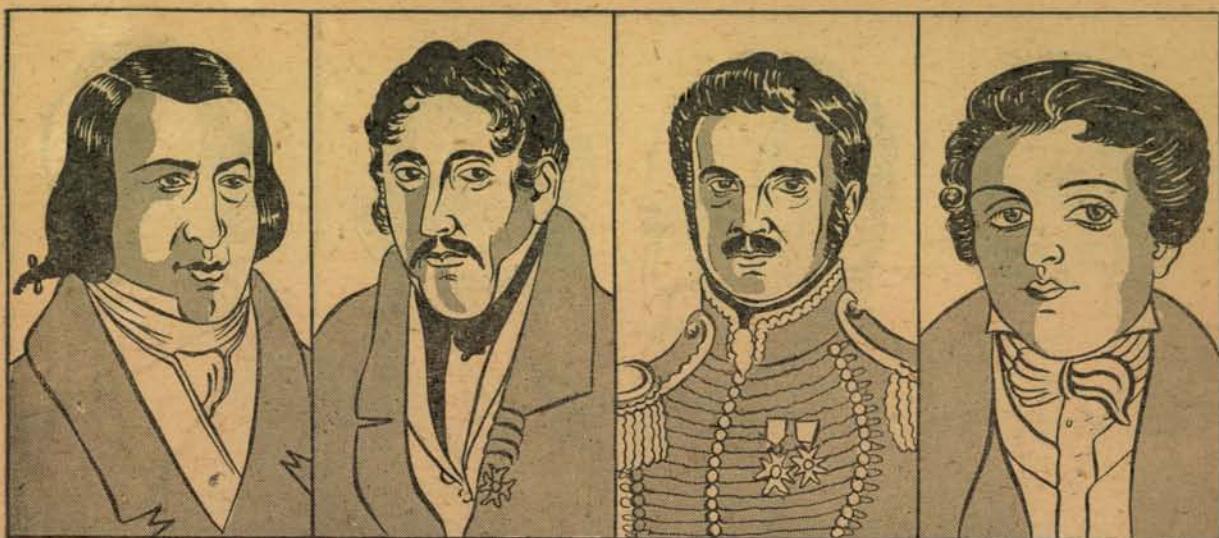
No dia 8 de Julho último, a Associação Comercial de Minas por iniciativa de seu presidente, o sr. Joaquim Vieira de Faria, fez realizar em seu salão nobre, uma sessão solene, que se revestiu de grande brilhantismo, em homenagem às empresas siderúrgicas do Brasil, que ora se entregam ao trabalho patriótico do aproveitamento industrial de nossas imensas reservas sidéreas. São as seguintes, as organizações siderúrgicas que tão grandemente vêm contribuindo para o engrandecimento econômico brasileiro, e que mereceram das classes conservadoras do Estado justa e expressiva homenagem: Cia. Siderúrgica Nacional, Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira S. A., Cia. Industrial do Ferro S. A., Cia. Ferro Brasileiro S. A., Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas, Usina Queiroz Junior Ltda., Barbará S. A., Cia. Mineira de Siderurgia, Mineração e Usina Wigg S. A., Metalúrgica Santo Antônio, Cia. Siderúrgica de Gagé Ltda., estendendo-se, também a homenagem à Cia. Vale do Rio



D. João VI

Doce S. A., gigantesco empreendimento do Governo da República, para a extração, em alta escala, do minério de ferro do sub-solo brasileiro.

Essa significativa homenagem consistiu da importante conferência pronunciada pelo historiador Geraldo Dutra de Moraes, intitulada "A Siderurgia em Minas Gerais", na qual o ilustre conferencista abordou, com grande conhecimento, interessantes panoramas da siderurgia brasileira, desde os primórdios dos tempos coloniais até os nossos dias, quando a extração e aproveitamento do ferro constitui, sem dúvida, baluarte máximo para a defesa da economia nacional. Neste momento em que a economia brasileira inicia, com segurança, suas atividades no sentido de se libertar do aspecto primário que a caracterizava, e quando as nossas usinas siderúrgicas contribuem de modo eficaz para a vitória das Nações Unidas, com a sua produção eficiente e segura, e quando as vistos do Presidente Getúlio Vargas, se voltam para este grande e momento-



Desembargador Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá que, na qualidade de diretor da Fábrica Real de Morro do Pilar, teve a suprema honra de fundir, pela primeira vez no Brasil, o ferro-gusa em alto-forno.

Barão W. L. Von Eschwege, sábio cientista, que construiu as forjas-catalãs de Congonhas, pertencentes à "Sociedade Patriótica".

Gen. Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, construtor dos altos-fornos de Ipanema e renomado técnico em siderurgia.

O engenheiro João Antônio de Monlevade, benemérito da siderurgia brasileira e patrono da maior usina siderúrgica da América do Sul — a Monlevade, fundada em 1817 por seu pai Félix Dissandes de Monlevade.

se problema, com a criação da Cia. Siderúrgica Nacional e da Cia. Vale do Rio Doce S. A., amparando a iniciativa particular, foi um gesto de elevado apreço o do sr. Joaquim Vieira de Faria — inteligente e dinâmico presidente da Associação Commercial de Minas — em promover tão justa e oportuna homenagem.

A SESSÃO SOLENE

Esteve muito concorrida, revestindo-se de excepcional brilhantismo, a sessão especial, que decorreu em ambiente de grande interesse, em virtude do tema da conferência anunciada e, ainda, por ser o seu autor um nome destacado na vida intelectual mineira. Instalados os trabalhos da sessão, a que compareceram elementos das classes produtoras, altas autoridades e representantes de numerosas agremiações, assumiu a presidência o Coronel José Coelho de Araújo, representante do Governador Benedito Valadares Ribeiro. Além do presidente Joaquim V. de Faria, integraram a mesa, o ministro do Canadá, sr. Jean Désy, membros do corpo consular, representantes dos Secretários de Estado, do prefeito da Capital, representantes e diretores das empresas siderúrgicas do país, das associações culturais, do clero e o escritor Geraldo Dutra de Moraes.

Viam-se entre a numerosa assistência, membros do Instituto Histórico e Geográfico, professores e alunos da Escola de Engenharia, diretoria e sócios da Associação Commercial, presidentes da Federação do Comércio, da Sociedade Mineira de Agricultura, da União dos Varejistas, da Colônia

Portuguesa, além de jornalistas e pessoas gradas.

FALA O SR. JOAQUIM VIEIRA DE FARIA

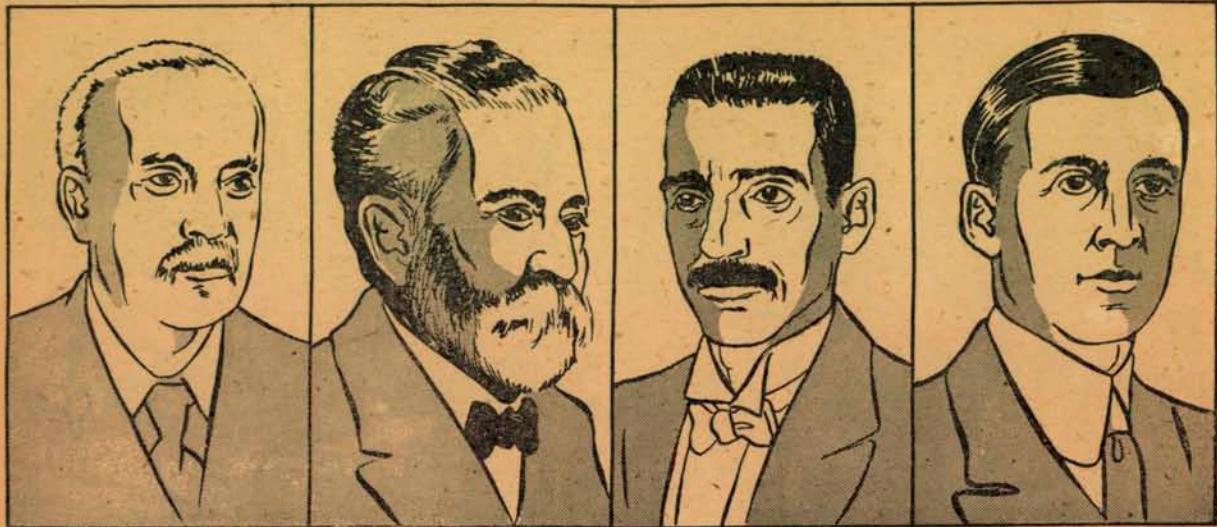
Iniciando os trabalhos, o sr. Joaquim Vieira de Faria pronunciou rápido discurso, saudando o Ministro do Canadá, presente à solenidade, ao

mesmo tempo que fez ao público a apresentação do conferencista, que fora especialmente convidado para a conferência daquela noite. Na apresentação do escritor Geraldo Dutra de Moraes, o presidente da entidade analisou a influência e ação da siderurgia na economia moderna, terminan-



D. Fernando José de Portugal, Marquês de Aguiar, Ministro de D. João VI — o maior benemérito da siderurgia brasileira. Graças à sua influência permitiu, o Príncipe-Regente, a exploração industrial do ferro no país.

D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, Governador da Capitania de Minas e diretor da "Sociedade Patriótica", importante empresa siderúrgica do século passado.



O geólogo Francisco de Paula Oliveira, técnico que muito se dedicou ao estudo e solução do problema da siderurgia no Brasil.

Dr. Luiz Felipe Gonzaga Campos, devotado cientista brasileiro, antigo diretor do Serviço Geológico e Mineralógico que, em caráter oficial, computou as reservas de ferro existentes nos principais depósitos de Minas.

Dr. Clodomiro Augusto de Oliveira, catedrático da "Escola de Minas", e autor de inúmeros livros sobre siderurgia.

Engenheiro Ferdinand Laboriau, técnico brasileiro e que se dedicou, com excepcional patriotismo, ao estudo da siderurgia nacional

do seu aplaudido discurso, com palavras sóbre a homenagem que as classes conservadoras prestavam, naquela sessão, às organizações siderúrgicas que tão grandes esforços dispenderam em beneficio do Brasil. Em seguida, o ministro Jean Désy, em poucas mas comovidas palavras, externou seus agradecimentos e disse que o "Canadá e o Brasil estavam unidos pelo espírito e pelas armas, comungando os mesmos ideais de democracia".

SÍNTESE DA SIDERURGIA NACIONAL

O momentooso problema da siderurgia que, desde os afastados tempos coloniais, vem sendo estudado e discutido, teve em D. João VI o seu primeiro benfeitor e incentivador, pois, que decidiu o apoio da coroa à industrialização do ferro. Nesse remoto período, vamos encontrar trabalhando pela solução do problema máximo do Brasil, o Intendente Manuel Bittencourt da Câmara, o sargento-mór Paulo José de Sousa, o Barão W. L. Von Eschwege e o coronel Frederico Varnhagem. Estes dois últimos, que vieram para o Brasil em companhia da corte de D. João VI, eram renomados metalurgistas e aqui se puzeram logo a serviço da causa nacional, melhorando as nossas condições industriais, estudando as possibilidades do aproveitamento do ferro e a quem devemos — juntamente com D. João VI, Marquês de Aguilar e Conde de Palma — um legado inestimável de trabalho e de incentivo à industrialização da maior fonte de nossas riquezas — o ferro. Ainda por esse tempo, como

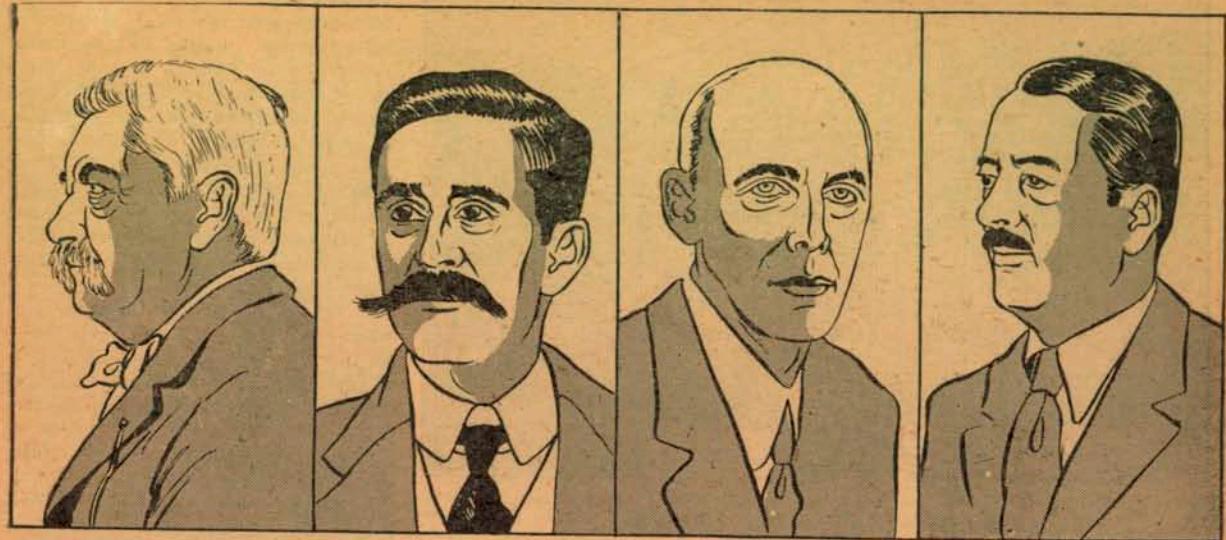
verdadeiro pioneiro, o francês João Antônio de Monlevade, filho do cientista Félix Dissandes de Monlevade, continua o trabalho do pai, desenvolvendo em Minas, nas imediações de Piracicaba, a extração do ferro pelo processo catalão. O engenheiro João Antônio de Monlevade foi, sem

dúvida, um dos maiores metalurgistas do Brasil e a ele se deve o desenvolvimento a que hoje chegamos.

De João Monlevade até nós, notável tem sido o número dos beneméritos vanguardeiros da siderurgia brasileira. Desenvolvendo um trabalho fecundo e audacioso, homens como Alberto e Joseph Gerspacher, J. J. Queiroz Júnior, Comendador Carlos Wigg, Henrique Gorceix, José da Silva Brandão, Amaro da Silveira, Hargreaves, José Jorge da Silva, Mário Rache, Pedro Gianetti, e como o engenheiro Louis Ensch, levantaram o índice de nossa produção. Este último — Louis Ensch — que pode ser considerado como o realizador do sonho que sempre viveu no cérebro brasileiro — levar avante a indústria do ferro e do aço entre nós — criou a grande obra que representa a Usina de Monlevade, marco inicial e definitivo da grande indústria pesada no país. Outros nomes também devem ser lembrados, como por exemplo, os dos grandes técnicos e geólogos Vieira Couto, Paul Ferrand, Orville Derby, Ferdinand Gautier, A. Bovet, Pandiá Calógeras, Costa Sena, Gonzaga Campos, Morais Kégg, Fernando Lacourt, Luciano de Moraes, Otávio Barbosa e F. Labouriau. Seria injustiça, neste ligeiro esboço, omitir os nomes dos sábios cientistas estrangeiros como Saint-Hilaire, Spix, Von Martius, Pohl, Mawe, Walsh, Luccock, Gardner, Castelnau, Milliet, Burton, Zord e Lott, que nos transmitiram preciosas e pormenorizadas impressões, colhidas "in loco", sobre todas as fábricas e



Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena, sábio cientista mineiro, antigo diretor da "Escola de Minas" e autor de importantes estudos sobre nossas jazidas sidéricas.



Engenheiro Joseph Gerspacher, construtor das usinas Esperança, Rio Acima, Caeté, e instalador e diretor de diversas outras, entre as quais as de Barbará S. A., Morro-Grande e Saudade.

Engenheiro J. J. Queiroz Júnior, reanimador da Usina Esperança e organizador da firma que até hoje tem o seu nome como patrono.

Engenheiro José da Silva Brandão, construtor da Usina Gorenex, hoje pertencente à Cia. Ferro Brasileiro S. A.

O eng.º Louis Ensch, o construtor da Usina Montevade, orgulho da siderurgia brasileira, merece figurar entre os grandes propagandistas dessa indústria em cujo futuro se alicerça a grandeza da Nação.

forjas de ferro existentes no Brasil, desde a época colonial.

Entre os nomes dos pioneiros eleva-se agora a figura do Presidente Getúlio Vargas, que, com a sua clara visão de estadista e de chefe, soube aquilar a grandeza de nossas riquezas e se aprofundar no problema siderúrgico. Os seus atos, em relação à Cia. Siderúrgica Nacional e à Cia. Vale do Rio Doce S. A., e, ainda, o seu apoio sincero às grandes iniciativas particulares, o colocam como realizador daquilo que entre nós iniciou Dom João VI: — a criação da indústria pesada do ferro e do aço, o aproveitamento total de nossas riquezas, para a elevação da economia nacional perante o mundo.

A CONFERÊNCIA

Depois das palavras de saudação ao conferencista, pronunciadas pelo engenheiro José Continentino, o jovem historiador Geraldo Dutra de Moraes, iniciou sua aplaudida conferéncia. É um trabalho longo, ilustrado com dados técnicos e estatísticos de suma relevância, no qual o conferencista revela perfeito conhecimento da matéria, ajudado pela fluência da palavra e dotes outros de consumado orador. Depois de agradecer o honroso convite que lhe dirigiu o presidente Joaquim Vieira de Faria, o escritor Geraldo Dutra de Moraes referiu-se elogiosamente à oportuna nemérita campanha que a Associação Comercial de Minas promoveu contra diversas sociedades siderúrgicas que, sem oferecer a menor garantia a seus subscritores, tentaram organizá- se no país. Campanha que resultou em completa vitória, pois o Governo da República tomou a si a defesa da

economia popular, mandando instaurar rigoroso processo policial contra as organizações duvidosas.

Em seguida, fala o historiador Geraldo Dutra de Moraes sobre a influência da siderurgia nos quadros da economia nacional, afirmando que o Estado Novo, estabelecendo um rit-

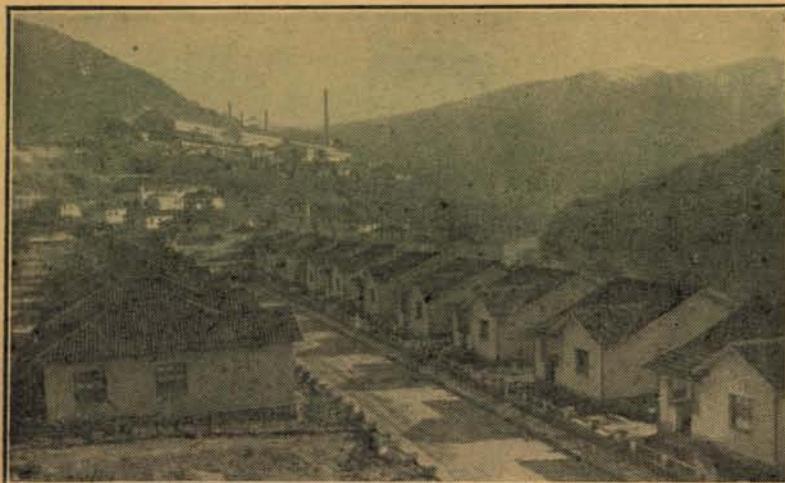


Getúlio Vargas, pelo decidido apoio que vem emprestando ao incremento da siderurgia nacional, e também pela fundação da Usina de Volta Redonda, deve figurar na história da nossa evolução industrial, como um grande benemerito da Pátria.

mo lógico nas soluções dos problemas brasileiros, assegurou, primordialmente, uma planificação dentro das linhas orgânicas de um sistema de propulsão às nossas forças latentes, ordenando em todos os setores de atividade, criando e dirigindo, o espírito necessário de coordenação no mecanismo da produção. Como exemplo, citou a solução do problema da indústria pesada, concebida pela visão do Sr. Getúlio Vargas, erguendo a monumental Volta Redonda, visando a produção do gusa e do aço em larga escala. Acrescentou, ainda, que a exploração da siderurgia nacional, amplamente discutida, pela sua complexidade e pelas condições especiais iminentes à sua própria economia, só agora firma as linhas fundamentais de uma política de segurança orientação e tende a encontrar aplicação no mercado interno, criando e defendendo indústrias novas, que são as bases para a sua existência.

Passou, em seguida, o orador a estudar a história da siderurgia no Brasil, que é revestida de acontecimentos singulares que traduzem, certamente, o esforço extraordinário de nossos antepassados no aproveitamento da maior fonte de riquezas de nosso sub-solo, o ferro, esse elemento poderoso da civilização, imprescindível em todos os cometimentos industriais. Analisa, detidamente, o potencial siderúrgico do Brasil e principalmente o de Minas Gerais.

Reporta-se, então, à época longínqua do ano de 1555, na administração de D. Duarte da Costa, quando o padre Manuel da Nóbrega introduziu o sistema de fundição denominada



O cliché mostra um aspecto parcial das modernas residências da vila operária em Monlevade — E em segundo plano, aparece o laminador e altos fornos da grande Usina da Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, S. A.

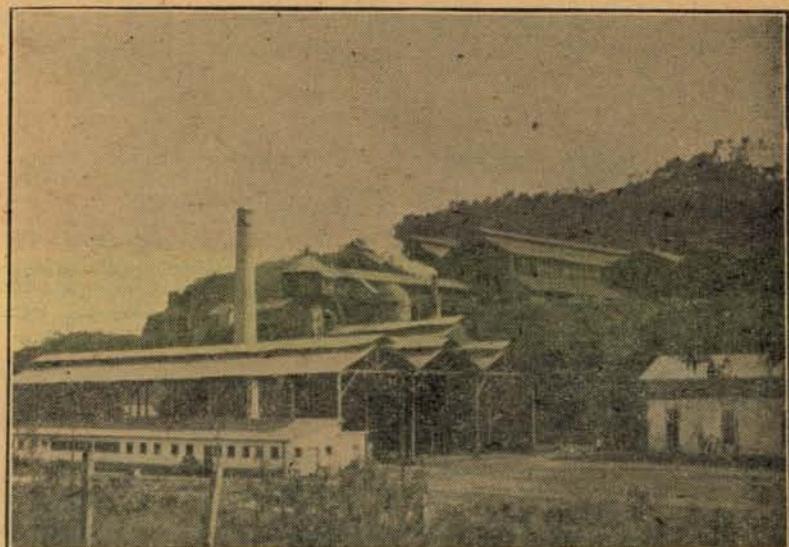
do Cadiño, entre os selvagens e africanos de Piratininíga.

Desenvolve outras considerações interessantes sobre a fábrica de ferro paulista fundada em Araçoiaba, em 1590, por Afonso Sardinha e seu filho homônimo. Refere-se, depois, a uma outra importante tentativa verificada em Recife, quando o Príncipe de Nassau fundou ali uma fábrica de caldeiraria. Prosseguindo, o sr. Geraldo Dutra de Moraes reporta-se ao completo e documentado histórico da siderurgia primitiva, empírica, em Minas, desde 1702, até o ressurgimento da alta-siderurgia instalada em nosso Estado, sob os auspícios de D. João VI.

Em minuciosas citações de dados e documentos, até agora inéditos, chega à época da instalação da fábrica de ferro do Morro do Pilar, sob a direção do Desembargador Manuel Bittencourt da Câmara que, em 28 de Janeiro de 1813, anuncia pela pri-

meira vez no Brasil, o fábrico de ferro-gusa, pelo sistema de alto-forno. As primeiras barras de ferro-gusa produzidas na Fábrica Real do Morro do Pilar foram conduzidas em triunfo para o arraial do Tijuco e o povo do distrito-diamantino formou fileiras e enfeitiçou de flores as ruas. Essa fábrica produziu até 1820, quando entrou em decadência, até que se extinguiu completamente em 1831.

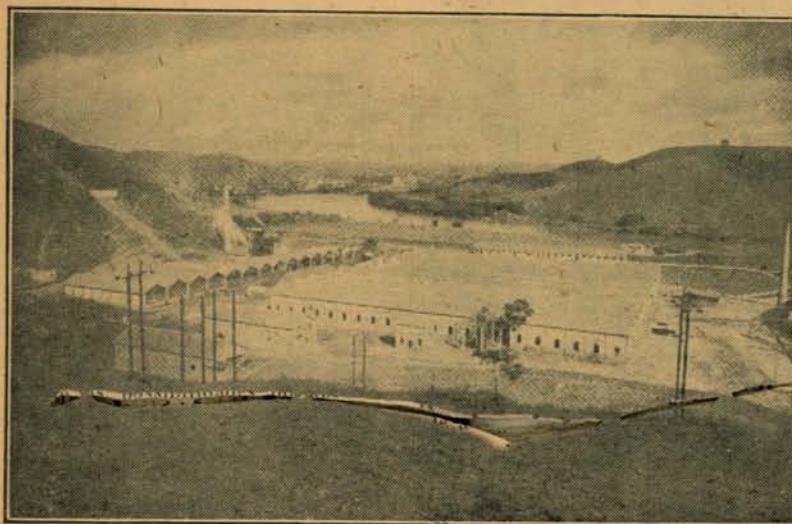
Ainda no período colonial existiu outra importante fábrica de ferro em Minas, situada em Congonhas do Campo. Denominava-se "Sociedade Patriótica" e funcionava sob a presidência do Conde de Palma e sob a direção do Barão Eschwege. Não conseguiu, porém, se manter e em pouco tempo, desapareceu. Muitas outras tentativas se verificaram, em caráter particular, fracassando, entretanto, em consequência da difi-



Vista de um moderno alto forno da Usina Queiroz Junior Ltda.

culdade de maquinismos e técnicos.

Depois de discorrer brilhantemente sobre as atividades de todas as indústrias siderúrgicas de Minas, detém-se o conferencista, em acentuar um acontecimento histórico que deu origem à existência, no território mineiro, de uma das maiores organizações de siderurgia — o Monlevade. O escritor Geraldo Dutra de Moraes, apresentando documentação de irrefutável valor histórico, assevera que coube ao capitão Félix Dissandes de Monlevade, hábil engenheiro francês, a primazia, a virtude histórica, de ter lançado os fundamentos das instalações de Monlevade, que receberam o nome de seu filho, João Antônio de Monlevade, a quem se atribui a criação daquele grande parque industrial. Isto sucedeu — diz — no ano de 1817, quando já então aquelas portentosas forjas cata-



Aspecto das instalações da Cia. Metalúrgica Barbrá, S. A., em Barra Mansa.

RAUL DE AZEVEDO



RESULTADO DO PREMIO DE ROMANCE DE "JOSÉ DE ALENCAR"

EM 23 DE JULHO último, no estúdio da Livraria José Olímpio Editora, tiveram inicio os trabalhos do julgamento do "Premio de Romance José de Alencar", com a presença dos seguintes membros da Comissão Julgadora:

Alvaro Lins, Brito Broca, Genolino Amado, Graciliano Ramos e Sergio Buarque de Holanda.

Foi submetida à discussão e à votação se havia obras merecedoras do Premio "José de Alencar", votando negativamente os srs. Alvaro Lins, Brito Broca, Genolino Amado e Sergio Buarque de Holanda. O sr. Graciliano Ramos achou que devia dar o premio, considerando dignos do mesmo os seguintes romances:

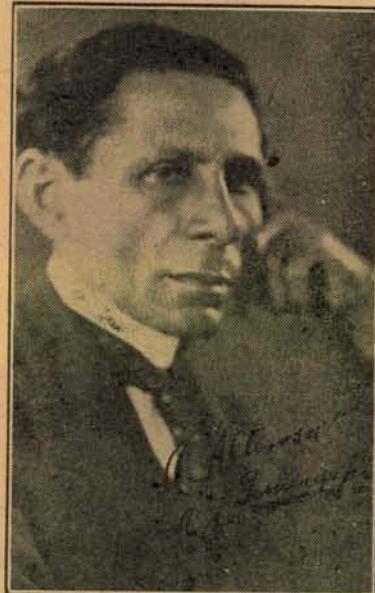
"A Escolha" (Maximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo do Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando). Absteve-se, entretanto, de optar por um deles, por estar vencido o seu voto, em face da deliberação da maioria. Foi submetida à discussão e votação se havia obras merecedoras de menções honrosas, votando negativamente os srs. Alvaro Lins, Genolino Amado e Sergio Buarque de Holanda; e favoravelmente o sr. Brito Broca, nos seguintes romances: "A Escolha" (Maximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo do Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando); e o sr. Graciliano Ramos, nos seguintes romances: "A Escolha" (Maximo); "O Desespero do Pecado" (Salvador Abelardo do Monte Negro); "Moema" (Ricardo Fernando); "Lixo" (Turibio Anunciação da Paz) e "Dez anos de Agonia" (Joseff Nagib).

Não foram, portanto, concedidos nem o premio "José de Alencar", nem

A Federação das Academias de Letras do Brasil, realizou, em fins de junho do corrente ano, expressiva sessão solene em homenagem ao sr. Embaixador do Paraguai, no Brasil, e à Sra. Embaixatriz. Coube ao brilhante escritor Raul de Azevedo, membro da diretoria da Federação, fazer, em meio de grandes aplausos, a saudação à mulher paraguaia na pessoa da sra. Embaixatriz, oração que temos o prazer de publicar neste número de aniversário.

*

A. J. PEREIRA DA SILVA



A. J. Pereira da Silva, que nos honra com sua colaboração inédita, pertence à Academia Brasileira de Letras, como ocupante da cadeira de Luiz Carlos. Poeta dos mais altos que o país tem possuído, sua obra, constituída de sete volumes — *Vae Soli, Solitudes, Beatitudes, Holocausto, Pô das Sandálias, Senhora da Melancolia e Alta Noite* — bem lhe reflete a fidalga sensibilidade artística, colocando-o, merecidamente, entre as grandes vozes da América.

Publicará, muito breve, *Milagres de Cristo*, obra em que nos apresenta, em poemas magistrais, sem faltar à verdade histórica, os milagres de Jesus na terra.

ALTEROSA, publicando, neste número de aniversário, sua colaboração inédita, saúda o grande criador de *Sociedades*.

as Menções Honrosas, por determinação da maioria dos votantes.

A Livraria José Olímpio resolveu publicar os romances que obtiveram votos de dois dos juízes e está convidando os seus autores para os respectivos contratos de edição.

A MÃO FELIZ ...e dinheiro no bolso!

*

DIA 7

Cr \$ 1.000.000,00 da Federal
Por Cr \$ 120,00

DIA 13

Cr \$ 200.000,00 da Mineira
Por Cr \$ 30,00

RUA RIO DE JANEIRO, 474

UM NOVO ROMANCISTA BRASILEIRO

VIRIATO CORREIA, na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, em 1 de abril último, pronunciou um belo discurso, apresentando o romance "Os Flagelados", de Jesuino Ramos (Editora Vecchi, Rio), do qual destacamos as seguintes palavras:

"Jesuino Ramos nasceu narrador. Nasceu novelista. A afirmação não é minha. Será de toda a gente que tiver lido "Os Flagelados", o romance com que ele acaba de se apresentar no mundo das letras. O livro deixou-me duas impressões desde as suas primeiras páginas. Uma, a de surpresa, a outra, a de encantamento. A de surpresa por ver um rapaz de vinte e poucos anos de idade ter da complexa fatura da novela uma noção tão segura, tão clara e tão bela, como se já fosse um escritor de largas experiências. A de encantamento pelo entrecho nitidíssimo humano no romance, pela grandeza de seus aspectos, pela simplicidade condutora da narrativa, pelo esplendor brasileiro das paisagens em que o drama se desenvolve. O romance de Jesuino Ramos é uma história de dor e uma história de desgraçados. É a velha história da seca do Ceará com a sua triste farandula de retirantes morrendo de fome.

Estamos de parabéns senhores acadêmicos. Um novo romancista surgiu no Brasil. E é com prazer que eu sirvo de portador do volume que o escritor oferece à Academia".

(Do "Jornal do Comércio", — Rio 6-4-43).

ARTE CULINARIA

A ALIMENTAÇÃO

ENTRE comer e saber comer a diferença é apreciável. E para saber comer é preciso que se tome bastante a sério a questão alimentar, tão descurada entre nós, dedicando-lhe mais interesse e, portanto, maiores cuidados. E' erro supôr que a escolha e a confecção, bem como o arranjo dos pratos, na constituição do almoço ou do jantar possam ser efetuados arbitrariamente, sem se levar em conta as condições e as necessidades orgânicas. Além de sua parte estética, relativa ao arranjo e à apresentação, as refeições devem ser sadias e conter os elementos indispensáveis em calorias e vitaminas reclamados pela máquina humana no seu trabalho contínuo. Devem os cardápios, portanto, reunir o útil ao agradável, salvaguardando, assim, a saúde e, consequentemente, vitalizando a espécie.

J. S.

CARDÁPIO

Arroz com peixe

COME um quilo de peixe (o peixe vendido em postas é bom para se fazer com arroz e dá menos trabalho), tire-lhe as espinhas e a pele, corte-o em pedacinhos e refogue em uma caçarola com azeite, cebola, batatinha e sal com alho. Quando os pedaços do peixe estiverem alourados, junte uns tomates, meio quilo de arroz, cheiro verde, um pedacinho de folha de louro e pimenta verde amassada, se gostar. Deixe refogar mais um pouco e junte água fervendo, uma quantidade que cubra tudo muito bem. Tampe a caçarola e deixe cozinhar em fogo forte. Quando o arroz estiver secando leve a caçarola para um fogo brando. Depois de seco, junte-lhe duas colheres cheias de manteiga, torme a tampar a caçarola e na hora de servir, revolva o arroz com um garfo, retire o cheiro verde. Sirva-o enfeitado com umas azeitonas grandes e uns pedaços de ovo cozido.

*

Prato moderno

FAÇA um pedaço de carne de vaca e outro de carne de porco, assarem em panela. Deixe esfriar. Corte-os, depois, em fatias finas, sendo umas maiores e outras menores, fazendo o mesmo com um pedaço de presunto. Arrume essas fatias em pirâmide, sendo uma camada de vaca, outra de porco, outra de presunto, sucessivamente. Fronta a pirâmide, guarneça-a com uma massa de batatas cozidas com sal, e à qual se misturou um pouco de manteiga. Sobre essa massa de batatas, faça guirlandas ou frisos de verduras e cenouras, cozidas e passadas na máquina e

depois temperadas com manteiga quente e sal, sendo cada guirlanda ou friso de uma cor. Polvilhe com queijo parmezão ralado. Leve ao forno por alguns minutos, retire, enfeite com folhas de alface à roda e sirva.

*

Bifes enrolados com cenoura

CORTE uns bifes e tempere-os com sal, alho e frite-os em gordura bem quente e retire-os da frigideira. Em seguida, ponha nesta, uma colher de farinha de trigo, mexa um pouco até que ela fique alourada, junte-lhe os bifes, uma colher de manteiga e caldo que dê para cobri-los. Quando começar a ferver, junte cheiro verde, um pedacinho de louro, cebola em rodelas e cenouras cortadas em tiras finas. Tampe a frigideira e deixe-a no fogo brando até que as cenouras estejam cozidas. Sirva depois.

*

Rosquinha francesa

INGREDIENTES: — 1/2 quilo de farinha de trigo; 1 pires de açúcar; 1 de amêndoas moídas, reduzidas a massa; 1/2 chicara de manteiga; 2 colheres (das de sopa) de bicarbonato; 3 ovos.

Modo de preparar: — Junte numa vasilha todos os ingredientes, pondo por último o leite e os ovos. Amasse bastante e quando estiver no ponto, faça as rosquinhas, assando-as em forno regular.

Beijinhos de abacaxi

INGREDIENTES: — 2 abacaxis, 1 coco, 800 grs. de açúcar, cravos para enfeitar.

MODO DE PREPARAR — Rale o

coco e ponha de reserva. Passe os abacaxis, depois de bem descascados, na máquina, aproveitando o caldo que escorrer. Ponha numa panela a massa dos abacaxis, o caldo que foi apurado, mexendo sempre até dar ponto de enrolar. Retire do fogo, deixe esfriar e faça então bolinhas ou cajuzinhos, enfeitando com um cravo cada um. Arrume em caixinhas.

*

Creme de chantilly

INGREDIENTES: meio litro de creme de leiteria; 75 grs. de açúcar, e 1 clara em neve, se quiser mais leve.

MODO DE PREPARAR: Compre o creme de véspera e deixe na geladeira; no momento de servir, bata até ficar leve, junte o açúcar e torne a bater, mas não demais porque senão vira manteiga. Se quiser ainda mais leve, junte a clara de ovo em neve e se gostar, pode perfumar com baunilha. O creme, depois de batido, deve ser levado novamente à geladeira até o momento de ser servido.

Pode ser servido com doces em calda de laranja, banana, ameixas, etc.

*

Ponche de rum

CORTE em rodelas 2 limões e esprema mais 2, numa vasilha, acrescentando uma garrafa de aguardente e um copo de rum e açúcar a gosto. Mexa, leve-o ao fogo sem deixar ferver. Cöe e vire no ponche (sem tirar a vasilha do fogo) um bule de chá fervendo. Sirva bem quente.

*

Whisky com água de coco

UMA dose de Whisky num copo duplo com uma pedra de gelo. Acabe de encher com água de coco e sirva com canudinhos de palha. É excelente.

*

Refresco de laranja com sumo

AVAM-SE bem as laranjas, esmagando-as com casca e tudo (há esmagadores especiais). Cöa-se o líquido, tempera-se com açúcar e serve-se. Se preferir mais fraco, dose na proporção de meio copo de água para cada copo de caldo.

MARIANA DE SOUZA BARRETO

Na história da revolta contra o domínio dos Assécas, na velha terra campista, em 1748, o nome de Mariana de Souza Barreto aparece como um dos mais gloriosos.

E se a sua irmã, a famosa Benta Pereira, chefiou o movimento, montada a cavalo e dirigindo os revoltosos, Mariana foi quem, realmente, entrou no edifício da Câmara, à frente de alguns patriotas, prendendo e algemando os oficiais que lá se encontravam.

Na hora trágica da derrota, ainda foi ela quem se negou a abandonar a vila, reconhecendo embora a impossibilidade da resistência, mas ouvindo a voz do seu coração, com o olhar fuscante, como o de galo em briga, declarou que era desdouro do seu sangue e dos seus feitos fugir de medo e que em sua casa aguardaria a cólera dos partidários do donatário que haviam urdi do a vinda de tanta pinha de soldados."

Mariana deixou-se, pois, prender. Foi mandada sob ferros del-Rei para Benguela, degredada com barraço e pregão, além da pena de 400\$000 para as despesas da Relação...

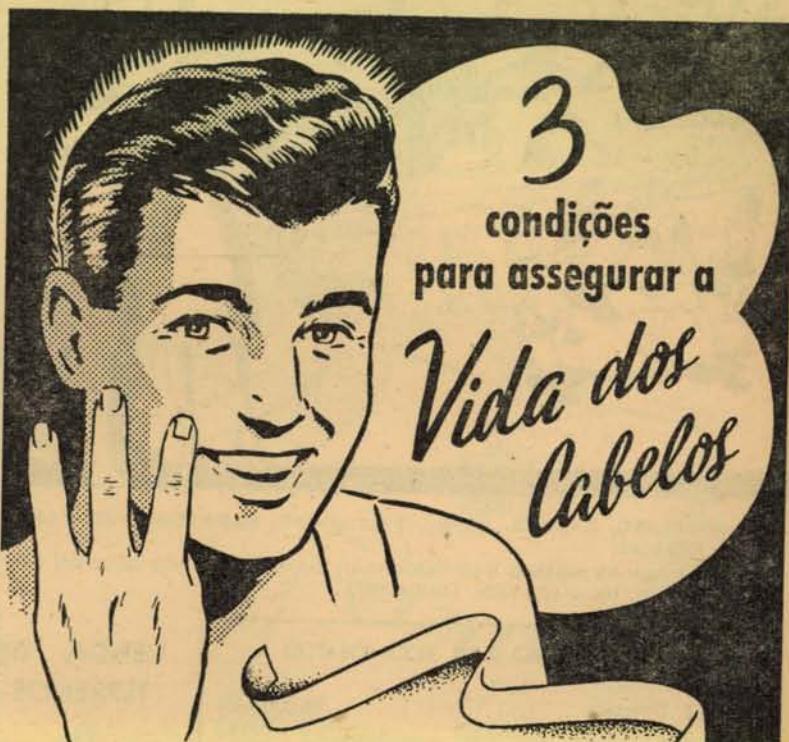
*

CARNAVAL E AVE MARIA

TODOS nós sabemos que o Carnaval sempre foi a festa essencialmente carioca. Bem poucos sabem, porém, que no tempo de Debret... Mas, deixemos o artista — Jean Baptiste Debret, que aqui aportou com a missão artística francesa contratado por D. João VI, relatar como a festa transcorria naquela época: "Nesses dias de alegria os mais turbulentos embora sempre respeitosos para com os brancos, reunem-se (os negros) depois do jantar nas praias e nas praças, em torno dos chafarizes afim de se inundarem de água, mutuamente, ou de nela mergulharem uns aos outros de brincadeira; a vítima, ao sair do banho, pula e faz contorsões grotescas, com as quais dissimula o amor próprio ferido."

A hora da Ave Maria, porém, cessa toda a brincadeira e a polícia vem para a rua, armada, implantar a paz...

Hoje, o Carnaval carioca principia à hora da Ave-Maria, precisamente, para só acabar no dia seguinte, quando não acaba na quarta-feira de cinzas, às 8 horas da manhã, com o desfile do bloco "Que é que eu vou dizer em casa"...



Shampoo Dagelle — Faça uma aplicação semanal com este shampoo, feito de puríssimos óleos vegetais. A espuma abundante do Shampoo Dagelle facilita a remoção das impurezas, limpa e amacia os cabelos.

Tônico Capilar — Após a aplicação do shampoo, e toda manhã, fricione a cabeça com um pouco de Tônico Capilar Dagelle. É uma fina loção, que evita a caspa, estimula o crescimento e dá vitalidade ao cabelo.

Brilhantina Dagelle — Use Brilhantina Dagelle para assentar o cabelo. Não é gordurosa, não em pasta e dá brilho natural ao cabelo.

A venda nas farmácias e perfumarias.



Shampoo, Tônico Capilar
e Brilhantina

DAGELLE

IA-S-19



COMPLETE, TAMBÉM, A SUA FELICIDADE, GARANTINDO-SE PARA O FUTURO!

CONHEÇA OS NOSSOS VANTAJOSOS PLANOS, LANÇADOS DENTRO DE UMA SOLIDA GARANTIA IMOBILIARIA.

NOVO PLANO LAR ECONÔMICO

	Cr\$	Cr\$
1 Premio	30.000,00	
2 Premios 5.000,00	10.000,00	
1 Premio Remissão	1.200,00	
6 Premios 2.000,00	12.000,00	
10 " 1.000,00	10.000,00	
20 " 360,00	7.200,00	
100 " 100,00	10.000,00	
100 " 50,00	5.000,00	
1.000 " 29,00	20.000,00	
11.000 " 10,00	110.000,00	
TOTAL	215.400,00	

Mensalidade - Cr \$ 10,00 - Sorteios Quinzenal

VENDA DE TERRENOS A LONGO PRAZO



CURIOSIDADES

A mulher que sabe sorrir nas oportunidades que se devem sorrir, sabe também triunfar.

A cultura é a base indispensável para a felicidade.

Para evitar que as formigas subam nos troncos, deve-se envolver o pé com um anel de lâ e um ramo molhado em azeite.

As manias podem a perder as pessoas melhor dotadas e muitas vezes as tornam insuportáveis. Do mesmo modo, os indivíduos salientes, que tem um dom maravilhoso de molestar o próximo e pôr à prova a paciência de quem quer que seja.

Cia. Mineira de Terrenos e Construções, S. A.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO IMOBILIARIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

RUA CURITIBA 607
END. TELEG. "TERRENOS"

CAIXA POSTAL, 357
■ ■ BELO HORIZONTE

A TÁTICA DE FLORIANO

Sobre a habilidade do marechal Floriano Peixoto, conta Faria Naves Sobrinho o seguinte episódio:

Verificada a renúncia de Deodoro e a consequente ascensão de Floriano, os amigos deste promoveram por todo o país movimentos revolucionários, pondo no governo dos Estados gente do seu grupo. Em Pernambuco, depois de muitas contendas, foi constituída uma junta governativa, com o general Jacques Ouriques, José Vicente Meira de Vasconcelos e Ambrosio Machado Cunha Cavalcanti. Urgia, entretanto, eleger um governo definitivo, e a Junta, em telegrama a

Floriano, propôs tres nomes: Martins Junior, José Vicente e Ambrosio Machado. Dias depois vinha este telegrama laconico, de Floriano: "Barbosa Lima aceita e agradece". A Junta

*



DESENHOS COMERCIAIS TÉCNICOS E ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP SANTO, 621-ESQ. AVENIDA ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

ficou boquiaberta. Jamais havia passado pela mente dos seus membros o nome de Barbosa Lima".

*

O TRATAMENTO POR TU'

OS ANTIGOS, quando se dirigiam a uma só pessoa, por muito digna de respeito que fosse, tinham o hábito de lhe dizer "tu". Entre eles, não existia o "vós". E, provavelmente, um resto desse uso que faz com que, na poesia e na eloquência, se empregue ainda comumente o "Tu", quando o poeta se dirige a Deus, a um monarca, etc.

O emprego do "vós", num sentido de polidez e de respeito, só foi introduzido na época da decadência do império romano. Desde o século V, ele é encontrado com frequência. Sidonio Apolônio oferece exemplos de seu emprego.

E de supor que essa tendência se desenvolvesse pouco a pouco na literatura da idade média e ganhasse os hábitos da conversação. Os monumentos mais antigos das línguas meridionais da Europa atestam o uso geral do "vós".

Verdade seja que, no século XII, ainda aparecem, às vezes, na mesma passagem, sucessivamente os dois tratamentos — de tu e de vós — como se nota no "Charroi", canção do gosto desse século. Depois desses tempos, o uso de vós na conversação estabeleceu-se definitivamente e o tu apenas se manteve no estilo pomposo ou na linguagem popular.

*

CURIOSIDADES

A mulher que sabe sorrir nas oportunidades que se devem sorrir, sabe também triunfar.

*

A cultura é a base indispensável para a felicidade.

*

Para evitar que as formigas subam nos troncos, deve-se envolver o pé com um anel de lâ e um ramo molhado em azeite.

*

As manias podem a perder as pessoas melhor dotadas e muitas vezes as tornam insuportáveis. Do mesmo modo, os indivíduos salientes, que tem um dom maravilhoso de molestar o próximo e pôr à prova a paciência de quem quer que seja.

MONTAIGNE E O MATRIMONIO

NAO VEJO matrimônios que mais falhem e mais ruam do que aqueles feitos à base da beleza e dos desejos amorosos; preciso é que se lhes dêem fundamentos mais sólidos e mais constantes e cuidados sumos: esse arrotubo imoderado nada vale...

Um bom matrimônio, si existe, renuncia à companhia e às condições do amor e procura ater-se às de amizade. E' uma doce comunhão de vida, cheia de constância, de confiança e de um número infinito de úteis e sólidos ofícios e mutuas obrigações: qualquer mulher que lhe experimentar o gosto, não quererá fazer as vezes de amante de seu marido. Si se alojar em sua afeição como esposa, é-o muito mais honrosa e seguramente alojada".

*

UMA REPORTAGEM FRACASSADA

ATRIZ PARISIENSE Regine Flory, que se suicidou em Londres, antes da guerra, fez, nas vésperas de realizar esse desatino, uma "blague" macabra: Telefonou ao cronista Michel-Georges-Michel, de quem era muito amiga e cujos conselhos sempre escutara.

— Pode ir a Londres depois de amanhã?

— Depois de amanhã é impossível — respondeu Michel-Georges-Michel, tenho compromissos inadiáveis.

— Dá um jeito de te tornares livre e toma o avião. Prometo-te uma reportagem sensacional.

— Que gênero de reportagem?

— Infelizmente não posso dizer-te.

Mas pela última vez, venha a Londres e me procure no Hotel N. Garanto-lhe que não perderás a viagem.

Michel-Georges-Michel julgou tratar-se de uma fantasia de artista; não foi e, pelos jornais, soube da reportagem que havia perdido.

fpoco

**CIGARROS
ELMO**
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

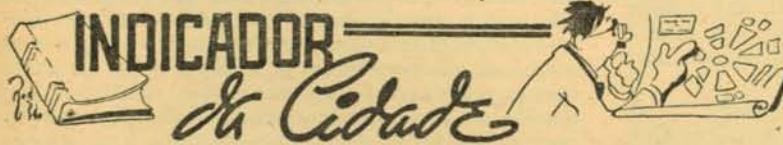
ROUSSEAU E O AMOR

NAO HA PAIXÃO, escreveu Rousseau, que nos faça uma ilusão tão grande quanto o amor; toma-se a sua violência por um sinal de duração; o coração sobrecarregado de um sentimento tão doce, estende-o, por assim dizer, para o futuro, e enquanto dura, crê-se que não acabará. Mas, pelo contrário, é o seu

ardor mesmo que o consome; usa-se com a juventude, esconde-se com a beleza e extingue-se sob os gelos da idade".

O PRIMEIRO DICIONARIO

UMA DAS PRIMEIRAS obras apreciadas no mundo e que pode receber o título de dicionário foi redigida por Calepino, sábio italiano, natural de Bergamo, descendente das famílias dos condes de Calepino. Intressando na Argentina, Agostinianos, dedicou a maior parte da sua existência à confecção dessa obra, apresentada ao público no ano de 1502. Pelo espaço de 50 anos o dicionário foi reeditado 18 vezes e em 1590 era publicado em onze línguas.



INSTITUTO DE
OUVIDOS, NARIZ E
GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
Salas 701 a 713 — Fone: 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORRÉA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
RUBEM ROMEIRO, F. DE M. NOEL FRANCA CAMPOS

Escrítorio: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fone: 2-2919

AS GRANDES PAGINAS SOBRE A MULHER

TEVE lugar em fins de junho último, no Rio de Janeiro, uma expressiva homenagem das elites intelectuais brasileiras ao sr. Embaixador do Paraguai no Brasil e à sra. Embaixatriz, em uma sessão solene promovida pela Federação das Academias de Letras do Brasil.

Durante esta solenidade usou da palavra o brilhante escritor brasileiro Raul de Azevedo, que pronunciou uma belíssima saudação à mulher paraguaiã, na pessoa da sra. Embaixatriz do nobre povo irmão. Por sua beleza de forma e sua alta expressão dos sentimentos nobilíssimos da mulher, a oração do sr. Raul de Azevedo mereceu os mais calorosos aplausos.

Transcrevemo-la aqui, para conhecimento de nossas leitoras.

No panorama universal, neste momento em que há uma guerra fascinora, da Fôrça contra o Direito, da Injustiça contra a Razão, salientar o papel de abnegação e lealdade, de trabalhos e sacrifícios da Mulher, é dever nosso. Já em tempos outros, desde a Civilização foi se impondo aos povos daqui e dalém mar, a Mulher é uma dedicada à sua Pátria e, dentro do Lar, uma fôrça latente para o Belo e para o Bem.

Se percorrermos serenamente as páginas da História, vemos que Ela está ao lado do Homem, sua companheira e amiga, nos transe os mais aflitos e delicados, nos mais decisivos, muita vez companheira atenta, perspicaz e sutil, os sentidos despertos por detalhes e minúcias, muita vez decisivas, que escapam àquele a quem alegra e auxilia na vida.

Lemos algures numa página de Stahl, que "la bonne grâce, l'amabilité, c'est l'huile que adoucit les resorts de la vie". Ela traz, em sua generalidade, — não vamos analisar as exceções porque todos somos humanos — esse conforto e esse bem, essa lealdade digna e superior, que ela precisa, reclama, necessita para vencer.

Tôdas essas glórias, porém, são do passado. No presente a Mulher age na defesa da sua terra e da sua gente, dando os seus pais, filhos, maridos, noivos, irmãos, para a guerra que fazemos, em boa hora, contra a invasão dos bárbaros do século que pretendiam abocanhar o mundo que trabalha, que não vive da pilhagem, que se norteia pelo Direito e que respeita a Mulher. Mas Deus, lá do alto, já nos acena com a Vitória, já nos guia para ela, para a felicidade nossa e dos nossos filhos, das nossas Pátrias amarguradas, — algumas retalhadas, espoliadas, roubadas, os seus filhos, mulheres, crianças e velhos, golpeados, assassinados! Diabos que nem respeitam a vida das crianças!...

Em futuro próximo — 1943 ou 1944? — ganharemos a guerra. As gloriosas Nações Aliadas, a Inglaterra que é um exemplo, os Estados Unidos, que são sempre uma força em marcha, a Rússia, ~~brava~~, ~~valerosa~~, as Américas unidas e magníficas, farão a Paz definitiva, ~~sem~~ ~~animos~~ ~~e~~ ~~sem~~ ~~transigências~~, para que, ~~2~~ ~~2~~ ~~anos~~ ~~depois~~, não tenhamos outras traições e deslealdades, outra guerra enfim.

E descortina-se, então, desde já o futuro da Mulher depois da guerra. O que será ela?

Qual o papel que desempenhará no mundo, e especialmente nas Américas, onde é respeitada e querida? Que funções lhe serão reservadas? Terá que se desculpar do Lar, que é a fôrça das Pátrias, para se dedicar aos altos problemas da política e da administração, das ciências, da economia e das finanças?

Essa criatura privilegiada pela Natureza nesta hora trágica que vive o mundo, está dando uma cooperação tenaz e eficiente pró-guerra. o que tem feito, o que faz, é surpreendente de trabalho, de esforço, de dedicação, de civismo, de eficiência. No mundo inteiro. Nas Américas, — neste Brasil imenso, no Paraguai formoso e famoso.

Não esqueçamos neste minuto que passa, a mensagem feliz duma mulher, a Rainha Elisabeth, às outras mulheres, onde há esta frase lapidar —

"nesses anos de tragédia e de glória, de ingentes tristezas e esplêndidas realizações, merecemos a gratidão e a admiração de tôda a humanidade."

Relembrai, senhoras que me ouvis, o trabalho pertinaz e ingente da Rainha Elisabeth e da senhora Franklin Roosevelt. Não podemos esquecer nunca essa glória de Mulher que é a Sra. Chiang-Kai-Check, honra da China sofredora e alta. Ai está o trabalho da mulher brasileira, à frente o seu expoente a Senhora Darcí Vargas. No Paraguai encontraremos a nobreza da mulher paraguaiã trabalhando para a Vitória. E tôdas, neste transe cruel, têm aquele sentido do humor que é uma fôrça, dedicação que encoraja o cumprimento do dever através dum sorriso que é uma alegria..

Após os tenebrosos dias de hoje teremos como que uma ressurreição. Uma Aleluia! Caminharemos por uma estrada larga e reta, uma faixa comprida sem zig-zagues e sinuosidades.

O mundo estará livre dos seus abutres. A Mulher vencerá em tôda a sua plenitude. Ela ficará ao lado do homem. Na ação, na inteligência, na cultura, na nobreza de sentimentos, na abnegação, no heroísmo, no sacrifício, na renúncia, na resignação, na paciência, hoje Ela não é inferior ao Homem. Mas no Amanhã que vem próximo, Sol que será uma glória clareando o mundo inteiro, ela cooperará mais acentuadamente, não será aquela máquina tradicional de produzir alardeada pelos espíritos estreitos, que têm medo da concorrência, se libertará enfim deus tantos preconceitos, dumas certas tradições que a vida de hoje não comporta mais, não apenas será um número de recenseamentos, e inteligente e educada, concorrerá com o Homem, que tem de despertar ~~inteligência~~, aprendendo, aperfeiçoando, lapidando o espírito, estudando, para o bem da sua Raça e da sua Pátria. Ela estará nas fábricas, nos hospitais, nas administrações, nas indústrias, no comércio, nos laboratórios, nos governos, cooperando, dirigindo, — sem deixar de ser a Senhora e Dona da Casa, sem deixar de ser Mãe e soberana do

A NOTAVEL SAUDAÇÃO DE RAUL DE AZEVEDO A' MULHER PARAGUAIA

Lar, Artes, ciências, letras, são campos vastos onde pontificala e pontificará melhor. Madame Curie é um exemplo que há de frutificar.

Num estudo magnífico, Bárbara Norton remembra a grande obra das reformas nas prisões de Mrs. Fray e Miss Carpenter. Exemplos dignificantes de dedicação, caridade, bondade e carinho nos hospitais, Florence Nighthangale e Garrett. Mais exemplos? Sériam às centenas. No Brasil, entre muitos, Anita Garibaldi e Ana Nery.

Após-guerra, a época e as realidades hão de trazer para a Mulher a sua independência moral, ela que é cérebro e coração, que é dedicação e beleza, que é força e renúncia. Será como bem disse certa publicista: —

“onde existir cooperação amistosa, sem distinção de sexo ou raça, e tôdas as energias forem convertidas no sentido benéfico de pacificar e melhorar a raça humana, tornando possível o seu progresso, então será encontrada a solução para o gênero humano, dentro dum mundo sadio que eliminará o câncer da guerra, e combaterá a selvageria dos nossos dias, combaterá a violência, porque só assim realizará a Fraternidade Universal e Bíblica.”

Diz ainda Bárbara Norton estas palavras sábias, que de certo por justas todos nós perfilhamos: —

“a mulher depois da guerra concorrerá e contribuirá para esse aperfeiçoamento, essa evolução da humanidade a um plano superior ao de simples animais e primitivos bárbaros, que se trucidam ainda como na infância da raça humana, muito antes da Era da Luz e da Razão.”

A Democracia triunfará e a Fé salvará o mundo.

— Senhora Embaixatriz do Paraguai:

As bandeiras gloriosas do Paraguai e do Brasil flaflam no ar, entrelaçadas. O espetáculo é belo e sugestivo. Mas a força dessa união está nos nossos corações, nos nossos espíritos, nas nossas almas. A Mulher sul-americana tem dado o brilho da sua inteligência, a tenacidade do seu trabalho, a abnegação irrestrita, e o sacrifício cruel e doloroso, para todos nós ganharmos esta guerra maldita desencadeada pela ambição, pela vaidade, pela volúpia da fazer o Mal e de desgraçar os povos pacíficos que trabalham honestamente e que preferem se esconder no Direito em vez de se ajojar à Fôrça.

A mulher paraguai, tão nobre, tão comovedoramente afetiva, inteligente e superior, tem dado na História exemplos edificantes que honram e enobrecem a Raça. Companheira fiel e dedicada, pronta para enfrentar a hora da tormenta e defender altivamente a sua terra e a





NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de POLIDORO

Léxicos; Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Seguier; Brasileiro; Chompré; Fonseca e Roquete, os dois volumes; Breviário do Charadista, de Silvio Alves e Provérbios, de Lamenza.



Cada número de ALTEROSA constitue um torneio, premiado com uma assinatura anual da revista. Prazo: 60 dias.

CHARADAS Ns. 1 a 5

Pobre irmãzinha...

(Ao incomparável artista dos simbólicos — ZIGOMAR)

Foi assim: toda de branco vestida,
De quem sem mácula passou p'la terra
E foi luzir na azulada esfera,
E, entre as estrelas foi ficar retida...

Além, lá em cima, há de ter guardada — 2
Teu corpo puro que uma campa encerra; — 3
De Deus que é justo — minha crença espera
Vér-te além... rediviva noutra vida!

E assim morreu... tão bela e tão criança
Quem ainda me dava algum alento
Nos lábios tendo risos de esperança...

Divino sér! O' pulera alma de virgem!
Foste e, ainda, em meu isolamento,
Sonho e beijo-te louca de vertigem...

Moema — Serra Azul

* * *

(Ao Agua Vermelha, retribuindo)
Dona "Sara", seu doutor, — 2
traz a dôr sempre ao lado, — 1
porque jamais tem cuidado
e' o aquele duro tumor.

Aguia Branca - B.A. - Pará de Minas

*

(Ao José Sóhia Iglésias, agradecendo)
2-2 — Moça vistosa e garrida, proprietária de fábrica de conservas de peixe, jamais viaja em pequeno automóvel.

Jam — B. S. — Capital

*

ECLITICAS N. 6 a 9

3 — Acabei de assistir a uma briga de galos, mas tive grande tristeza.

Zigomar — B. B. — Capital

*

3 — A erva aromática que medra em torno da ranchada pertence a uma espécie de urze rasteira.

Dr. Jomond — Itaúna

*

Tecido azul ou amarelo
E até mesmo côn-de-rosa,

Tem vontade de ser belo,
Para uma mulher idosa. — 3.

Zigomar — B. B. — Capital

*

3 — Exceder em brincadeiras não é com modo de proceder, devendo-se, entretanto, brincar com entusiasmo.

Flora — Presidente Vargas

*

MESOCЛИTICAS NS. 10 a 14

Com empenho descomunal

Coloco aqui no salão,

Bela planta ornamental

Para a festa de S. João — 2-1.

Jairo — B. S. — Capital

*

2-1 — Muitas vezes um erro vulgar causa grande confusão.

Zigomar — B. B. — Capital

*

(Ao famoso B. B.)

De cartola na cabeça

(Coisa pouco vulgar, feérica),

Surgiu a atriz da peça

Junto à mulher colérica — 2-2.

Raul Petrocelli — T. B. - S. Paulo

*

Uma "véspera do Brasil",

Sem ter nenhum motivo,

Picou meu companheiro

C'umi ferrão pungitivo — 2-1.

Aguia Vermelha - B. A. - Pará de Minas.

*

2-2 — Sem dificuldade e muita atenção, nada se produz de explêndido.

José Sóhia Iglésias — Brumadinho

* *

SINCOPADAS NS. 15 a 16

3-2 — Nem sempre um valentão fala em estilo épico.

Aguia Negra - B.A. - Pará de Minas

*

4-3 — O contrabandista de comestíveis traz sua mercadoria em um "barco de fundo chato".

Nogueirinha Gomes Nogueira — Capital.

* *

ANGULAR N. 17 (SILABICA)

Em certa sala de leitura fui encontrar um homem estudando o "afliente do rio Piranhas" quando este tem seu curso avolumado.

Aguia Azul - B.A. - Pará de Minas

*

CORRESPONDENCIA

MOEMA — O livro seguiu para Itaúna, aos cuidados do sr. Cláudimo Xavier Pereira. Gratos pela atenção.

ALVARO A. PINTO, DR. JOMOND, IBSEN e DANGELO — Não temos tra-

balhos dos prezados confrades, a serem publicados.

RAUL PETROCELLI, São Paulo — Recebemos sua colaboração, que publicamos desvanecidos.

BLOCO DOS AGUIAS, Pará de Minas — A modificação será feita aqui mesmo. Pedimos dizer a quem, no fim de contas, pertence o pseudônimo de Águia Azul, si a Raul ou a Robson, em vista da divergência existente entre o que diz a circular do Bloco e a carta deste último.

NOGUEIRINHA GOMES NOGUEIRA, JAIRO, JAM, RAUL PETROCELLI — Recebidos os trabalhos. Gratos.

*

LISTAS DE SOLUÇÕES

De Maio: Moema, Dr. Jomond, Ibsen, Dângelo e Zigmor; de Julho: Stella Matutina, Flora, Alvaro A. Pinto, José Solha Iglesias, Moema, Dr. Jomond, Ibsen, Dângelo e Zigmor; de Julho: Jam, Jairo e Justo. (Correspondência recebida até 19 de Julho).

*

TORNEIO DE FEVEREIRO E MARÇO

Lista de solucionistas da totalidade, publicada novamente para retificação. O desempate far-se-á pela loteria federal de 14 de agosto. Dr. Jomond, 1 a 5; Ibsen, 6 a 10; Dângelo, 11 a 15; Moema, 16 a 20; C. Arinos, 21 a 25; Jam, 26 a 30; Jairo, 31 a 35; Jupira, 36 a 40; Euler Moreira, 41 a 45; Raul Silva, 46 a 50; Jota, 51 a 55; Melim, 56 a 60; Flora, 61 a 65; Valerio Vasco, 66 a 70; Zigmor, 71 a 75; Jashar, 76 a 80; Maria Célia, 81 a 85; Stella Matutina, 86 a 90; Alvaro A. Pinto, 91 a 95; José Solha Iglesias, 96 a 100.

RETIFICAÇÕES AO NUMERO DE JULHO: no problema n.º 2, a palavra "pico" tem grifo; no n.º 3 são grifadas "vencido" e "finge", o "se", não; no n.º 12 o artigo "o", antes de "chicote", não tem grifo; no n.º 13 o "a" do 4.º verso e "paraiso" do 13.º verso são grifados, não o sendo, no mesmo trabalho, as palavras "ao furacão".

CRUZADAS A PREMIO, DE JAM — Foi sorteado o nosso confrade Valerio Vasco, de Pará de Minas. Jam já fez entrega do respectivo prêmio.

*

O Bloco Paraminense passou a denominar-se Bloco dos Aguias e conta agora com mais dois elementos novos. Parabens de ALTEROSA.

SIMBOLICO N.º 18

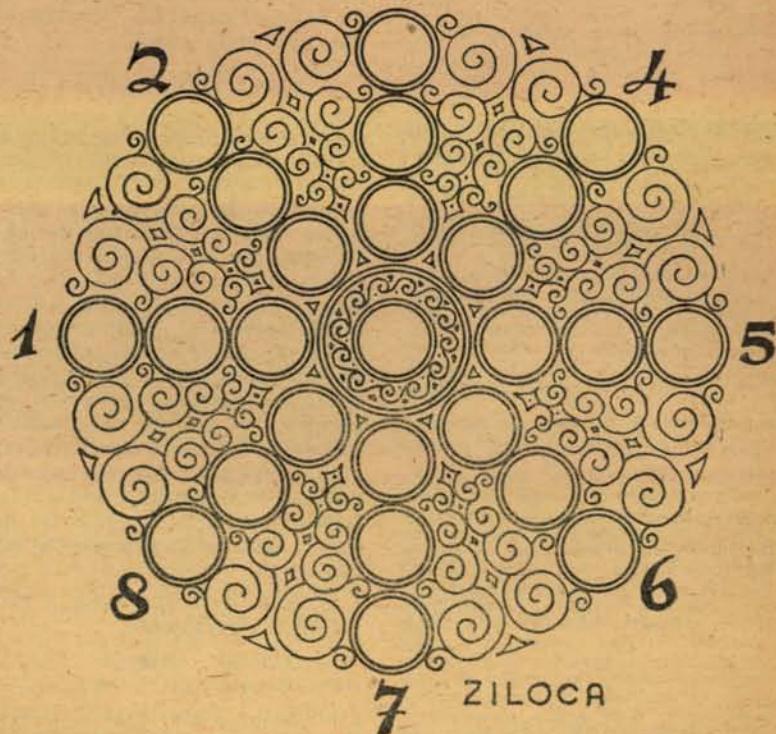
Ao Péricles, agradecendo



JAIRO-B.S.-Capital

PALAVRAS CRUZADAS (A Premio)

3 PARA RAULINA.



CHAVES:

- | | | |
|-------|---|--|
| 1 a 5 | { | — "Que coisa triste é andar por este mundo
Sem forças tendo mais... Sofrer profundo!..." |
| 2 a 6 | { | Assim diz entre lágrimas o poeta
Pois que lhe chamem sempre de pateta! |
| 3 a 7 | { | A hipócrita limpa ^{limpa} cal ^{cal} que mal se exprime... |
| 4 a 8 | { | Inventa merixicos ^{merixicos} faz diaburras
E nega os atos maus por entre juras...
(Dicionário Brasileiro) |

— A autora oferecerá ao solucionista uma obra literária de atualidade. Se houver mais de um, far-se-á sorteio. Prazo: 60 dias.

AINDA OS FESTEJOS DE LEVANTANDO O REPOSTEIRO DO PASSADO

GUIRICEMA

Dentre as várias festividades comemorativas do quarto aniversário de emancipação administrativa do município de Guiricema, constou a inauguração da Tipografia e Papelaria "Vitória", onde é impresso o jornal local — "GUIRICEMA" — em cujo ato foi lido pelo orador daquele solemnidade, o soneto de autoria do sr. Nicodemos Meireles, secretário da Prefeitura, dedicado ao Prefeito cel. Luiz Coutinho, à Comissão Pró-Emancipação de Guiricema e ao seu povo, e que abaixo publicamos.

*Surge a manhã festiva e radiosa
Dotando o Guiricema hoje cidade,
Nâma polícroma esplendorosa
Feita tóda de vida e atividade!*

*Desce a noite envolvendo essas
[montanhas]
Rendilhadas de branca cerração...
E essa tela gentil de ondes tamanhas
Marca um passo da civilização!*

*Essa metarmose e esse caminho
Mostram tódas etapas verdadeiras
Da terra do Prefeito Luiz Coutinho!*

*E brada pela música de apitos.
O progresso brotando das caldeiras
E o trabalho nascendo em sons e
[gritos!]*

Guiricema, 29 de junho de 43.

*

ENTREGUE A BELO-HORIZONTE A FILIAL DO BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO

S. A. CONCLUSÃO

Banco Industrial do Rio de Janeiro; sr. João Emílio Freire e Aristides Lisboa, respectivamente diretor e inspetor-chefe desse importante estabelecimento bancário.

FALA O DR. JOÃO EMÍLIO FREIRE

Logo após à bênção, que foi dada por frei Eustáquio, S.S., tomou a palavra, pronunciando aplaudido e vibrante discurso o sr. João Emílio Freire, diretor do Banco Industrial Brasileiro. Depois de se referir aos grandes e inesquecíveis esforços do presidente da entidade, sr. Argemiro Hungria Machado, que tudo tem feito para o desenvolvimento e progresso do Banco, e cujos esforços estão sendo coroados de inequívoco êxito, o orador declarou entrega à população de Belo Horizonte a filial daquele estabelecimento de crédito e o fazia com alegria e confiança, porque a entregava a huma das mais representativas figuras da economia e das finanças da Capital e homem de raros dotes de cultura, realizador incansável e seguro, que era o sr. Afonso Ferreira Paulino.

Em seguida, foi oferecida aos presentes fina mesa de doces, regada por uma taça de champagne.

BANQUETE

A noite, no Minas Tenis Clube, teve lugar o banquete com que a diretoria do Banco Industrial Brasileiro S. A. comemorou a instalação de sua filial em Minas. Falaram por essa ocasião o dr. Argemiro Hungria Machado e o professor Alberto Deodato.

visita seria algo enfadonho, aborrecido, como são quasi todas as visitas que o jornalista é obrigado a fazer, quasi sempre.

Ponto terminal. Os poucos passageiros descem, tomam os seus rumos. Somente um casal de namorados resolve fazer a viagem de volta. O reporter, o fotógrafo e o companheiro de viagem entram na estrada sinuosa que leva ao Museu. A casa, aquela hora, se apresentava em toda a sua simplicidade e força emotiva. Convidava mesmo. E quem não gosta de dar um mergulho no passado, reviver as cenas idas e vividas, conversar com homens que já não existem mais, ver coisas que o tempo apagou de nossa memória e que, de súbito, surgem como que por encanto? As casas velhas nos convidam a isso, ou, melhor, mergulhamos no tempo perdido, no tempo que não volta mais.

UMA VISÃO RÁPIDA

Havíamos com antecedência, combinado a visita com o Dr. Abílio Barreto, organizador e diretor do Museu, que nos recebeu à entrada, com um sorriso de boas vindas. Antes que dessemos o passo que nos jogaria dentro do mundo antigo, o ilustre historiador mineiro explicou-nos a fundação daquele próprio municipal, a sua influência no destino histórico da cidade, o grande movimento que tem tido ultimamente, em virtude do crescente numero de visitas, belorizontinos e forasteiros que ali acorrem, afim de travar conhecimento com nossa história.

Depois disso, disse-nos o historiador da cidade:

— Venham comigo. Vamos fazer uma longa viagem.

Olhamos para traz. Lourdes, da porta de entrada do Museu, constitue um quadro maravilhoso. Olhamos, pois, a maravilha do presente, como se nos despedissemos de um amigo íntimo. O passado já nos acenava, com a sua atração mórbida e triste. Mais um passo, somente, e pronto.

Na parte baixa, fomos transportados ao ano de 1894. Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral d'El-Rei. Vilazinha per-

dida entre as montanhas. Habitantes pacatos, silenciosos, que ainda sonham com uma visita à capital do Estado, em Ouro Preto. A igreja de Boa Viagem, Casinhas branquejam no outeiro. No centro do conjunto, o cruzeiro abre os braços para o céu. Uma vila de Minas, qualquer vila, sem tirar nem por, sem sonhos de grandeza, e sem história. Ao longe, as serras. As mulheres em trajes adequados e recatados, passam de um lado para outro. Na venda, compram querozene, arroz, feijão. Apanham agua no chafariz da praça para os serviços de casa. Aos domingos, repicavam os sinos da igreja. Havia missa. Nas tardes, que naquele tempo talvez fossem mais belas que as de hoje, os sinos repicavam também. O Sr. Vigário, o padre Chiquinho, ia rezar o terço. Havia novena e rezas. Moleques brincavam no adro, enquanto as mães rezavam.

Tudo isso os olhos do repórter conseguiram fixar e aprender, diante da sugestão que lhe dava a maquete do arraial, de autoria de Miguel Royer, colocado na parte baixa. Outros objetos e uma estatua completam o resto do quadro. E fazendo fundo a essa visão dos dias que precederam a capital mineira, além das grades do comodo, para fora da casa, está "Mariquinhas", a tão conhecida "Mariquinhas", que foi a 7.ª das primeiras locomotivas de Belo Horizonte e que "passeava" pelas ruas mais centrais da cidade, naqueles longínquos anos de 1899-900. Carregava material para a construção de diversas casas, inclusive do Palácio da Liberdade, empreitadas pelo conde da Santa Marinha.

EM OURO PRETO OS POLITICOS INCREPAM CONTRA A MUDANÇA DA CAPITAL

O Museu está dividido em várias salas, de acordo com a categoria e interesse dos objetos. Ouro Preto, a antiga capital, não foi esquecida. A segunda sala do Museu, ainda na parte baixa, lhe é dedicada. Um grande panorama da ex-capital, pintado por Honório Esteves, duas outras vistas e uma caixa muito bem forrada, de madeira de

lei, que guardou, nos Correios de Ouro Preto, muitas coisas de valor, dão-nos uma rápida visão de Ouro Preto. E parecemos ver naquelas ruas tortuosas os velhos políticos discutindo, increpando contra a pretensão de alguns moços "sem valor", que querem a todo custo mudar a capital para o buraco feio e despovoado que é o arraial de Belo Horizonte.

NOVAMENTE EM BELO HORIZONTE

Diz-nos o Dr. Abilio Barreto que, infatigável, nos acompanha, explicando tudo:

— Agora, vamos lá para cima.

Subimos as escadas que devem ter servido a tantas criaturas dos outros tempos e que não pensavam que, um dia, aquela mesma escada fosse a ligação entre duas épocas. Subimos. Os degraus de taboas ringem sob nossos sapatos. Na parte superior, vemos uma outra maquete parcial de Belo Horizonte. Retratos pelas paredes, quadros a óleo. Do alto de sua superioridade, o Dr. Afonso Pena olha os visitantes com seu ar simpático e severo. Três telas sobressaem na sala principal. São três trabalhos tomados ao vivo do antigo arraial, de autoria do pintor Emile Rouede, datadas de 1894. Uma mesa ostenta várias pequenas peças, chaves, pregos, a campainha da primeira escola dom estre Luiz, restos do antigo altar do Sagrado Coração de Jesus, da extinta matriz de N. S. de Boa Viagem, admirável obra de arte dos tempos coloniais.

Ao fundo, uma recomposição quasi completa do mesmo altar, ocupando toda uma sala.

Aproximamo-nos de umas fotografias panorâmicas, numa sala contígua. O arraial, agora transformado em capital do Estado, toma feições novas, cresce e tem cores próprias. Já não é mais qualquer vilainha de Minas. Sentem-se os primeiros sintomas do progresso. E na parede, ao alto, uma bela alegoria do pintor mineiro Eugenio Sigaud. Essa tela representa a fundação do arraial de Curral d'El-Rei. Silva Ortiz e vários outros homens olhando o vale que se abre a seus olhos, enquantum um padre, empunhando uma cruz, lança com suas

mãos descarnadas, a bênção sobre a nova terra.

Em outra sala, tivemos em mãos uma roda de fiar, singela e rudimentar, que nos encantou. Ao lado, um pote de barro, adornado de arabescos, onde o tempo imprimiu suas marcas. Velho, bastante velho para ser histórico de verdade.

Dr. Abilio chama-nos para a outra sala. Aos nossos olhos surgem moveis antigos e preciosos da passada administração dos Correios e Telegrafos. Saindo deste compartimento, entramos em outro, onde, não vão de uma porta, improvisado em estante, estão centenas e centenas de cadernetas de campo, com as anotações dos engenheiros que executaram o primeiro traçado da cidade. Mesa em mosaico, as portas da igreja metodista, de 1905, dois grupos de moveis custosos, de vime e couro e mais adiante, os restos mortais do antigo teatro municipal (retratos de artistas, pia, escravadeiras, lavabo, etc.), completam o conjunto da sala, que tem ao fundo, contrastando com o cinza embaciado da parede, uma estatua de banhista, do mais puro mármore de Carrara.

Por um estreito corredor, alcançamos a penúltima sala. Bustos, estandartes, medalhas comemorativas, fardas dos componentes do antigo Clube Floriano Peixoto, bandeiras, etc.. O busto de Floriano olhava com raiva e com uma atitude ferrea para o reporter.

Voltamos sobre os nossos passos e nos encaminhamos para a saída, passando por uma sala intermediária, que ainda não havíamos visto. Ali tivemos ocasião de ver o lustre do velho teatro, pendente do teto de esteira, o retrato do dr. Lélio Lopes, obra de Boscoigli, ricos e artísticos candelabros do Palacio da Liberdade, a segunda máquina de escrever que veio para Belo Horizonte e outras coisas curiosas que salvavam aos nossos olhos.

Era já tempo de regressar. Estavamos muito perto de 1943. Os candelabros, o lustre do teatro e outros objetos diziam-nos que já havíamos entrado no novo século e que vivíamos em Belo Horizonte, neste ano de 1943, ano de lutas e de guerras que abalam o velho e o novo

mundo. A luz da tarde nos esperava. A noite do passado pesava em nosso coração. Era preciso subir à tona dos dias presentes. A cidade nova estava à nossa espera. Saimos.

A caminho da revista, pensavamos:

— Andou bem o dr. Juscelino Kubitschek, ao criar o Museu de Belo Horizonte. O seu valor histórico é já considerável e crescerá, por certo, visto que muita coisa ainda está por ser guardada e catalogada.

O dr. Abilio Barreto nos acompanhava de volta. Dissemos-lhe:

— Pois, é, dr. Abilio, Belo Horizonte de 1943 está apenas a cem metros, ou sejam dois minutos de Belo Horizonte de 1897 ou, mesmo, do Curral d'El Rei de 1890. Tão perío, ao alcance de todos quantos quiseram voltar ao passado, numa rápida viagem através dos objetos e episódios. O Museu de Belo Horizonte convida a todos que amam o passado a fazer essa deliciosa viagem. Não é verdade?

— E' isso mesmo. E prova do que você fala é o grande número de visitas que temos tido, nestes poucos meses de atividades. Basta dizer que, até maio, desde sua abertura à visitação pública, o Museu recebeu nada menos de 4.705 visitas, entre as quais se incluem nomes de grande projeção no mundo administrativo do Estado e do país.

Voltamos, pois, encantados com a visita ao Museu Histórico de Belo Horizonte, criado pelo prefeito Juscelino Kubitschek, no período administrativo do Governador Valadares Ribeiro e inaugurado por Suas Excelências no dia 18 de fevereiro deste ano.

D. Helvécio Gomes de Oliveira

CONCLUSÃO

enumerá-la pois, dificilmente a enquadraríamos neste ligeiro esboço biográfico.

Que Deus atendendo-as carvorosas preces do imenso rebanho, conserve por muitos anos a preciosa vida de Dom Helvécio Gomes de Oliveira — esse grande pastor-eucarístico que, com religiosidade, inteligência, idealismo, sabedoria, estoicismo e abnegação faz da existência da Igreja, sua própria vida!

A VIDA PARTICULAR DOS DEUSES NAZISTAS

CONCLUSÃO

conversação. Goebbels, certa vez, afirmou que Hitler "não fala com você, ele fala contra você". Até os ministros se queixam de que é difícil hoje em dia palestrar com o chefe e que este os trata como criados.

GOERING

Tal chefe, tais criados. Aproveitando o exemplo do amado Fuehrer, a maioria dos sátrapas estabeleceu círculos particulares em miniatura na capital alemã. A maior de todas pertence ao marechal do Reich Hermann Goering, que é cognominado pelos berlimenses de "ministro do garfo". Usando sem peias seus poderes de coordenador da economia do Reich e de chefe do "trust" do aço "Hermann Goering Werke", conseguiu seu poder à custa do dinheiro sem valor que os nazistas espalham nas nações ocupadas, erigindo organizações as maiores do continente. Seu irmão Albert Goering é o gerente geral da fábrica de armamento Skoda, na Tchecoslováquia e o proprietário da companhia Tobis, que monopoliza a distribuição de filmes na Europa. A renda da família Goering é estimada em dezenas de milhares de contos por ano. O marechal tem quatro palácios, além de sua residência no Ministério do Ar, que poderia ser considerada como um quinto. O principal palácio é o de Karinhall; outros são a residência do presidente do Reich em Berlim, o "bungalow" perto de Berstesgaden e a "cabana" de caça que mantém em Schorfheide, por ter o título de chefe dos caçadores do Reich.

Já são célebres os assaltos praticados por Goering contra os museus da Alemanha e dos países conquistados, dos quais tirou riquíssimos quadros e obras primas. Tapetes de Gobelin, quadros de Rubens, cujos nus artísticos são particularmente apreciados pelo gordo vice-Fuehrer, ajuntam-se em confusão pelas paredes, intercalados por grandes swásticas; as pequenas swásticas em seus palácios aparecem em qualquer coisa, desde cinzeiros, cigarreiras e outros objetos. O despeitado Goebbels, que sempre arranja os retratos do marechal publicados nos jornais de tal modo que aparece mais a barriga do que as medalhas, disse que as cadeiras antigas incapazes de sustentar os 110 quilos de Goering são marcadas com uma swástica às avessas; isto indica que deve haver falta de confiança. De entremelo aos objetos de arte e às cruzes gamadas, espalham-se inúmeras bustos do Fuehrer em mármore, bronze e ferro. Dizem que Hi-

tier, ao ver tal confusão, admirou o gosto do colecionador, chamando os seus palácios de o "tributo perfeito do mais fiel paladino do espírito artístico da nova Alemanha". Os ramos que atingem a atenção do marechal são muito diversos, desde um "yacht" a modelo de trem elétrico, conseguido de firmas industriais em troca de favores.

Sua mulher, a alegre Emmy, foi uma artista que conquistou fama à custa da proteção do marechal e que afinal teve de se casar por ordem de Hitler, para evitar escândalo. Ela é o terror da Rue de la Paix em Paris, pois de vez em quando pratica verdadeiros "raids" contra as casas de modas e joalheria. Se acontece alguma vez que o marechal pague, o dinheiro é aquele famoso papel sem valor. "Frau" Goering provocou sérias complicações ao exhibir recentemente em Viena toda sua gordura e riqueza. A antiga capital dos Habsburgos, até agora a salvo dos bombardeiros aliados, é o refúgio das esposas e famílias dos chefes nazis. Baldur von Schirach, um dos favoritos do Fuehrer, foi nomeado governador militar da cidade, vivendo num dos antigos palácios. Em seu quartel-general pende um quadro de Padua, o "Leda e o cisne", pelo qual pagou 500,00 cruzeiros. Quando Emmy visitou Viena, Schirach promoveu grandes homenagens em honra à primeira dama do Reich. Entre estas, houve uma sessão de gala na ópera. Emmy apareceu no antigo camarote imperial com uma longa pele de caríssima "chinchilla" e uma brilhante tiara entre os cabelos. O público fez tanto barulho com os pés, tossindo e mexendo com as poltronas, que a função não pôde prosseguir enquanto se encontrou a aludida senhora no recinto. Quando saiu, os ruidos cessaram.

As festas exóticas de Goering são o assunto predileto dos alemães. Em sua "cabana" de caça, que ele dirige segundo o velho estilo germânico, os hóspedes recebem às vezes surpresas que os altos dignitários consideram como únicas. Sabe-se que conseguiu fazer com que generais prussianos comparecessem aos jantares usando vestes medievais. Certa vez, hospedado diplomatas, deixou subitamente a sala e reapareceu após usando a indumentária dos antigos germanos, trazendo uma lança e punhando um par de bisões em plena

sala. Em outra, durante uma reunião com industriais destinada a discutir a criação de um novo "trust", Goering assombrou os pacatos homens de negócios aparecendo num armadura de cavaleiro. Nestas festas, há tal abundância de iguaria que os colegas o chamam "comissário do consumo".

A noite-de Natal do ano passado terminou em agonia para Goering. Seu fotógrafo — todos os chefes nazistas têm os seus fotógrafos — bateu chapas dos convidados, todos magnificamente vestidos, tendo ao fundo vasta mesa cheia de pratos e garrafas de champagne, coisa que os alemães só vêem em sonhos. Pouco depois de dar publicidade a esses documentos, lembrou-se dos milhares de soldados morrendo de fome e frio na frente russa, que não ficariam contentes ao ver as fotos nos jornais. As chapas foram tiradas da circulação, mas não antes que o ladino Goebbels mandasse cópias ao seu amo.

HITLER

Hitler, em Berlim, comporta-se com muito cuidado, mas suas excursões a Munich são diferentes. Pelo menos uma vez por semana, Hitler ordena uma corrida de auto até seu lugar favorito de recreio. A uma hora de viagem, partindo de Berstesgaden, Hitler se encontra assistindo a uma sessão no teatro de Gaertnerplatz e a uma festa no Kunstlerhaus. Nos últimos anos, seu gosto passou das óperas wagnerianas para as exibições espetaculares que o diretor Fritz Fischer arranja com as operetas cômicas de Lehar e Strauss. Findo o espetáculo, o Fuehrer e um grupo seleto de ajudantes, acompanhados dos chefões de Munich, Adolf Wagner e Christian Weber, retira-se para o Kunstlerhaus, clube dos artistas da cidade. Tudo aí já se acha preparado de antemão. Hitler gosta de mulheres bonitas, ao contrário da crença popular, e sente-se feliz em sua presença. A Gestapo tem uma lista das moças mais lindas que trabalham como modelos e extras em Munich, as quais são obrigadas a comparecer no vestido número um. A champanhe e a cerveja são utilizadas com abundância e sem racionamento até às quatro da manhã, hora em que o Fuehrer se retira para seu aposento nas proximidades. Perante o mundo oficial, Hitler só bebe suco de laranja, mas nessas sessões íntimas toma cerveja em quantidades consideráveis, "para ajudar a dormir", explica ele. Então pede música e toda a orquestra do teatro

é chamada para executar números perante a mesa. Nestas ocasiões o ditador tem o espírito muito calmo e é capaz de presentear alguém com um carro ou até uma fábrica. Os "Ajudantes", a camarilha que os rodeia, fizeram assim grandes fortunas. Heinrich Hoffman, fotógrafo da corte de Hitler, que o acompanha a todos os lugares, formou um lucrativo monopólio de todas as fotos do chefe. Estas fotos são vendidas aos jornais alemães a preços exorbitantes.

OS OUTROS

Com o exemplo do Fuehrer e vice-Fuehrer, os outros satrapas nazistas seguem a mesma trilha. "O gentil" Heinrich Himmler, temido chefe da "Gestapo", foi dos mais felizes na aquisição de propriedades. Obrigou o grande cartel de aço europeu "Arbed" a nomear gerente do mesmo o seu assistente principal. Do "Rheinstahlverband", associação dos produtores de aço do Reno, Himmler extraiu nada menos de dez milhões de marcos para assegurar sua "cooperação". O dr. Goebbels arranca tributos de todos os jornais sob o controle do ministério da propaganda e Fritz Amann, o editor do "Mein Kampf" e presidente da Câmara de Imprensa do Reich, organizou um monopólio de publicidade de anúncios em toda a Europa.

Otto Abetz, o "embaixador" nazista em Paris, também conseguiu largas somas ao "proteger" firmas francesas para livrá-las da interferência alemã. Paris, dirigida por Abetz e o príncipe Waldeck-Pyrmont, chefe de polícia e da Gestapo na França, é agora o lugar favorito das férias dos potentados de Berlim. O sustento dessa gente toda vem dos impostos pagos pelos franceses às forças de ocupação.

Desde Hitler até o mais humilde funcionário, ninguém deixa de conseguir um monopólio lucrativo e pessoal, guardado com muito ciúme. Tudo, a partir de um certificado de nascimento "ariano" até uma concessão industrial, pode ser conseguido com dinheiro. Em Paris, existem bureaus especiais para cada caso.

Conjuntamente com o dinheiro fácil, os favoritos de Hitler compram mansões e propriedades de grande valor. Por decreto, Ribbentrop ficou de posse do velho castelo de Fuschl, perto de Salzburg. Ali diverte os enviados italiani da corrupção camarilha de Mussolini, mantendo-os nos trilhos políticos do Fuehrer. Robert Ley entrou de posse de terras às margens do lago Starnberg, em troca do seu vasto domínio nas redondezas de Munich, porque Hitler, num momento de misantropia, decidiu que a última era luxuosa demais para "o

maior idealista do Reich". Este idealista tem a reputação de ser o maior bêbado de tribo nazi, tendo ainda outras propriedades no país. Viaja geralmente em três aviões, dois para si e a camarilha, e o outro para o automóvel.

Nem Himmler fugiu à tentação da maravilha nazista. Pertence-lhe o enorme castelo de Busan, na Morávia, onde vai passar os fins de semana de avião, em companhia de ajudantes escolhidos. O velho edifício se enche então dos ruidos dos "sekt-abende", noites de champanhe, pelas quais são notórios os membros da guarda de elite. Artistas de toda a Alemanha são chamados por via aérea ao lugar e o gasto da preciosa gasolina não importa em absoluto aos pequenos führers.

As vidas particulares dos clubes nazistas nunca estiveram, em qualquer época, acima do normal. Mas desde que o próprio Hitler patrocinou entusiasmaticamente a onda de imortalidade que passou pelo país no início da guerra-encorajada para evitar um colapso da natalidade — todas as barreiras foram removidas e os chefes procuram sobrepujar-se uns aos outros nas saturnais. Christian Weber organizou a "noite das amazônias" em Munich no outono de 1939, quando centenas de moças praticamente nuas foram despejadas nos jardins do palácio de Nymphenburg, sob o clarão dos holofotes das baterias anti-aéreas.

Joseph Goebbels apresenta complicações periódicas em sua vida particular e Hitler tem de intervir pessoalmente, em certos casos, para evitar escândalos. Há anos, sua esposa Magda partiu para a Suíça, levando uma grande lista com as infidelidades do marido e disposta a divorciar-se. Hitler ordenou à Gestapo que a raptasse e a trouxesse de volta. O Fuehrer tirou uma série de fotos com a família Goebbels, "alegremente reunida", no intuito de mostrar que tudo estava em calma de novo. Noutra ocasião, Goebbels mostrou-se muito insistente com a estrela de cinema Lydia Baarova. Esta queixou-se ao marido, Gustav Froehlich, um favorito de Hitler. Dias depois, Froehlich administrou tremenda sova no ministro em uma rua deserta. Goebbels pediu logo que Himmler prendesse o agressor, acusando-o de sedição. Foi então que um grupo de amigos de Froehlich reuniu-se no apartamento do ministro, passando-lhe eficaz correto físico. Hitler teve de aparecer novamente, libertando Froehlich e seus amigos. *Para as legais do ministro, no entanto, Goebbels continua sendo um "Mordskerl", um sujeito levado da breca.*

Tais são os "Bonzen". Gozam a nova ordem sem ver os povos que pa-

gam por ela com seu sangue, liberdade, dinheiro e honra. Sua atitude ante os subordinados deixaria invejoso um oficial prussiano da velha escola. Walter Funk, o ministro da economia e agricultura, pôs abaixo de uma escada, com um soco, um guarda da Gestapo, deixando-o em estado grave. Himmler queixou-se a Hitler e este pouco fez, porque também se porta assim ao irritar-se. Tal é o paraíso nazista.

Os prisioneiros alemães na Rússia, Inglaterra e na África, sejam eles de qualquer categoria, têm uma só reação depois de deporem armas: falam contra a duração da guerra, o fracasso da invasão da Inglaterra, os horrores da campanha russa e os maus conselhos ouvidos pelo Fuehrer dos seus assistentes egoístas que vivem intrigando. Amaldiçoam os "Bonzen" que permanecem em casa, enquanto os exércitos se debatiam nas estepes russas ou na Itália. A pessoa do Fuehrer é ainda sacrossanta. Não assim os "Bonzen" e neles se acham os alvos vulneráveis do regime nazista.

*

CARTAS DE NOVA YORK

CONCLUSÃO

carta chegar às suas mãos, naturalmente já terão chegado aos E. Unidos os jornalistas brasileiros que ora visitam os Estados Unidos. Aqui ficaram, segundo estou informada, durante toda uma semana. Tive oportunidade de estar com eles, saber coisas de terra e sobre tudo a atitude do nosso povo em face dos últimos acontecimentos.

Admiro, minha querida, a grande amizade que, a cada dia que passa, mais liga o Brasil aos Estados Unidos. Aliás, isso é natural e nem podemos deixar de ser assim. Temos, com os norte-americanos, os mesmos anseios libertários, o mesmo sentido de vida, e nesta guerra, estamos lutando pela mesma causa e pelo mesmo ideal, que é a liberdade e o bem estar da humanidade sobre a terra.

Disque

2-0652

para chamar o fotógrafo
de ALTEROSA no aniversário de seus filhos.

JOÃO FORMIGA - PROFESSOR DE ALEMÃO

CONCLUSÃO

Fôr-se a oportunidade. Quando o sapateiro acabasse a partida, o Figueira já teria fechado a porta.

Era preciso achar outra solução, imediatamente.

Do ponto em que se achava podia vêr o dono do bar, sentado diante da registradora, lendo um jornal.

Sabia que era um judeu umha-de-some — como todos os judeus. Mas não havia outro jeito. Era preciso, ao menos, tentar.

Atravessou o salão a passo rápido, esbarrando nos jogadores, e parou junto à porta divisoria.

Um sujeito qualquer, que tomava café numa das mesas, levantou-se, caminhou até o balcão, e interpelou o judeu:

— Então, Jacó?... Que me diz você desses bandidos?...

O interpelado ergueu os olhos, e começou a dobrar o jornal.

— São inimigos terríveis, não ha dúvida...

— Para mim isso é obra de quinta-colunistas! — exclamou o outro, dando um murro no marmore do balcão.

João Formiga impacientou-se.

— Seu Jacó! — chamou. Quer fazer o favor de chegar aqui um minutinho?

Só então o judeu notou a sua presença.

— Pois não, professor! Não o tinha visto... — disse, aproximando-se da porta. Faz muito tempo que está ai?

O freguês lançou a João Formiga um olhar homicida, como se ele fôsse um dos quinta-colunistas de que falara, e voltou para a sua mesa.

— Estou às suas ordens, professor...

João Formiga não sabia por onde começar. Afinal, fazendo um esforço que lhe avermelhou as faces magras, conseguiu vencer o embaraço, e foi direito ao fim:

— E' que eu precisava de certa quantia... E, por acaso, o secretário não compareceu esta noite...

— Eu, de fato, costumo fazer negocios... — disse o judeu, tentando dar à voz uma inflexão grave. Exijo, naturalmente, garantias. Quem o senhor oferece como avalista?

— Mas não! — apressou-se a esclarecer João Formiga. Eu não estou propondo nenhum negocio. Preciso só de trinta mil réis, até amanhã às onze horas...

— Ah! — fez o judeu, sorrindo. Pensei que se tratasse de um ou dois contos...

Meteu a mão no bolso, mas retirou-a vasia.

— Um momento professor.

Voltou com o dinheiro, um pedaço de papel e um lapis.

— Pôde fazer o vale aqui mesmo. Até amanhã às onze... Espere... Bem. Ponha trinta e cinco mil réis.

João Formiga encostou o papel na parede, tomou o lapis e fez o vale.

— ~~Na~~ — ~~uma~~ formalidade. Só para não esquecer... — concluiu o judeu, ~~examinando~~ o papel e estendendo a João Formiga trinta notas de dez, esfarrapadas e imundas, que bem poderiam ser falsas como o seu caráter de avarento.

— Obrigado, seu Jacó. Amanhã às onze estarei aqui com os trinta mil réis.

— Trinta e cinco... — corrigiu o judeu, mansamente.

Mas João Formiga não o ouvira. Tinha alcançado a porta da rua.

Da esquina pôde distinguir uma réstea de luz na calçada, em frente à papelaria. O Figueira fechára o estabelecimento, mas não se recolhêra ainda.

Eram onze horas quando João Formiga chegou ao portão da vila.

Da casa do guarda-freios, toda iluminada, saiam pela janela aberta os acordes de um violão e de um cavaquinho, misturados com o ruído de vozes e risadas.

Devia ser uma festa de aniversário ou de batizado. Qualquer acontecimento sobrenatural na vida simples daquela gente, — reservado pelo Destino especialmente para aquela noite em que João Formiga necessitava de silêncio e solidão.

Para alcançar a porta da sua, João Formiga devia passar em frente à casa do guarda-freios. Através da janela baixa, chegaram aos seus ouvidos, musicadas pelas ultimas notas do chôro, as palavras temidas:

— Professor! Isso é que não! Venha tomar ao menos um copo de cerveja!

Já tinha estendido a mão para a maçaneta. Retrocedeu um passo, até a janela vizinha, onde agora estava emoldurado o corpanzil do guarda-freios.

— E' que eu ainda precisava estudar... — desculpou-se, com humildade.

— Que estudar! — berrou o vizinho, soltando com as palavras um bafo cloroformizante. O senhor vai mas é festejar com a gente!

E, sem esperar mais desculpas, foi abrir a porta.

Providencialmente, abriu-se a janela da casa vizinha, e Mariana assomou ao peitoril.

— Ainda na rua! — exclamou, irritada. Eu nunca ouvi dizer que as escolas funcionassem à meia-noite, como os cabarés! Entre de uma vez!

O guarda-freios tentou interceder:

— Deixe o rapaz divertir-se um pouco, dona Mariana... E' festa de branco...

— Mêta-se com a sua vida! — cortou Mariana, ríspida.

O guarda-freios enfezou-se:

— Ora, minha senhora, vá comprar chocinhos!

E bateu a porta com estrondo.

Quando João Formiga transpôs o humbral, Mariana estava preparada para dar inicio à cêna. Seria, sem dúvida, terrível, com acompanhamento de violão e cavaquinho. Mas, notando a expressão fatigada do marido, limitou-se a perguntar, fingindo desinteresse:

— Você está doente?...

João Formiga depôs o chapéu e os livros sobre a mesa, e contou a Mariana, sem emoção, a sua pequena tragédia.

— Ora! Quem manda ser metido?... — foram as suas palavras confortadoras. Agora arranje-se! Fique estudando ai até de madrugada... Eu vou dormir.

Parou à porta do quarto.

— Tem um bule de café em cima do fogão

— disse. Mas não beba todo, que o pó acabou hoje.

Na casa do guarda-freios a dupla atacára uma rumba. João Formiga sentou-se diante da mesa, aproximou os dois volumes, e abriu o "Deutsches Lesebuch".

Era preciso, de qualquer maneira, preparar uma lição para o dia seguinte. Se tivesse um daqueles métodos que ensinam línguas em vinte lições, tudo se arranjaria facilmente. Bastaria estudar a primeira. Por mais tempo de estudo que tivessem tido os alunos de Herr Spinat, João Formiga estava quasi certo de que saberia tanto quanto eles.

Mas dispunha de um livro de leitura, todo em alemão, e de um dicionário barato, ambos impressos naqueles caractéres cheios de curvas e pernas, que lhe fatigavam os olhos. Seria preciso fazer um esforço tremendo para conseguir arrancar daquelas páginas alguma cousa inteligível com que encher os quarenta e cinco minutos da aula.

Pensou um momento. Agora era um solo de violão — "Abismo de Rosas". A desafinação do instrumento e a execução indecisa traíam a queda do violonista num abismo de pinga.

Podia traçar um plano. Se conseguisse traduzir umas vinte linhas de um trecho qualquer, e decorar a tradução, estaria resolvido o problema. Nada mais simples e natural do que transcrever o trecho no quadro-negro — copiando do livro, é claro — e traduzi-lo para os alunos. Se isto não bastasse para preencher os quarenta e cinco minutos regulamentares, poderia chamar uns dos rapazes ao quadro, e mandá-lo traduzir em voz alta, lentamente.

Inclinou a cabeça para o livro, e os seus olhos assombrados deram com um título no meio da página — "Trau, schau', wem"! Fechou o livro, apavorado. Como achar no dicionário esta cousa tremenda?

No quarto uma criança deu um grito e começou a chorar. A voz do guarda-freios, pastosa e trôpega, arrastava um brinde interminável.

João Formiga abriu novamente o volume. Desta vez, porém, o seu rosto se iluminou. Lá estava o título de uma historieta — "Der Rat der Mause". Agora, sim. Nem era preciso consultar o dicionário. "Rat" só podia ser rato. E "Mause" devia referir-se a "Mickey Mouse", o camundongo de Walt Disney. O rato Mouse!

João Formiga não era um cretino. Diziam até que tinha talento. E, quanto a cultura, já leira muitas obras em francês e castelhano, sem auxílio de dicionário.

Mas, por mais inteligente e cultas que sejam as pessoas, há momentos em que pensam ou dizem tais estultices, que o mais crasso dos ignorantes se envergonharia de pensar ou dizer.

João Formiga atirou-se avidamente à tradução. Nem percebeu que um silêncio profundo se sucedera à algazarra na casa vizinha. Nem ouviu, quebrando o silêncio, o cantar dos galos. Os seus dedos nervosos folheavam ansiosamente o dicionário: — "Vorschlag... Vorschlag..."

Afinal, traduziu a ~~lavra~~ lavra da fábula. Porque era uma fábula — "O conselho dos ratos". Uma das mais conhecidas fábulas de Eso-po, que João Formiga já tinha lido em português dezenas de vezes.

Dobrou cuidadosamente o papel em que escrevera a tradução e colocou-o entre as folhas do "Deutsches Lesebuch".

Poderia agora dormir sossegado. A primeira aula estava garantida. As outras, certo, não lhe custariam tão grande sacrifício, pois teria tempo de sobra para estudar. O que lhe pareceria havia pouco, um obstáculo intransponível, afigurava-se-lhe, agora, uma estrada suave. Sim, poderia dormir sossegado.

Levantou-se e dirigiu-se para o quarto. Mas não chegou a entrar. Porque Mariana apareceu à porta, estremunhada, esfregando as pálpebras.

— Para que esse desperdício de luz? — disse. Por que não abre a janela.

Apagou ela mesma a luz e foi abrir a janela. Encheram-se de sol os quatro cantos da sala.

— Já tão tarde! — exclamou João Formiga. E eu que pensava que ainda fôssem duas horas...

— Duas horas da tarde, é possível... — disse Mariana, encaminhando-se para a porta do corredor, rumo à cozinha.

João Formiga deixou-se cair numa cadeira. Seriam, pelo menos, sete horas. E, sem dúvida, o Jacó já estaria no bar, fiscalizando a limpeza. Ou pensando nos trinta mil réis que deveria receber ás onze. Sim, nos trinta mil réis... Mas como poderia João Formiga obtê-los?...

Relanceou o olhar pela sala. Tudo aquilo junto valeria, quando muito, uns cincuenta mil réis. Mas não estava pago ainda. Tinha custado quinhentos, a prestações que se prolongariam por mais dois anos.

De repente, veiu-lhe uma idéia. E se pedisse um abono ao diretor do Ginásio?...

Sabia de colegas que, no fim do mês, só recebiam vales. E o bacharel Ludovico, por exemplo, — "professor de humanidades", como usava, enfaticamente, nos cartões de visita — conseguira, para casar-se, um adiantamento de três meses de ordenado. E verdade que o diretor exigira, como garantia, um vale endossado pelo futuro sogro de Ludovico, velho rato de igreja, irmão de varias ordens, e provedor da Santa Casa. Mas para um abono de trinta mil réis — que, afinal de contas, já estavam ganhos — seria de esperar que o diretor dispensasse o endôssso.

João Formiga levantou-se e foi até a cozinha.

Mariana estava junto ao fogão, lidando com a lenha molhada.

— Lenha infame!

A gata, deitada a um canto, fazia ginástica suéca com a cauda. De cada lado estavam dois gatinhos, acompanhando com olhos vivos as oscilações do rabo que abanava o ar.

— Sim, talvez o diretor dispensasse o endôssso...

Rosamaria veiu correndo pelo corredor, tendo nas mãos uma laranja madura, e parou junto á pia da cozinha.

João Formiga, encostado á ombreira da porta, ficou admirando os cabelos dourados da filha.

Sentindo-se observada, a menina voltou-se:

— Papai, quiância não pode bincá com faca?

— Nô, minha filha.

— Sô, minha gânde?

— Só, minha filha.

Desapontada, a garota deixou a laranja em cima da pia, e foi agachar-se perto dos gatinhos. Mariana conseguiu atear fogo à lenha. Pôs

a chaleira sobre a chapa, e voltou-se para Rosamaria:

— Vai lavar essa cara, menina! E vai acordar o Joãozinho para tomar café!

O diretor costumava ir ao Ginásito todas as manhãs, para fiscalizar a chegada dos professores. João Formiga sabia disso, porque certa manhã, alguns meses atrás, ao tempo em que lecionava Geografia aos garotos do curso primário, levava uma chamada por ter chegado com cinco minutos de atraso.

Se desse um pulo ao Ginásio, encontraria o diretor sozinho no gabinete. Seria uma ótima oportunidade para pedir o abono. João Formiga, por mais que fizesse trabalhar a imaginação, não achava outro meio de obter os trinta mil réis antes das onze horas.

Mariana, sem dizer palavra, estendeu-lhe uma chicara de café requentado, e dirigiu-se para a sala.

— Eu vou sair — disse João Formiga, voltando-se. Preciso ver se consigo o dinheiro com o diretor.

— Estou pouco somando... — resmungou Mariana, sem deter-se.

Tinha razão, afinal. Fazia cinco anos que vivia naquela miséria, sem ter ao menos um par de sapatos com que sair à rua. E o marido era professor! O vizinho, que era guarda-freios — um simples guarda-freios —, podia até dar festas em casa. E a mulher dele podia ir ao cinema todas as quintas-feiras. E os filhos estavam na escola... Professor!

João Formiga compreendia. Foi à sala de jantar, apanhou o chapéu e o livro, e saiu para a rua.

Em caminho, abriu o volume. A passo lento, foi descendo a ladeira, com os olhos pregados

dos na página. Apesar de tudo, tinha boa memória.

Com o papel desdobrado contra a fôlha oposta, ia tentando traduzir a fábula dos ratos. De vez em quando amparava numa passagem: "Wer aber wird der Katze die Schelle anhangen?" Lançava um olhar ao papel, e prosseguia: "Mas quem pendurará a sineta no gato?"

Ao chegar ao bar do Jacó sentiu que a fadiga começava a dominá-lo. Parou na calçada e encostou-se à ombreira de uma das portas. Ardiaram-lhe os olhos, e o cérebro recusava-se a trabalhar. Insensivelmente, cerrou as palpebras.

Despertou-o uma voz conhecida:

— Que é isso, professor! Venha sentar-se aqui dentro...

Era o Jacó, que agora o puxava pelo braço. João Formiga recuou, apalermado.

— A's onze horas — gaguejou — eu lhe trarei os trinta mil réis...

Desvencilhou-se das garras do judeu e, como tonto, seguiu em direção ao Ginásio.

Ao entrar, ouviu vozes exaltadas que vinham do gabinete do diretor. Estava com os nervos tão abalados que pensou que se tratasse dele. Aproximou-se da porta, amedrontado.

Em volta da escrivaninha, quatro professores discutiam acaloradamente.

— Alguma novidade? — perguntou João Formiga, timidamente, chegando-se ao grupo.

Os quatro colegas olharam-no de alto a baixo, boquiabertos. Um deles estendeu-lhe o jornal da manhã.

O Brasil rompêra relações com a Alemanha.

Apesar do cansaço, João Formiga compreendeu de pronto o que aquilo significava para ele.

Com o rompimento das relações entre os dois países, extinguia-se, automaticamente, o curso de alemão...

A DONA DE CASA ATRAVEZ DOS SE'CULOS

CONCLUSÃO

res. Sua irmã menos afortunada vai trabalhar nas fábricas para aumentar os vencimentos da família e vê-se assim forçada a descurar-se do próprio lar. As virtudes da Dona de Casa refugiam-se portanto na vida rural, onde a existência modifica-se menos: "Les soins du colombier, ceux de la bergerie occupent ses momens, la fraiche laiterie lui doit l'apétissante et simple propriété, le parterre ses fleus, la maison sa gaité" — é nesses versos que Jacques Delille elogia a graça da Fazendeira.

DILETANTISMO OU PROFISSÃO?

Foi sómente no século XX, e sobretudo depois da primeira guerra mundial que a dona de casa aprendeu a bem aproveitar a liberdade devida aos aparelhos domésticos, agora fabricados em série e bastante baratos para serem usados por todos. Com efeito, são eles que tornam suportável a existência da mulher empregada fora de casa, à qual, aliás, uma sábia legge — vai reduzindo em todos os países as horas de trabalho, deixando-lhe mais tempo para cuidar do seu lar. Profissões até então reservadas aos homens abrem-se, umas após outras, a moças ávi-

das de estudos e atividades. Não existem mais mulheres ociosas.

Ora acontece que o mais natural dos ofícios femininos acha-se assim desertado, por não oferecer nenhuma vantagem, nenhuma glória, nenhuma satisfação que se possa medir com os privilégios dos outros misteres. E constata-se com tristeza que, tornando-se perita nas ciências, nas artes, na indústria e no comércio, a mulher é apenas uma pobre dilettante como Dona de Casa, salvo raras exceções que sentem de ter a "vocação". Ai constata-se o que sempre se deveria ter sabido: o ofício de dona de casa é um verdadeiro ofício, igual em dignidade e utilidade aos que mais dignos e uteis são. E cabe-nos a satisfação de assistir à rehabilitação dessa mais antiga das atividades femininas, de ora em diante livremente aceita e exercitada com competência e legítimo orgulho profissional: no Brasil a Dona de Casa está sentada ao lado dos peritos masculinos na ~~importância~~ Comissão dos Preços; nos Estados Unidos reconheceram-lhe — segundo o plano Beveridge — todos os direitos sociais de uma pessoa exercitando individualmente uma verdadeira profissão, tais como o direito ao seguro social, à aposentadoria, etc. A Dona de Casa ingressou numa fase nova de sua existência!

EXTRANHO CASO CONJUGAL

CONCLUSÃO

saírei do clube às 3 horas e irei buscar-te de automóvel no Tribunal". Ao que eu retrucara, gracejando, numa insinuação da vitória: "E se o julgamento terminar antes das três?" Desconfiara, não sabia por que do sorriso incrédulo e irônico que lhe encrespara os lábios encimados pelo bigodinho petulante. Agora, eu estava aliante a quietude do palacete: imóvel, paido, com a cabeça zonza, rodando. Numa repentina resolução, entrei pela portinhola secreta que a alfombra dos *ficus* ocultava eachei-me na parte posterior do prédio. Tremia de frio e de medo, de um medo atraso, que não sabia definir. Porém, quando penetrei na sala vindo pelo corredor penumbroso, o sangue escaldou-me, fugindo-me das veias e as pernas tremeram enfraquecidas: um doce murnúrio de vozes cariocas vinha da escada que ligava os meus apartamentos ao andar térreo. Compreendi, de relance, a traição ignobil. E fiquei apavorado, olhando a minha mão tremente: o revólver niquelado fôra arrancado da cintura por uma força desconhecida, num repelão que eu não sentira. Amparei-me na parede, febril, tomando fôlego. Matá-los-ia barbaramente, vingando tôda a minha desgraça, na expansão da grande dor recalcada na minha alma sofredora. Subi, devagarinho, degrau por degrau, tôda a escada, postando-me, cautelosamente como um larapão ante a porta encostada, por onde uma réstia azulada da luz mortiça do *abat-jour* suia, resvalando na escada e trazendo, no seu pecado, o chilreio nevrótico de um beijo longo... Ao passar a mão sacolejante nas faces, senti a humidade das lágrimas que escorriam dos meus olhos ardentes. E foi ai que todo o espetáculo da sala do tribunal me passou na memória: o réu, abatido sob o olhar espezinhante da assistência; a carranca austera do juiz; a impotência acusatória dos meus antagonistas... e a glória do triunfo alçandorando-me no conceito público... E que diria no dia seguinte a imprensa se eu os matasse? Seria o bôrrão destruidor da desgraça sobre as letras douradas de uma vitória difícil. Não! Não! O meu cérebro era um caos. Que fiz, então? Guardei, com calma, o revólver. Uma solução salvadora sugiuclareando as trevas do meu desespero interior. E esperei... Integrei-me como se fosse um sér estranho, na realidade deshonrosa, conseguindo uma serenidade que me alaneava o coração. E, então, espectral, como um fantasma, os olhos luzindo como áscias no negor das olheiras profundas, os braços distensos nos humerais, empurrei com o pé, a porta. E vi-me no cristal do espelho do tocador, como um duende, livo, a cor cera do rosto destacando-se na indumentaria negra. As faces encovadas denunciavam um subito emagrecimento. Parecia um automato, um boneco de mola posto naquela moldura retangular. O quarto roda, roda... E se não parasse mais? Mas parou. A adultera, numa contorsão epileptica, obscena, após um nubilo agudo, desmaiara sobre o leito revolto, ainda aquecido pelo amor criminoso. O amante recuara, como um Jaguar ferido, até o fundo branco da parede fronteira, irrisório, amesquinhado; e defrontando-nos os dois: ele, acuado, com um esgar de bestialidade nas faces congestas, os braços hirtos na imobilidade do medo esmagante; eu. Ah! Ah! eu, Carlos,

olhando-o, curioso, analizando-lhe as vestes grotescas, meio idiotizado pela realidade, que se me afigurava um sonho. E então, disse-lhe estas palavras, friamente, sem a menor alteração facial, braços cruzados, cravando o meu olhar embaciado nos seus olhos esbugalhados, como se fossem saltar das órbitas lividas: "Djalma, hoje eu consegui a maior vitória da minha carreira profissional: O réu, assassino da esposa adultera, foi absolvido, quasi por unanimidade, causando assombro aos meus amigos e inimigos. Ninguém contava com uma defesa tão solida, uma argumentação tão convincente. Soluçando, o réu, que é um homem na flor da vida, e que adorava a mulher traidora com loucura, prostrou-se aos meus pés, num agradoamento que me comoveu até as lágrimas. Após o julgamento, o próprio juiz abraçou-me na saída, e, aos meus admiradores e amigos, eu prometi uma reunião, aqui em minha casa, amanhã, para comemorarmos a vitória. Desejava participar-te a minha alegria, e o faço, avisando-lhe que não devem, tu e ela faltar. A

*

CURIOSIDADES

MESSES antes da entrada dos alemães em Paris, numa récita da "Opera Comique", o baritono norte-americano Carlton Gaudel realizou um verdadeiro *tour de force*. Cantava-se a *Tosca*, com Lauri Volpi e o soprano francês Doria. Aquele cantava em italiano e a prima-dona no seu idioma. Gaudel conseguiu, sem a menor hesitação, cantar a sua parte, ora em italiano, ora em francês, de acordo com o artista que, no momento, devia acompanhar.

AFIM de por termo às superstições de que sexta-feira seja um dia azaigo, o governo inglês resolveu, há muitos anos, iniciar nesse dia da semana a construção de um navio que levava o nome de "Sexta-feira" e foi lançado ao mar, para a sua viagem inaugural, também numa sexta-feira, sem que surgisse o menor incidente. Entretanto, até hoje "Sexta-feira" não voltou da sua primeira viagem, nem se teve dele nenhuma notícia. E as superstições sobre os dias azaigos continuou na Inglaterra...

UM DOS CAPRICHOS mais curiosos da natureza é o que se verifica numa espécie de orquídea amarela. A noite, a pétala se contrai, formando um comportamento fechado, com uma única a pétala superior. Se o inseto, ou qualquer agente estranho roçar a flor, a pétala superior salta produzindo um ruído idêntico ao estampido de um tiro.

policia pernambucana procura-te e, para que ela não te encontre, é preciso que fiques neste aposento e eu vá para o teu, que sejas de hoje em diante o dono desta casa, arcando com todas as despesas e responsabilidades, evitando o desastroso escândalo que será a minha ruína total, o desprestígio do meu nome, que atingiu o seu apogeu, a desmoralização de Lourdes e a tua perdição... Faze como eu te digo, pois, do contrário, Djalma, serás um homem aniquilado! Ela — e apontei, Carlos, para o leito, onde uma forma humana tinham estremeções febris... — ficará sentido tu, porque é preciso, Djalma, que o prestígio do meu nome não se ofusque, não se sinta esmaecido no seu fulgor! Se eu te assassinasse agora, amanhã veria, enlouquecido, todo o gigantesco sacrifício da minha vida inutilizado, todo o castelo dos meus projetos derruido... E preciso, repito, que sejas eu e eu seja tu, aqui dentro desta casa. Serei teu hospede... amigo que, assassinando o socio em Pernambuco, te pediu homisio e a quem tu acolheste com carinho, esquecendo os males funestos que desta piedade poderiam advir arruinando duas existências... Responde...

"E a sua voz sumida respondeu:

"— Se assim queres assim será..." Carlos de Brito, palido, assombrado, fitava aquele homem esqueleto, que com a cabeça desgrenhada entre as mãos esgarradas solucava em estremeções continuas. A noite já ia alta, e o rumor citadino diminuía, só quebrando agora o silêncio noturno o baiuquio fúgido dos veículos velozes deslizando nos asfaltos desertos, onde já começavam a surgir as sombras difusas dos garis.

— E assim ainda vivem os três, Teixeira?...

Sacudiu os ombros ponteagudos, num desalento:

— E se eu procedesse ao contrário? Se eu os matasse sem piedade, que representaria todo o sacrifício da minha mocidade? E os meus sonhos? E os meus ideais? Poderia expulsá-los dali... Mas, se o fizesse, seria do mesmo modo um homem perdido... Ah! Ah! Deves ignorar, deves ignorar Carlos! Como a ambição me desgrouou! Agora, eu sou "ele" e ele é "eu", compreendes? Lourdes é a mesma... miserável, hipócrita, mulher... Para eles parece até que nada aconteceu... Entre a noite e saio madrugada... Mas isto não irá longe, porque a amo acima das minhas forças e só a mim ela pertence... Não te direi onde moro, porque lá não poderás ir... Virei de vez em quando ver-te e consolar-me com a tua bondade de amigo, o que já é uma enorme felicidade para mim... Deixar-te-ei agora, pois é tarde... Onde moras? Copacabana? Bem se quiseres, irei visitar-te... Está bem... Apartamento, 10... Abraça-me... Adeus... Adeus...

— Adeus, Teixeira. Espero-te amanhã...

E Carlos de Brito ficou só, atônito, cigarro fumegando nos dedos esticados, e olhando, bôbo, sem ver, as paredes nuas do escritório onde ficara perdurando a voz do amigo desgraçado. E deixou-se lamentar, à evocação da mocidade, os olhos marejados e uma louca vontade de gritar:

— Meu Deus! O Teixeirinha enlouqueceu...

O trilo nervoso e prolongado do guarda-noturno entrou pela janela

aberta, como um ladrão boemio...

Garoava. *

A tarde, esfumada, desmajava nos braços do crepúsculo ferido pelas luces da metrópole, refletidas nos asfaltos molhados em polimentos férreos. E o borborinho da multidão, titilante à garoa frígida, recrudescia, alastrava-se pelas ruas de transito difícil, entupida de veículos, atordoados de barulho.

Carlos de Brito freiou a "Chryslar" e chamou o garoto maltrapilho que vendia os jornais.

— "Noite"? "Globo"? "Diário"?..

— Todos... Guarde o troco..

Quando ia movimentar o carro, os seus olhos caíram sobre um retrato de mulher que um dos jornais estampava encimado por letras garrafais. Não quiz acreditar no que via, e firmou a vista obscurecida, meio tonto. E murmurou estupefato:

— Lucia?! Lucia?!

Comprimiu o acelerador e o auto deslissou veloz, desrespeitando os si-

nais semafóricos, através ruas e ruas que, tumultuosas, iam ficando para traz...

— Lucia?!... Lucia?!

E parecia escutar entrando-lhe pelos ouvidos como um estilete, uma voz longínqua:

— Bôbo! Bôbo!...

Galou rapido a escada em espiral do apartamento, apertando nas mãos os jornais e bateu com estrondo a porta. E, tremulo, abriu a folha à claridade da lampada. Ela, em síntese, a notícia que seus olhos devoraram:

“Um conhecido médico e também advogado fôra naquela manhã, encontrado morto sobre o leito conjugal, tendo ao lado a esposa agonizante. Os ceados, ao constatar a tragédia, chamaram a polícia e assistência, que compareceram, esta inutilmente. A polícia prossegue nas suas diligências ao encalço do assassino, que é, segundo as acusações dos ceados, o dr. Djalma Truse, que residia

com o casal”. No retrato, uma fascinante mulher continuava a sorrir, esplendente, na sua trágica imobilidade...

Com os olhos secos, sem uma lágrima, e uma dolorosa constrição na garganta, Carlos de Brito achegou-se à janela para contemplar o panorama luminoso da cidade...

Que valeria agora a sua vida?

E um ruído vindo do “brouhaha” das ruas respondeu-lhe: “nada...”

Que esperanças de amor poderia ter?

E o grito gaiato de um garoto vadio se lhe afigurou a palavra esperada: “nenhuma...”

Sem se conter, encostou-se, soluçando à janela; e os seus soluços reprimidos, repercutindo no aposento, pareciam responder-lhe:

— Bôbo... bôbo... bôbo...

Longe, fascinante de pedrarias, a cidade vibrava... vibrava... na fascinação irresistível do seu férreo sorriso de luz...

CONCLUSÃO

Fiquei encabuladíssimo quando, na mesa, um dos meus irmãos, insinuou:

— Deve ser idéia da Florzinha...

Continua o meu idílio. Florzinha é, para mim, onipresente. Vejo-a em todas as partes. Talvez porque esteja dentro do meu coração, os meus olhos a veem em todos os lugares...

Florzinha, amanhã, partirá para o colégio; terminaram-se as férias. Já estou sentindo o vazio que me trará sua ausência.

— Voltarei em junho... daqui há poucos meses. — Diz ela, de momento a momento, procurando consolar-me. Mas, tê-la longe dos olhos, mesmo por um dia, é uma tortura.

— Escreverei sempre. Vou dar a você o meu retrato, quer?

— Quero...

Fui à estação. O dr. Oscar, vendo-me, disse:

— Florzinha, o seu namorado está aqui. Como é, rapaz, quando vai ser o casório?

— Quando terminar o curso da Escola Militar — falou Florzinha muito séria.

— Otimo, gosto muito de militares!

O apito do trem veio pôr termo à angústia que sempre senti ao lado do pai de Florzinha. Ele, com seu gênio brincalhão, pôe-me sem jeito. E, quando o comboio se pôs em movimento, só consegui articular, prêso de emoção:

— Adeus, Florzinha!

— Adeus, querido!

Mesmo depois de o trem se ter sumido na curva do caminho, ainda estava na estação...

Recebi hoje a primeira cartinha de minha namorada. Ante os sorrisos irônicos da turma lá de casa, sai com ela para o fundo do quintal e, deitado na grama macia, li-a uma, duas, três, cem vezes. Decorei-e linha por linha.

Florzinha fala-me da saudade que sente de mim, de nossos passeios; diz que está rezando para o tempo passar depressa para chegar junho e voltar. Pergunta-me se continua de pé a

FLORZINHA

Dormindo, sonhei tôda a noite com Florzinha. Ela me apareceu cercada de estrelas e do seu rosto irradiava uma luz macia, à maneira de halo. Ela foi aparecendo, aos poucos, sorrindo com aquele seu sorriso envolvente.

Lembrei-me que, como daquela primeira vez que fomos juntos ao cinema, fiquei olhando muito tempo para ela e depois quis saber:

— Como pode haver tanta luz, Florzinha, dentro de uns olhos tão pretos como os seus?

Ai ela foi desaparecendo, aos poucos, dizendo, enquanto sumia:

— Isso é segredo... Isso é segredo... Isso é segredo...

Há vinte dias que Florzinha, na verdadeira acepção do vocábulo, é minha namorada. Tudo corre às mil maravilhas, menos numa coisa. Ela diz que só se casará comigo se eu entrar para a Escola Militar. Ora, sempre desejei ser médico, curar doentes, fazer operações. A garota, porém, é inflexível: — você com a farda de cadete fica muito bonito. A carreira militar é tão bela... Você me promete entrar para a Escola Militar?

— Prometer, prometo. O difícil é passar no exame. Você bem sabe que é apertado... A matemática...

— Se estudar um pouquinho entrará.

— Acha?

— Tenho certeza.

— Então, tentarei.

— De verdade? Se entrar, me casarei com você. Tenho quinze anos, quando tiver dezenase, serei professora. Você tem...

— Dezessete.

— Bem, com dezenove terminará o curso ginasial, e, se tudo correr direito, aos vinte e dois ou três, sairá da Escola Militar como aspirante. E poderemos nos casar. Estarei com vinte e... e você com vinte e dois. Bôa idade, não é?

— E...

O pessoal de casa achou graça naquela mudança de vocação: — de médico para militar.

minha promessa de entrar para a Escola Militar. E outras coisas mais.

Hoje mesmo lhe responderei. Vou comprar um papel muito bonito para isso.

Tôdas as noites, antes de dormir, fico olhando, abstraido de tudo, o retrato de Florzinha. Finalmente, quando adormeço, ela me aparece em sonhos. Agora, por estar longe, faço versos; versos que oculto, como se fossem feio pecado, de todo o mundo. Se o pessoal de casa souber...

Durante o jantar, papai me perguntou como ia de estudos.

— Mais ou menos... — respondi.

— Mais ou menos? Pois não é essa a opinião dos seus professores. Disseram-me que você vai bem... mal. Que não presta atenção às aulas, etc., etc.

— Bem... quer dizer... eu...

— E' que ele anda escrevendo versos, papai! — falou o meu irmão José.

Esfriei.

— Versos?

— Vou ler para o senhor. E o diabo do mano tirou do bolso um poema que eu esqueceria na mesa de meu quarto.

— Ouça, papai, ai vai o título: — "Para Florzinha".

Eu estava quase chorando de raiva, quando José acabou a leitura, que foi feita entre risos. Que bandido, o meu irmão! Mas, aguentei firme. E no pesado silêncio, cheio de angústia para mim e de graça para os demais, papai falou gravemente, olhando para mim.

— Vou lhe dar um tratado de versificação.

Só. Nada mais.

O mano José, à hora da sobremesa, me botou mais danado da vida ao me passar o seu prato de doce, cheio de fingida delicadeza, dizendo-me:

— Os gênios, em primeiro lugar...

Dei tanto no meu irmão, que escrevo com dificuldade, tal o estado das minhas mãos. Bati com vontade, com gôsto, empregando-me a fundo. Deixei-o em lamentável estado: — olhos roxos, lábios partidos, nariz amassado. Zombar de um poema que fizera para Florzinha, para a minha Florzinha!

Tal ato de violência redundou numa catástrofe: — vão-me botar interno no colégio. Para isso contribuiram, também, as minhas horríveis notas. Todos os professores, menos o de desenho, se queixaram de mim; — que sou vadio, que ando, positivamente, de cabeça no ar!

Grande coisa! Como não estar de cabeça no ar, se Florzinha está longe, se a saudade que tenho dessa minha primeira namorada é atrofissima! Como?

O internato apavora-me. Parece-me que me vão meter na cadeia por um insignificante crime cometido. Uma ~~h~~ e notas baixas, por exemplo. O pior de tudo é ficar, ainda mais, separado de Florzinha. Não poder mais escrever para ela, pois os professores controlam toda a correspondência. Deixar Florzinha...

Parei pálido em frente ao colégio. O casa-

rão, silencioso e sombrio, ainda mais se me assemelhou a uma cadeia. Uma cadeia de carneiros vigilantes e perversos.

— Está com medo? — indagou papai vendo a minha vacilação.

— Não... — E, firme, resoluto, subi as escadas do colégio. Um professor chamado Onofre nos recebeu. Senti, imediatamente, que não me ia dar bem com ele.

Fomos levados à presença do diretor, que foi de uma habilidade notável. Bateu-me, amigo, no ombro dizendo:

— Você vai gostar daqui, meu rapaz. Há jogos de futebol, vôlei, basquete...

Fiquei aliviado, o diretor não era aquele carrasco que imaginara. Era bom, alegre, jovial.

Quase chorei quando me despedi de papai. Estava só, agora, dentro daquele casarão. E Florzinha tão longe, lá...

— Você fuma? — o diretor me cortou o fio dos pensamentos como esta pergunta brusca, à queima-roupa.

Voltei-me para responder-lhe e... aquele homem que estava na minha frente sofrera tremenda transformação. Não era o mesmo que conversara comigo e com papai, cheio de amabilidades, de sorriso. Era, neste momento, um carrasco, frio, mau... Um lenheiro que, por um golpe de sorte, passara a diretor de um estabelecimento; um cidadão mau que praticava as suas maldades em nome das mais santas palavras como pedagogia e Pestalozzi... Assim, vendo aquilo, fiquei tonto, sem saber que responder.

— Perguntei-lhe se fuma! — insistiu o diretor.

— Sim, senhor... — respondi com sincerdade.

— Pois vai deixar de fumar de hoje em diante, se quiser sair aos domingos... Entendeu?

— Sim...

— Sim, senhor! — corrigiu ele, duro, incisivo.

— Sim, senhor.

A noite, no dormitório, pensei, com mais calma, na minha desgraça. Florzinha longe de mim, talvez para sempre. Nem o seu retrato tenho liberdade de ver, pois há muitos professores de olhos vigilantes.

Nesta minha primeira noite de internato, sinto-me só, deslocado. Arrefeceram-se em mim todos os sonhos otimistas. Entrar na Escola Militar, como Florzinha deseja, é um projeto que talvez não mais se realize. O garboso cadete dos sonhos de Florzinha já se sente derrotado neste primeiro combate com a vida.

Sinto, neste silêncio todo feito de medo, no dormitório imenso, que o diretor vai estragar minha vida. Há atrás do seu sorriso vinte séculos de hipocrisia. Sim, vinte séculos de hipocrisia.

Florzinha grande é esse meu primeiro amor que até cego a ver a minha Florzinha com nitidez incrível. Ela me chega à cabeceira do leito e indaga porque estou chorando. Mais uma vez, tento decifrar o segredo dos seus olhos sempre úmidos, perguntando-lhe:

— Como pode haver tanta luz, Florzinha, dentro de uns olhos tão pretos como os seus?

Ai ela vai desaparecendo, aos poucos, murmurando, enquanto sumia:

— Isso é segredo... Isso é segredo... Isso é segredo...

A dura realidade se vai tornando esfumada e os meus olhos se vão fechando de cansaço e sono. E no meu coração, antes cheio de angústia, há uma grande esperança. Há alegres e claras perspectivas na minha frente. Há muita esperança, há muita esperança. Talvez ainda realize o sonho de Florzinha: — tornar-me um oficial.

*

A POESIA ABANDONOU

não esteja à beira do lago. Aquela estava em cima de um caixão e a gente punha nela os olhos com tristeza.

Era a poesia à espera de um anginho.

As vezes também a poesia está numa campainha, nessas campainhas dos carrinhos de sorveteiro de rua de arrabalde. No Barro Preto vi uma. O rapazinho da carrêta anuncia seus algodões de açúcar. Para chamar o público, recorria à poesia.

Uma hora, tocava uma flautinha gozada, soprando nela uma canção cheia de nevoa e de mágua. A música trazia gente à janela,

* NOITE DE SÃO

forte pescoção. Isto deseja de toda a alma o seu namorado ruivo e sardento, de ar petulante.

Já o dia vem nascendo. Todos já se foram,

*

AS ESTRELAS SÃO OTIMAS DONAS DE CASA

nhor Conde..." (E aí aparecia um nome horrível, jamais visto, nunca dantes imaginado).

Ou então: "Os advogados da célebre artista Gloria Fivekiss quereram o divórcio da atriz contra Jack Invisible, conhecido escritor teatral. No processo, Gloria Fivekiss acusa Jack Invisible de crueldade mental, mas o acusado se defende dizendo com bom humor que concederá o divórcio porque a sua ilustre esposa não conhece as delícias do lar..."

Notícia desse teor era facilmente de vez em quando nos jornais e revistas de cinema. Em conclusão: os fans concluiam que o cinema — a arte — era incompatível com o lar. Em suma: os fans imaginavam que as "estrelas" levavam uma vida nas "nuvens", tal como no mais louco sonho de opio. Dos estúdios vão para os clubes

noturnos e vice-versa. Nem usam dormir. E de vez em quando — por vaidade apenas — comparecem à "grand première" do filme tal, assinam distraidamente alguns autógrafos, recebem bocejando os prêmios da Academia de Artes de Hollywood, aguardando a hora de voltar para a folia. Lar? Ora, isso de "Lar, doce, lar" é um quadro com uma legenda velha, que se usa nas comedias, como contraste, para satirizar a pagodeira ou a desharmonia doméstica.

*

Hollywood tem seus "bluffs" de publicidade. Esses "bluffs" criaram lendas e essas lendas — todas as histórias invrais — excitaram imaginações, multiplicaram-se inexplicavelmente. E nunca apareceu quem fosse capaz de as destruir, infelizmente.

Engulo os últimos soluços com medo de quebrar o silêncio pavoroso do dormitório. E, embora o meu coração esteja cheio de otimismo, adormeço, nesta primeira noite de internato, com um gosto amargo de lágrimas na boca...

Fui sincero ao avisar, no começo, que este não era, tecnicamente falando, um conto. Mas, para compensar, dou a todos a mais completa liberdade de ação e, assim, se o leitor estiver de bom humor, dê um final alegre à história; se não estiver, mate os personagens ou invente um modo de os tornar mais desgraçados ainda. Obrigado.

* O VERSO

CONCLUSÃO

isto é, a poesia é que trazia. Outra hora, batia o sininho, pendurado no triângulo.

Toda gente que morou em arraial e agora mora na cidade, ouvindo o sino e lembrando do sino do arraial, toda gente vinha pra fóra, vinha comprar sorvete. E todos estavam movidos pela poesia, no serviço do comércio de sorvetes.

A poesia é a vida, está na vida e os poetas de hoje — comerciantes, banqueiros, "gigolôs" e anunciantes — servem-se dela para pregoar a sua mercadoria.

Decadência da poesia? Não. Nada disso. Poesia da vida, que é a vida da poesia.

* JOÃO

CONCLUSÃO

porque a noite de S. João acabou. A fogueira está apagada e dela somente restam as cinzas. E no entanto, você continua comigo, no meu pensamento, mais linda e mais mulher.

*

CONCLUSÃO

Um dia um visitante ilustre foi a Los Angeles — andava com a cabeça cheia dessas histórias, admirava a vida zig-zagueante de John Barrymore, seus escândalos — e depois de visitar os estúdios, subiu até Beverly Hills, onde reside a maioria das estrelas. Caiu-lhe o queixo diante da tranquilidade, do aspecto doméstico do bairro. E ele afinal compreendeu que em Hollywood se cultiva o "home", que as estrelas se dedicam a seus lares, cuidam dos filhos e dos jardins.

*

Alguns exemplos. A fatal Monique Dietrich — fatal só nos filmes — tem uma filha para quem é mais do que mãe. Maureen O'Sullivan, quando deixa de "fazer fita" com Tarzan, vive inteiramente para os seus filhos. Lana Turner há pouco estava para dar a luz a um be-

bê. Joan Blondell casou-se há bastante tempo com Dick Powell — um belo exemplo de casamento feliz — e como já possuia uma filha do primeiro marido, o segundo marido adotou-a, dizendo-se até que a menina é uma das causas da felicidade do casal.

Felicidade conjugal! Não é somente Florence Vidor, que abandonou o cinema para viver somente para Jascha Heyfetz, que é tão feliz. Em Hollywood há muitos casais felizes desde longos anos e com muitos filhos. Bing Crosby tem três ga-

rotos, Eddie Cantor tem cinco filhas, Gary Cooper é casado há muitos anos com Sandra Shaw, e Clark Gable, se não tivesse perdido Carole Lombard num desastre de aviação, estaria vivendo para o lar, no rancho perto de Los Gatos.

Boas donas de casa em Hollywood? Há muitas. Até Heddy Lamarr e Rita Hayworth. O bairro residencial de Beverly Hills é uma prova — um lugar em que se ouve uma mosca voar e onde, em cada residência, há a legenda antiga dentro de um quadro: "Lar, doce lar".

GEMEOS

CONCLUSÃO

Ao propor essa excursão à montanha, hesitara apenas um segundo, antes de pronunciar as palavras — Que acha de nós dois subirmos à cabana e tentarmos caçar alguma cousa? — Mas era somente a hesitação dum homem resolvido a nadar e que não consegue impedir um arrepiado, ao primeiro contato da água fria. Sua intenção continuava inabalável.

E agora, que amanhecerá aquele dia, não sentia a menor perturbação. Enquanto preparam juntos o almoço, conversou com Robert menos constrangido do que o fizera nesses últimos meses. Em sua mente, já estava tudo liquidado. Para ele, Robert já era um homem morto.

Sairam juntos da cabana. O regato que serpenteava através do bosque alargava-se ali num pequeno açude. Era onde os animais costumavam matar a sede.

— Vá para o outro lado —

*

disse ele a Robert — E, se alguma caça aparecer, atire primeiro. Se você falhar, tentarei por minha vez.

— Não, não. Atire você em primeiro lugar. Tem melhor pontaria que eu — replicou Robert.

— Não, é engano seu. Atiramos da mesma forma. Você dará o primeiro tiro.

— Está bem.

Robert agravou a clareira e, ajoelhando-se, procurou esconder-se atrás dos arbustos, no lado oposto. Então...

Friamente, deliberadamente, George apoiou a espingarda no ombro, encostou o rosto na madeira, e apontou o cano na direção em que seu irmão gêmeo se abaixara. A pontaria estava perfeita. Tinha o dedo firme no gatilho, pronto a manejá-lo.

Do outro lado da pequena clareira, os primeiros raios do sol refletiram-se no cano da espingarda de seu irmão, também apontada para ele...

*



"O Bloco do Amor" composto dos jovens: Luciano, Pedro, Geraldino, Alaor e Aramis, na Vila de Val e nossos leitores.

GRANDES VULTOS DE MINAS GERAIS

CONCLUSÃO

limitou a expressar uma opinião pessoal, que de resto não poderia causar estranheza a ninguém.

Dessa prudência a uma compreensão eleitoral vai visivelmente uma larga distância.

Não se leve a mal a Martinho Campos esse apego à escravidão. De um lado, como outros grandes brasileiros, pensava e bem que a abolição deveria ser feita, gradativamente e com prudência, porque era todo o nosso regime de trabalho que se achava em jogo. De outro lado, generoso e humano, gostava de-veras de seus escravos, aos quais tratava com carinho e chamava, nos seus discursos, "os meus negrinhos"...

Ora, essa bravura nas atitudes e esse desassombro nas palavras deviam ter alguma razão num político de sua habilidade, não se podendo explicar apenas como um fruto de seu temperamento. Martinho Campos tinha evidentemente as costas quentes. Alguma coisa tinha atrás de si, que lhe dava atrevimento e coragem, e eram aquelas virtudes a que se refere Costa Sena, talento e probidade.

Quanto ao talento, outros poderiam rivalizar com ele e até sobrepujá-lo. Não é predicho raro em nossos políticos. Quanto à probidade, poucos poderiam igualá-lo, porque era cabal e perfeita. Companheiros e adversários harmonizavam-se nessa conceituação, e nós compreendemos que só um homem sem telhado de vidro é que podia dar-se ao perigoso desporto de atirar pedras para todos os lados.

Carlos Ottoni fixou bem a feição característica dessa rica figura humana, ao escrever que Martinho Campos foi o tipo do homem de bem e protótipo da honra.

Quem poderia presumi-lo, ao considerar a sua atividade parlamentar pitoresca e curiosa, mais de um homem que leva as coisas de brinquedo do que a sério, porque mais propenso a spanhar os aspectos ridículos do que os aspectos graves da vida?

*

NUM DOS MAIS recentes recenseamentos, a cidade de Nova York figura com 7 milhões e 500 mil habitantes, divididos em diversas classes: 9.000 jornalistas, 20.000 editores; 21.000 músicos; 16.000 atores teatrais; 22.000 enfermeiros; 10.000 corretores; 42.000 alfaiates; 20.000 cabineiros de elevador; 32.480 cabeleireiros; 159.000 vendedores ambulantes; 106.000 chauffeurs.

AS GRANDES PAGINAS SOBRE A MULHER

CONCLUSÃO

sua gente, tem sido digna enfim da sua Pátria e Américas.

Brasil e Paraguai, Senhora Embaixatriz, estão também presos através das virtudes, do sorriso e da graça da Mulher. São numerosos os brasileiros que têm constituido família no Paraguai, e muitos têm lá ficado a residir. A colônia, no nosso País, se não é imensa, — é feita de seleções. A mulher da sua Pátria é um dos sorrisos da nossa Pátria.

Poderíamos recordar, se não tivéssemos a nossa disposição apenas minutos em vez de horas, os nomes femininos maiores que honram o Paraguai. Nas letras, nas ciências, nas artes, dentro do lar onde transforma a criança no Homem de amanhã. Mas, nos parece que poderíamos simbolizar a intelectualidade da Mulher paraguai, numa síntese expressiva, na personalidade da escritora famosa, a Senhora Teresa Lamas Caríssimo de Rodrigues Alcalá. Inteligência, cultura, coração, ela foi na sua Pátria, minha nobre Senhora, a primeira mulher que publicou um livro em prosa, *TRADICIONES DEL HOGAR*, livro de contos de rara sensibilidade que a gente le encantado. Escritores de renome como Juansilvano Godoi, Cecílio Baez, Eloy Faria Nunes fizeram críticas de louvor incondicional ao livro famoso que é um estudo apurado de almas.

No Paraguai são preferidos os estudos científicos, — sociologia, história, ensaios jurídicos, — aos trabalhos propriamente de ficção, a poesia, o romance, o conto, a novela, o teatro. Há de certo muitos escritores e escritoras desses gêneros, mas parece que os assuntos mais transcendentais merecem preferência.

A escritora célebre do Paraguai amigo, especializou-se no estudo do passado, nas evocações,

na observação psicológica do espírito do Homem e da Mulher, da Família enfim, onde repousam serenos, após a luta da Vida, os homens que têm consciência e têm alma.

Muita vez, a senhora Teresa Lamas Caríssimo de Rodrigues Alcalá evoca, nas suas páginas bem escritas, serenamente, o Paraguai antigo, das guerras, das campanhas sangrentas contra a Tríplice Aliança, mostrando o seu coração eternamente moço.

Nos territórios amplos e largos das Américas, o Paraguai se impõe, pelas suas atitudes claras e sempre definidas, norteado por um pan-americanismo sadio, que está oferecendo resultados ótimos. E a Mulher paraguai tem concorrido de muito, pelo seu patriotismo e compreensão sadia dos seus deveres, para essas finalidades civicas da Raça.

E V. Excia., minha Senhora, pelos seus predicados de inteligência e cultura, compreensão exata das suas altas e delicadas responsabilidades, sem favor o dizemos, tem sido um laço forte no estreitar das relações sociais do Brasil-Paraguai. Laço dos maiores das terras amigas, que de certo se solidifica dia a dia, como se fosse uma árvore imensa a espalhar a opulência dos seus frutos.

Receba V. Excia., Senhora Embaixatriz, e transmita às suas formosas patrícias, em nome da Federação das Academias de Letras do Brasil, pela voz do mais humilde dos seus académicos, a nossa saudação respeitosa e amiga, aquela que, pela nobreza das suas atitudes, pela fidelidade dos seus gestos e pelas suas aprimoradas virtudes é bem um dos expoentes da graça, da beleza e da distinção da sua Raça.

Senhora Embaixatriz, — GLÓRIA A' MULHER DO PARAGUAI!

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM A' INGLATERRA

CONCLUSÃO

jogavámos ou chupávamos laranjas da Califórnia...

O LUAR ESTRATOSFÉRICO

— Diga-me alguma coisa sobre o luar, ao qual o senhor se referiu ainda agora.

— O luar estratosférico é o melhor da viagem. Na atmosfera rarefeita, há pouco barulho, pouca umidade e até menos frio que, em igual altura na zona equatorial. A noite (pois uma grande parte da viagem foi noturna) podíamos observar "o silêncio eterno dos espaços infinitos". Neste ambiente, o luar é diáfano e envolvente (como que, meu Deus?)... como a luz serena da eternidade. O nosso pássaro negro caminhava placidamente a uma enorme distância das nuvens, envolvido por um luar virgem, o mesmo que banha os jardins próximos do céu...

DECALOGO DA AUSTERIDADE

A's breves horas da manhã, descemos na Grã-Bretanha. E' impossível dizer tudo o que vi, em tão rápida conversa. Mas, vou condensar a primeira impressão sobre o povo neste decálogo da elegância em tempo de guerra austera:

1) Aparar o cabelo no cabeleireiro doméstico bem ao alto da orelha, guardando os cabelos caídos.

2) Deixar as pernas das calças arredondarem um pouco.

3) Consentir algumas manchas no terno (poucas).

4) Engraxar os sapatos aos domingos e dias santos (de guarda).

5) Livrar-se, com o sobretudo, não só da chuva, mas dos limos e dos lustres dos bancos.

6) Reviver os antigos chapéus duros e eternos.

7) Não usar óculos americanos.

8) Usar cabelos soltos.

9) Puxar o "Block-notes" diante das vitrines elegantes e ir saindo de mansinho.

10) Conservar o sorriso e a barba feita.

Este decálogo, que notei em prática, ilustra-se muito facilmente com outra observação que fiz nesta época. As minas de barba, sabão e combustível concorrem, junto com outros fatores, para a "austerity". Estava eu num belo convento do norte da Inglaterra e no banheiro li este aviso:

"O Padre Abade toma banho às segundas-feiras, de 15,30 às 15,45.

O Padre Prior toma banho às segundas-feiras, de 15,45 às 16 horas."

Nota: aos domingos é expressamente proibido usar do banheiro."

— Cá entre nós, comentei comigo mesmo, domingo é dia de descanso...

crianças

Continuando as suas revelações sobre o que viu na Inglaterra, Padre Dutra diz-nos:

— A melhor coisa que existe na Inglaterra para os ingleses é gato e cachorro. Para um estrangeiro, a criança inglesa. Já disse a um jornalista que a religião do inglês é a intimidade ou o "intimismo" do seu "home" e que os santos desta religião são as crianças (sem excluir, para quatro milhões pelo menos de ~~casas~~ sem filhos ou de um filho só, os gatos e os cachorros). E' um encanto ver a criança inglesa num parque.

Interrompemos:

— Touxé alguma fotografia, neste sentido?

— Trouxe, sim. Aqui dou-lhe esta,

para você mostrar aos leitores de "Alterosa". Eles vão julgar, como eu, que os ingleses da Inglaterra tem as mais belas crianças do mundo! Só por isso, vale a pena fazer a guerra!

TAMBÉM OS PADRES E FREIRAS SE PREPARAM PARA A DEFESA

Padre Dutra prossegue:

— Durante o tempo que estive na Grã-Bretanha, tive oportunidade de assistir a muitos exercícios de defesa passiva e outros meios de defesa do país. Todos os cidadãos tomavam parte, e era de se ver a compreensão

e o heroísmo com que se entregavam a essas manobras, muitas vezes pesadas e dolorosas.

— Ouvimos falar que até os padres...

— Não só os padres, mas as freiras também. Todos tomavam parte e havia mesmo instrução especial para esses religiosos. Em uma das fotografias que tenho e que darei mais tarde (essa fotografia ilustra esta reportagem), pode-se ver um flagrante expressivo dos exercícios de defesa, nos quais tomavam parte irmãs de caridade e padres.

Padre Dutra fez uma longa pausa, como a dizer que estava terminada a entrevista. Olhou o relógio e levantando, quando fizemos nova interrogação:

— Mais alguma coisa?

— Acho que, por enquanto, chega, disse-nos o padre.

— Mas o senhor ainda não disse se os ingleses acreditam na vitória...

— Mas que idéia! Isso nem é preciso falar. É lógico e evidente que os ingleses acreditam, acima de tudo, na vitória da causa das democracias. E podia ser de outra forma?

VILA RICA, "EL-DORADO" DO SÉCULO XVII

CONCLUSÃO

lembados. As lendas sobre o El-Dorado, os tempos fáustos de Vila Rica do Brasil Colônia. Quem, lendo-o, não teria tido as mesmas evocações? Ai está o alfarrabio transscrito na sua saborosa grafia original:

"O Juís vereadores e Procor, do Senado da Camara q. Servimos o pres, anno por Eleyção, etc.

Fazemos saber q. e por quanto somos sabedores das ruinas q. e actualmente estamos experimentando nas calçadas das ruas desta V. são cauzadas da multidão de negros e negras q. e actualmente andão esgravatando pelas ditas Ruas, pelo que nos pareceo por bem de nossa administração publicar o presente nosso edital, e por elle fazermos saber q. e daqui em diante não hajão

mais falsoadores pelas ruas desta V. com pena de q. e todo o q. e for achado esgravatando com couxa de pau ou ferro seja prezo e da cadeya pagarão duas outavas de ouro de condenação, como também todas as pessoas ou lavandeiras q.e se achar lavando nos tanques dos chafarizes desta V. ou outra qualquer pessoa ou amolando ferros nas beirais dos ditos tanques serão prezos e da cadeya pagarão a d. condenação pelo prejuizo q.e se exprimenta da falta de agoas nos ditos chafarizes ou tanques p. as cavalgaduras beberem e o Alcayne e seu escrivão e outros quaisquer officiais de justiça recomendamos debaixo das penas de Suspensão procurem com todo o Cuidado executar este nosso Edital, e para q.e

chegue a notícia de todos mandamos apregoar e ficher varios deste theor pelas portas publicas des V. Dado em camara de V. Rica aos 18 de Janeiro de 1749."

Está firmado por Antonio de Souza Mesquita. Contem também varias rubricas dentre as quais se leem "Freitas", "Mendonça", "Barros", "Siva M.", etc.

Um documento oficial. Em meio às atenções para com a preservação das ruas da Vila, o indicio da preocupação reinante:

Ouro para a Metrópole.

Ouro e mais ouro!

Até o ouro das calçadas de Vila Rica!

EXÉRCITOS FEMININOS NA INVASÃO DA EUROPA

CONCLUSÃO

a mulher houve aparecer em todo o esplendor, como uma das construtoras desse feito. Porque — nem é possível esquecer — mãos femininas também trabalham arduamente nos complicados preparativos da invasão aliada.

Na tremenda batalha de 1940-1941 — Quando a Inglaterra esteve entre a vida e a morte — a mulher inglesa foi também um dos grandes suportes da resistência das ilhas contra a fúria do agressor. Não é poi sem razão que um escritor inglês, embora gracejando, diz que as matronas da sua terra dão a impressão de que sustentam o Império Britânico nos ombros. Sustentaram, e o fizeram, não gracejando, mas a sério. Por isso, quando Churchill passava entre os escombros das cidades bombardeadas, sempre atarefado, e elas lhe gritavam: "Deus te ~~ajude~~ e, Winnie", via-se que não estavam apenas espiando o que os homens faziam, mas trabalhavam também, acompanhando o chefe na tarefa dura, como na decisão inquebrantável de deter o invasor.

Foi em meio dessa espantosa luta que surgiu verdadeiramente o exército feminino da Inglaterra. Nos tempos negros de Dunquerque, era uma pequena força auxiliar. Depois se expandiu. Ainda hoje é pequeno, não em relação ao formidável exército imperial britânico, mas em confronto com os grandes serviços que prestou na hora decisiva.

O exército feminino britânico é democraticamente conhecido como as "Waffs", ou seja, literalmente traduzido, "Mulheres Auxiliares da Fôrça Aérea". Mas essa legenda dá somente uma pequena idéia, parecendo que se trata apenas de um departamento, quando na verdade é uma grande força organizada, submetida não só às experiências dos bombardeios, como também aos impecáveis desfiles — a vaidade do soldado! — diante de Sua Majestade Britânica Jorge VI.

As Waffs não trabalhavam ~~na~~ nas salas de planos da RAF, cooperando na planificação gráfica dos ataques aéreos, mas estão noutros setores, fora do serviço burocrático ou

telefônico, controlando importantes tarefas nas bases aéreas. Quando um bombardeiro rumava à Europa, afim de lançar bombas no território de Hitler, pode-se ver claramente que o braço feminino, que trabalha dia e noite na Inglaterra, ajudou a soltar os ares.

Como as Waffs da Grã-Bretanha há nos Estados Unidos as Waacs, "Mulheres Auxiliares dos Corpos Aéreos". Executam mais ou menos os mesmos serviços. E já se encontram no Norte da África, onde tomaram parte na luta. No Pacífico, elas já chegaram até Guadalcanal. E quando o colosso norte-americano partir decisivamente para esmagar o Japão, elas lá estarão, lado a lado, ajudando a liquidar os pérfidos anões amarelos.

Além das Waffs, há outro grande exército feminino nas Ilhas Britânicas: as operárias especializadas. As mulheres inglesas — talvez cansadas de carregar o Império Britânico nos ombros dentro de casa — tomaram conta das fábricas, invadiram os estaleiros, resolveram dirigir os parques de munições, quiseram também fabricar aviões. Envergaram o maca-

ção, foram para as prensas e as polílias, ganharam intimidação com máquinas complicadas e, como resultado, ao fim de certo tempo, os técnicos disseram — não por galanteio — que a mulher é melhor operária técnica que o homem. Por que? Simplesmente porque, devido ao aprimoramento técnico atual, foi possível orientar melhor a mulher nas tarefas. E disso tudo resultou até que — tendo a mulher abandonado a tesoura e a máquina de costura — a imprensa veio afirmar, com seriedade, que os costureiros poderiam aproveitar os macacões como sugestão para novos modelos de vestidos e os capacetes, por exemplo, das moças que trabalham com solda a oxigênio, para serem imitados nos novos modelos de chapéus...

Na Rússia, não havia somente guerrilheiros. Havia também guerrilheiras. Eram talvez as mais perigosas. Uma delas, de nome Ludmila, depois de matar dezenas de nazistas, foi até Hollywood, em férias... Mas não existe somente uma Ludmila. A Rússia está cheia delas. Nos países ocupados há muitas guerrilheiras. Estão a postos, esperando a invasão. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, cada mulher, seja das Waffs ou das Waacs, é uma guerrilheira.

Entre as mulheres britânicas, desde a rainha, que sempre visitava as áreas bombardeadas, Mary Churchill, de quem já se tirou um retrato lavando e esfregando chão, a princesa Elizabeth, que é a secretária particular de Jor-

ge VI, até a mais humilde das Waffs — talvez o exército mais democrático do mundo, onde as filhas das "ladies" se misturam nas fileiras com as moças mais pobres — todas estão prontas, como estiveram no tempo da resistência, para dar o impulso decisivo ao desembarque. Estejamos certos: quando a invasão da Europa começar, atrás das forças de vanguarda, que abrirão as primeiras "cabeças de ponte" no continente, hão de aparecer, no trabalho rude, na luta, os exércitos femininos das potências democráticas. E essas mulheres que atualmente estão na farda como quaisquer soldados, mais tarde, poderão contar com orgulho aos netinhos que realmente ajudaram a derrotar Hitler e a devolver a liberdade ao mundo.

Guiricema festejou condignamente o seu 4.º aniversário

CONCLUSÃO

inauguração da oficina de marceneiro movida a eletricidade, de propriedade do sr. Valdemar Alves de Souza, cuja bênção foi feita pelo Revmo. Padre Sudário Moreira Mendes.

A's 18 horas, no altar mór da Igreja Matriz, foi dada a Bênção do Santíssimo Sacramento, pelo vigário Sudário Mendes.

A's 18,30 horas, teve lugar a cerimônia de inauguração da Tipografia e Papelaria "Vitória", situada à rua Celso Machado, onde é impresso o jornal local "Guiricema". Nessa solenidade, discursou o dr. Sebastião Peluso, ilustre médico, que conta com a admiração de todos os habitantes de Guiricema. Nessa ocasião, foram inaugurados os retratos do Presidente Vargas e Governador Valadares Ribeiro. Após seu discurso, leu o orador um soneto do sr. Nicodemus Meireles, secretário da Prefeitura, impresso naquele instante, inaugurando aquele estabelecimento, sendo o mesmo distribuído aos presentes e que publicamos em outro local dessa revista. Em seguida, a multidão acompanhada do Prefeito, do vigário e demais altas autoridades locais, dirigiu-se para a Praça Antônio Carlos, onde estava situado o prédio que se adaptou para o funcionamento da escola noturna "Presidente Vargas". O dr. Floriano Peixoto de Melo pronunciou o discurso inaugural, sendo muito aplaudido. Segundo-se ao discurso, foi dada a bandeira que cobria os retratos do Presidente Vargas e do Governador Valadares Ribeiro. No mesmo prédio no andar superior, foi inaugurada a sede da Sociedade Musical "Amantes da Lira". Ainda na mesma Praça Antônio Carlos, instalada em prédio próprio, foi inaugurada a Biblioteca Municipal "Augusto Meyer", dotada de iluminação moderna e luxuosa, um dos grandes melhoramentos de alto alcance intelectual, introduzido na cidade pela administração Luiz Coutinho. ~~Fez~~ ~~Fez~~ a palavra o dr. João Carone Filho, advogado e brilhante orador. Após o discurso, foram inauguradas as fotografias do Presidente Vargas e do Governador Valadares Ribeiro.

Finalmente, encerrando as grandes solenidades do dia, na sacada da Prefeitura Municipal, à cuja frente con-

vergin toda a população local, o dr. Aloisio Costa, advogado e orador de mérito, pronunciou eloquente discurso, analizando a obra administrativa do prefeito Luiz Coutinho e exaltando as figuras do Presidente Getúlio Vargas e do Governador Valadares Ribeiro. Seguiu-se-lhe, em brilhante improviso, o ilustre prefeito de Rio Branco, dr. Jorge Carone que, com a sua eloquência sugestiva, soube de modo feliz, tecer sobre a figura do Presidente Vargas, Governador Valadares e prefeito Luiz Coutinho, os mais justos conceitos.

Fogos subiram para o ar. A população apinhada junto à Prefeitura e no Parque Getúlio Vargas, ouvia a palavra de saudação dos oradores e os nomes do Presidente da República e do Governador do Estado eram delirantemente aclamados, quando pronunciados pelo orador. Como noite elegante do dia, foram coroados

os representantes da Beleza e Simpatia Guiricemenses, respectivamente senhorita normalista Deni Rodrigues Aguiar e jovem Orlando D. Batista, de acordo com o programa do jornal "Alcateia" daquela cidade, de cujo ato foram oradores os srs. José Maciel Fonseca, proprietário do referido semanário e Dr. Floriano Peixoto de Melo, seguindo-se animado baile oferecido ao Prefeito Luiz Coutinho ao som da Jaz "Amantes da Lira".

Assim finalizaram as solenidades com que Guiricema festejou o transcurso de seu quarto ano de emancipação administrativa. E o entusiasmo com que toda a população assistiu à inauguração de novas obras, onde eram colocados os retratos do Chefe da Nação e do Chefe do Estado, bem demonstra o carinho e o reconhecimento para com os altos dignitários da nossa Pátria.

Inauguradas solenemente as novas instalações da Prudência Capitalização em Belo Horizonte

CONCLUSÃO

OS ORADORES
Depois de dada a bênção pelo revmo. Monsenhor Leão de Medeiros Leite, vigário da Floresta, tomou a palavra o dr. Adalberto Ferreira do Vale, diretor e gerente geral da Companhia, que declarou inauguradas as novas instalações da Sucursal de Belo Horizonte e focalizou o progresso da Prudência Capitalização em Minas, congratulando-se com o sr. João Antônio Garcia Blaia e seus auxiliares, pelo modo seguro com que porteam os negócios neste Estado.

Em nome dos produtores da Prudência Capitalização em Minas, pronunciou aplaudido discurso o sr. Ildefonso de Lima Tricote, chefe geral da produção para todo o país.

Em seguida, usou da palavra o dr. Gil Cesar Pereira da Silva, primeiro diretor da sucursal de Minas, congratulando-se com os atuais dirigentes pela maneira segura e eficiente com que se tem conduzido.

Ao chamar, que foi oferecido em uma sala contígua, o dr. Adalberto Ferreira do Vale levantou um brinde a Minas e ao povo Mineiro.

E em agradecimento à saudação, falou o professor Nielsen Ribeiro, chefe da Carteira Imobiliária do I. A. P. C.

ficaram assim inauguradas as novas instalações da sucursal de Minas da prestigiosa organização capitalizadora que é a Prudência Capitalização.

OPERA-SE NA ZONA DA MATA UM GRANDE E ADMIRAVEL PROGRESSO DA PECUARIA

tes centros de distribuição de reprodutores."

Referindo-se a outros pontos de Exposição, o dr. Lucas Lopes teve entusiásticas expressões sobre a parte agrícola da mesma:

— Muito bem organizada a parte agrícola do certame. Em pavilhão especial podiam ser apreciadas diversas variedades de cereais e frutas, principalmente laranjas, cuja produção de Leopoldina é notável.

CONCLUSÃO

Pelo que se vê, a Sétima Exposição Regional Agro-Pecuária de Leopoldina foi um acontecimento digno de nota e que chamou a atenção de todo o Estado, e é bem uma viva demonstração do quanto pode produzir o Estado de Minas, com as suas ricas pastagens, com as suas terras férteis, onde a agricultura e a pecuária podem se desenvolver sob todos os pontos de vista. As impres-

sões que daquela região trouxe-nos o titular da Agricultura são mais do que uma prova real da possibilidade de uma vitória completa da nossa Batalha da Produção. Se naquela zona se registra um grande esforço realizado nesse sentido e nota-se a orientação que a produção vem tomando para uma organização mais racional das atividades agrícolas e pecuárias, outras zonas do Estado podem seguir o mesmo caminho. E no final das contas, teremos ganho a grande "Batalha da Produção", movimento patriótico e de grande necessidade neste momento que o país atravessa, e que exige a decidida cooperação de todos.

SIGNIFICATIVA HOMENAGEM ÁS EMPREZAS SIDERURGICAS NACIONAIS

lás fabricavam objetos de construção mais delicada, como máquinas e relógios para igrejas.

Depois do vivo e grandemente documentado retrospecto histórico sobre as realizações e tentativas siderúrgicas no país, o aplaudido conferencista Geraldo Dutra de Moraes, com a mesma segurança e com grande quantidade de documentos e dados, frutos de incansáveis pesquisas através dos alfarrábios e denodados estudos de nosso sub-solo, passou a apresentar, à assistência, interessante estudo sobre as jazidas de ferro em Minas Gerais. Assegura que, de conformidade com os estudos verificados em 1943, relativos às reservas de minério de ferro no mundo, chegou-se à conclusão de que o Brasil conta com uma das maiores reservas, sendo calculadas em quinze bilhões de toneladas, apenas as jazidas situadas em limitadíssima zona do Estado de Minas Gerais. Apresenta, ainda, o conferencista quadros representativos dos nossos depósitos e da quantida-

CONCLUSÃO

de das reservas, expressos em algarismos avultados. Diz que os principais afloramentos de ferro em Minas Gerais formam um colchão, que cobre considerável parte do quadrilátero-central-mineiro. A espessura dessa camada atinge, em média, cerca de dez metros e, em alguns pontos, ultrapassa a avaliação. Segundo valiosas observações, as jazidas de ferro localizadas na zona central do Estado podem ser avaliadas em dez faixas distintas: Faixa de Congonhas, faixa da Serra de Ouro Preto, da Serra do Caraça, das Serras do Capaneiro e do Socorro, do Pico de Itabira, da Serra da Moeda, das Serras do Curral e da Piedade, do Piracicaba, de Itabira, de Conceição e Serrão. Todas estas faixas o orador analizou detidamente, localizando-as e estudando as suas altas qualidades e o teor metálico de seus minérios.

Finalizando, diz o historiador Geraldo Dutra de Moraes que "das rui-

nas das primitivas forjas da época colonial, brotaram, como a Fenix rediviva, as grandes usinas siderúrgicas, que muito têm contribuído para a grandeza da terra brasileira e para a vitória das Nações Unidas".

"HISTÓRIA DA SIDERURGIA BRASILEIRA"

A conferência do historiador Geraldo Dutra de Moraes, pronunciada na Associação Comercial de Minas, em homenagem às usinas siderúrgicas do Brasil, é uma condensação de um cuidadoso e exaustivo trabalho que o autor vem se dedicando há cerca de três anos e que será publicado dentro em breve, sob o título "História da Siderurgia Brasileira". Todas as organizações siderúrgicas do país vêm prestigiando, num gesto louvável, a elaboração do referido livro que, por certo, constituir-se-á repositório técnico e histórico sobre a evolução da siderurgia nacional.

Da aplaudida conferência do escritor Geraldo Dutra de Moraes, fizemos rápido resumo que acima publicamos.

JOÃO BATISTA PEDREIRA

CONCLUSÃO

priedade rural das melhores montadas e aparelhadas do norte mineiro.

A AÇÃO DO DINAMICO FAZENDEIRO

Benefica e proveitosa tem sido, nestes últimos anos, a ação do sr. João Batista Pedreira naquela região norte mineira. Melhorando mais e mais a sua propriedade, selecionando com

carinho e cuidado o seu rebanho, estudando e solucionando os problemas rurais por que atravessa o Estado, e, ao mesmo tempo, colaborando intensa e ininterruptamente no desenvolvimento da pecuária de Minas, a sua figura se torna digna dos nossos mais acalorados votos de progresso e de nossas mais espontâneas e sinceras manifestações de simpatia.

Por tudo isto, neste momen-

to em que acaba de aceitar a representação do Frigorífico Iguassú S. A., não podemos deixar de incluir o seu nome na lista daqueles que tudo fazem em prol da riqueza de nosso Estado, que tão magnificamente vem sendo dirigido pela grande visão de estadista do Governador Valadão Ribeiro. E não hesitamos em afirmar que o sr. João Batista Pedreira é um dos elementos que tem influído poderosamente na economia e no progresso de Minas Gerais.

Rita de Jacutinga, atraídas pelo brilho excepcional dessas festas.

Por outro lado, enquanto se cuida da cultura intelectual e do aprimoramento do gosto artístico dos habitantes, pratica-se o esporte, com cuidado e com carinho. Vários clubes de futebol, basquete, pingue-pongue e volei desenvolvem intensa atividade, proporcionando à mocidade agradáveis horas de vibração e força. E' continuo o movimento de embaixadas esportivas do Rio e de outras cidades mineiras.

A imprensa é representada pelo jornal "O Luzir", cujas edições são bem cuidadas e interessantes.

MELHORAMENTOS

Uma preocupação é continua no espirito do povo da localidade: o melhoramento da vila. Para isso, trabalha e luta. Constrói casas e procura estar sempre de acordo com os ultimos passos dados no terreno da arquitetura.

Há pouco tempo, o povo de Santa Rita, às expensas de sua bolsa, man-

dou extraír o paralelepípedo necessário para o calçamento de suas principais ruas. Entretanto, estes não foram colocados. Razões estranhas às aspirações locais embargaram a iniciativa e só mesmo a autonomia administrativa do município poderá assegurar a execução desse magnifico plano.

UMA CIDADE QUE NÃO POSSUE ESSE TÍTULO

Santa Rita de Jacutinga, como se vê, é uma localidade onde o progresso é uma realidade palpável e prova disto é a existencia de uma agência do Banco Comercio e Indústria em pleno funcionamento, com ótimo indice de resultados.

Portanto, os fatores que Santa Rita de Jacutinga tem para concorrer ao título de cidade são múltiplos. Tudo o que têm as demais cidades mineiras, Santa Rita possue: renda, população, amplas possibilidades econômicas, etc., acrescentando-se ain-

da o fato de estar fixada na divisa com o Estado do Rio. Este fato, por si só, bastaria para a criação do município, visto que a atual reforma administrativa do Estado determina a necessidade do estabelecimento de cidades nas fronteiras, onde se tornam mais necessários os posto fiscais.

Os filhos de Santa Rita de Jacutinga pleiteiam o título de cidade. E é justo este seu desejo. Por isso, confiantes na alta visão administrativa do Governador Benedito Valadares Ribeiro e na sua clarividência de homem que trabalha pelo bem público, esperam vêr satisfeita essa sua aspiração. Trata-se de uma causa patriótica, visto que, elevando-se a município e a termo judiciário, Santa Rita de Jacutinga não só será uma expressão mais real e nítida do progresso local, como também contribuirá para a riqueza deste grande Estado que, tão, sabiamente, vem sendo dirigido pelo Governador Valadares Ribeiro.

Alterosa de setembro:

- *Contos selecionados*
- *Cronicas palpitantes*
- *Reportagens de sensação*
- *Modas para Primavera*
- *Radio e cinema em revista*

UM ENCANTAMENTO PARA OS SEUS OLHOS
UM PRAZER PARA O SEU ESPÍRITO

★ Colaborações especiais de Mario Matos, Djalma Andrade, Oscar Mendes, ~~Mario~~ Casassanta, Jorge Azevedo, Godofredo Rangel, Raul de Azevedo, Francisco Armond, Olga ~~Corry~~, Narbal Mont'Alvão, Lage Filho e outros nomes consagrados.

crianças

Anide, filha do casal Luiz Campelo, residente nesta capital.



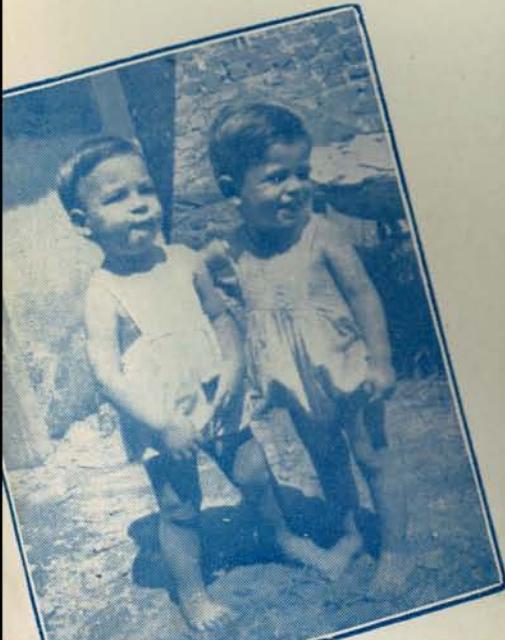
Herval, filho do casal Rodolfo Prosdocini, residente nesta capital.

(Foto Olivéria)

Paulo Renato, filho do casal Prudente Dias, residente em Campo Formoso, Estado da Bahia.



Lociates, filho do casal dr. Lociates Bezerra de Menezes, residente em Pains.



Roberto, sobrinho do jornalista Evagrio Rodrigues, no dia de sua 1.ª comunhão, realizada na Igreja da Boa Viagem.

George Iahí, filho do casal Decio C. Almeida e Laiz, filho do casal Abghil Lascasas, residentes em Juiz de Fora.





RECOMENDAM A MEIA CONFECÇÃO

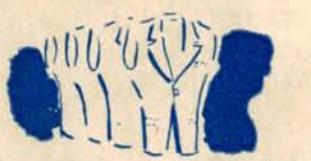


Hoje, graças á Meia Confecção, qualquer pessoa pode manter sua elegância com economia.

Assim como as roupas para crianças são feitas em tamanhos proporcionais ás idades, na Meia Confecção corta-se a roupa proporcionalmente ás várias estaturas, facilitando uma

perfeita adaptação ao corpo do cliente.

Procure, hoje mesmo, conhecer a Meia Confecção Guanabara que, utilizando o mesmo material da roupa sob medida, lhe oferece a oportunidade de economizar tempo e dinheiro.



Guanabara
PARA BEM SERVIR